Rob Roy

SIR WALTER SCOTT



VOLUME ÚNICO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

CONNOISSEUR EDITION

ROB ROY

IN TWO VOLUMES
Vol. I & II

BY SIR WALTER SCOTT, BART.

With Introductory Essay and Notes
BY ANDREW LANG



WITH ILLUSTRATIONS

BOSTON
ESTES AND LAURIAT
1893

ROB ROY

SIR WALTER SCOTT

À MANEIRA DE PREFÁCIO

O ESCRITOR, A VERDADE E A LENDA

Breve ensaio de Gentil Marques

1 - Nos chamados romances clássicos, a verdade e a lenda aparecem-nos, muitas vezes, de tal modo juntas e até entrelaçadas que mal as podemos e sabemos distinguir uma da outra. Eis o que sucede - como exemplo frisante e positivo - neste magnífico romance de Walter Scott, que incluímos com muito prazer e com muita justiça numa verdadeira colecção de «Obras Escolhidas de Autores Escolhidos».

Vamos até mais longe, na nossa afirmação: como os leitores decerto se devem lembrar, já nos anteriores volumes de Walter Scott publicados nesta colecção (1), fizemos bastantes considerações acerca do autor - do seu estilo, da sua obra e da sua própria vida.

Mas há autores, felizmente que nos oferecem sempre novos motivos de pesquisa e de agrado. Podemos mesmo dizer que nunca é demais falar sobre eles. Tal o caso de Walter Scott E se, de entre as obras de tão notável escritor, muitas delas têm os seus méritos próprios, desde já atribuímos a «Rob Roy» um sortilégio estranho de leitura. Começa, vamos lá, pelo próprio título... ROB ROY... Há qualquer coisa que nos atrai irresistivelmente para ele, já repararam?

*1 o Talismã; Ivanhoe; O Cavaleiro da Escócia; A Noiva de Lammermoor; O Pirata; A Donzela do Nevoeiro.

Na sua simplicidade tónica, tem o som duma chamada, dum autêntico apelo vindo de qualquer mundo invisível. A seu respeito - e no respeito que todas essas coisas nos oferecem - bem podemos repetir aqui aquela frase conceituosa que um grande crítico francês legou à posteridade: "Há palavras que exercem sobre o nosso espírito o efeito dos elixires."

E é verdade. E Rob-Roy, sem dúvida, exerce também esse efeito!

2 - Mas... que é Rob Roy? Que significa Rob Roy?

Aí estamos, precisamente, ainda no terreno da verdade - e já a entrarmos no terreno da lenda... Não queremos tirar-lhe o gosto que sabemos que este livro Lhes vai oferecer, amigos leitores, (como também já nos ofereceu a nós) e por

isso deixamos à pena ágil e ao espírito cintilante de Walter Scott o encargo de os conduzir através desse romance extraordinário, que tanto o apaixonou quando o escreveu - como, aliás, ele próprio confessou.

Limitemo-nos a lembrar aqui, numa espécie de pórtico, que ainda hoje nas Terras Altas da Escócia o nome de Rob Roy vale como um símbolo. Símbolo de aventura, de coragem, de fantasmagoria. No vento que passa, zunindo brutalmente, na sinfonia medonha das tempestades, nas grandes trovoadas - lá está presente o espírito de Rob Roy. Como presente está, também, nos milagrosos auxílios que os pobres recebem, na protecção dos humildes, na defesa dos justos!

3 - A verdade é esta, mais ou menos - segundo as páginas da história. Robert Mac Gregor Campbell foi um dos mais célebres aventureiros que a Escócia possuiu. Chamavam-lhe Rob Roy ou Rob, o Vermelho, por causa da cor ruiva dos seus cabelos.

Forte, audaz, sabendo manejar a espada como poucos e desafiando a morte como raros - tornou-se chefe dum bando poderoso que tentava reconquistar aquilo que a guerra lhe usurpara. Com direito? Sem direito? Nesse tempo, pouco importava.

Direito era o mesmo que força. E quem ousava medir as suas forças com Rob Roy?

James II foi seu amigo. O Duque de Argyl foi o seu protector. E que fez Rob Roy?

Foi ele que lançou o famoso «black mail», ou seja um tributo que os vizinhos Lhe pagavam, para os defender dos roubos. E, assim, os vizinhos - a quem ele ajudava escrupulosamente - proclamavam a sua honestidade. Mas, para os outros, que combatia sem tréguas, Rob Roy não era mais do que um miserável salteador de estradas.

De qualquer modo - bom ou mau ou, ainda, simultaneamente bom e mau - a lenda tomou conta dele, envolveu-o no seu manto de poesia e transformou Rob Roy noutro Robin dos Bosques. Foi assim que Walter Scott teve conhecimento da sua existência.

Foi assim, portanto, que o imortalizou!

4 - Para definir em síntese o caso de Rob Roy, nada há melhor, de facto, do que esta frase de André Fairservice, com que Walter Scott termina o seu romance "EXISTEM COISAS QUE NÃO SE DEVEM LOUVAR DEMAIS, NEM CENSURAR DEMAIS, ENTRE OUTRAS, ROB ROY."

Precisamente - dito em linguagem rude esse conceito equivale a mantermos o extraordinário aventureiro entre a história e a tradição popular - que o mesmo é dizer-se: entre a verdade e a lenda.

Mas do que não resta dúvidas é dele ter inspirado Walter Scott para um dos seus notáveis romances. E notável - não só pelo conteúdo mas pelas próprias tintas com que o autor nos descreve a história.

Dissemos antes que Rob Roy:: possuía em si próprio, como título, o sortilégio estranho da leitura. Pois bem, aqui o repetimos, convidando o leitor a entregar-se à revelação desse mundo estranho que vai passar diante dos seus olhos, página a página, capítulo a capítulo.

E duma coisa pode já ter a certeza: só dará por si, só voltará à realidade pura da sua vida - quando o romance tiver terminado. E, então, terá pena, acredite, terá pena de não saber mais coisas, a respeito de Rob Roy e dos seus amigos e até dos seus inimigos...

Eis a grande força da Obra de Scott!

5 - E que maravilhoso exemplo de trabalho literário, este livro nos dá! Desde o tom da narrativa de Francis Osbaldistone, em que nos dá a ideia de termos o mancebo a nosso lado, narrando, em voz pausada e romântica, a sua própria história; desde a explicação curiosa e pitoresca que ele nos dá para semear o romance de conceitos poéticos a propósito de cada capítulo e de cada situação; desde as constantes referências literárias e históricas que vão matando pelo caminho da leitura a nossa sede de curiosidade; desde a figura adorável de Diana, que se impöe logo ao nosso espírito, como se fosse a nossa própria musa; desde a primeira aparição de Campbell - quase uma aparição de romance policial -

deixando o protagonista e o leitor intrigados para o resto da viagem, - sim, desde tudo isso até à última linha da última página, como tudo é espantosamente bem realizado neste livro!

Quase nos atrevemos a afirmar que Walter Scott em Rob Roy usou processos de encenador cinematográfico... se o cinema, no seu tempo, não fosse uma arte totalmente desconhecida - Mas onde o livro atinge maior altura é na penumbra lendária que envolve a história apaixonante de Rob Roy. Habilmente, Walter Scott não nos conta nem o princípio nem o fim dessa história.

Quando ele aparece, o romance já se desenvolve por si próprio.

E quando o romance chega ao fim - Rob Roy continua, para além do nosso conhecimento...

Isto equivale a dizer que Walter Scott, com aquela inteligência aguda e imaginativa que caracteriza os grandes escritores de todos os tempos, soube dosear admiravelmente a verdade e a lenda, para nos oferecer uma obra, em que nós não sabemos, de modo algum, onde uma acaba e outra começa.

Dissemos atrás que residia aí, nesse talento singular de conduzir o leitor, a força da obra de Scott. Agora, podemos ajuntar, em plena consciência, que aí reside também a BELEZA da sua obra. Melhor ainda: a eternidade da soa obra!

CAPÍTULO I

PAI E FILHO NEM SEMPRE ESTÃO DE ACORDO!

Em que pequei, para que esta aflição tão duramente me atinja? Mais filhos não tenho, e este já não me pertence. A maldição recaiu sobre a minha cabeça e modificou-te... Viajar?

Não tardo em pôr meu cavalo em marcha.

MONSIEUR THOMAS

Pediste-me, prezado amigo, que empregasse algumas das horas de ócio que a Providência me concede, no declínio da minha vida, em escrever os sucessos e os trabalhos que a encheram no seu começo. A recordação dessas aventuras, como te comprazes em chamar-lhes, produz em mim uma impressão de prazer e de desgosto, acompanhada de um sentimento de gratidão e de veneração pelo supremo Regulador de todas as coisas, que encaminhou os meus primeiros passos no meio de perigos e de fadigas, cuja lembrança e contraste me tornam ainda mais doce a felicidade que desfruto no fim da minha vida. Também devo acreditar, como tu tantas vezes o afirmaste, que os percalços que me aconteceram no meio de um povo tão notável pelos seus costumes primitivos terão algum encanto e algum interesse para aqueles que gostam de ouvir as narrativas de um velho acerca de tempos idos.

No entanto, deves calcular que as narrativas feitas por um amigo a outro amigo perdem metade do seu encanto quando são confiadas ao papel, e que as histórias em que achavas interesse, quando eram contadas por quem as presenciara, parecer-te-ão menos dignas de atenção quando as leres sozinho no teu gabinete. Mas a tua saúde robusta, a tua idade menos avançada, fazem

prever, segundo as probabilidades humanas, que lerás o teu amigo. Lança, pois, estas recordações em qualquer gaveta secreta da tua secretária até que estejamos separados um do outro por um acontecimento que pode produzir-se a cada instante e que deve sobrevir dentro em breve, talvez dentro de poucos anos. Quando nos tivermos deixado, neste mundo, para nos encontrarmos, como o espero, num mundo melhor, tenho a certeza de que estimarás mais do que o merece a memória do amigo que terás perdido, e encontrarás nos pormenores que confio agora ao papel um tema de reflexöes melancólicas que não deixarão de ter o seu encanto.

Uma das vantagens, entre outras, de dirigir memórias (se acaso posso dar a estas folhas um nome tão imponente) a um amigo querido, é o eu poder evitar algumas minúcias inúteis para ele, e que, indispensáveis a um estranho, o teriam desviado do que oferece mais interesse. Seria necessário encher-te de tédio, só porque estás disposto a ler-me e porque tenho diante de mim tinta, papel e tempo? E, contudo, receio prometer-te não abusar de uma ocasião tão favorável que se me apresenta para falar de mim, do que me diz respeito e mesmo de coisas que conheces tão bem como eu. A sedução de narrar, quando nós próprios somos os heróis da narrativa, faz-nos por vezes esquecer o que devemos à paciência dos que nos escutam, e até os mais prudentes têm cedido a essa tentação.

Seria qualquer coisa de bizarro ver Frank Osbaldistone dar a William Tresham informes minuciosos sobre o seu nascimento, a sua família e a sua educação. No entanto, devo recordar-te certas coisas, porquanto, embora as tivesses sabido, o tempo pode tê-las apagado da tua memória, e porque elas são a base do meu destino.

Deves recordar-te de meu pai, pois, sendo o teu pai seu sócio, conheceste-o desde a sua infância. No entanto , tu só o viste no seu bom tempo, antes da idade e das enfermidades terem apagado aquele espírito ardente que ele imprimia às suas especulaçöes e aos seus empreendimentos.

Ele teria sido mais pobre, por certo, mas não menos feliz, se tivesse consagrado ao progresso das ciências aquelas faculdades tão enérgicas, aquele poder de observação que se desenvolveram no comércio. Nas incertezas das especulaçöes comerciais há qualquer coisa que fascina os espíritos ousados, independentemente da esperança do lucro. Quem navega nesse mar incerto precisa de ter a ciência do piloto e a coragem do navegador; e mesmo com estas qualidades pode soçobrar ou perder-se, se a brisa da fortuna não lhe for propícia.

Esta aliança de previdências necessárias e de acasos inevitáveis, a terrível incerteza de que a prudência triunfe da fortuna, ou a fortuna derrube os projectos da prudência, dão uma ocupação suficiente à energia como aos sentimentos do homem, e o comércio tem todo o atractivo do jogo sem ter a sua imoralidade.

No começo do século XVIII, quando (valha-me Deus!) eu era um jovem de vinte anos, fui subitamente chamado de Bordéus para ajudar meu pai num negócio importante. Nunca mais esquecerei a nossa primeira entrevista. Sabes de que maneira breve, brusca e severa, ele dava a conhecer a sua vontade aos que o cercavam. Parece-me estar a vê-lo ainda, a cabeça erguida e firme, o andar vivo e resoluto, o olhar penetrante, o rosto já enrugado pelas inquietaçöes, e ouvir as suas palavras, das quais nem uma era inútil, pronunciadas numa voz por vezes rude, mas cuja rudeza estava longe de ter passado pela sua alma.

Mal me apeei do cavalo, corri ao gabinete de meu pai. Ele passeava com o ar calmo de um homem que toma decisöes consigo próprio, e que nem a presença de um filho único pode perturbar, embora não nos víssemos há quatro anos. Lancei-me nos seus braços. Ele era bom pai, mas sem excesso, e uma lágrima brilhou só por um instante nos seus olhos.

- Dubourg escreveu-me a dizer que estava contente contigo, Frank.

- Estou encantado, senhor...

- Mas, eu tenho menos motivo para o estar - ajuntou ele, sentando-se á secretária.

- Estou desolado, senhor...

- Encantado, desolado, Frank, são palavras que, muitas vezes, nada significam. Eis a tua última carta.

Tirou-a do meio de várias outras reunidas por um pedaço de fio encarnado e cuidadosamente postas em maço e etiquetadas.

Ali jazia a minha pobre epístola sobre o então mais interessante assunto que existia para mim e num estilo que eu julgava capaz de comover, se não de convencer; ali, digo eu, jazia ela sepultada no meio de cartas referentes a diversos negócios em que meu pai se encontrava metido, dia a dia, devido ao seu comércio. Não posso deixar de sorrir ao pensar no sentimento de vaidade ferida e de despeito, com o qual olhei a minha missiva, que me custara, posso assegurá-lo, muito trabalho a compor, quando a vi tirar de um maço de cartas de aviso, de crédito, de toda aquela confusão, enfim, como eu então Lhe chamava, de uma correspondência comercial.

Sem dúvida, pensava eu, que uma carta daquela importância (não me atrevia a dizer a mim próprio: tão bem escrita) merecia um lugar à parte e uma atenção

mais séria do que as outras que não tratavam senão dos negócios correntes de uma casa bancária.

Meu pai nada notou do meu mau humor; e, se o tivesse notado, nada me diria. Prosseguiu, com a minha carta na mão: - Eis a tua carta, Frank, de 21 do mês findo, na qual me dás aviso (aqui, leu a minha epístola) de que no importante negócio de traçar um plano e de escolher profissão para a tua vida, esperas que a minha bondade paternal te deixará, pelo menos, o direito de recusa; que tens objecções insuperávis; sim, insuperáveis, é bem o termo: convido-te a que passes a escrever de uma maneira mais legível, a cortar os t t e abrir mais os s s;... objecções insuperáveis ao que te propus!...

Depois, desenvolves isto em quatro páginas, e, com um pouco mais de concisão, terias metido isto em algumas linhas; mas tudo vem a dar no seguinte: não Queres fazer o que eu quero.

- Isto é, não posso fazê-lo, por agora; embora não queira deixar de o fazer, um dia.

- Essas palavras têm pouco peso para mim, rapaz - disse meu pai, a quem a sua inflexibilidade dava sempre um ar da maior calma. - Não poder é mais delicado do que não querer; mas essas expressöes são sinónimas, quando não há impossibilidade moral. Aliás, não gosto de tratar os negócios com precipitação; voltaremos ao assunto depois de jantar!... Owen!

Owen apareceu, não com aqueles cabelos brancos de prata que tu venerarias, porque não tinha então mais de cinquenta anos; mas trazia os mesmos calçöes castanho-escuro, ou outros precisamente semelhantes, as mesmas meias de seda cinzento-pérola, o mesmo colarinho com o mesmo fecho de prata, os mesmos punhos de baptista enrugados que desciam até às mãos, quando ele estava na sala, mas que, no seu escritório, arregaçava meticulosamente por debaixo das mangas para evitar os borröes de tinta; enfim, a mesma fisionomia grave, pontual, e, no entanto, benévola, que distinguiu até à morte o primeiro empregado da célebre casa Osbaldistone & Tresham.

- Owen - disse o meu pai, quando o velho empregado me apertou amistosamente a mão - o senhor janta hoje connosco, para conhecer as notícias que Frank nos traz dos nossos amigos de Bordéus.

Owen fez um daqueles cumprimentos profundos de respeitosa gratidão; porque, nesse tempo em que a distância que separa os inferiores dos superiores era observada com uma rigidez que já não existe na nossa época, semelhante convite era um favor notável.

Recordar-me-ei por muito tempo desse jantar. Profundamente abalado por

um sentimento de inquietação e de despeito, não era capaz de tomar na conversa uma parte tão activa como meu pai parecia esperar, e muitas vezes respondia de maneira pouco satisfatória às múltiplas perguntas que ele me dirigia. Owen, dividido entre o seu respeito pelo patrão e a sua amizade pelo jovem que tanta vez fizera pular nos seus joelhos; Owen, com o zelo tímido do aliado de um país invadido, contentava-se, a cada deslize em que eu caía, por explicar o meu erro e cobrir a minha retirada, o que, em vez de me servir, aumentava ainda mais o despeito de meu pai, fazendo-o recair em parte sobre o meu defensor oficioso.

Na casa de Dubourg não me conduzira absolutamente como aquele empregado que, De olhar paternal, iludia a fiscalização, Escrevendo um soneto, em vez de uma quitação, mas, para falar francamente, não fora assíduo ao escritório senão o justamente necessário para que fossem feitas boas referências a meu respeito por aquele Francês, antigo correspondente da nossa casa, a quem meu pai me confiara para me iniciar nos mistérios do comércio. A verdade é que eu me dedicara quase exclusivamente à literatura e aos exercícios físicos.

Meu pai não podia condenar inteiramente os talentos que se podem adquirir nestas duas actividades. Era demasiado sensato para não saber que eles convêm a tóda a gente, e gostaria que eles viessem acrescentar relevo e dignidade à profissão que desejava ver-me abraçar. Mas a sua ambição era, principalmente, que eu lhe sucedesse não só na sua fortuna, mas também nos planos e nas ideias, pelos quais imaginava que se podia aumentar e perpetuar a rica herança que me destinava.

Pensava nos transtornos que a velhice e a doença podiam trazer-lhe; e desejava ardentemente ter em mim um ajudante a quem as suas mãos fatigadas pudessem entregar o leme, e capaz de conduzir o barco, segundo os seus conselhos e as suas instruções. O amor paternal e a realização dos seus planos ditavam-lhe a mesma resolução. O teu pai, embora toda a sua fortuna estivesse colocada na casa, não passava de um sócio comanditário, como dizem os negociantes; a probidade de Owen e a sua habilidade nos pormenores da contabilidade tornavam os seus serviços inestimáveis como primeiro empregado, mas não tinha nem os conhecimentos nem o talento necessários para se tirar de apuros na direcção geral.

Se meu pai morresse de repente, que seria dessa multidão de projectos que ele concebera, a não ser que seu filho, moldado em Hércules comercial, fosse capaz de transportar o fardo, quando Atlas desfalecido o deixasse cair? Que seria do seu próprio filho, se, alheio a negócios daquele género, se encontrasse

subitamente metido naquele labirinto sem lhe conhecer as voltas e privado do guia preciso que poderia ajudá-lo a sair? Por estes motivos, e por outros de que ele me falou, decidira meu pai lançar-me nesta carreira. No entanto, parece-me que eu devia ser consultado; porque, quase tão teimoso como ele, tomara uma resolução absolutamente contrária.

Admitir-se-á, assim o espero, como desculpa da resistência que nessa ocasião opus aos desígnios de meu pai, que eu não compreendia claramente em que se fundavam, nem como toda a sua felicidade dependia da realização desses projectos.

Julgando-me seguro de possuir um dia uma fortuna enorme, e já bastante rico então, nem sequer pensara que, para a recolher, precisava de me agarrar ao trabalho, a preocupaçöes que não se coadunavam nem com o meu gosto, nem com o meu carácter.

Imaginava, quando meu pai me propôs entrar para o comércio, que ele desejava que eu aumentasse ainda mais os tesouros por ele acumulados; e, pensando ser melhor juiz do que ele nos meios que me conduziriam à felicidade, não concebia como aumentaria essa felicidade aumentando a uma fortuna que já me parecia suficiente, mais do que suficiente até para as necessidades, os prazeres e os gozos da vida.

Devo, pois, repetir que não empregara o meu tempo em Bordéus como o meu pai o desejara. Em seu critério, o objectivo principal da minha permanência naquela cidade não fora para mim senão secundário, e tê-lo-ia descurado totalmente, se tivesse tido coragem para isso. Dubourg, correspondente privilegiado da nossa casa, o que lhe dava bons lucros, era um político excessivamente hábil para ir fazer ao chefe da casa, sobre o seu filho único, relatórios que descontentassem o filho e o pai; sucedeu até, como vais ver, que quis servir os seus próprios interesses, deixando-me descurar as ocupações, que meu pai, enviando-me para junto dele, tinha principalmente em vista. O meu procedimento era sossegado e regular; ele não podia, portanto, dizer mal de mim; mas talvez o manhoso Francês não tivesse sido complacente, se eu fosse dominado por vícios piores do que a preguiça e a aversão aos assuntos comerciais. Assim, ele rematava todas as suas cartas para o seu correspondente com uma fórmula tão hábil como curta: "Eu era, dizia ele, tudo o que um pai pode desejar".

Sabendo muito bem o que desejava fazer de mim, o senhor Osbaldistone não duvidava sequer, perante a frase favorita de Dubourg, de que eu fosse tal como ele desejava ver-me, quando - oh, dia fatídico! - recebeu a carta em que, após longas e eloquentes desculpas, eu recusava o emprego, a secretária e o tamborete que estavam reservados num canto do gabinete obscuro de Crane Alley, secretária e tamborete que, mais altos do que Owen e os outros empregados, não

cederia senão pelo tripé do meu pai. A partir desse momento tudo correu mal: as cartas de Dubourg tornaram-se tão suspeitas como se ele deixasse protestar as suas letras de câmbio; eu fui chamado a Londres, e quanto ao agasalho que me fizeram, já to contei.

CAPÍTULO II

VIAGEM A CAMINHO DO FUTURO!

Começo a suspeitar diabolicamente de que o jovem tem um vício terrível... faz versos! Se sofre desse mal de preguiça, bem pode dizer adeus à carreira política. «factum est», como homem de Estado, se persistir em rimar.

Bartolomew fair, de BEN JONSON

De uma maneira geral, meu pai sabia, melhor do que ninguém, dominar-se e raramente manifestava por palavras o seu descontentamento; apenas tomava então um tom seco e duro. Foi, pois, com um sorriso sardónico que ele escutou as minhas respostas erradas sobre o estado do comércio em França e me deixou mergulhar, sem piedade, cada vez mais profundamente, nas trevas da agiotagem, das tarifas, da tara e do peso líquido. Até aí, não tive muito que me queixar da minha memória, porque ele não mostrava um ar muito contrariado; mas quando me foi impossível explicar com precisão o efeito que o descrédito do luís de ouro produzira na negociação das letras de câmbio, meu pai exclamou: - É o acontecimento mais notável do meu tempo, e sabe tanto disto como uma prancha do cais!

- O senhor Francis - observou Owen, num tom conciliador e tímido - não deve ter esquecido que, por um decreto do rei de França, de 1 de Maio de 1700, foi ordenado que o portador, no prazo de dez dias a seguir ao vencimento, reclamaria...

- O senhor Francis - disse meu pai, interrompendo-o -

lembrar-se-á, ouso dizê-lo, imediatamente de tudo o que o senhor tenha a gentileza de lhe segredar... Mas, que diabo!

como pôde Dubourg suportá-lo?... Diga-me , Owen, está contente com Clemente Dubourg, o sobrinho dele, que aí temos, esse jovem de cabelo preto?

- É um dos melhores empregados da casa, senhor, um rapaz prodigioso para a sua idade - respondeu Owen, cujo coração fora conquistado pela jovialidade e pela delicadeza do jovem Francês.

- Sim, sim, calculo que ele é entendido em assuntos bancários. Dubourg quis,

pelo menos, que eu tivesse à mão um jovem empregado que compreendesse os negócios; mas eu percebo o seu ardil, e ele notará que eu o descobri, quando lançar um olhar ao seu livro de caixa. Owen, pague o ordenado a Clemente e diga-lhe que embarque para Bordéus :no barco que pertence a seu pai e que vai partir.

- O senhor despede Clemente Dubourg? - perguntou Owen em voz surda.

- Sim, senhor, imediatamente; bem nos basta ter um Inglês estúpido nos nossos escritórios para fazer asneiras; quanto mais conservar um Francês esperto para se aproveitar delas.

Vivi no território do grande monarca o tempo bastante para aprender a detestar, do fundo do meu coração, todo o acto arbitrário de autoridade, mesmo que essa aversão não me fosse inspirada desde a mais tenra infância; e não pude deixar de tomar partido por um digno e inocente rapaz que queriam castigar por ter adquirido os conhecimentos que meu pai lamentava não encontrar em mim.

- Perdão, senhor, - disse eu, quando o senhor Osbaldistone deixara de falar - acho justo, se descurei os meus estudos, que eu pague a minha falta; não posso acusar o senhor Dubourg de não me ter fornecido ensejos de me instruir, apesar de pouco ter aproveitado; e quanto ao senhor Clemente...

- Quanto a ele e a ti, tomarei as providências que me pareçam convenientes - replicou meu pai. - Mas fica-te bem, Frank, tomares para ti todas as culpas... muito bem, é preciso confessá-lo... Não posso perdoar ao velho Dubourg - ajuntou ele, dirigindo-se a Owen - ter-se limitado a colocar Frank em situação de se instruir, sem verificar se ele aproveitava, e sobretudo sem me advertir de que ele não aproveitava nada.

Como vê, Owen, tem as naturais noções de equidade que caracterizam todo o negociante inglês.

- O senhor Francis, - disse o primeiro empregado; inclinando um pouco a cabeça e levantando ligeiramente a mão direita, jeito que adquirira pelo hábito de colocar a pena atrás da orelha, antes de falar, - o senhor Francis parece compreender o princípio fundamental de todo o cálculo moral, a grande regra de três simples. Que A faça a B o que desejaria que B lhe fizesse a ele; o produto será a linha de conduta procurada.

Meu pai sorriu, ao ver reduzir a uma fórmula aritmética o divino preceito; mas prosseguiu logo: - Tudo isso nada significa, Frank; desperdiçaste o tempo, como uma criança, e tens que aprender agora a viver como um homem. Incumbirei Owen de te dispensar os seus cuidados durante alguns meses, para recuperar o tempo perdido...

Eu ia responder; mas Owen fitou-me num ar tão suplicante e tão expressivo,

que, involuntariamente, guardei silêncio.

- Vamos agora - continuou meu pai - retomar o tema da minha carta de 1 do corrente, à qual me respondeste de uma maneira tão irreflectida como pouco satisfatória. Vamos, deita de beber e passa a garrafa a Owen.

A falta de coragem... de audácia, se assim o quiseres, nunca foi o meu defeito. Respondi com firmeza cque, se a minha carta fora pouco satisfatória, me sentia desolado; mas que não era irreflectida, porque dera à proposta que ele tivera a bondade de me fazer a mais séria atenção; e que não fora sem desgosto que me vira obrigado a escrevê-la.

Por um instante, meu pai fixou em mim o seu olhar vivo, e desviou-o logo. Como ele nada respondesse, julguei que me competia continuar, e ele não me interrompeu senão por monossílabos.

- Senhor, é impossível que eu tenha por qualquer outra carreira mais respeito do que a que sinto pelo comércio, ou não fosse o senhor negociante.

- Sim!

- Ele une as naçöes às naçöes, acode às necessidades e contribui para a felicidade de todos; é para a república geral do mundo civilizado o que, na vida corrente, um comércio cotidiano é para uma sociedade particular, ou antes, o que o ar e a alimentação representam para os corpos.

- E depois?

- E, no entanto, senhor, sinto-me obrigado a persistir na minha recusa de abraçar uma profissão que sou tão pouco competente de exercer.

- Tratarei de que possas adquirir a capacidade necessária; já não és hóspede nem discípulo de Dubourg.

- Mas, senhor, não é da falta de instrução que eu me queixo, mas da minha falta de habilidade para aproveitar das lições.

- Asneira! Mantiveste um diário, como eu desejava?

- Sim, senhor.

- Vai buscá-lo.

O livro que me pediam era uma espécie de memorandum que mantinha por sua ordem, e no qual ele me recomendara que registasse, em apontamentos, os diversos conhecimentos que eu adquirisse durante os meus estudos.

Prevendo que ele os quisesse ver um dia, tive o cuidado de nele registar toda a espécie de pormenores que lhe deveriam agradar particularmente; mas muitas vezes a pena cumprira o seu dever sem consultar a cabeça, e, como tinha este livro sempre à mão, sucedia que, por vezes, nele inserira apontamentos

inteiramente estra nhos ao comércio.

Depu-lo nas mãos de meu pai, rogando aos Céus, com fervor, que ele não encontrasse matéria que pudesse aumentar ainda mais o seu descontentamento contra mim. Meu pai leu algumas páginas, fazendo os seus reparos críticos, à medida que as percorria.

- «Aguardente, barris, cascos e tonéis; em Nantes 29 o barril; em Cognac e em La Rochelle 27; em Bordéus 32». Está bem, Frank... «Direitos de vasilhame e de alfândega, ver tabelas de Saxby. Não é isto; devias ter copiado a passagem, isso fixa-a na memória... Fundos estrangeiros; sementes, géneros coloniais, lona, goma de peixe, arenques, cavala, bacalhau seco, bacalhau fresco»...

Devias ter escrito simplesmente bacalhau. Qual é o comprimento de um bacalhau?

Owen viu-me atrapalhado e aventurou-se a segredar-me, felizmente para mim, ouvi-o.

- Vinte e quatro polegadas, senhor; e um arenque sete a oito.

- É isso. É bom recordá-lo quando se negoceia com Portugal.

Mas, que escreveste tu aqui?... «Bordéus, fundado no ano...

Château - Trompette, palácio de Galien»... Bem, bem, maravilhoso! Compreende, Owen, é uma espécie de borrão em que todas as transacções do dia, compras, ordens, pagamentos, recebimentos, aquisições, ofertas, comissões e avisos, são consignados ao acaso.

- Para depois serem transcritos com mais ordem no diário e nos livros mestres - respondeu Owen. - Estou encantado por o senhor Francis ser tão metódico.

Percebi que ganhara bastante terreno, e começava a recear que a consequência fosse meu pai insistir mais em fazer de mim um negociante; eu estava perfeitamente decidido a não entrar no comércio, e já desejava, servindo-me das expressões do meu amigo Owen, não ter sido tão metódico.

Mas nada tinha a temer neste ponto, porque uma folha rasurada caiu do livro; meu pai apoderou-se dela e, sem escutar a observação de Owen sobre a necessidade de prender as folhas soltas com um grampo, exclamou: - eA memória de Eduardo, Príncipe Negro! Que vem a ser isto?

Oh, Céus, versos! Frank, tu ainda és mais doido do que eu imaginava!

Eu bem devia saber que meu pai, todo entregue aos negócios, via com desprezo os trabalhos dos poetas; religioso e criado na igreja dissidente, achava as suas obras tão inúteis como profanas. Antes de o condenares, é preciso que te recordes de como um grande número de poetas, no fim do século XVII, viveram

e empregaram o seu talento. Além disso, a seita a que pertencia meu pai experimentava ou talvez afectasse uma aversão de puritano pelas produçöes ligeiras da literatura.

Quanto ao pobre Owen, se os cabelos da sua peruca pudessem desfrisar-se por si e erguer-se com horror na sua cabeça, estou convencido de que o trabalho do cabeleireiro que essa manhã lhos arranjara estaria perdido, apenas devido ao efeito do espanto. Um déficit na caixa, uma rasura num livro mestre, um erro numa conta não o teriam surpreendido mais desagradavelmente. Meu pai leu o escrito, ora simulando não compreender o sentido, ora com uma ênfase heróica; sempre no tom daquela ironia mordaz que tanto irrita os nervos de um autor:

Oh! Porque não tenho eu a voz desse coro maravilhoso Que, nos ecos de Fontarabian, suspirava adeuses Ao herói moribundo, Dizendo a Carlos Magno e aos seus pares Como em Espanha os sarracenos perversos A vida ceifaram a Rolando!

- «nOs ecos de Fontarabian!» - disse meu pai, interrompendo a leitura. - A feira de Fontarabian era o que se devia pôr...

Sarracenos! Que entendes por Sarracenos? Não podias dizer também pagãos e falar a tua língua, em vez de escrever asneiras?

Comigo o Sol sucumbe ao declínio da glória E o orvalho da manhã sua memória dilui, Como as lágrimas vertidas pela dor.

Assim os ternos prantos das virgens d'Inglaterra Correrão abundantes, oferecendo seu tributo, quando de Eduardo o destino se extinga.

Mas, embora se apague a glória do meu Sol, A França e a Inglaterra, venerando meu túmulo, Nunca olvidarão o terror do meu nome; E os heróis ingleses, através das nuvens, Novos astros erguidos por sobre novas colinas, Farão brilhar seu rutilante renome.

- «Através das nuvens»! um pouco ousado...

Atirou o papel para longe, com desdém, e rematou: - Palavra de honra, Frank, és muito mais louco do que eu pensava.

Que podia eu responder, meu caro Tresham?... Fiquei imóvel, devorando a minha vergonha, enquanto meu pai me lançava um olhar calmo, mas severo, que exprimia desprezo e piedade; o pobre Owen, braços caídos e olhos baixos, parecia tão horrorizado como se acabasse de ler na gazeta o nome do seu patrão

entre os falidos. Fiz, por fim, um violento esforço e falei, tentando trair o menos possível a minha comoção: - Sei muito bem que não sou capaz de desempenhar no Mundo o papel importante que o senhor me destina; e felizmente não ambiciono as riquezas que, dessa forma, poderia acumular. O

senhor Owen seria muito mais apto do que eu para o coadjuvar.

Disse esta última frase com um pouco de malícia, porque achava que Owen abandonara talvez demasiado cedo a minha causa.

- Owen, - disse meu pai - o pobre rapaz está louco, verdadeiramente louco!... Evidentemente que Owen me será mais útil do que tu - ajuntou ele, volvendo-se friamente para o meu lado. - Mas tu, ouso perguntá-lo, que farias? Quais são os teus projectos?

- Senhor, desejaria - disse eu, chamando a mim toda a minha coragem - viajar durante dois ou três anos, se o senhor o consentisse; além disso, apesar da minha idade, sentir-me-ia feliz em passar o mesmo tempo no colégio de Oxford ou de Cambridge.

- *f* bomsenso, alguma vez se ouviu falar assim?! Ir para a escola com pedantes e jacobitas, quando podes trabalhar na tua fortuna neste Mundo!

- Então, senhor, se sou demasiado idoso para ir no colégio, permita-me que regresse ao continente.

- Já lá estiveste muito tempo, Francis.

- Então, senhor, seguirei a vida militar, de preferência a qualquer outra carreira activa.

- Segue o diabo! - exclamou meu pai, bruscamente. Depois, abrandando: - A verdade é que me fazes mais doido do que tu próprio... Que mais é preciso para fazer perder a cabeça, Owen? - O pobre Owen inclinou-se sem dizer palavra. - Escuta, Frank, - continuou meu pai -, vou arrumar tudo em duas palavras: eu tinha a tua idade quando meu pai me pôs na rua e legou a minha parte na herança ao meu irmão mais novo. Saí da casa de Osbaldistone num mau cavalo de caça, com dez guinéus na bolsa. Nunca mais tornei a cruzar aqueles umbrais, nem nunca mais os cruzarei. Não sei e pouco me importa saber se meu irmão, caçador da raposa, vive ainda, ou se quebrou as costelas; mas ele tem filhos, Frank, e adopto um, se me impedires, até ao último extremo.

- O senhor fará o que entender - respondi eu, mais com o desdém da indiferença do que com o tom do respeito. - Os seus bens são seus.

- Sim, Frank, os meus bens são meus, se o trabalho que tive para os adquirir e para os aumentar constitui o direito de propriedade; mas o zangão não me comerá o mel preparado pela abelha. Pensa bem; o que disser, o que resolver,

executá-lo-ei.

- Meu respeitável patrão, meu querido patrão, - exclamou Owen, com os olhos inundados de lágrimas -, o senhor não tem o costume de imprimir tanta precipitação aos negócios importantes! Antes de apresentar a conta, deixe ao senhor Francis o tempo de examinar os produtos. Ele estima-o, tenho a certeza, e logo que ele tenha colocado a sua obediência filial na balança, com a sua vontade, tenho a certeza de que não fará mais objecções.

- O senhor julga - disse meu pai, com severidade -, que eu lhe proponho duas vezes que seja meu amigo, meu auxiliar, meu confidente, meu sócio nos meus trabalhos e na minha fortuna?... Owen, eu supunha que me conhecia melhor.

Fitou-me, como se se dispusesse a ajuntar alguma coisa, mas calou-se, voltou-me as costas e saiu bruscamente. Confesso que estava vivamente comovido; a questão ainda não se apresentara com aquele aspecto ao meu espírito, e meu pai não teria com certeza grande razão de queixa minha, se começasse a discussão por aquele argumento.

Mas era demasiado tarde. Eu tinha muito da sua obstinação, e o destino resolvera que encontrasse o castigo no meu próprio erro, castigo talvez muito brando da minha desobediência. Owen começou a falar numa voz trémula, entrecortada de soluços: - Meu Deus, senhor Francis!... Meu Deus, senhor... Que destino, senhor Osbaldistone!... Seria possível prever uma coisa destas!... O senhor, tão bom rapaz! Por amor de Deus, verifique os dois lados da conta; pense no que vai perder, uma brilhante fortuna, senhor! Uma das melhores casas da City, antigamente conhecida sob a firma Tresham & Trent, hoje sob a de Tresham & Osbaldistone! Nadaria em ouro, senhor Francis! Ah , meu caro senhor Francis, se houvesse alguma coisa no trabalho da casa que Lhe desagradasse muito, bem, - ajuntou ele, falando mais baixo -, fá-la-ia por si todos os meses, todas as semanas, todos os dias, se o senhor quisesse. Vamos, meu caro senhor Francis, pense no respeito devido a seu pai, para que os seus dias sejam longos neste Mundo.

- Estou-lhe muito grato, senhor Owen, - respondi eu -, verdadeiramente grato; mas meu pai sabe como empregar o seu dinheiro; fala de um dos meus primos; que disponha à vontade dos seus bens; eu nunca venderia a minha liberdade por ouro.

- Por ouro, senhor? Gostaria que tivesse visto o cálculo dos lucros durante o último trimestre. Havia cinco algarismos, cinco algarismos no dividendo de cada sócio, senhor Francis!

Isto despedaça-me o coração, senhor Francis, a mim que tenho trabalhado

mais como um negro do que como um homem, para fazer prosperar a casa. Veja como isto soa bem: Osbaldistone, Tresham & Osbaldistone, ou talvez, quem sabe? - baixou mais a voz -, Osbaldistone, Osbaldistone & Tresham, porque o nome Osbaldistone ainda pode colocar-se antes de todos os outros.

- Mas, senhor Owen, meu primo também se chama Osbaldistone; o nome da sociedade soaria igualmente bem aos seus ouvidos.

- Ora, ora... senhor Francis, quando o senhor sabe quanto o estimo. O seu primo, bem, sim, um papista sem dúvida como o pai, um inimigo da sucessão protestante: é a mesma coisa, não é verdade?

- Há muita gente honesta entre os católicos, senhor Owen.

No momento em que Owen ia responder com extraordinário calor, meu pai voltou ao aposento.

- Tem razão, Owen, - disse ele -, e eu estava em erro; dispúnhamos de mais tempo para reflectir neste assunto. Jovem, dou-te um mês para reflectires na minha proposta.

Inclinei-me, em silêncio, encantado com este arrependimento que me dava esperanças de que meu pai abrandaria um pouco a sua resolução.

Esse mês de reflexão decorreu lentamente, sem que nada sucedesse de notável. Eu ia e vinha, empregava o meu tempo conforme me parecia, sem que meu pai me fizesse a menor pergunta, ou me dirigisse a mais leve censura. As nossas conversas deslizavam sobre os acontecimentos do dia ou sobre generalidades, como sucede entre pessoas que se conhecem pouco. Seria possível que ele mantivesse a sua palavra e deserdasse o seu filho único em favor de um sobrinho, de cuja existência ele não estava mesmo seguro?

Persuadi-me de que tudo o que eu tinha a recear era perder por momentos a sua ternura... talvez ir passar uns meses ao campo; e esta punição agradava-me, tanto mais que ela me permitia acabar de polir a minha tradução de Orlando, o furioso, poema que eu queria à viva força publicar em versos ingleses. Deixei esta suposição apoderar-se tanto do meu espírito que já retomara o meu rascunho e meditava nas estâncias que devia retocar, quando ouvi bater levemente à porta do meu quarto.

- Entre - disse eu; e o senhor Owen apareceu.

Havia tanta regularidade nos movimentos e nos hábitos deste digno homem, que, segundo tudo levava a crer, era a primeira vez que subia ao segundo andar da casa, e ainda pergunto a mim próprio como conseguiu ele descobrir os meus aposentos.

- Senhor Francis, - disse ele, impedindo-me de testemunhar-lhe a surpresa e

o prazer que me causava a sua visita -, não sei se me fica bem vir repetir-lhe o que me dissèram... Talvez não seja bonito falar fora dos escritórios acerca do que se passa lá dentro... Não se deve, segundo o provérbio, dizer às paredes do armazém quantas linhas há no livro diário; mas o jovem Twineall, ausente da casa há uns quinze dias ou mais, chegou anteontem.

- Muito bem, senhor; mas, em que é que essa notícia se me refere?

- Espere, senhor Francis; o seu pai incumbiu-o de uma missão particular, e tenho a certeza de que ele não foi nada a Falmouth por causa de um negócio de sardinhas; as contas de Exeter, Blackweel & Companhia estão fechadas; os empreiteiros das minas de Cornwall, Trevanion & Treguillian pagaram tudo o que podiam pagar; para qualquer outra dívida seria preciso consultar os meus livros... enfim, creio firmemente que Twineall foi ao Norte.

- Supöe isso, realmente? - disse eu, um pouco assustado.

- Ele não falou, senhor, desde o seu regresso, senão das suas botas novas, das suas esporas à Rippon, e de um combate de galos em York...

É tão verdade como a taboada da multiplicação... Queira Deus, meu querido amigo, que o senhor aceda ao que seu pai lhe pede, numa palavra, a tornar-se um bom e honesto negociante!

Experimentei nesse instante uma violenta tentação de submeter-me e de tornar Owen feliz, encarregando-o de dizer a meu pai que me rendia à sua vontade. Mas o orgulho... o orgulho que é a fonte de tanto bem e a fonte de tanto mal no decurso da nossa vida, impediu-mo. O meu consentimento estava na ponta da língua, e quando me esforçava por soltá-lo, a voz de meu pai chamou Owen; ele apressou-se a sair, e a ocasião perdeu-se.

Meu pai era metódico em tudo. No mesmo dia, à mesma hora, na mesma sala, no mesmo tom e da mesma maneira que um mês antes, renovou a proposta que me fizera de me tornar seu sócio e de me dar atribuiçöes nos seus escritórios e acabou por me convidar a declarar a minha resolução definitiva. Pensei então que houvera falta de habilidade da sua parte, e penso ainda que o procedimento de meu pai não foi prudente. Com um tratamento mais brando, ele teria sem dúvida ganho a causa.

Por isso, fiquei firme, e recusei o mais respeitosamente possível as ofertas que me fazia.

Meu pai volveu-se vivamente para Owen e disse somente: - Vê o que eu Lhe dizia? - Depois, dirigiu-se a mim: - Pois bem, Francis, estás em idade e em estado de julgar melhor do que nunca o caminho que te deve conduzir à felicidade; não ajunto, pois, nem uma palavra. Mas, embora eu não seja forçado

a seguir os teus planos como tu não és obrigado a submeter-te aos meus, posso perguntar-te se formaste projectos em que a minha assistência te seja útil.

Desconcertado por esta pergunta, respondi no entanto que, "não tendo aprendido nenhuma profissão e encontrando-me sem fortuna, era-me evidentemente impossível subsistir, se meu pai não me auxiliasse; que os meus desejos eram muito moderados, e que esperava que, apesar da minha aversão pela carreira que ele me propunha, não me retiraria inteiramente a sua ternura e a sua protecção paternal.

- Isto é, queres apoiar-te no meu braço, e no entanto ires para onde te aprouver: isso dificilmente se concilia, Frank...

No entanto, imagino que seguirás os meus conselhos, no que eles não colidam com as tuas ideias... - Quis falar -, Silêncio, por favor - continuou ele -, Supondo que a coisa te convém: partirás imediatamente para o Norte de Inglaterra, irás para casa de teu tio, e travarás conhecimento com a sua família. Escolhi um dos seus filhos (é activo, creio eu); escolhi um que, afiançaram-mo, é bem digno de ocupar o lugar que te destinava na minha casa. Mas faltam algumas combinaçöes a concluir, e a tua presença pode ser útil. Receberás outras instruçöes em Osbaldistone, onde terás a paciência de permanecer até nova ordem. Tudo estará pronto para a tua partida amanhã de manhã.

Ditas estas palavras, meu pai saiu do aposento.

- Que significa tudo isto, senhor Owen? - perguntei eu ao meu consternado amigo, cujo semblante denunciava o mais profundo abatimento.

- O senhor deitou-se a perder, eis tudo; quando seu pai toma aquele tom calmo e decidido, não muda mais do que o resultado de uma conta.

E era verdade; no dia seguinte, às cinco horas, estava eu na estrada de York, montado num cavalo bastante bom, com cinquenta guinéus no meu bolso, viajando, segundo todas as probabilidades, para encontrar para meu pai um sucessor que devia tomar o meu lugar, tanto no seu coração como na sua casa, e talvez até para me subtrair a sua fortuna.

CAPÍTULO III

Um Estranho Companheiro de Jornada

A vela lassa balouça de um lado para o outro, o barco mal governado mete água, a corrente impele-o ao acaso, o remo parte-se e o leme está perdido.

Fábulas, de GAY

Separei por algumas rimas e versos brancos as divisões da minha importante narrativa, a fim de cativar a tua corajosa atenção com os atractivos de um estilo mais encantador do que o meu. Os versos aqui citados falam-te de um desditoso navegador que desamarrou temerariamente um barco e que, incapaz de o conduzir, é arrastado pela corrente de um grande rio. Nunca um colegial que, por aposta ou fanfarronada, se lançou nessa perigosa empresa, arrastado que foi pelas rápidas ondas, sentiu melhor do que eu o horror da sua posição, quando me encontrei a flutuar, sem bússola, no oceano da vida. Havia uma calma tão singular na maneira como meu pai quebrou o nó, geralmente encarado como o mais sólido dos laços que unem os membros da sociedade, e me deixou partir como um proscrito da sua casa, que comecei a pôr fortemente em dúvida a realidade do meu mérito pessoal, ideia que até então me dominava.

Ao afastar-me de Londres, o ruído longínquo dos seus sinos por mais de uma vez tocou aos meus ouvidos o famoso "Regressa, pois!", outrora escutado pelo seu lorde maior. Quando, das alturas de Highgate, contemplei a sua obscura magnificência, pareceu-me que deixara atrás de mim a felicidade, a opulência, os encantos da sociedade e todos os prazeres da vida.

Mas a sorte está lançada. A própria esperança, que nunca abandona o jovem imprudente, lançou sobre o meu futuro uma claridade sedutora. Meu pai não podia ter pensado seriamente em banir-me da família, em despeito da tranquilidade aparente com que pronunciou a sua decisão.

Era sem dúvida uma prova a que ele submetia o meu carácter, e, mostrando-me eu paciente e firme, não podia deixar de ganhar a sua estima, o que facilitaria uma reconciliação.

No entanto, eu era senhor da minha pessoa, e saboreava aquele sentimento de independência que um coração jovem descobre num misto singular de prazer e de receio. Sem estar abundantemente guarnecida, a minha bolsa podia bastar às necessidades e aos desejos de um viajante. Habituara-me, durante a minha permanência em Bordéus, a servir-me a mim próprio; o meu cavalo era fresco, novo e vivo. A ligeireza do meu carácter depressa dissipou as reflexões melancólicas que me tinham assaltado à partida.

Lamentava, porém, viajar por uma estrada que poucas curiosidades oferecia ao forasteiro e por uma região pouco interessante, pois o caminho do Norte era então, e talvez ainda hoje o seja, absolutamente desprovido desse género de belezas, e não creio que mais parte alguma de Inglaterra ofereça um tão reduzido número de objectos dignos de atrair a atenção.

Apesar de toda a minha pretensa confiança, as ideias que se apresentavam ao meu espírito nem sempre eram das mais agradáveis. Também a minha musa... essa leviana que me arrastara ao abismo... como todas as pessoas do seu sexo, me abandonou na minha extrema miséria; e depressa teria caído num triste estado de tédio se não tivesse por vezes encontrado viajantes cuja conversa, pouco divertida em si, me proporcionava pelo menos alguma distracção: sacerdotes de província que vinham de fazer alguma visita; fazendeiros, negociantes de gado de regresso de alguma feira distante; caixeiros-viajantes que percorrem as cidades para cobrar dívidas do patrão; por vezes, um oficial que batia o país em busca de recrutas, tais eram as pessoas que punham em actividade as barreiras e os criados das estalagens.

A nossa conversa deslizava sobre os dízimos e os artigos de fé, sobre os bois e as sementes, sobre os géneros alimentícios, quer sólidos quer líquidos, sobre a solvência dos comerciantes... Os salteadores, assunto vasto e terrível, preenchiam as lacunas; e os nomes do Fazendeiro de Ouro, do ágil Ladrão das estradas, de Jack Needham e outros heróis da ópera. Os mendigos (1) eram na nossa boca como que nomes familiares. Durante estas narrativas, tal como as crianças que apertam o seu círculo quando a história do fantasma chega ao fim, os viajantes aproximavam-se, olhavam á frente e à retaguarda, examinavam as suas pistolas e juravam defender-se mutuamente em caso de assalto.

De todos os que vi mais atormentados por terrores desta espécie, um pobre homem com quem viajei dia e meio foi o que mais me divertiu. Ele trazia na sua sela uma mala muito pequena, mas provavelmente muito pesada, com a qual parecia tomar extremo cuidado, nunca a perdendo de vista. Tomava todas as precauções para ocultar não só o objectivo da sua viagem e o local onde devia deter-se, mas também a direcção que devia seguir no dia imediato. Nada o perturbava mais do que as perguntas: "O senhor vai para o Norte? Vem de lá?

Em que local tenciona apear-se?" Preocupava-se com manifesta inquietação com as estalagens onde iria passar a noite, evitando lugares afastados e tudo o que ele considerava uma má vizinhança. Em Grantham, creio eu, passou toda a noite à mesa, para não se deitar num quarto contíguo àquele que ocupava um homem forte e suspeito, de peruca negra, que envergava uma veste de bordados de ouro muito puídos.

Apesar de todas estas inquietações que lhe minavam o espírito, o meu companheiro de viagem, a avaliar pela aparência, era tão capaz de se defender como qualquer outro.

Era robusto e membrudo; o seu chapéu agaloado e respectivo laço parecia indicarem que servira, ou pelo menos pertencia por qualquer forma ao exército. A sua conversa, embora bastante vulgar, era a de um homem sensato, quando os terríveis temores que lhe turvavam a imaginação deixavam ao seu espírito um instante de repouso. Mas a mais fortuita circunstância levava-o ao suplício: uma vasta charneca, um bosque denso, bastavam para o fazer tremer; o assobio de um pastor era para ele um sinal de salteador; a vista de uma forca, revelando-lhe que um ladrão passara

*(1) Ópera de Gray.

pelas mãos da justiça, não deixava de lhe recordar quantos ainda faltava prender.

Semelhante companhia ter-me-ia parecido insuportável, se, pelo menos, eu não estivesse tão saturado das minhas solitárias reflexões. Aliás, algumas das maravilhosas histórias que ele contava tinham certo interesse, e a bizarria dos pormenores com que as adornava proporcionaram-me por vezes ensejo de me divertir à sua custa.

Nas suas narrativas, quase todos os viajantes despojados pelos salteadores deviam a sua desgraça ao encontro que tinham feito com um forasteiro bem vestido e conversador, agradável, cuja companhia prometia divertimento e protecção, que tornava a caminhada encantadora com as suas narrativas e as suas canções, impedia que o estalajadeiro vendesse demasiado caro ou se enganasse em seu proveito, até que, por fim, com o pretexto de lhe indicar um caminho mais curto através de campos desertos, levava as suas confiantes vítimas para longe da estrada principal, por um medonho desfiladeiro, onde, retomando o seu

verdadeiro papel, o de capitão de ladrões, com um assobio fazia sair sùbitamente dos seus covis os camaradas, que arrancavam aos seus imprudentes companheiros de viagem a bolsa e talvez a vida. Ao concluir uma história semelhante, eu observava sempre que ele me fitava de olho inquieto e suspicaz, como se se julgasse de repente na companhia de um desses personagens terríveis que acabava de descrever.

As suspeitas que ele então manifestava não me pareciam senão momentâneas e demasiado fúteis para me ofenderem. Aliás, mesmo que ele me tomasse por um salteador, não se permitia qualquer observação sobre o meu vestuário e as minhas maneiras. Um homem, naqueles tempos, podia ter a aparência de um gentleman e, no fundo, não passar de um ladrão de estrada, porque a divisão do trabalho de qualquer empresa não era tão acentuada como hoje, e a profissão de aventureiro polido que nos arrancava a bolsa à maneira de White ou nos ludibriava à de Marybone, reunia-se muitas vezes à de salteador confesso que, nas charnecas de Bagshos ou nos prados de Finchley, exige a bolsa ou a vida ao seu confrade timorato.

Ia, sem dúvida, longe o tempo em que Anthony-a-Wood chorava, ao ver executar dois homens cheios de bons sentimentos, de honra e de coragem, que enforcavam sem piedade em Oxford, somente porque a miséria os obrigara a cobrar contribuições pelos caminhos.

Ainda estávamos mais longe do Príncipe Louco e de Poins (1).

Mas, no entanto, eram tais a extensão e a solidão das inúmeras charnecas que cercavam a capital e a mísera população dos distritos afastados, que nelas se podia encontrar muitas vezes salteadores a cavalo, e que trabalhavam com bastante polidez.

Semelhantes a Gibbet no Estratagema dos Belos (2), ufanavam-se de ser as pessoas mais delicadas que se encontravam nos caminhos e de se portarem com toda a cortesia exigida no exercício do seu mister. Um jovem da minha espécie não tinha direito de se indignar muito com uma opinião que o colocava entre os ladrões dessa respeitável categoria. Pelo contrário, divertia-me, ora a despertar ora a acalmar as suspeitas do timorato; enfim, gostava de perturbar ainda mais um cérebro que a natureza e o terror se reuniram para tornar mais doentio. Quando a minha franqueza o lançava numa inteira segurança, bastava uma pergunta minha sobre o objectivo da sua viagem e o género de negócios que a determinara, para Lhe acordar todas as suspeitas. Por exemplo, uma conversa sobre a força e a velocidade comparativas dos nossos cavalos tomou a feição seguinte: - Oh, senhor - disse o meu companheiro -, para o galope, estou de

acordo; mas, permita-me que lho diga, o seu cavalo é sem dúvida um belo exemplar, é preciso confessá-lo; mas tem os ossos muito pequenos para marchar bem. O trote - ajuntou ele, esporeando o seu bucéfalo -, é o verdadeiro passo de um cavalo de aluguer. E se estivéssemos perto de uma povoação, apostaria um quartilho de clarete (1), na primeira estalagam,

*(1) Personagens de um drama de Shakspeare.
2 - Comédia de Farqubar.

como ultrapassaria a sua montada num caminho bem liso.

- Alegre-se, senhor - respondi eu -, aqui temos pedaço de terreno muito favorável.

- Hem, hem! - replicou o meu companheiro, com alguma hesitação. - Estabeleci um princípio em viagem: é nunca cansar o meu cavalo entre duas etapas. quem sabe se não teremos necessidade de toda a sua velocidade?

Aliás, quando disse que queria apostar, pensava em pesos iguais: o meu cavalo tem um peso de quarenta libras a transportar a mais do que o seu.

- Pois bem, não me importo de levar o excesso. quanto pode pesar a sua mala de roupa?

- A minha ma... la... de...roupa? - replicou ele, hesitante -, Oh, pouca coisa... quase nada... algumas camisas e meias.

- A avaliar pelas aparências, imaginava-a mais pesada, e aposto o copo de Bordéus em como ela representa a diferença de peso do seu cavalo para o meu.

- Está enganado, senhor, afianço-lhe que está enganado -

redarguiu o meu amigo, afastando-se para o outro lado da estrada como sempre fazia em ocasiões alarmantes -, Vamos, estou pronto a arriscar a bebida; aposto mesmo dez contra um em como, mesmo com a sua mala , de roupa na garupa, lhe passo à frente.

Esta proposta despertou todos os receios do meu amigo, o seu nariz, geralmente vermelho de vinho, cor que ele devia aos bons copos de clarete, tornou-se pálido e amarelo como o cobre, os seus dentes bateram com terror, porque uma proposta tão franca e tão audaciosa parecia colocar-lhe diante dos olhos um salteador terrível, capaz de todos os crimes.

A atitude daquele homem não me inspirava então senão desdém, e confirmava-me na opinião, que formara havia muito, que de todas as tendências que levavam os homens a atormentar-se a si próprios, a mais forte, a mais violenta, a mais dura e a mais desprezível é a cobardia.

*(1) Vinho de Bordéus.

CAPÍTULO IV

UMA NOITE BEM PASSADA NO «URSO NEGRO»

Os Escoceses são pobres, gritam os orgulhosos Ingleses.

Censura merecida, que eles não rejeitam, não terão eles muita razão em vir para aqui procurar fortuna.

CHURCHIlL

Por essa época, existia ainda um hábito antigo que, segundo creio, já hoje passou de moda, ou é apenas seguido pelo vulgo. As longas viagens faziam-se a cavalo, e, por conseguinte, a pequenas jornadas, os viajantes detinham-se geralmente ao domingo numa cidade onde pudessem assistir ao serviço divino e os seus cavalos pudessem repousar todo o dia, instituição tão aproveitável para esses úteis animais como para o próprio homem.

A este costume juntava-se outro, que recordava a velha hospitalidade inglesa, isto é, o dono de uma boa estalagem, despojando-se, de sete em sete dias, do seu carácter de estalajadeiro, convidava os hóspedes a partiLhar do seu jantar de família, da sua carne de vaca e do seu pudim. Este convite era sempre aceite, excepto pelas pessoas distintas que se julgariam diminuídas comparecendo, e a garrafa de vinho que lhes mandavam apóS o jantar, para beber à sua saúde, era a única recompensa que se lhes oferecia e que elas queriam aceitar.

Eu nunca deixo de aceitar, todos os domingos, a hospitalidade do meu estalajadeiro, quer seja na Jarreteira quer no Leão ou no Urso. O honesto hospedeiro, mais do que nunca cheio da sua importância, ao ver sentados à sua mesa os hóspedes que ele servia nos outros dias, já por si constituía um espectáculo divertido; e outros planetas menos brilhantes realizavam as suas revoluções em volta do astro principal, pois os belos espíritos, os notáveis da vila ou da aldeia, o boticário, o procurador e o próprio sacerdote, não desdenhavam tomar parte naquele festim semanal.

Foi num desses dias e numa ocasião semelhante que o meu timorato

companheiro e eu nos íamos sentar à mesa do estalajadeiro do Urso Negro, na cidade de Darlington, diocese de Durham, quando o nosso hóspede de face rubicunda nos informou, num tom que cheirava a desculpa, que um gentleman escocês devia jantar connosco.

- Um gentleman!... Que espécie de gentleman? - perguntou o meu companheiro um pouco bruscamente.

- Ora, uma espécie de escocês gentleman, como já lhe disse - replicou o estalajadeiro -, Eles são todos nobres, como sabe, mesmo que não tenham camisa no corpo; mas, enfim, este estrangeiro é apresentável... e o melhor Bretão do Norte que alguma vez passou a ponte de Berwick... um negociante de gado, segundo creio.

- Traga-o ao nosso convívio quanto antes - replicou o meu companheiro. E, volvendo-se para mim, fez algumas reflexões: -

Respeito os escoceses; estimo e venero essa nação, por causa dos seus excelentes costumes. Dizem que eles são pobres e enxovalhados; mas são honestos, embora cobertos de farrapos, como diz o poeta. E asseveraram-me pessoas dignas de crédito que não existem na Escócia os salteadores de estrada.

- É porque não há nada para roubar - disse o meu hospedeiro com uma gargalhada, aplaudindo-se a si próprio por aquele dito de espírito.

- Não, não, senhor hospedeiro - respondeu atrás dele uma voz clara e forte -, é porque os vossos guardas de alfândega e os vossos inspectores ingleses, que os senhores enviaram para lá do Twed, exercem o mister de salteadores, sem deixar que fazer aos profissionais do país.

- Bem dito, senhor Campbell! - replicou o estalajadeiro -, Não o julgava tão perto de nós. Mas o senhor sabe que há uma excepção em favor do Yorkshire...

Como vão os mercados lá para o Sul?

- Como de costume - respondeu o senhor Campbell. - Os espertos compram e vendem, os néscios são comprados e vendidos...

- Mas os espertos e os néscios, todos eles, jantam - replicou o nosso jovial hospedeiro -, E aqui está um pedaço de carne de vaca como nunca um monge faminto apanhou.

A estas palavras, afiou lestamente a faca e encheu de carnes suculentas os pratos dos seus hóspedes.

Era a primeira vez que eu ouvia o sotaque dos escoceses, e mesmo que me encontrava na companhia de um indivíduo dessa antiga nação, que desde há muito vinha ocupando e interessando a minha imaginação. Meu pai, como sabes, era de uma velha família do Northumberland, e o solar dos nossos antepassados encontrava-se apenas a algumas milhas do local onde eu jantava. O ódio que separava o meu pai dos seus parentes era tão vivo que raramente falava dos seus avós, e, a seus olhos,a mais absurda de todas as vaidades era a de se sentir nobre.

Toda a sua ambição era que citassem William Osbaldistone como o primeiro ou, pelo menos, um dos primeiros negociantes de Londres; e, mesmo que lhe provassem que descendia em linha recta de Guilherme o Conquistador, a sua vaidade não ficaria mais lisonjeada do que ao ouvir o rumor e a agitação que a sua chegada geralmente pro vocava entre os touros, os ursos e os correctores de Stock Alley (1).

Ele desejava, por certo, que eu permanecesse na ignorância da minha origem e dos meus parentes, para que nunca houvesse entre nós divergência de opinião a tal respeito. Mas os seus desígnios, como muitas vezes sucede às melhores combinações, foram até certo ponto contrariados por um ente que o seu orgulho não julgou bastante importante para influir nos seus projectos. A sua ama, uma velha de Northumberland, que lhe era dedicada desde a infância, era a única pessoa da sua terra natal por quem ele se interessava; e quando a fortuna o favoreceu, o primeiro uso que ele fez dos seus dons foi recolher Mabel Bickets em sua casa.

Depois da morte de minha mãe, o cuidado de amparar a minha infância enfermiça, e de Lhe prestar aquela terna atenção que não se encontra

*(1) Na gíria da Bolsa touros e ursos traduzir-se-ia por altistas e baixistas, isto é, os que jogam na alta ou na baixa dos valores.

senão na afeição de uma mulher, foi entregue à velha Mabel. Como seu amo a proibia de me falar das charnecas, dos soutos e dos vales do seu querido Northumberland, ela desforrava-se em fazer-me mil descrições dos lugares onde passara a sua mocidade, e longas narrativas de acontecimentos de que a região fora teatro. Prestava-lhe ouvidos, com mais atenção do que às lições mais graves, mas menos interessantes.

Parece-me ainda estar a ver a velha Mabel, cabeça levemente agitada pelo tremor da idade e coberta por uma grande touca, tão branca como a neve; a sua face enrugada, mas conservando aquele ar de saúde que ela adquirira nos trabalhos rurais; parece-me vê-la passear os seus olhares pelas paredes de tijolo e pela rua estreita que se viam das nossas janelas, quando acabava, com um suspiro, a velha balada favorita que eu então preferia e - porque não dizer a verdade? - que prefiro ainda a todas as árias de ópera alguma vez inventadas pelo génio caprichoso de um Italiano doutorado em música... O carvalho, o freixo e a era Crescem melhor no Norte de Inglaterra.

Mabel, nas suas lendas, nunca falava da nação escocesa senão com todo o

ardor e toda a animosidade de que era capaz. Os habitantes da fronteira oposta desempenhavam nas suas narrativas o que os papões e os gigantes de sapatos de sete léguas desempenham, em regra, nos contos de fadas. Mas, como admirar-se? Não foi Douglas, o Negro, quem matou por sua mão o herdeiro da família Osbaldistone, no dia a seguir ao de tomar posse dos domínios de seus pais... surpreendendo-o e aos seus vassalos no meio de uma festa que dava nessa ocasião? Não foi Wat, o Diabo, que levou todos os anhos de um ano das charnecas de Lanthorn Side, nos dias ainda pouco distantes do meu bisavô? E não temos nós mil troféus que, segundo a versão da velha Mabel, eram as provas gloriosas da vingança que nós tirámos? Sir Henry Osbaldiston, quinto barão de seu nome, não raptou a linda filha de Farnington, como Aquiles roubara outrora Criseu e Briseu? Não a reteve no seu castelo, apesar de todos os esforços dos seus apaixonados, secundados pelos mais bravos chefes escoceses e de maior fama? E não brilharam as nossas espadas, por mais de uma vez, nessas batalhas em que a Inglaterra triunfou dos seus rivais? Foi nas guerras do Norte que a nossa família alcançou toda a sua glória e experimentou todas as suas infelicidades.

Exaltado pelas suas narrativas, desde a minha infância que eu via a nação escocesa como uma raça naturalmente inimiga dos habitantes meridionais deste reino, e as minhas reservas não fizeram senão aumentar com os discursos que meu pai por vezes fazia a este respeito. Ele andava metido numa vasta especulação de madeiras de carvalho das quais os montanheses eram proprietários, e pretendia que eles estavam sempre mais dispostos a concluir um negócio e a exigir consideráveis importâncias de sinal do que a honrar os seus compromissos.

Os negociantes escoceses, que ele era obrigado a empregar como intermediários, nessas ocasiões, eram também suspeitos, para ele, de se locupletarem por mil maneiras com uma parte mais avultada nos lucros do que aquela que ele devia receber.

Foi, pois, com uma impressão desfavorável que eu olhei o primeiro Escocês que encontrei. Quase toda a sua pessoa justificava as minhas prevenções. Tinha, como a maior parte dos seus compatriotas, as feições duras, um corpo atlético, o sotaque nacional, e aquele tom lento e pedantesco que eles procuram tomar para dissimular a diferença do seu idioma ou do seu dialecto. Também notei em muitas das suas observações e das suas respostas a desconfiança e a manha escocesas; mas não contava com o ar de à-vontade natural e de superioridade que parecia elevá-lo acima da companhia em que se encontrava como por acaso. O seu casaco era tão grosseiro quanto possível, embora decente; e num tempo em que se faziam tão grandes despesas em atavios, mesmo entre as ínfimas pessoas que aspiravam ao título de gentleman, o seu vestuário denunciava, se

não pobreza, pelo menos, dificuldades. No entanto, apesar de todas estas desvantagens, parecia tratar o resto dos circunstantes com aquela urbanidade fria e fácil que revela sempre uma superioridade real ou imaginária sobre aqueles a quem se dirige.

Quando lhe pediam a sua opinião sobre um ponto, respondia naquele tom de segurança que toma um homem superior, pela sua categoria ou pelos seus conhecimentos, àqueles que o escutam, como se as suas palavras não devessem ser nem postas em dúvida, nem refutadas. O meu hospedeiro e os seus convivas de domingo, após uma ou duas tentativas para sustentar a sua opinião à custa de gritos, mais do que de lógica, deixaram-se dominar pouco a pouco pelo senhor Campbell, que assim pôde dirigir a conversa à sua vontade. Fui tentado, por curiosidade, a entrar na liça com ele, fiando-me no meu conhecimento do Mundo, reforçado pela minha permanência no estrangeiro e pela razoável educação que recebera. Ele não experimentou sustentar a luta, e foi-me fácil verificar que o seu talento natural nunca fora cultivado. Mas achei-o muito mais informado do que eu sobre a situação actual da França, sobre o carácter do duque de Orleães, que acabava de ser chamado à regência daquele reino.

Quando a conversa recaiu sobre a política, Campbell guardou um silêncio e afectou uma moderação que pareciam ditados pela prudência. As divisões de whigs e de torys abalavam então a Inglaterra até aos seus fundamentos. Um poderoso partido, secretamente dedicado ao rei James, ameaçava a dinastia de Hanover recentemente instalada no trono. Em cada taberna ecoavam as discussões políticas, e como as opiniões do meu estalajadeiro eram muito liberais, os seus convivas de domingo travavam, muitas vezes, à mesa, discussões tão violentas como se se tratasse do conselho municipal. O cura e o boticário, com um homenzinho que nada dizia da sua profissão, mas que, a avaliar pela agilidade dos seus dedos e dos seus gestos, devia ser o barbeiro, defendiam vivamente a causa dos grandes dignitários da Igreja e a dos Stuarts. O cobrador de impostos, como era seu dever, e o procurador, que vivia de um pequeno emprego dependente da Coroa, bem como o meu companheiro de viagem, tomavam grande parte na disputa e defendiam calorosamente a causa do rei Jorge e da sucessão protestante.

Eram gritos terríveis, pragas tremendas! Os dois partidos apelaram para o senhor Campbell, ambos ciosos de obter o seu apoio.

- O senhor é Escocês; um gentleman da sua nação deve apoiar os direitos hereditários! - gritava um partido.

- O senhor é presbiteriano - ajuntava o partido contrário -, não pode ser partidário do poder absoluto.

- Meus senhores - disse o nosso oráculo escocês, depois de ter obtido, não sem custo, um instante de silêncio -, eu não duvido de que o rei George mereça a predilecção dos seus amigos; e, palavra, se ele conseguir conservar a sua presa, com certeza que poderá nomear este digno cobrador, comissário das receitas, e dar ao nosso amigo senhor Quitam um lugar de procurador geral; também pode conceder favores e recompensas a este honrado senhor que está sentado na sua mala de roupa, que ele prefere a uma cadeira. Mas, sem dúvida alguma, o rei James também é uma pessoa grata e, se ele se apoderar do jogo, poderá, se lhe apetecer, fazer deste reverendo ministro o arcebispo de Cantuária, e o doutor Mixit primeiro cirurgião da sua casa e, enfim, confiar a sua real barba aos cuidados do meu amigo Latherum. Mas como eu duvido muito de que algum dos dois soberanos pretendentes desse a Rob Campbell um copo de aguardente se dele precisasse, dou o meu voto por Jonatham Brown, nosso anfitrião, e proclamo-o, em detrimento de todos, rei e príncipe dos copeiros, com a condição de nos dar outra garrafa tão boa como a última.

Esta saída foi recebida com aplausos unânimes, aos quais o estalajadeiro se juntou com todo o entusiasmo. E quando deu as suas ordens para cumprir a condição de que dependia a sua realeza, não deixou de dizer que «por muito pacífico que o senhor Campbell parecesse, era tão intrépido como um leão...»

Ele sozinho derrancara sete ladrões que lhe sairam ao caminho, quando vinha de Whitson Tryste...

- Está enganado, amigo Jonatham - disse Campbell, interrompendo-o -, Eram só dois, e dois poltrões como tanta vez se encontram.

- É verdade, senhor? - disse o meu companheiro de viagem, avançando a sua cadeira (eu queria dizer a sua mala, para junto do senhor Campbell) -, É realmente verdade que o senhor sozinho bateu dois salteadores?

- É a pura verdade, senhor - respondeu Campbell -, e não julgo que isso seja uma façanha digna de dar tema para uma balada.

- Palavra de honra, senhor - replicou o timorato -, sentir-me-ia feliz de ter o gosto de viajar na sua companhia.

Eu vou para o Norte, senhor.

Esta informação gratuita sobre o caminho que tencionava seguir, a primeira que escapava ao meu companheiro, falhou no seu objectivo: não provocou a mesma confiança da parte do Escocês.

- Ser-nos-ia difícil fazer o percurso juntos - respondeu ele, secamente. - O

senhor está, sem dúvida, bem encavalgado e eu viajo a pé ou numa pileca das montanhas bastante má trotadora.

Dito isto chamou o estalajadeiro e, atirando para cima da mesa o custo da garrafa extra que pedira, levantou-se como que para se despedir de nós. O meu companheiro seguiu-o e, agarrando-o por um botão do casaco, levou-o para o desvão de uma janela. Compreendi que lhe pedia instantemente alguma coisa, e julgo que era licença de o acompanhar; mas o senhor Campbell recusava sempre.

- Eu pago a sua despesa, senhor - dizia o viajante num tom ufano, como se tivesse encontrado um argumento que pudesse vencer todos os obstáculos.

- É absolutamente impossível - replicou Campbell, num ar desdenhoso -, Tenho que fazer em Roxburg.

- Mas eu não tenho muita pressa; posso fazer um pequeno desvio, e não me importo de perder um dia ou dois para assegurar uma companhia tão boa.

- Palavra de honra - disse Campbell -, não posso prestar-lhe o serviço que o senhor parece desejar. Viajo por causa dos meus negócios particulares - ajuntou ele, endireitando-se com orgulho -, e se tivesse um conselho a dar-lhe, seria o de que nunca fizesse o seu caminho com o primeiro estranho que aparecesse, e ainda mais dizer a alguém o rumo que tenciona tomar. - Depois, sem mais cerimónia, desembaraçou o botão da mão do seu interlocutor e, abordando-me no momento em que os convivas abandonavam a mesa, disseme: - O seu amigo é demasiado comunicativo, atendendo à natureza do depósito de que está incumbido.

- Este senhor - disse eu, olhando para o viajante -, não é dos meus amigos; é um conhecimento que fiz no caminho. Não conheço o seu nome, nem os seus negócios, e parece que, primeiro do que eu, o senhor lhe inspirou confiança.

- Quero apenas dizer - replicou ele bruscamente -, que ele me parece demasiado disposto a honrar com a sua companhia as pessoas que não a desejam.

- Este senhor - respondi eu -, conhece os seus próprios negócios, e sentir-me-ia mal em ter que fazer um juízo sobre o que lhe diz respeito.

O senhor Campbell, sem mais observações, desejou-me uma boa viagem, e o grupo retirou-se para ir repousar.

No dia seguinte, separei-me do meu tímido companheiro, pois eu abandonava a estrada principal do Norte para me dirigir ao Oeste, ao solar de Osbaldistone, moradia de meu tio. Como ele continuasse a olhar-me num ar suspicaz, não sei dizer se ficou contente ou aborrecido com a minha partida. Por meu lado, os terrores daquele poltrão começavam a não me divertir e, para falar verdade, foi com sincera alegria que o deixei.

CAPÍTULO V

CHEGADA A UM NOVO MUNDO

Como o meu coração palpita, quando vejo as adoráveis ninfas, orgulho de nossa ilha.

Incitai o nobre corcel que galopa com a mesma firmesa e por terreno liso ou acidentado, sem se importar com as encostas ou as planuras.

A Caça, de SUMERVILLE

Foi com aquele entusiasmo que lugares românticos e selvagens inspiram aos amantes da Natureza que me internei no Norte, rumo à terra natal. Enfim, livre do tagarela do meu companheiro, podia então observar quanto a região era diferente do que eu já tinha percorrido. Os ribeiros, dignos desse nome, em lugar de adormecerem através dos canaviais e dos salgueiros, corriam torcicolando sob os bordos, ora descendo com fragor uma eminência, ora seguindo mais lentamente. Os montes Cheviot erguiam-se diante de mim na sua solene majestade, não, é certo, com aquela variedade de rochas e de vales que caracteriza as montanhas mais elevadas, mas a sua massa imensa, os seus cumes arredondados, cobertos por uma verdura sombria, o seu aspecto selvático, a sua vasta extensão, faziam desta solidão um quadro que influía fortemente na minha imaginação.

O castelo dos meus antepassados, de que me aproximava então, ficava no fundo de um estreito vale, no meio destas montanhas.

Os vastos domínios que pertenciam outrora à família de Osbaldistone havia muito que tinham sido alienados pelas infelicidades ou pela insensatez dos meus avoengos; mas as dependências do velho solar ainda eram bastante consideráveis para que meu tio pudesse ser considerado como um rico proprietário. Empregava a sua fortuna, conforme o soube por informações que tomei pelo caminho, em exercer a pródiga hospitalidade .. de um fidalgo do Norte, dessa época, o que achava essencial à manutenção da dignidade de uma família.

Do alto de uma eminência, já eu avistara de longe o castelo de Osbaldistone, vasto e velho edifício a sobressair de um maciço de grandes robles druídicos. Dirigia-me para esse lado, tão directamente e tão depressa quanto o permitiam as voltas de um caminho pouco cómodo, quando o meu cavalo, muito fatigado, ergueu as orelhas aos latidos vivos e repetidos de uma matilha de cães, incitados

de quando em quando por uma trompa de chifre francês, instrumento então indispensável nas caçadas. Não duvidava de que fosse a matilha do meu tio, e desviei o meu cavalo, no intuito de deixar passar os caçadores sem que eles me vissem. Detive-me, pois, numa eminência e esperei um tanto impaciente a aproximação dos caçadores.

A raposa, apressada e quase a ganir, foi a primeira a lançar-se de um souto que ornava a vertente direita do vale.

Cauda pendente, pêlo sujo, corrida frouxa anunciavam que a sua morte estava próxima; e o corvo carnívero, que a seguia, já considerava o pobre animal como presa sua. Atravessou o ribeiro que cortava o vale e esforçou-se por trepar uma encosta que corria na margem oposta, quando os cães mais encarniçados, seguidos do resto da matilha, sairam do bosque com o batedor e três ou quatro cavaleiros. Os cães precipitaram-se no rastro da raposa, e os caçadores seguiram-nos a galope, apesar das dificuldades de um terreno acidentado. Eram jovens, fortes, bem montados, vestidos de verde e de vermelho, uniforme de uma associação de caça constituída sob os auspícios do velho sir Hildebrando Osbaldistone. "Eis os meus primos", pensei eu, quando eles passaram diante de mim; a primeira reflexão que em seguida me assaltou o espírito foi: "Como serei eu recebido por estes dignos sucessores de Nenrod? É pouco provável que eu, que nada ou quase nada percebo destes ruidosos exercícios, me sinta à vontade e feliz na família do meu tio!"

Uma outra aparição interrompeu estas reflexões.

Era uma jovem cujas feições cheias de doçura e de expressão estavam ainda mais embelezadas e animadas pelo ardor da caça e pela rapidez da corrida. Montava um belo cavalo negro de azeviche, que os flocos de espuma que lhe escorriam da boca tinham manchado de um branco de neve; envergava um trajo pouco vulgar, hoje conhecido pelo nome de amaxona, isto é, um longo vestido, um casaco e um chapéu de homem. Esta moda, introduzida durante a minha permanência em França, era inteiramente nova para mim. A sua longa cabeleira preta, que, no ardor da caça, se escapara dos laços que a retinham, flutuava ao sabor do vento. As irregularidades do terreno, pelo qual ela conduzia o seu cavalo com uma destreza e uma presença de espírito admiráveis, retardavam a sua corrida e fizeram-na passar mais perto de mim do que os outros cavaleiros. Pude, pois, contemplar à minha vontade o seu lindo rosto e o seu vulto elegante, aos quais o ridente aspecto da cena, a originalidade do seu trajo e o romanesco da sua aparição súbita ajuntavam um encanto inexprimível.

Ao chegar à minha frente, o seu cavalo, trepidante de ardor, fez um desvio no preciso momento em que, atingindo um terreno plano, ela acabava de o repor a galope. Foi para mim um ensejo de me dirigir para ela, como que para a socorrer; mas não havia motivo algum de alarme. Não houve nem queda, nem passo em falso, e, aliás, a bela amazona estava demasiado firme nos estribos para

se assustar. No entanto, agradeceu com um sorriso as minhas boas intenções, e sentime encorajado a meter o meu cavalo ao passo do seu e a galopar a seu lado. Os gritos triunfantes de "morto - morto!" - e as estridências da trompa de caça que lhe responderam, em breve anunciaram que já não era necessário pressa, visto que a caça estava acabada. Um dos jovens que eu já vira veio até nós, brandindo em sinal de triunfo a cauda da raposa, como que para fazer pirraça à minha bela companheira.

- Bem vejo, bem vejo - disse ela. - Mas não faças tanto barulho. Se Pebo - ajuntou, acariciando o pescoço do belo cavalo que montava -, não tivesse seguido por um caminho pedregoso, não terias tanto motivo para te gabares.

Com estas palavras, aproximaram-se um do outro e vi-os olharem-me e falarem em voz baixa durante alguns minutos.

A jovem parecia fazer ao caçador um pedido que este repelia com uma espécie de teimosia ridícula. Então, ela dirigiu o seu cavalo para o meu lado e disse: - Está bem, Thornie (1); se não ousas tu, irei eu própria, e pronto. Senhor - continuou ela, dirigindo-se a mim -, eu queria convencer este amável e galante cavalheiro a vir informar-se, junto de si, se, durante as suas viagens por esta região, não teria ouvido falar de um dos nossos amigos, de um senhor Francis Osbaldistone que esperamos há alguns dias no castelo?

Sentime muito feliz em dizer à jovem que era eu a pessoa por quem ela se interessava, e em testemunhar-lhe o meu reconhecimento por uma pergunta tão amável.

- Então, senhor - prosseguiu ela -, como a delicadeza do meu parente parece ainda adormecida, permita-me, embora não seja muito aceitável, que me arvore em mestre de cerimónias e lhe apresente o seu primo, o jovem «squire» Thorncliff Osbaldistone e igualmente Die (1) Vernon, que também tem a honra de ser parenta do seu galante primo.

Havia um misto de segurança, de ironia e de simplicidade na maneira como miss Vernon pronunciara estas palavras. O meu conhecimento do Mundo permitiu-me tomar um tom semelhante para lhe agradecer a sua complacência e testemunhar-lhe o meu extremo prazer de os ter encontrado. Thorncliff tinha o ar de um grande labrego, desajeitado, atrapalhado, mesmo um pouco néscio; no entanto, deu-me um aperto de mão e participou-me que me ia deixar para ajudar o batedor e os seus irmãos a reunir a matilha, motivo que ele parecia usar como desculpa perante miss Vernon e perante mim.

- Eis o príncipe dos batedores, dos peritos em combates de galos e dos

palafreneiros - disse a jovem, seguindo-o com os olhos, onde se reflectiu um profundo desdém -, Mas eles não valem mais uns do que os outros. Já leu Markham?

- Markham, miss? Não me lembro de alguma vez ter ouvido citar o nome desse autor.

*(1) Diminutivo familiar de Thorncliff.

2() Diminutivo de Diana.

- Desgraçado! Em que costa a tempestade o lançou! Pobre ignorante, não conhece o sagrado Alcorão da tribo selvagem no meio da qual vem residir! Não ter lido Markham, o autor mais célebre que escreveu sobre a arte do marechal! Ai, tenho medo; não conhece tão-pouco os nomes mais modernos de Gibson e de Bartlett?

- É verdade, miss Vernon.

- E não cora de o confessar? Palavra que temos que renegá-lo como nosso parente. Então, não sabe fazer um penso, nem tratar, nem sangrar um cavalo?

- Confesso que deixo todos esses cuidados aos moços de estrebaria e ao veterinário.

- Negligência incrível! Assim, o senhor não pode nem ferrar um cavalo, nem cortar-lhe a crina ou a cauda! Sabe, ao menos, educar um cão, cortar-lhe as orelhas, limar-lhe as unhas? Domesticar um falcão, pôr-lhe o caparão, escolher o alimento que lhe convém? E...

- Para confessar numa palavra toda a minha ignorância, sou absolutamente alheio a todos esses talentos campestres.

- Então, em nome do Céu, senhor Francis Osbáldistone, que sabe fazer?

- Oh, quase nada, miss Vernon: quando o meu palafreneiro sela o cavalo, sei montá-lo; quando o meu falcão está no lugar conveniente, sei fazê-lo voar.

- E é tudo? - disse a jovem, metendo o cavalo a trote.

A minha encantadora companheira, com aquele tom amistoso e familiar, já ganhara a minha confiança. Disselhe em voz baixa: - Miss Vernon, encaro como uma penitência severa a minha estadia em Osbaldistone, se os habitantes são como os que acaba de descrever; mas sei que há uma excepção que, só por si, pode fazer esquecer todos os outros aborrecimentos.

- Ah! Quer referir-se a Rashleigh - indagou miss Vernon.

- Não; eu pensava... desculpe-me, numa pessoa de quem estou menos afastado neste momento.

- Julgo que seria conveniente fingir que não compreendo; mas não é o meu costume, e, se não respondo ao seu cumprimento com uma reverência, é porque estou a cavalo. Mas, seriamente, mereço a sua excepção, porque sou a única pessoa no castelo com quem se pode conversar, excepto, porém, o velho padre e Rashleigh.

- por Deus, quem é esse Rashleigh?

- Rashleigh é um excêntrico que desejaria qe toda a gente fosse como ele, a fim de se parecer com toda a gente. É o mais novo dos filhos de sir Hildebrando Osbaldistone; tem pouco mais ou menos a sua idade ; mas, numa palavra, não é tão agradável como o senhor.

No entanto, a natureza deu-lhe uma certa dose de bomsenso e o padre juntou-lhe uma boa quantidade de instrução. É o que nós chamamos um sábio, numa região onde os sábios são raros.

Destina-se à Igreja, mas não parece apressado em tomar as ordens.

- A Igreja Católica?

- E a que outra Igreja? Mas, já me esquecia... Disseram-me que o senhor era um hereje; não é verdade, senhor Osbaldistone?

- Não o posso negar.

- E, no entanto, viveu no continente, em países católicos?

- Cerca de quatro anos.

- Mas voltemos a Rashleigh - continuou ela, num tom mais calmo. - O senhor vai achá-lo o homem mais amável que tem visto, durante uma semana, pelo menos. Se ele quisesse arranjar uma namorada cega, podia ter a certeza de a conquistar; mas a vista destrói o encanto todo. Olhe, eis-nos no pátio do velho castelo, tão selvagem, tão fora de moda, como os seus habitantes. Não se faz grande toilette em Osbaldistone Hall, como sabe; mas preciso de me desembaraçar deste trajo, é tão pesado, tão quente! E depois, este chapéu magoa-me a testa - continuou a amável rapariga tirando-o e deixando escapar os inúmeros anéis da sua cabeleira negra, que, meio a rir, meio a chorar, separou com os dedos longos e afilados, para desafrontar o rosto fascinante e os olhos vivos e castanhos.

Se nisto havia coquetismo, estava disfarçado pela indiferença e pela simplicidade das suas maneiras.

Não pude deixar de dizer: - A avaliar a família pelo que vejo, sou levado a supor que a toilette é bem inútil.

- Não se pode ser mais galante, embora talvez ainda não .devesse compreendê-lo - respondeu miss Vernon. - Mas o senhor achará melhor desculpa para um pouco de negligência, quando vir os «ursos» com quem vai viver: a arte, neles, não poderia corrigir a natureza. Aliás, dentro de instantes, a velha sineta

vai tocar para o jantar. Está um pouco rachada, mas, coisa maravilhosa, esse acidente aconteceu-lhe ao tocar no dia do desembarque do rei William, e meu tio, por respeito pelos seus talentos proféticos, nunca consentiu que a mandassem consertar. Vamos, senhor Osbaldistone, segure o meu palafrém, como um cavalheiro gentil, até que eu encontre um moço de cavalariça para o livrar dessa maçada.

Deu-me a brida, como se nos conhecêssemos desde pequeninos, saltou para o chão, atravessou o pátio e entrou por uma porta lateral, deixando-me na admiração dos seus encantos e surpreendido pelo à-vontade das suas maneiras, que pareciam tanto mais extraordinárias numa época em que os preceitos do bom tom, partindo da corte do grande monarca Luís XIV, ordenavam ao belo sexo um decoro excessivamente severo. Eu tinha um ar bastante néscio, plantado no meio do pátio do velho castelo, montado num cavalo e segurando outro pela brida.

O edifício nada tinha que pudesse interessar um visitante que estivesse disposto a examiná-lo atentamente: as quatro fachadas eram de estilos diferentes, e, com as suas janelas gradeadas e abertas nos espessos muros, os seus torreões e as suas arquitraves maciças, lembrava um convento ou um dos mais velhos e menos belos colégios de Oxford. Chamei um criado, mas decorreu muito tempo antes que me quisessem ouvir, e era-me precisa tanta mais paciência quanto é certo eu sentir-me alvo da curiosidade de vários servos, que espreitavam a diversas janelas do castelo e logo se retiravam como coelhos na sua toca, antes que me fosse possívell dirigir-me particularmente a um deles.

O regresso dos caçadores e dos cães tirou-me de embaraços; e não foi sem custo que convenci um labrego a desembaraçar-me dos cavalos, e um outro a conduzir-me perante sir Hildebrando.

E vi-me obrigado a não o perder de vista a fim de o impedir de que me abandonasse no meio de um labirinto de corredores baixos e estreitos que conduziam à sala da algazarra (1), como ele lhe chamava, onde devia ser admitido à complacente presença de meu tio.

Atingimos, por fim, uma vasta sala abobadada, pavimentada de lajes, onde, numa longa fila de mesas de carvalho, demasiado pesadas e maciças para serem removidas, estava servido o jantar. Este compartimento venerável, que há várias gerações servia para os alegres banquetes dos Osbaldistones, oferecia também numerosos testemunhos das suas proezas de caça: grandes armações de veados, que podiam ser os troféus de uma caçada célebre na região, estavam suspensos das paredes, entre peles de texugo, de lontra e de outros animais deste género. Alguns restos de velhas armaduras que outrora talvez tivessem servido contra os

Escoceses, misturavam-se com armas de uma guerra menos desumana, bestas, espingardas de diversas formas e tamanhos, chuços, enfim, todos os instrumentos próprios para matar ou para caçar. Alguns velhos quadros enegrecidos do fumo e manchados, estavam suspensos das paredes; representavam cavaleiros e damas por certo afamados no seu tempo; os cavaleiros, com enormes perucas e longas barbas, tinham um ar marcial e terrível; as damas olhavam, com complacência e de sorriso nos lábios, as rosas que tinham na mão.

Mal tive tempo de lançar um olhar de relance pela sala, doze lacaios de libré azul entraram tumultuosamente; davam ordens uns aos outros, cada um muito mais preocupado em dirigir os seus camaradas do que em cumprir o seu dever. Uns lançavam achas e cavacos no lume, que crepitava, flamejava e se erguia, metade em fumo, metade em labareda até um imenso cano de chaminé cuja boca era de uma largura assustadora;

*(1) Stun Hall, assim chamada, por certo, devido ás ruidosas orgias que ali se verificavam.

o cano estava tapado por um pormenor arquitectónico maciço, que fazia de umbreira, na qual um cinzel de Northumbland gravara as armas da família.

Vários criados, todos vestidos à antiga, traziam enormes travessas carregadas de iguarias substanciais; outros preparavam os copos, os frascos, as garrafas, ou ainda os barris de licor. Corriam, empurravam-se, acotovelavam-se, batiam-se, perseguiam-se, fazendo tão-pouco serviço e tanto barulho quanto possível. Por fim, no momento em que todos os preparativos terminaram, não sem custo, o latido dos cães, o estalido dos chicotes, os gritos, as pragas dos caçadores, cujas grossas botas ecoavam a cada passo, anunciavam a chegada dos alegres convivas. Abriu-se, enfim, a porta de entrada, e oito cães, o capelão do castelo, o médico da vila, os meus seis primos e meu tio precipitaram-se confusamente na sala.

CAPÍTULO VI

REVELAÇÕES CURIOSAS SOBRE MISS VERNON

A rústica sala estremece, lá vêm eles, lá vêm.

O ruído das vozes abala a abóbada; a sua marcha é imponente, trazem um elmo reluzente, no qual as sete cores se reflectem; de igual modo se vestem.

Avançam todos com dignidade, agitando as plumas do bacinete.

PENROSE

Se tu achas que sir Osbaldistone não tinha muita pressa de abraçar o sobrinho, de cuja chegada já devia estar prevenido há algum tempo, é preciso reconhecer, para o desculpar, que ele tinha importantes ocupações.

- Teria vindo procurar-te mais cedo, meu rapaz, - exclamou ele, ao apertar-me rudemente a mão -, mas, primeiro, tinha que ver os cães entrar no canil. Sê benvindo ao castelo de Osbaldistone. Eis o teu primo Percie, o teu primo Thornie, e o teu primo john.,. Eis o teu primo Dick (1), o teu primo Wilfred e... Espera, onde está Rashleigh?... Ah! Aqui está Rashleigh... Desvia um pouco o teu corpanzil, Thornie, e deixa ver o teu irmão... Eis o teu primo Rashleigh... Com que então, teu pai pensou uma vez, pelo menos, no velho solar e no velho sir Hildebrando?... Mais vale tarde do que nunca... sê benvindo, meu rapaz, e é quanto basta... Onde está a minha pequena Die?... Ah, vem a entrar... é a minha sobrinha Die, filha do irmão de minha mulher, a rapariga mais bonita dos nossos vales, qualquer que seja a que apareça depois... E, agora, façamos as honras ao jantar.

Para fazeres uma ideia da pessoa que assim falava, é preciso, meu caro Tresham, imaginares um homem já na casa dos sessenta, envergando uma casaca de caça outrora ricamente bordada, mas consideravelmente desbotada pelas chuvas do Inverno. Contudo, sir Hildebrando, apesar das suas rudes maneiras, vivera, numa época da sua vida, na corte; servira no exército que acampou nas charnecas de Hounslow antes da revolução e, graças talvez à sua religião, fora armado cavaleiro, por essa época, pelo desditoso e imprudente James II. Mas os seus sonhos ambiciosos, se acaso ele esperava ainda grandes favores, dissiparam-se por ocasião da crise que derrubou do trono o seu príncipe, e, depois dessa data, levara uma vida retirada no domicílio dos seus pais. Apesar do seu ar rústico, sir Hildebrando tinha, no entanto, o aspecto de um homem bem nascido, e parecia no meio dos seus filhos como que os restos de uma coluna coríntia suja e coberta de ervas e de musgo, que contrasta com as massas de pedras brutas e informes de Stone Henge ou de qualquer outro templo druídico, porque seus filhos eram bem os blocos mais pesados e mais grosseiros que alguma vez se viu. A qualidade moral dos filhos mais acentuada, parecia ser o bom-humor e a alegria que se liam em seus rostos grosseiros, e a sua única pretensão era aperfeiçoarem-se constantemente na destreza da caça.

*(1) Diminutivo familiar de Richard

Mas, como que para se desforrar de uma uniformidade tão extraordinária nas suas produções, a senhora Natureza quisera que Rashleigh Osbaldistone fizesse um contraste flagrante no físico e nas maneiras, bem como no carácter e nas faculdades, conforme o notei mais tarde, não só com os seus irmãos, mas também com todos os homens que até então encontrei. Quando Percie, Thornie e companhia, um a um, inclinaram a cabeça, fizeram uma careta e estenderam o ombro mais do que a mão, à medida que o pai os ia nomeando, Rashleigh avançou e testemunhou-me a sua alegria de me ver no castelo de Osbaldistone, com o ar e o tom de um homem de sociedade. O seu aspecto não era cativante; era baixo, enquanto os seus irmãos pareciam descenderem do gigante Anak; eram todos bem modelados, e Rashleigh, conquanto cheio de vigor, tinha um pescoço de touro, as pernas tortas e, devido a um acidente que o atingira em criança, uma marcha um tanto singular e parecia coxear.

Tais eram as características de Rashleigh, que, depois de as observarmos um instante, era impossível banir da memória, experimentando-se sempre o desejo estranho de as tornar a ver, apesar de nelas nunca determos os olhos senão com uma sensação de desagrado e até de desgosto. Não era propriamente o seu rosto que produzia esta forte impressão. As suas feições, embora irregulares, não eram banais; seus olhos vivos e negros, suas sobrancelhas espessas, impediam que o seu rosto fosse de uma fealdade vulgar; mas havia no seu olhar uma expressão de artifício e de dissimulação, ou, se o provocavam, de ferocidade temperada pela prudência, que saltava à observação do fisionomista mais experimentado. Talvez a Natureza lha tivesse dado pela mesma razão que deu campainhas à serpente mais venenosa.

Como que para compensar estas desvantagens exteriores, Rashleigh Osbaldistone tinha a voz mais doce, mais terna, mais melodiosa, e a sua maneira de se exprimir sobre toda a espécie de assuntos tornava ainda mais sensível a beleza dessa voz.

Mal ele pronunciou a sua primeira frase de felicitações, reconheci com miss Vernon, que o meu novo primo fazia a corte a uma senhora que só o poderia apreciar pela voz.

Ela foi colocada, à mesa, a meu lado; mas miss Vernon, que, sendo a única do seu sexo no meio daquela família, tinha o privilégio de arranjar as pequenas coisas a seu modo, conseguiu colocar-me entre ela e Thorncliff, e não se deve duvidar de que anuí de boa mente a uma combinação tão agradável.

- Preciso de lhe falar - disse ela. - Foi com essa intenção que coloquei o honesto Thornie entre Rashleigh e o senhor.

Como um velho colchão a proteger a casa Do pesado embate de uma bala de canhão; e, na minha qualidade de seu conhecimento mais antigo nesta espiritual família, aproveito o ensejo para lhe perguntar como os acha a todos.

- É uma pergunta difícil, miss Vernon, porque estou há muito pouco tempo no castelo. Mas, se não me engano, os meus cinco primos mais velhos têm pouco mais ou menos o mesmo carácter.

- Sim; nele se encontram, misturados com felicidade, o bêbado, o couteiro, o quesilento, o palafreneiro e o imbecil.

Mas Percie, o filho mais velho, o herdeiro presuntivo, tem mais de bêbado que de couteiro, de quesilento, de palafreneiro ou de imbecil... O meu precioso Thornie tem mais de quesilento que de bêbado, de couteiro, de palafreneiro ou de imbecil...

John, que dorme semanas inteiras nos soutos, tem muito de couteiro... O palafreneiro domina em Dickon (1), que percorre duzentas milhas num dia e uma noite para se apresentar numa corrida de cavalos... e o imbecil predomina de tal maneira entre as outras qualidades de Wilfred, que se lhe pode chamar positivamente um animal.

- Eis uma colecção preciosa, miss Vernon, e as diferenças individuais pertencem a espécies muito interessantes. Mas, nesse quadro não há lugar para sir Hildebrando?

- Estimo meu tio - respondeu ela. - Fez-me algum bem, ou, pelo menos, quis fazê-lo. Deixo ao senhor o trabalho de lhe fazer o retrato, quando o conhecer melhor.

*(1) Ou Dick, ou Richard.

"Vamos, pensei eu, ela ainda tem alguma consideração; é bonito. Mas, podia eu esperar uma sátira tão amarga por parte de uma jovem amável e linda?"

- O senhor pensa em mim - disse ela, fitando-me como se quisesse ler no fundo da minha alma.

- Não o nego - respondi eu, um pouco desconcertado. E

ajuntei: - Como seria possível pensar noutra coisa, colocado a seu lado, como tenho a honra de estar?

Sorriu com um certo ar de desdém concentrado que só ela sabia dar à sua fisionomia.

- Devo informá-lo, de uma vez para sempre, senhor Osbaldistone, que dirigir-me cumprimentos é dar-se a um trabalho inútil; não desperdice assim as suas belas frases...

Elas são usadas pelos cavalheiros Que viajam pela província, como essas bugigangas, essas contas de vidro, esses braceletes, que os navegadores levam para fornecer aos habitantes selvagens das regiões recentemente descobertas. Não se apresse em gastar as suas preciosas mercadorias; há-de encontrar no Northumberland beldades a quem elas possam seduzir. Para mim são inúteis, porque Lhes conheço o verdadeiro valor.

Fiquei mudo e confundido.

- O senhor lembra-me, neste momento, - continuou ela, retomando o tom da jovialidade e da indiferença -, aquele conto de fadas em Que um homem encontra subitamente transformado em pedaços de ardósia o dinheiro que levara ao mercado. Desacreditei, arruinei a sua loja de cumprimentos, com uma observação infeliz. Mas, vamos, não pensemos mais nisso. O senhor está muito enganado, senhor Osbaldistone, se não sabe dizer coisas mais agradáveis do que essas sensaborias que todo o homem de sociedade se julga no dever de recitar a uma pobre rapariga. Esforce-se por esquecer o meu desditoso sexo, chame-me Tom Vernon, se quiser, mas fale-me como falaria a um amigo, a um companheiro; nem sabe quanto eu o estimaria.

- Isso é uma promessa bem aliciante - respondi eu.

- Ainda bem: - replicou miss Vernon, levantando o dedo.

- Já lhe disse que não suporto nem a sombra de um galanteio; e agora, quando o senhor atender o meu tio, que o ameaça com aquilo a que ele chama um copázio, dir-lhe-ei o que pensa de mim.

Quando, como um sobrinho dócil, despejei o copo, a conversação geral retomou o seu curso, e o tilintar contínuo das facas e dos garfos, bem como o encarniçamento com que o primo Thorncliff, à minha direita, e o primo Dick, à esquerda de miss Vernon, se atiravam com igual ardor aos bocados de carne que enchiam os seus pratos, voltámos ao nosso conciliábulo.

- Agora, - disse eu -, permita-me que lhe pergunte francamente, miss Vernon, o que supõe que eu penso a seu respeito? Eu dir-lhe-ia tudo o que penso, mas proibiu-me os cumprimentos.

- Não preciso da sua ajuda; sou suficientemente bruxa para lhe dizer os seus pensamentos secretos. Não precisa de abrir-me a porta do seu coração. O senhor toma-me por uma estranha rapariga, meio coquette, meio leviana, que deseja atrair as atenções pela liberdade das suas maneiras e a ingenuidade da sua

linguagem, porque ignora aquilo a que o Spectator chama as graças amáveis do seu sexo. Talvez também julgue que o quero encher de admiração. Contraria-me saber que o senhor está em erro, mas num erro profundo. Toda a confiança que tive em si, tê-la-ia concedido com o mesmo à-vontade a seu pai, se pensasse que ele podia compreender-me. Estou só no meio desta feliz família, estou tão só, tão privada de auditores inteligentes, como Sancho na Sierra Morena; por isso, Quando encontro ocasião, se não falar, morro. Mas garanto-lhe que não lhe teria dito nem uma palavra destas curiosas informações que acabo de lhe dar se ligasse alguma importância a que soubessem o que eu penso.

- É bem cruel da sua parte, miss Vernon, não me permitir que atribua à amizade as confidências que me fez; mas devo recebê-las conforme lhe aprouver... Não incluiu o senhor Rashleigh Osbaldistone no seu quadro de família...

Ela estremeceu, creio eu, e apressou-se a responder, mas muito baixinho: - Nem uma palavra sobre Rashleigh! Tem o ouvido tão apurado, quando se fala dele, que as minhas palavras chegar-lhe-iam através da espessa corpulência de Thorncliff, apesar de empanturrado de carne, de pastelão e de pudim.

- Admito - respondi eu. - Mas olhei através do muro que nos separa, antes de lhe dirigir a minha pergunta, e vi que o lugar do senhor Rashleigh está vago... Saiu da mesa.

- Recomendo-lhe, esteja sempre em guarda - replicou miss Vernon - e siga os meus conselhos: antes de falar de Rashleigh, suba ao topo de Otterscope Hill, de onde pode avistar trinta milhas em redor... coloque-se mesmo no pico, fale baixo; e, apesar de tudo, não é muito certo que o pássaro que sulca os ares não leve as suas palavras... Rashleigh foi meu preceptor durante quatro anos; aborrecemo-nos um do outro, e encaramos com o mais vivo prazer a nossa próxima separação.

- O senhor Rashleigh deixa o castelo de Osbaldistone?

- Sim, dentro de poucos dias... Não o sabia?... Então, seu pai é mais discreto do que sir Hildebrando? Pois bem, quando meu tio soube que o senhor ia ser seu hóspede por algum tempo, e que seu pai desejava ter um dos seus filhos, que dá tão grandes esperanças, para ocupar na casa bancária o lugar lucrativo que a sua teimosia deixou vago, senhor Francis, o bom cavaleiro reuniu em assembleia plena toda a sua família, incluindo o despenseiro, o porteiro e o couteiro. Esta venerável assembleia não se reuniu, como se pode supor, para eleger um substituto. Foi uma cerimónia solene necessária para transformar Rashleigh de simples padre católico, que se destinava a ser, em rico e feliz banqueiro; e não

foi sem alguma repugnância que a assembleia consentiu nessa degradação.

- Compreendo os seus escrúpulos... mas como passaram por cima deles?

- Pelo desejo geral, penso eu, de se desembaraçarem de Rashleigh. Embora o mais novo da família, ele conseguiu, de qualquer maneira, dominar toda a gente; sente cada um a sua dependência sem a poder vencer. Se se tem a infelicidade de o contrariar, pode ter-se a certeza de se arrepender antes do fim do ano; e se se lhe presta um serviço importante, pode ter-se a certeza de se arrepender mais ainda.

- Nesse caso, - respondi eu, sorrindo -, ai de mim, porque sou a causa involuntária da mudança da sua situação.

- Sim, cuidado consigo! Quer ele a encare como vantagem quer como desvantagem... Mas, eis o queijo e os rabanetes; vão fazer a saúde ao rei e eu, a única mulher que está no castelo, retiro-me, como é de uso.

Depois de miss Vernon ter deixado a sala, a garrafa circulou, ou antes, correu sem descanso em torno da mesa. A minha educação, feita em país estrangeiro, inspirara-me uma viva repulsa pela intemperança, vício demasiado vulgar então, e mesmo hoje, entre os meus compatriotas. Os discursos que tais orgias provocavam tão-pouco me agradavam; e se alguma coisa mos fazia parecer mais revoltantes, era ouvi-los da boca de pessoas da minha família. Aproveitei, pois, uma ocasião favorável e escapei-me por uma porta lateral, que conduzia não sei onde. Fui perseguido, como calculava, e considerado desertor da bandeira de Baco.

Quando ouvi os gritos e os clamores, assim como o ruído das grossas botas dos meus primos, que me perseguiam pela escada de caracol que eu descia, compreendi que ia ser apanhado, se não despistasse os perseguidores. Abri, pois, uma porta que dava para um jardim à moda antiga e, como a altura não excedia seis pés, não hesitei e saltei, e ouvi atrás de mim os gritos de "Oh! Oh! Ele safou-se, safou-se!"

Meti-me por uma álea, atravessei outra a correr; e, julgando-me então ao abrigo de todo o perigo e da perseguição, afrouxei a corrida e marchei a passo tranquilo, para gozar a frescura do ar que os fumos do álcool que me forçaram a ingerir, bem como a rapidez da corrida, me tornavam duplamente agradável.

Quando passeava, encontrei o jardineiro, que estava a regar, e cumprimentei-o, detendo-me para o ver trabalhar.

- Boa tarde, amigo.

- Boa tarde... - respondeu o homem, sem me olhar, e num tom em que logo a

primeira palavra denunciava a sua proveniência escocesa.

- Aí está um belo tempo para si, amigo.

- Não temos muito de que nos queixar - respondeu o homem, com aquela reserva que os jardineiros e os lavradores põem sempre ao elogiarem o tempo, por mais belo que seja, e levantando os olhos: - Eh! Deus seja louvado... Isto deslumbra os olhos, ver no jardim um belo casaco bordado e assertoado.

- Quê, amigo?

- Sim, um casaco como o seu. Eles têm outra coisa a fazer, eles, os lá de cima... é desabotoá-lo para dar lugar à carne de vaca, ao pudim, e ao bom vinho... é geralmente a leitura da tarde, cá deste lado da fronteira.

- Não se faz a carne tão bem feita no seu país, meu bom amigo - repliquei eu -, para se ser tentado a ficar até tarde à mesa.

- Ah! O senhor conhece mal a Escócia. Não é à falta de coisas boas... Temos o que há de melhor em peixe, em caça e aves, em alhos, em nabos e outros legumes; mas nós somos sóbrios e comedidos com a nossa boca. Aqui, pelo contrário, é uma balbúrdia, um tumulto na cozinha, na sala de jantar, durante as vinte e quatro horas... mesmo nos seus dias de jejum... e eles chamam àquilo jejum, quando lhes trazem a galope os melhores peixes do mar de Hartlepool e de Sunderland... Trutas, sáveis, salmões, que sei eu?... De maneira que fazem da sua abstinência uma espécie de luxúria e de abominação; e depois as missas e as matinas perdidas dessas pobres almas iludidas... Mas eu devia calar-me, porque Vossa Senhoria é, sem dúvida, um romano como os outros.

- Não, meu amigo, eu sou presbiteriano inglês, ou não conformista.

- Então, a mão direita da boa amizade para Vossa Senhoria! - exclamou o jardineiro, com toda a alegria que as suas feições grosseiras eram capazes de exprimir; e, para mostrar que a sua benevolência não se limitava a palavras, puxou de uma enorme tabaqueira de chifre e ofereceu-me uma pitada, com uma careta fraternal.

Aceitando, perguntei-lhe se servia havia muito tempo no castelo de Osbaldistone.

- Ah! - disse ele, olhando para o castelo. - Há bem vinte e quatro anos que estou exposto às feras de Efeso, tão verdade como chamar-me André Fairservice.

- Mas, meu excelente amigo André Fairservice (1), se a sua religião e a sua temperança se sentem tão chocadas com os ritos romanos e a gula das pessoas do Norte, parece-me que tem feito sem motivo uma longa penitência, pois podia ter-se colocado em casa de amos que comessem menos e fossem mais ortodoxos no seu culto. Não é decerto por falta de talento para ocupar um lugar que mais Lhe convenha.

- Não me compete falar da minha aptidão - disse André, passeando um olhar

em redor -, mas, realmente , sei cuidar de um jardim. E a verdade é que há vinte e quatro anos que adio de época em época; quando chega o dia apropriado, há sempre qualquer coisa a florir que eu desejaria ver florir... ou qualquer coisa a amadurecer que eu desejaria ver madura... ou qualquer coisa a semear que eu quereria ver crescer... de forma que, desde o fim de um ano ao fim do outro, continuo aqui. Mas, em resumo, fique Vossa Senhoria sabendo que André ainda não pôde encontrar um lugar melhor; mas se Vossa Senhoria quisesse indicar-lhe um onde ouvisse a pura doutrina, onde tivesse erva para alimentar uma vaca, uma cabana, um bocado de terreno, e mais de dez libras por ano para as minhas despesas e onde não houvese damas da cidade para contar os pêssegos, ficar-lhe-ia muito obrigado.

- Bravo, André! Vejo que, se não encontra, não é á falta de o pedir.

- E porque não, por favor? Será preciso esperar séculos para que descubram, enfim, as nossas faculdades?

- Mas parece-me que não gosta das mulheres?

*(1) Fairservice: Belo serviço.

- Palavra que não! Desde o pai Adão que elas são a perdição dos jardineiros. Olhe, elas estão sempre ao pé dos damascos, das pêras, dos pêssegos, das maçãs, no Verão como no Inverno, sem pensar nas estações. Mas, Deus seja louvado, não temos dessas pestes aqui, a não ser a velha Marta.

- Esquece a sua jovem patroa.

- Qual patroa esqueço eu? Quem quer dizer.

- A sua jovem ama, miss Vernon.

- Ah! miss Vernon? Não é minha ama, senhor. Bem desejaria eu que o fosse, e desejo também que ela não seja patroa de ninguém senão daqui a muito tempo. uma formosa jóia de pequena, vamos.

- É verdade! - exclamei eu, mais vivamente interessado do que ousava confessá-lo ou deixá-lo perceber.

Mas, André, não conhece todos os segredos da família?

- Se os conhecesse, devia guardá-los - respondeu André. - Não trabalhariam na minha boca como a cevada num tonel, afianço-lhe. Miss Die é... mas não é carne nem cozido para o meu dente.

E começou a cavar com um ardor aparente.

- Quem é miss Vernon, André? Sou um amigo da família, e desejaria conhecê-la.

- Tudo, excepto uma boa rapariga, receio eu - disse André, fechando um olho e meneando a cabeça num ar grave e misterioso. - Um pouco alegre. Vossa Senhoria compreende-me?

- Não, André, realmente, não, e gostaria que falasse mais claramente - disse eu, metendo-lhe uma coroa na mão calosa.

- Saiba, pois, o cavalheiro, - proferiu ele, guardando o dinheiro no bolso e cruzando os braços sobre a enxada -, visto que o deseja saber, que miss Vernon é...

Aqui, deteve-se de súbito e chupou as bochechas até que o maxilar e o mento tomassem a forma de um quebra-nozes, piscou de novo um olho, franziu as sobrancelhas e pareceu julgar que a sua fisionomia superava em pormenores o que a sua língua não exprimira.

- Santo Deus! - exclamei eu. - Tão jovem, tão bela e já perdida!

- É verdade, bem o pode dizer... perdida, como soi dizer-se, de corpo e alma; primeiro, é papista e além disso, ela...

A sua circunspecção de Escocês dominou-o, e calou-se de novo.

- Ela é... o quê? - insisti eu, vivamente -, Quero saber o que tudo isso significa!

- Pois bem, é a mais ardorosa jacobita do condado.

- Ah! Ah! Jacobita?... E isso é tudo?

André olhou-me com espanto, ao ouvir-me tratar com tanta ligeireza uma tal confidência; depois, murmurou: - Bem, é, no entanto, o pior que sei dela.

E retomou a sua enxada, como o rei dos Vândalos no último romance de Marmontel.

CAPÍTULO VII

ACUSAÇão TERRÍVEL E INESPERADA

- O xerife está à Porta, com uma numerosa escolta.

SHKASPEARE, Henrique IV, primeira parte

Não foi sem custo que descobri o aposento que me destinavam. Depois de ter conquistado a benevolência e as atenções dos criados de meu tio com argumentos que eles compreenderam mais facilmente, retirei-me para o meu

quarto pelo resto da tarde, conjecturando, pelas disposições em que deixara os meus primos, e pelo ruído que ouvia ao longe na sala de pedra (era o nome que davam à sala das refeições), que eles não deviam ser para um homem sóbrio uma companhia muito agradável.

Qual seria a intenção de meu pai, ao mandar-me para junto desta estranha família? Tal foi a primeira e a mais natural das minhas reflexões. Era evidente que meu tio me recebia como se eu fosse fazer uma longa permanência no castelo, e a sua rude hospitalidade tornava-o o indiferente como o rei Hal ao número das pessoas que comiam à sua custa. Mas não restava dúvida de que a minha presença ou a minha ausência seria tão pouco importante a seus olhos como a de um dos seus lacaios de libré azul. Os meus primos não passavam de uns ursos. Meu pai decerto desejava, ao colocar-me em situação de experimentar os prazeres que ele sabia que depressa me desgostariam, compelir-me, se fosse possível, a tomar parte activa nos seus negócios.

No entanto, empregava Rashleigh Osbaldistone na sua casa comercial. Mas tinha maneira de lhe arranjar um lugar, e até mais vantajoso, se quisesse desembaraçar-se dele. E embora eu experimentasse um certo remorso na consciência ao pensar que, por minha culpa, Rashleigh, um excêntrico como miss Vernon mo pintou, ia introduzir-se na casa de meu pai - talvez na sua confiança - fi-lo calar, dizendo para comigo que meu pai era senhor absoluto dos seus negócios, que não era homem para se deixar ludibriar ou influenciar, e que as minhas prevenções contra o meu primo foram sugeridas por uma rapariga bizarra e irreflectida, cuja franqueza e irreflexão me deviam colocar de sobreaviso contra uma opinião formada talvez muito levianamente. Os meus pensamentos concentraram-se então naturalmente sobre miss Vernon, sobre a sua extrema beleza, sobre a sua situação muito especial, abandonada a si própria, sem guia, sem defensor; por fim, sobre o seu carácter em geral, que oferecia aquela variedade de encantos que despertam a nossa curiosidade e atraem a nossa atenção, mesmo contra a nossa vontade.

Eu tinha suficiente bomsenso para ver que a convivência desta rapariga singular e as numerosas ocasiões que se apresentavam de nos encontrarmos sós aumentariam os perigos da minha permanência no castelo, embora me atenuassem o aborrecimento; mas não pude, apesar de todos os esforços da minha prudência, encarar com muito receio o risco novo e bizarro que ia correr. Arredei ainda estes escrúpulos, como os jovens costumam arredar todas as dificuldades deste género: havia de ver em miss Vernon mais uma companheira do que uma amiga.

Adormeci no meio destas reflexões, e o meu último pensamento foi naturalmente para miss Vernon.

Acordado ao romper do dia pelas alegres trompas de caça, foi ela a primeira pessoa em quem pensei na manhã seguinte.

Levantar-me, mandar selar o cavalo, foi obra de dois minutos, e depressa desci ao pátio, onde homens, cães e cavalos já estavam prontos. O meu tio, que talvez não esperasse encontrar um ardente caçador no seu sobrinho educado em país estrangeiro, pareceu muito surpreendido de me ver, e julguei notar no seu cumprimento menos cordialidade e franqueza do que no primeiro acolhimento.

- Cá estás, rapaz!... Sim, a mocidade é temerária... Mas toma cuidado contigo!... Pensa na velha balada:

Galopando como um louco à beira de um precipício, pode-se quebrar as costelas.

Poucos mancebos, mesmo entre os mais rígidos moralistas, gostariam, creio eu, de se ver acusados de não saber montar a cavalo. Como não me faltava nem habilidade nem coragem, sentime picado pelo reparo de meu tio e asseverei-lhe que me encontraria sempre entre os primeiros a seguir os cães.

- Não o duvido, meu rapaz - respondeu ele -, És bom cavaleiro, ia apostá-lo; mas, prudência! Teu pai encarregou-me de te domar, e não sei se devo levar-te pela brida ou ter alguém que te conduza pela cabeçada, no caso de escoceares.

Como este discurso era absolutamente ininteligível para mim, aliás proferido numa espécie de aparte pelo qual o meu respeitável tio exprimia as ideias que lhe perpassavam pelo espírito, pareceu-me que a sua intenção não era dar-me um conselho e que as suas palavras se relacionavam com a minha deserção da véspera, ou que meu tio se ressentisse ainda dos excessos da noite e o seu bom humor estivesse abalado por isso.

Cumprimentei pressurosamente miss Vernon, que vinha alegremente desejar-me os bons dias. Troquei também alguns cumprimentos com os meus primos; mas notei que eles achavam malicioso prazer em criticar o meu casaco e o meu equipamento, desde o chapéu até às esporas, pois o seu ridículo patriotismo levava-os a rir à gargalhada do que, para eles, era novo e de aparência estranha. Juntei-me a miss Vernon como à única pessoa com quem pudesse acompanhar. Colocando-me, pois, a seu lado, parti com todo o rancho para o bosque onde devíamos caçar. Era um souto que cobria toda a vertente de uma enorme colina. Enquanto galopava, disse a Diana que não via o meu primo Rashleigh.

- Oh, não! - respondeu ela. - Ele é um bom caçador, mas à maneira de Nemrod; a sua caça é o homem.

Os cães lançaram-se através do souto, encorajados pelos gritos dos

caçadores; tudo era agitação, tumulto, actividade.

Meus primos estavam demasiado ocupados na grande empresa da manhã para pensar mais em mim, a não ser Dickon, o palafreneiro, a quem ouvi dizer em voz baixa a Wilfred, o imbecil: - Vejamos se o nosso primo francês vai cair no primeiro salto.

- Francês? - respondeu Wilfred. - Oh, decerto, ele tem um esquisito cordão no chapéu...

Contudo, Thorncliff, que, apesar da sua rudeza, não parecia totalmente insensível à beleza da prima, dir-se-ia resolvido a fazer-nos companhia mais de perto do que seu irmão, talvez para espiar o que se passava entre mim e miss Vernon, talvez para melhor gozar a minha inexperiência na caça. Sobre este último ponto estava bem enganado. Após uma batida inútil, que durou quase toda a manhã, descobriu-se enfim uma raposa que nos fez correr durante duas horas, e, apesar do mau presságio do cordão francês do meu chapéu, desempenhei o meu papel de caçador para a admiração de meu tio e de miss Vernon e secreto desapontamento daqueles que esperavam rir-se de mim. No entanto, a raposa conseguia escapar-se aos cães. Pude ver então quanto minha prima estava impaciente com a vigilância que Thorncliff Osbaldistone exercia sobre nós.

- Admira-me, Thornie, - disse ela em tom de censura -, que fique pendurado toda a manhã na garupa do meu cavalo, quando sabe que os terriers que foram para o moinho de Woolverton não estão açamados.

- Eu não sabia nada, miss Vernon, porque o moleiro jurou-me, ontem à noite, que os açamara ao meio-dia.

- Ora, ora, Thornie! Fia-se na palavra de um moleiro?... E esses terriers que nos fizeram falhar a raposa por três vezes, este Outono! Portanto, monte o seu cavalo cinzento, que pode lá levá-lo e trazê-lo em dez minutos!

- Está bem, miss Die, vou num pulo a Woolverton, e se os terriers não estiverem açamados, garanto-lhe que quebro os ossos ao moleiro Dick.

- Corra, meu caro Thornie; sove-me esse patife como deve ser... Depressa... Vá... Avante! - Thorncliff partiu a galope.

- Ou sove-se a si próprio, que também ficarei satisfeita...

Hei-de habituá-los todos à disciplina e à obediência à voz do comandante. Mobilizo um regimento, sabe? Thornie será o meu sargento-mor, Dickon o meu escudeiro e Wilfred, com a sua grossa voz nasalada, que mastiga sempre três sílabas ao mesmo tempo, será o meu tambor.

- E Rashleigh?

- Rashleig será o batedor em chefe.

- E não terá maneira de me empregar, meu encantador coronel?

- O senhor será, à sua escolha, pagador ou recebedor-mor do regimento. Mas veja como os cães estão despistados. Vamos, senhor Frank, perderam a pista e já não a encontrarão hoje.

Siga-me, tenho uma coisa interessante a mostrar-lhe.

Subiu até ao topo de uma ridente colina que dominava os campos ao longe. Passeando o olhar em redor, para ver se não haveria alguém perto de nós, fez avançar o seu cavalo para trás de um grupo de vidoeiros que nos separava do resto da caça.

- Vê aquela montanha ponteaguda, castanha e coberta de urze, que tem como que uma mancha branca na encosta? - disse ela. -

Aquela mancha branca é uma rocha chamada Hawkesmore Crag, e Hawkesmore Crag é a Escócia.

- Sim? Não julgava que estivéssemos tão perto da Escócia.

- É verdade, e o seu cavalo pode conduzi-lo lá em duas horas.

- Não lhe dou esse trabalho. Mas a distância é bem de dezoito milhas, a voo de pássaro.

- Pode levar o meu cavalo, se o acha menos fatigado...

Repito-lhe que em duas horas pode estar na Escócia.

- Repito-lhe que tenho pouca vontade de lá ir; que, se a cabeça do meu cavalo tivesse passado a fronteira, não daria à cauda o trabalho de a seguir. Que ia eu fazer à Escócia?

- Tratar da sua segurança, para lhe falar mais claramente.

Compreende-me agora, senhor Frank?

- Absolutamente nada; está cada vez mais enigmática.

- Então, o senhor desconfia de mim injustamente e ainda é mais hipócrita do que Rashleigh Osbaldistone, ou ignora tudo o que Lhe atribuem. Mas não, não me engano, como o prova o seu ar sério, tão sério que tenho dificuldade em não rir ao olhar para si.

- Palavra de honra, miss Vernon, - respondi eu, irritado com a sua jovialidade intempestiva e infantil -, não faço a menor ideia do que quer dizer. Tenho prazer em fornecer-lhe um motivo de divertimento, mas ignoro absolutamente em que consiste.

- Mas eu deixo de brincar - disse ela, retomando o seu ar sério. - Conhece um tal Moray, ou Morris, um nome assim?

- Que me lembre, não.

- Reflicta um pouco... Não acompanhou, num destes dias, com um viajante

deste nome?

- O único que acompanhei por algum tempo era um homem cuja alma parecia escondida numa mala de roupa.

- Era, então, como o licenciado Pedro Garcia, cuja alma estava entre os seus ducados na sua bolsa de couro.

O seu companheiro foi roubado, e acusa-o de cumplicidade na violência de que foi vítima.

- Está a brincar, miss Vernon?

- Não, juro-o... É a exacta verdade.

- E julga - repliquei eu, numa violenta agitação que não procurei conter -, que essa acusação é merecida?

- Julgo que o senhor me chamaria a terreno, após uma tal afronta, se eu tivesse a vantagem de ser homem... Mas pode fazê-lo, se quiser... Sei bater-me tão bem como saltar uma palissada.

- E, além disso, é coronel de um regimento de cavalaria - acrescentei eu, sentindo quanto era ridículo em zangar-me com ela. - Mas explique-me toda essa brincadeira!

- Não é uma brincadeira - disse Diana. - Acusam-no de ter roubado esse homem, e meu tio acreditou-o como eu o acreditara.

- Palavra, estou agradecido aos meus amigos pela boa opinião que têm a meu respeito!

- Vamos, trate de sossegar, deixe esse ar desvairado, e não fungue como um cavalo medroso... O mal não é tão grande como julga... Não lhe põem às costas um pequeno furto, uma felonia vulgar, não: esse homem é funcionário do governo; ele levava, tanto em moedas como em notas, o dinheiro destinado ao soldo das tropas que estão no Norte. Também Lhe roubaram, diz-se, documentos muito importantes.

- Então, não é apenas de roubo, é de alta traição que sou acusado?

- Sim. É um crime, como sabe, que em todos os tempos foi próprio de um fidalgo. Não faltam pessoas neste país, e o senhor tem uma a um passo de si, que acha uma boa acção prejudicar, por todos os meios possíveis, o governo de Hanover.

- As minhas opiniões, em política e em moral, miss Vernon, não são de natureza tão acomodatícia.

- Começo a acreditar que o senhor é presbiteriano ou partidário de Hanover, ou o diabo. Mas, que vai fazer?

- Responder imediatamente a essa atroz calúnia... Perante quem foi essa acusação apresentada?

- Perante o velho juiz Inglewood, que mostrou bastante repugnância em aceitá-la. Convidou secretamente o meu tio, penso eu, em fazê-lo partir imediatamente para a Escócia, a fim de escapar ao mandado de captura. Mas o meu tio sente que a sua religião e as suas velhas amizades suscitam ainda as suspeitas do governo, e que se se soubesse que favorecera a sua evasão, ele seria desarmado e, o que seria a pior das desgraças para ele, apontado decerto como papista, como jacobita e como pessoa suspeita (1).

- Calculo que ele gostaria mais de trair o seu sobrinho do que perder os seus cavalos de caça.

- Diga o sobrinho, as sobrinhas, os filhos... as filhas, se as tivesse, e toda a sua geração! Não se fie nele, nem por um instante, mas parta a galope, antes que se execute a captura.

- Parto já, mas é para casa desse juiz Inglewood. Onde mora ele?

- A cerca de cinco milhas, na planície, atrás daquelas plantações... O senhor vê daqui o torreão do castelo.

- Estarei lá dentro de cinco minutos - disse eu, avançando o meu cavalo.

- E eu vou ensinar-lhe o caminho - disse ela, instigando também o seu.

- Não pense nisso, miss Vernon! Não é... desculpe a franqueza de um amigo... não é conveniente, não é decente que me acompanhe nestas circunstâncias.

- Compreendo-o, - disse Diana (um ligeiro rubor coloriu-lhe as lindas faces) -, falou muito bem.. - E após um instante de reflexão, ajuntou. - E reconheço as suas boas intenções.

- Oh, miss Vernon! Acaso poderá supor que eu seja insensível ao interesse que manifesta por mim, que eu seja um ingrato? -

exclamei, talvez com mais calor do que queria -, Esta nova prova da sua amizade é-me muito preciosa, mas não devo aceitá-la, não devo deixá-la seguir o impulso da sua generosidade. Não, por consideração a si, não o admito. Este passo será demasiado público; será comparecer quase perante um tribunal de justiça.

*(1) Nas convulsões políticas, no começo do século XVIII; apreendiam muitas vezes os cavalos dos católicos, porque os supunham sempre prontos a revoltar-se.

- E se realmente fosse comparecer perante um tribunal de justiça, julga que eu hesitaria em apresentar-me para defender um amigo? O senhor não tem ninguém que o proteja, é um estranho, e nesta região de fronteiras os juízes têm esquisitos deslizes. O meu tio não quer matar a cabeça com o seu caso,

Rashleigh está ausente e mesmo que não o estivesse, não sei que partido tomaria; seus primos são todos mais estúpidos, mais brutos uns do que os outros. Portanto, irei consigo e não desisto de o servir. Não sou daquelas belas damas a quem um livro de jurisprudência, um calão bárbaro e as enormes perucas dos homens de leis fazem morrer de pavor.

- Mas, miss Vernon...

- Sim, meu caro senhor Francis, esteja sossegado e deixe-me proceder à minha vontade.

Lisonjeado pelo interesse que tão amável criatura parecia tomar pelo meu destino, mas contrariado pelo ridículo de levar comigo, como advogado, uma jovem de dezoito anos, e seriamente inquieto com a aborrecida interpretação que se pudesse dar à sua atitude, fiz todo o possível por dissuadi-la de me acompanhar a casa do juiz Inglewood. Mas minha voluntariosa prima declarou-me peremptoriamente que todos os meus esforços eram inúteis.

Enquanto nos íamos aproximando do castelo, miss Vernon, decerto para pôr fim aos meus escrúpulos , fez-me o retrato grotesco do magistrado e do seu escrivão. Inglewood era um jacobita desbotado, isto é, um homem que, depois de ter recusado por muito tempo fidelidade ao governo, como a maior parte dos fidalgos do condado, a isso se resignara, por fim, para poder ser nomeado juiz de paz. O digno magistrado ainda tinha, por hábito, apego às opiniões que professou antes da data em que afrouxou nos seus princípios políticos, com o fim patriótico de fazer observar as leis contra os destruidores não autorizados de animais bravos, galos do mato, perdizes e lebres. Ele sente-se muito embaraçado quando o zeloso Jobson, o seu escrivão, o arrasta para processos judiciais que se relacionem com as suas antigas convicções.

Em vez de secundar aquele ardor, raras vezes deixa de corresponder com uma dupla dose de indolência e de inactividade. Esta indolência, contudo, não provém de uma verdadeira apatia; pelo contrário, para um homem que concentra todo o seu prazer em beber e comer, ele é vivo e jovial, é um velho de bom convívio; mas é o que torna a sua afectada negligência ainda mais divertida. Em semelhantes ocasiões, vê-se Joseph Jobson, o escrivão, à semelhança de uma pileca atrelada a uma pesada carroça, agitar-se, mexer-se, gritar para pôr o juiz em movimento, enquanto o peso da máquina cujas rodas gemem, estalam e mal se movem, resiste a todos os esforços do corajoso quadrúpede que não pode fazê-la avançar senão imperceptivelmente.

A pobre pileca. tem ainda outra razão de queixa: aquela máquina que, por vezes, a tanto custo, põe em movimento, roda em certas ocasiões com uma

velocidade infernal, arrastando com ela o cavalo que em vão procura detê-la, e isto quando se trata de prestar serviços a algum antigo amigo do senhor Inglewood. O senhor Jobson diz então que apresentaria queixa ao secretário de Estado do Interior, se não o retivessem o interesse e a amizade particular que tem pelo senhor Inglewood e sua família.

Quando miss Vernon terminou esta descrição grotesca, chegámos diante do castelo de Inglewood, edifício soberbo embora antigo, que denunciava a importância daquela família.

CAPÍTULO VIII

QUANDO UM CASO SE COMEÇA A COMPLICAR...

Senhor, disse o homem de leis, sem o lisonjear, tem uma bateria de cozinha tão boa e bonita, como a desejaria, sem se envergonhar,
a pessoa mais árida e orgulhosa.

BUTLER

Depois de entregarmos os nossos cavalos a um criado que envergava a libré de sir Hildebrando e de nos acharmos no pátio, entrámos na casa. Fiquei muito surpreendido, e a minha bela companheira ainda mais, de encontrar no vestíbulo Rashleigh Osbaldistone, que pareceu muito admirado de nos ver.

- Rashleigh - disse miss Vernon, sem Ihe dar tempo de nos dirigir qualquer pergunta -, conhecia o caso do senhor Francis, e veio falar ao juiz de paz?

- Sim - respondeu Rashleigh, friamente. - Foi com essa intenção que vim. Tentei - disse ele, cumprimentando-me -, prestar ao meu primo todos os serviços que dependiam de mim; mas estou contrariado por encontrá-lo aqui.

- Caro amigo e parente, senhor Osbaldistone - disse eu -, deveria antes ficar contrariado se me encontrasse em qualquer outra parte num momento em que o golpe vibrado contra a minha reputação me chama imperiosamente aqui.

- De acordo; mas, a julgar pelo que meu pai dizia, achava que uma rápida retirada para a Escócia até que o caso se acalmasse brandamente...

Respondi, com calor, que não tinha conveniências a guardar; que, longe de desejar abafar o caso, viera para desmascarar a infame calúnia, resolvido a descobrir-lhe a origem.

- O senhor Francis Osbaldistone está inocente, Rashleigh -

disse miss Vernon: - Pede que examinem a acusação que lhe fazem, e eu venho defendê-lo.

- A minha linda prima? Julguei que a minha presença, em semelhante ocasião, devia ser mais útil ao senhor Francis Osbaldistone do que a sua! Mais conveniente, pelo menos.

- Oh, sem dúvida! Mas, sabe, duas cabeças valem mais do que uma.

- Sobretudo uma cabeça como a sua, minha encantadora Die -

replicou Rashleigh, avançando e tomando-lhe a mão com uma familiaridade que me fez achá-lo cinquenta vezes mais feio do que a Natureza o fizera.

Miss Vernon puxou-o de parte, e conversaram em voz baixa: ela parecia pedir-lhe com insistência uma coisa que ele não podia ou não queria conceder. Por fim, ela deixou-o bruscamente, dizendo: - Quero-o eu.

- Não está na minha mão, é absolutamente impossível! Não acredita, senhor Osbaldistone? - disse ele, dirigindo-se a mim.

- Está doido? - exclamou ela, interrompendo-o.

- Acredita? - prosseguiu Rashleigh - Miss Vernon não só pretende que eu esteja convencido da sua inocência, e nesse ponto é essa a minha convicção mais íntima, mas também que eu conheça os verdadeiros autores do furto... se acaso esse furto foi cometido. Acha razoável senhor Osbaldistone?

- Rashleigh, para que apela para o senhor Osbaldistone? - disse a jovem. - Ele não conhece, como eu, a extensão das informações que a sua incrível sagacidade pode obter.

- Palavra, dá-me mais honras do que eu mereço.

- Justiça, Rashleigh, nada mais do que justiça, é apenas o que reclamo de si.

- Die é uma tirana, - respondeu ele com uma espécie de suspiro -, uma tirana caprichosa, e governa os seus amigos com um ceptro de ferro. Mas vou satisfazê-la mais uma vez. No entanto, não deve ficar aqui; sabe que não o deve... tem que regressar comigo.

Deixando Diana, que parecia ficar indecisa, abordou -me num ar muito amistoso e disse: - Conte com o meu zelo em servi-lo, senhor Osbaldistone; se o deixo neste momento não é senão para servi-lo com mais eficácia. Mas é preciso que o senhor empregue a sua influência sobre minha prima para a convencer a vir comigo; a sua presença aqui não pode ser útil ao senhor e decerto prejudicaria a reputação dela.

- Asseguro-lhe que estou tão persuadido disso como o senhor.

Supliquei a miss Vernon que voltasse para trás, mas foi em vão.

- Pensando bem, - replicou miss Vernon, após um instante de silêncio - não me vou embora, senão depois de o ver salvo das mãos dos Filisteus. O nosso primo Rashleigh, ouso dizê-lo, tem as suas razões particulares; mas eu e ele somos velhos conhecidos. Rashleigh, eu não me retiro... Sei - ajuntou ela, num tom mais brando -, que, se eu ficar, será mais um motivo para o primo fazer a diligência.

- Fique, pois, pequena má e obstinada - disse Rashleigh -, Sabe muito bem a quem fala.

Precipitou-se para fora do vestíbulo, e um minuto decorrido ouvimos o galope do seu cavalo.

- Louvado seja Deus! - disse Diana. - Partiu; agora, vamos procurar o juiz.

Segui-a. Subiu uma pequena escada escura, meteu por um corredor mal iluminado e entrou numa espécie de antecâmara forrada de velhos mapas, de

planos de arquitectura e de árvores genealógicas. Uma porta de dois batentes dava acesso à sala de jantar do senhor Inglewood, de onde nos vinha o estribilho de uma velha canção, repetida por uma voz que, nos seus tempos, devia adaptar-se muito bem às canções báquicas:

Quem disser "não à jovem de dezasseis anos, merece sem misericórdia uma corda por gravata".

- Oh! - pronunciou miss Vernon -, O bom juiz já jantou; não supunha que fosse tão tarde.

Com efeito, o senhor Inglewood, cujo apetite fora nesse dia aguçado por uma longa audiência, avançara a segunda refeição, porque se jantava então à uma hora, em Inglaterra.

- Fique aqui - disse Diana. - Conheço a casa e vou chamar um criado. A sua aparição súbita poderia surpreender o velhote a ponto de rebentar.

Desapareceu, deixando-me na hesitação de se devia avançar ou recuar. Era-me impossível não ouvir parte da conversa que se mantinha na sala de jantar, e sobretudo as desculpas que alegava, para não cantar, uma grossa voz cujo som não me era totalmente desconhecido.

- Não cantar, senhor? Pela Virgem, o senhor há-de cantar...

Por causa da aguardente que bebeu?... Ora, a aguardente faria cantar, até falar um gato... Vamos, uma copla alegre, ou então ponha-se na rua! Julga que havia de fazer-me perder um tempo precioso a recolher as suas malditas declarações, para depois me dizer que não pode cantar!

- Vossa Senhoria lavrou uma excelente sentença - disse uma outra voz, que, pelo seu tom claro e altissonante, devia atribuir-se ao escrivão. - E o culpado vai conformar-se com o julgamento.

- Que se conforme - disse o juiz -, senão, por São Cristóvão, faço-o engolir a minha noz de coco cheia de água salgada, conforme os articulados feitos ou a fazer em semelhante matéria.

Esta ameaça produziu um efeito rápido sobre o meu antigo companheiro de viagem, porque não podia duvidar por mais tempo de que fosse ele o culpado em questão, e, numa voz semelhante à de um criminoso que canta o seu último salmo, entoou esta triste melopeia:

Boa gente, queira escutar, Minha história é melancólica, É um ladrão que tudo afronta E que, sobre o viajante que assalta, Exerce, dia e noite, o seu poder

tirânico.

Esse patife, digno da forca, espada à cinta e pistolão, pela margem, de Kensington a Brendfort, detinha seis caminhantes, e até mais.

Bebiam um quartilho de vinho, quando o audaz bandido: Cães, - dizia ele - bolsa ou vida!

Cada um dava o que tinha e a farsa acabava assim.

Não sei se as pessoas honestas, cuja desgraça foi contada nesta patética canção, ficaram tão apavoradas com a aparição do terrível salteador, como o cantor com a minha; porque, farto de esperar um criado para me anunciar, e achando a minha situação de auditor um pouco embaraçosa, apresentei-me no momento em que o senhor Morris (pois tal era o seu nome, ao que parecia) começava a quarta quadra da sua plangente balada.

A nota alta pela qual a ária começava extinguiu-se num surdo murmúrio de consternação, quando se viu diante de uma pessoa que não Lhe parecia menos suspeita do que o herói da sua cantiga; e ficou de boca aberta, como se eu lhe tivesse apresentado a cabeça de Medusa.

O juiz, cujos olhos estavam fechados por influência soporífera da canção, deu um salto na cadeira, provocado pela paragem súbita, e quedou-se estupefacto à vista do novo conviva que aumentara os circunstantes durante o seu êxtase. O escrivão, que logo reconheci pelo aspecto, não estava menos perturbado, porque, sentado em frente de Morris, o terror deste tinha-o contagiado, embora não lhe conhecesse o motivo.

Rompi o silêncio do espanto que a minha brusca aparição ocasionara.

- O meu nome, senhor Inglewood, é Francis Osbaldistone; soube que um patife lhe apresentara queixa, acusando-me de cumplicidade num roubo que lhe...

- Senhor, - replicou o juiz, de mau humor -, não são assuntos de que me ocupe à mesa; há tempo para isso, e um juiz de paz janta como qualquer outro.

- Peço-lhe desculpa, se o importuno; mas trata-se da minha reputação, e visto que o seu jantar parece terminado...

- Terminado!... Não, senhor - redarguiu o magistrado.

- O homem precisa da digestão como do alimento, e declaro-lhe que os meus repastos não me fazem proveito, se não me conceder duas horas de repouso, para me abandonar a uma alegria inocente e fazer circular moderadamente a garrafa.

- Se Vossa Senhoria me permite, - disse o senhor Jobson, que, enquanto falávamos, procurara papel, pena e tinta - como é um caso de felonia, e este

senhor parece um pouco apressado, e o crime é contra pacem domini regis...

- Ao diabo domini regis! - exclamou o juiz, irritado. - Espero que não me acusem de alta traição por esta frase; mas isto é de dar com um homem em doido, incomodarem-no assim...

Não terei um momento de repouso na minha vida? Sempre mandados de captura, intimações, prisões, despachos, cauções, obrigações, reconhecimentos!... Declaro-lhe, senhor Jobson, que qualquer dia mando-o para o diabo, a si e ao juízo de paz.

- Vossa Senhoria tenha em atenção a dignidade do seu cargo, um do Quorum e um do Custos Rotulorum (1), cargo do qual sir Edward Coke dizia, sabiamente, que toda a cristandade não teria semelhante se fosse dignamente desempenhado.

- Pois bem! - disse o juiz, já quase apaziguado por aquele elogio à dignidade das suas funções e acabando de fazer cessar o seu descontentamento, engolindo mais um copázio. - Metamos mãos à obra, e despachemos o mais depressa possível... Venha para ali, senhor... Morris; cavaleiro da triste figura, é o senhor Francis Osbaldis tone, é este gentleman que o senhor acusa de autor e cúmplice do roubo?

- Eu, senhor? - respondeu Morris, que ainda não se refizera do susto. - Não acuso nada, não disse nada contra este senhor.

- Então desiste da queixa, eis tudo, e o caso está arrumado... Passe-me a garrafa. Uma pinga, senhor Osbaldistone.

*(1) Um dos juízes do quorum, isto é um dos que são investidos de certos poderes mais extensos; Custos Rotulorum, um dos guardas dos arquivos.

Mas Jobson não queria que Morris largasse a presa tão facilmente.

- Que faz, senhor Morris? - disse ele -, Eis a sua declaração; a tinta ainda não está seca, e o senhor retrata-se de uma maneira tão escandalosa!

- Posso eu lá saber - murmurou o outro, em voz trémula -, quantos salteadores estavam com ele na casa?.. Li tantas aventuras semelhantes na Vida dos ladrões célebres de Johnson!

Mas, com a breca, a porta abre-se!

- Ah! - exclamou o juiz, levantando-se com presteza -, Ah! Ah! Die Vernon, a flor de Cheviot, a rosa da fronteira, vem ver como o velho celibatário governa a sua casa? Seja benvinda, minha filha, como as flores no mês de Maio.

- Sim, uma casa bem governada!... Aberta a toda a gente, é certo, mas sem uma alma que atenda quem chega.

- Ah, os patifes! Julgaram não ter mais patrão durante um par de horas...

Mas, porque não veio mais cedo? Seu primo Rashleigh jantou aqui e fugiu à primeira garrafa... Mas a menina ainda não jantou: vai-se-lhe servir qualquer coisa de bom, de delicado, de gentil, de mimoso como a convidada. Fica pronto num instante.

- Tomaria de boa vontade qualquer coisa, porque cavalguei muito esta manhã... Mas não posso demorar-me muito, senhor Inglewood. Vim com o meu primo Frank Osbaldistone, e tenho que me retirar com ele para lhe indicar o caminho, de contrário, perder-se-ia nos bosques.

- Hum? É desse lado que vem o vento? - redarguiu o juiz: - Ela ensina-lhe o caminho Para bem fazer a corte ao sexo feminino. Então, não há nada para o velho rapaz, minha linda flor do deserto?

- Não, nada, senhor Inglewood, mas se quiser ser um juiz bom e amável, arrumar o caso do jovem Frank e deixar-nos partir em seguida, trago meu tio a jantar consigo, na próxima semana, e contamos com muitas guloseimas.

- E não faltarão, minha pérola... Diabo! Se alguma vez invejo aos seus primos as cavalgadas e a agilidade, é quando me vem visitar. Mas, não a posso reter, creio eu... Estou satisfeito com as explicações do senhor Francis Osbaldistone; há qualquer equívoco, e teremos tempo de o esclarecer mais tarde.

- Perdão, senhor - repliquei eu -, mas ainda não conheço a natureza da acusação formulada contra mim.

- Sim, senhor - disse o escrivão -, é Dalton que o diz: "aquele que é detido por felonia não poderá ser solto ou posto sob a vigilância de terceiro, mas prestará caução, ou será conduzido à cadeia, pagando ao escrivão do juiz de paz os honorários do costume pelo auto de caucionamento ou mandado de captura".

O juiz, assim espicaçado, deu-me, enfim, algumas explicações.

Os gracejos que eu fizera para troçar do meu companheiro de viagem Morris, tinham, ao que parecia, produzido uma forte impressão no seu espírito, pois os citava no seu depoimento contra mim, com todo o exagero que pode sugerir a imaginação exaltada de um poltrão. Parecia também que, no dia em que me deixou, foi atacado num local solitário por dois homens mascarados, bem encavalgados, bem armados, que o desembaraçaram da sua querida companheira de viagem: a mala da roupa.

Um deles, dizia o queixoso, tinha muito o meu aspecto e a minha estatura, e ouviu um tratá-lo pelo nome de Osbaldistone.

O depoimento continha, além disso, que no que se referia aos princípios da família com este apelido, o sobredito depoente sabia, de ciência certa, que eles eram pouco estimáveis, porque todos os membros désta família tinham sido papistas e jacobitas, como lhe dera a entender um ministro não conformista, em

casa de quem se detivera após a sua infelicidade... e isto, desde Guilherme o Conquistador.

Perante todas estas razões, acusava-me de cumplicidade no roubo cometido à sua pessoa. O sobredito queixoso viajava então em missão especial do governo, incumbido de despachos importantes, bem como de uma grande quantia em dinheiro, que devia entregar, conforme as suas instruções, a certas pessoas que ocupavam lugares proeminentes e de confiança na Escócia.

Depois de ter escutado esta singular acusação, respondi que as circunstâncias em que ele se baseava não podiam autorizar um juiz de paz, nem nenhum magistrado, a atentar contra a minha liberdade individual. Confessei que me divertira com os terrores do senhor Morris enquanto viajámos juntos, mas não ao ponto de provocar receios reais num homem menos desconfiado e menos poltrão. Ajuntei que não tornara a ver aquele viajante depois da nossa separação, e que se ele fora realmente roubado, eu não fora visto nem achado nesse acto tão indigno do meu carácter e da minha posição no Mundo. Que um dos ladrões se chamasse Osbaldistone, que um nome semelhante fosse pronunciado por um deles, era uma circunstância que não tinha peso algum. Quanto ao ódio contra o governo de que me acusavam, estava pronto a provar, para satisfação do juiz, do escrivão e do próprio queixoso, que professava as opiniões do ministro não conformista; que fora educado em leal obediência aos princípios da revolução, e que eu, como tal, reclamava a protecção das leis, protecção que esse grande acontecimento assegurava a todos.

O juiz agitou-se na sua cadeira, tomou uma pitada de rapé e parecia muito embaraçado, enquanto o senhor procurador Jobson, com toda a volubilidade do seu mister, lia a ordenação do ano quarto de Eduardo III, que autoriza os juízes de paz a deter todas as pessoas suspeitas e a metê-las na prisão.

Respondi aos seus argumentos e à sua gíria com indignação e desprezo, e acabei por dizer que poderia, se fosse necessário, dar os meus parentes por caução, e que o magistrado não podia recusar o meu pedido sem cometer um excesso de poder.

- Perdão, meu caro senhor, perdão, - disse o teimoso escrivão -, este é um caso em que não se pode receber caução; aquele que é detido como suspeito de traição não pode recobrar a liberdade sob fiança, porque o decreto do ano terceiro do reinado de Eduardo III contém uma excepção expressa, aplicável àqueles que estão investidos de um comando.

E deu a entender que Sua Senhoria faria bem em se lembrar de que os indivíduos acusados deste crime não podiam ser soltos sem ordem, nem sem uma ordem geral.

Neste momento entrou um criado e entregou uma carta ao senhor Jobson. Mal acabou de a percorrer, exclamou, no ar de pessoa contrariada pela interrupção, e que sente a importância da acumulação das suas funções: - Meu Deus! Meu Deus! Não posso ocupar-me de tantos negócios públicos e de tantos negócios particulares! Nem um instante de repouso. Bem desejaria que algum confrade viesse estabelecer-se nesta região.

- Deus nos livre! - disse o juiz a meia voz. - Um só. já sobeja.

- É um caso de vida ou de morte, se Vossa Senhoria quer saber. O velho Gaffer Rutledge de Grime Hill está para deixar este Mundo; enviou um recado ao doutor Killdown e outro a mim, para ir tratar das suas disposições.

- Vá, então, - disse o senhor Inglewood -, parta imediatamente; é um caso que não se pode adiar e o defunto não tomará o doutor por caução.

- Se a minha presença aqui fosse necessária, - disse Jobson, detendo-se cuando ia a sair -, eu poderia passar o mandado de captura, e o oficial de polícia está lá em baixo... - E ajuntou em voz baixa: - O senhor ouviu que a opinião do senhor Rashleigh...

Não pude apanhar o resto da frase.

O juiz respondeu em voz alta: - Já lhe disse que não: nada farei até ao seu regresso.

São só quatro milhas de caminho. Passe-me a garrafa, senhor Morris; acabamo-la, senhor Osbaldistone?... E, minha rosa do deserto, um copo de Bordéus para refrescar as flores das suas faces...

Diana saiu de súbito das cogitações em que mergu lhara durante toda aquela discussão.

- Não, senhor Inglewood, receio fazer passar esta flor das minhas faces para outro sítio do rosto, onde se mostraria com menos vantagem, mas vou aceder com uma bebida menos capitosa.

E, enchendo um copo de água, bebeu-o rapidamente, tentando fazer passar por jovialidade a sua agitação e a sua turbação.

Entretanto, não havia meio de decidir o juiz a ocupar-se do caso na ausência do escrivão, incidente que parecia causar-lhe tanto prazer como um dia feriado a um colegial. Fez mil esforços para inspirar alegria aos seus hóspedes, que não se mostravam dispostos.

- Pois bem, senhor Morris, não é o senhor o primeiro homem que tenha sido roubado... O desgosto nunca compensou uma perda. E, senhor Frank Osbaldistone, não é o senhor o primeiro jovem que deita a mão à gola de outro homem... Este pobre senhor Morris está bastante apavorado; restitua-lhe a mala de roupa e tudo fica arrumado.

Os olhos de Morris brilharam de alegria perante este honesto convite, e começava a protestar, gaguejando, que não queria a morte de um homem, quando repeli a insinuação do juiz como um insulto, visto que tendia a considerar-me como culpado de um crime que eu viera com a intenção expressa de esclarecer.

Nesse momento, um criado veio anunciar que um estrangeiro desejava falar a Sua Senhoria; e o indivíduo que ele designou assim entrou na sala sem a menor cerimónia.

CAPÍTULO IX

NOVA INTERVENÇão DO HOMEM ESTRANHO

Chega um dos ladrões! Mantenho-me firme.
Não ousará atacar-me tão perto de casa.
E é inútil chamar, antes que ele me aPareça.

DA Viúva

- Um estrangeiro! - repetiu o juiz. - que não seja assunto de somenos, porque eu...

Foi interrompido pela resposta do próprio estrangeiro.

- O meu caso é um tanto importante e de natureza particular - disse o senhor Campbell (pois era ele, o Escocês que eu vira em Northallerton) - e peço a Vossa Senhoria que me conceda um instante de atenção - E ajuntou, fixando os seus olhos em Morris, com singular firmeza e quase num ar ameaçador: - Julgo, senhor Morris, que me conhece bem e que não esqueceu o que se passou na nossa última entrevista na estrada. - Os dentes do senhor Morris batiam; o seu rosto alongou-se, tornou-se pálido como o linho; dava todas as mostras da maior consternação. - Tome coragem - disse Campbell -, e não bata os queixos como castanholas. Espero que possa dizer, sem grande custo, ao senhor juiz que me viu, que sabe que sou um homem honrado, desfrutando de uma certa abastança. O senhor deve passar algum tempo no meu país e, se eu puder, como o desejo, prestar-lhe-ei serviços por meu turno.

- Senhor... senhor, creio que é um homem honrado e, como diz, com alguns meios de fortuna. Sim, senhor Inglewood, - ajuntou ele, levantando a voz -, creio realmente que este cavalheiro é o que diz ser.

- E que me quer ele? - indagou o juiz, com azedume -, Um homem traz outro, como as rimas da canção A casa que Jac construiu, e não posso repousar sossegadamente.

- Paciência, senhor - respondeu Campbell. - Venho aliviá-lo de um caso que o apoquenta.

- Sim? Então, o senhor é tão benvindo como nunca Escocês algum o foi em Inglaterra. Mas, vejamos, diga-nos o que tem a dizer-nos.

- Presumo que este gentleman, - continuou o recém-chegado -, lhe disse que estava com ele uma pessoa chamada Campbell, quando teve a infelicidade de perder a sua mala?

- Nem uma só vez se pronunciou esse nome - disse o juiz.

- Ah! compreendo, compreendo - respondeu o senhor Campbell.

- O senhor Morris teve receio de comprometer um estrangeiro, envolvendo-o nas fórmulas jurídicas deste país. Mas como eu soube que o meu testemunho é necessário para justificação deste respeitável gentleman, o senhor Francis Osbaldistone, de quem se suspeita injustamente, dispenso-o dessa precaução.

Queira, pois, dizer (ajuntou ele, lançando a Morris o mesmo olhar decidido) ao senhor Inglewood se não fizemos o caminho juntos durante várias milhas, em consequência dos instantes pedidos que me fez à noite, em Northallerton, e que eu recusei, primeiro, pedido a que acedi, depois, quando o encontrei na estrada, perto de Globerry Allers; que, para o atender, renunciei ao meu projecto de ir até Bothbury e, para desgraça minha, me decidi a fazer o caminho consigo.

- É a triste verdade - disse Morris, baixando os olhos.

- E julgo que o senhor assegurará a Sua Senhoria que ninguém está mais apto do que eu a ser testemunha, pois, durante toda aquela cena, estive consigo e perto de si.

- Ninguém, sem dúvida - respondeu Morris, com um profundo suspiro.

- E por que diabo não o defendeu o senhor, - disse o juiz -, visto que, segundo o senhor Morris, não havia senão dois ladrões? Os senhores eram dois contra dois, e tanto um como outro parecem vigorosos mocetões.

- Tenho sido toda a minha vida - disse Campbell -, um homem pacífico e sossegado, pouco inclinado a discussões e batalhas.

O senhor Morris serve ou serviu, segundo me disseram, nos exércitos de Sua Majestade, poderia ter resistido, se isso Lhe convinha, visto que viajava com muito dinheiro, como o soube depois; quanto a mim, que pouca coisa tinha a defender, e que sou de índole pacífica, estava pouco disposto a exporme ao perigo.

Observei Campbell, enquanto ele pronunciava estas palavras, e não me lembro de ter visto contraste mais singular do que o que formava a expressão de audácia e de dureza das suas feições, com o tom de doçura e de sinceridade das suas palavras.

Talvez algumas suspeitas se levantassem no espírito do juiz, porquanto ele

exclamou: - Eis uma estranha história!

O Escocês pareceu adivinhar o que se passava no seu íntimo, porque mudou de tom e de maneiras e, deixando em parte de lado aquela afectação hipócrita de humildade, disse num ar mais franco e mais natural: - A bem dizer, sou daquelas pessoas que não se importam de se bater, a menos que não tenham alguma coisa a defender; e eu não estava neste caso quando encontrámos os ladrões. Mas, para que Vossa Senhoria saiba que sou um homem de boa reputação, peço-lhe que lance um olhar a este documento.

O senhor Inglewood pegou no papel e leu a meia voz: - «Certifico que o portador deste documento, Robert Campbell de... (de qualquer localidade que eu não posso pronunciar) - disse o juiz, interrompendo a leitura -, «é um homem de boa família, de costumes morigerados, que viajou em Inglaterra devido aos seus negócios particulares, etc., *etc.*

«Dado com o nosso selo no nosso castelo de Inver...

Invere... Inverara... Argylea.»

- É um certificado que eu julguei conveniente pedir ao digno senhor - (aqui levou a mão à cabeça, como para tocar no seu chapéu) - Mac Callum More.

- Quem é esse Mac Callum? - perguntou o juiz.

- É o que se chama em Inglaterra o duque de Argyle.

- Sei muito bem que o duque de Argyle é um senhor de grande distinção e um verdadeiro amigo do seu país. Estive perto dele em 1714, quando ele destituiu o duque de Marlborough do seu comando. Desejaria que houvesse muitos senhores como ele. Era então um honesto «tory», íntimo amigo de Ormond. Aderiu ao actual governo, como eu próprio o fiz, para tranquilidade e paz da nação; porque não posso acreditar que esse grande homem se tenha decidido, como o pretendem pessoas maldosas, pelo receio de perder os seus lugares e o seu regimento. O seu certificado, como diz, senhor Campbell, é muito satisfatório; e agora que tem a dizer-nos sobre o roubo?

- Será breve; é que o senhor Morris tanto poderia acusar uma criança recém-nascida, como eu, como este gentleman, o senhor Osbaldistone; pois não só posso atestar que o indivíduo que ele tomou por este senhor é mais baixo e mais gordo, como também vi o seu rosto num instante em que a sua máscara descaiu, e não tinha a menor semelhança com o senhor Osbaldistone. E julgo - ajuntou ele, voltando-se num ar natural, mas firme, para Morris -, que este senhor há-de concordar que eu estava muito mais em estado, do que ele, de reconhecer os que tomaram parte no caso, visto que só eu conservara o sangue-frio.

- Concordo, senhor, concordo absolutamente - disse Morris, recuando, quando viu Campbell aproximar a cadeira da sua -, e estou disposto - acrescentou ele, dirigindo-se ao senhor Inglewood, - a retratar-me da minha acusação no que se refere ao senhor Osbaldistone, e peço-lhe, senhor, que permita que ele vá tratar dos seus negócios e eu dos meus. Vossa Senhoria tem

provavelmente algum assunto a arrumar com o senhor Campbell e eu tenho muita pressa de partir.

- Então, ao diabo as declarações! - disse o juiz, atirando-as ao lume. - E agora está absolutamente livre, senhor Osbaldistone; e o senhor Morris está tranquilo.

- Sim. - disse Campbell, fitando Morris, que anuiu com uma careta triste à observação do juiz.

- tranquilo como o sapo debaixo da grade, quando gradam os campos; mas nada receie, senhor Morris, saímos juntos e eu escolto-o até à próxima estrada principal e aí separamo-nos. E quando nos tornarmos a ver na Escócia, será como bons amigos, a não ser que o senhor o não queira ser.

Com o ar de terror de um condenado, quando lhe vêm anunciar que o carro o espera, Morris levantou-se; mas, já de pé, pareceu hesitar.

- Já lhe disse que sossegasse - repetiu Campbell. - Mantenho a minha palavra. Quem sabe se não teremos algumas notícias da sua mala, se quiser seguir bons conselhos? Os nossos cavalos estão prontos; despeça-se do senhor Inglewood e mostre-se Inglês.

Após esta exortação, Morris disse-nos adeus e saiu sob a escolta de Campbell. Em breve o ruído dos passos dos cavalos nos anunciou que tinham deixado a casa do juiz.

A alegria que o digno magistrado experimentou, ao ver terminar tão facilmente um caso que ameaçava muitos embaraços, foi um pouco atenuada ao pensar no que o seu escrivão poderia supor daquele remate.

- Vou ter Jobson à perna por causa daqueles malditos papéis.

Não os devia ter destruído, afinal. Mas, ora, pago-lhe o que o processo lhe poderia render, e isso acalmá-lo-á. E agora, miss Diana Vernon, embora tenha dado a liberdade a todos os outros, quero passar um mandado para a entregar à guarda da tia Blakes, a minha velha governanta; vou mandar chamar o meu vizinho senhor Musgrave, as meninas Dewkins e seus primos; teremos o velho Cobs, o tocador da flauta, E viva a alegria! E enquanto esperamos, o senhor Osbaldistone e eu teremos uma garrafa que nos fará boa companhia.

- Muito obrigado, senhor juiz, - replicou miss Vernon -, mas temos que voltar para Osbaldistone Hall, onde ignoram o que foi feito de nós, a fim de aliviar meu tio das suas inquietações acerca do destino de meu primo, que ele estima como um dos seus filhos.

- Acredito-o - disse o juiz. - Quando seu filho mais velho, Archie, acabou tão tristemente naquele malfadado caso de sir John Fenwich, o velho Hildebrando pronunciava o seu nome com tanta frequência como o dos seis que lhe restavam,

e lamentava-se de nunca poder lembrar-se de qual dos seus filhos fora enforcado. Mas, escute-me, flor do campo, - disse ele, puxando-a pela mão e num tom de bom-humor -, para a outra vez deixe a justiça cumprir a sua missão, sem meter o seu lindo dedo no velho pastel bolorento, cheio de bocados de leis em francês ou em latim de cozinha. E, Diana, minha beldade, deixe os rapazes indicar os caminhos uns aos outros através das matas, para não se transviar ensinando o caminho aos outros, meu lindo fogo-fátuo.

Após esta advertência, cumprimentou Miss Vernon e fez-me também uma despedida muito amistosa.

- Pareces ser bom rapaz, Frank, e também me lembro muito bem de teu pai; foi meu camarada no colégio. Escuta, não viajes tão tarde e não armes em fanfarrão com quem encontrares na estrada real. Nem todos os súbditos do rei são obrigados a compreender o gracejo, e não se deve brincar com o que se refere a felonia. Eis também a pobre Diana Vernon, só e abandonada neste Mundo, que corre, monta a cavalo, a seu bel-prazer: tem cuidado nela, senão recupero a minha mocidade e bato-me contigo, o que no entanto me causaria bastante embaraço. E, agora, parte e deixa-me com o meu cachimbo e as minhas reflexões.

Deram-me muito prazer os sinais de bom senso e de sentimento que escapavam ao juiz no meio dos vapores do seu ócio e da sua complacência por ele próprio; assegurei-lhe que aproveitaria dos seus conselhos, e despedime do honesto magistrado e da sua hospitaleira moradia.

Estava um repasto preparado para nós na antecâmara; pouca honra lhe fizemos. Ao descer, encontrámos no pátio o criado de sir Hildebrando que encontráramos à chegada; ele disse a miss Vernon que o senhor Rashleigh lhe dera ordem de nos esperar para nos acompanhar ao castelo. Caminhámos por algum tempo em silêncio, porque, a bem dizer, meu espírito estava tão perturbado pelos acontecimentos do dia que não saberia ser o primeiro a usar da palavra. Por fim, Diana, como que forçada pelas suas próprias reflexões, exclamou: - Rashleigh é um homem incompreensível: provoca todos os sentimentos, excepto a afeição! Faz o que quer e os outros, para ele, não passam de títeres. Tem sempre um actor pronto á desempenhar os papéis que ele imagina, é um espírito dútil, fértil em expedientes, que nunca o abandona.

- Pensa, então, - disse eu, respondendo mais ao seu pensamento do que às suas palavras -, que este senhor Campbell, que se apresentou tão a propósito, e que levou o meu acusador como o falcão leva a perdiz, é um agente do senhor Rashleigh Osbaldistone?

- Tenho fortes suspeitas - replicou Diana -, e até duvido muito de que ele chegasse a este ponto, se não me sucedesse encontrar Rashleigh no pátio do juiz.

- Então, é a si que eu devo agradecer, minha bela libertadora.

- De acordo; suponha, porém, que me apresentou os agradecimentos e que eu os recebi com um gracioso sorriso, pois não me preocupa nada ouvi-los e estou disposta a escutá-los mais a bocejar do que de outra maneira. Numa palavra, senhor Frank, desejaria servi-lo e, felizmente, pude fazê-lo; em troca, peço-lhe que não me fale mais nisso. Mas, quem vem ao nosso encontro, de espora sangrenta e face púrpura de fadiga?.É o homem de leis subalterno, creio eu, o senhor Jobson, nem mais, nem menos.

Com efeito, era o senhor Jobson que vinha a toda a pressa e, como logo o vimos, de muito mau humor. Aproximou-se de nós e deteve o seu cavalo, quando íamos a passar perto dele, cumprimentando-o ao de leve.

- Assim, senhor... Assim, miss Vernon... sim, vejo o que se passou; aceitaram a caução durante a minha ausência. Só desejava saber quem redigiu o auto. Se Sua Senhoria usar muitas vezes dessa maneira de proceder, aconselho-o a procurar outro escrivão, eis tudo, porque decerto vou pedir a minha demissão.

- Imagine que ele tinha o seu actual escrivão cosido à manga, - disse Diana -, não estaria bem, senhor Jobson? Mas, diga-me, como está o fazendeiro Rutledge? Achou-o em estado de ditar, assinar e selar o seu testamento?

Aquela pergunta pareceu redobrar a cólera do homem de leis.

Fitou miss Vernon com um tal ar de despeito e de ressentimento que estive violentamente tentado a derrubá-lo da montada com o cabo do meu chicote.

- O fazendeiro Rutledge, minha senhora? - disse o escrivão, quando a sua indignação lhe permitiu articular palavra. - O fazendeiro Rutledge está tão bem como a senhora. A sua pretensa enfermidade não passa de um mito; uma brincadeira de mau gosto; se a senhora não o sabia, sabe-o agora.

- Ah, sim? - replicou miss Vernon, afectando a maior surpresa. - Tem a certeza disso, senhor Jobson?

- Sim, minha senhora - respondeu o escrivão, furioso. - E, além disso, esse labrego chamou-me gatuno, gatuno, minha senhora; disseme que ia arrancar-lhe o dinheiro, minha senhora; e eu não mereço que me censurem mais do que nenhum dos meus outros colegas, a mim, sobretudo, que sou escrivão do juízo de paz, exercendo estas funções em virtude de uma lei promulgada no trigésimo terceiro ano do reinado de Henrique VII, e de uma lei do trigésimo ano do de Guilherme... do rei Guilherme, minha senhora, de gloriosa e imperecível memória, esse príncipe imortal que nos livrou dos papistas, dos pretendentes e dos partidários dos Stuarts, miss Vernon!

- Receio - disse Diana -, que Rutledge não limitasse a sua indelicadeza às palavras: tem a certeza de que não Lhe afagou as costas?

- Bater-me, minha senhora! Não, não, nenhum homem vivo me baterá, garanto-lhe, minha senhora.

- Isso depende de como o senhor se portar, - disse eu -, pois o senhor fala a uma senhora de uma maneira tão inconveniente que, se não mudar de tom, posso dar-lhe uma lição.

- Uma lição, senhor! A mim? Sabe a quem está a falar?

- Sei - respondi eu. - O senhor intitula-se escrivão do juízo de paz; Gaffer Rutledge chamou-lhe gatuno; nem um nem outro título lhe dão o direito de ser impertinente para com uma dama.

Miss Vernon, pousando a mão no meu braço, exclamou:

- Vènha, senhor Osbaldistone, não quero que maltrate o senhor Jobson; não Lhe quero tanto bem que lhe permita ser tocado sequer com a ponta do seu chicote; viveria disso três meses, pelo menos. Aliás, já o maltratou bastante, chamando-lhe impertinente.

- Pouco me importam as suas palavras, minha senhora - disse o escrivão, em tom menos insolente. - Aliás, impertinente não é um insulto que possa servir de base a um processo; mas gatuno é uma injúria de primeira grandeza, e farei ver a Rutledge e aos que o imitarem, quanto custa perturbar a paz pública e tentar manchar-me a reputação.

- Esqueça isso, senhor Jobson, - disse miss Vernon -, pois o senhor sabe que, segundo as leis, onde não há el-rei perde; e quanto a manchar-lhe a reputação, lamento as pessoas que o façam e desejo bastante que tenha a felicidade de a perder.

- Muito bem, minha senhora; boa tarde, minha senhora; não digo mais nada. Há leis contra os papistas, e o país achar-se-ia melhor, se as executassem. E além disso - continuou Jobson -, aviso-a, Diana Vernon, papista refractária, de que o melhor é voltar para sua casa e pelo caminho mais curto, sob pena de felonia. Boa noite, minha senhora; pense que não se deve brincar com as leis.

Separámo-nos.

- Vai procurar algum meio de nos prejudicar - disse miss Vernon, vendo-o afastar-se. - Não é uma coisa cruel que pessoas bem nascidas estejam expostas aos insultos oficiais de um miserável explorador de processos, e isto porque acreditamos no que toda a gente acreditava há mais de cem anos?... Pois certamente que a nossa religião tem por ela a vantagem da antiguidade, pelo menos.

- Experimentei uma violenta tentação de quebrar a cabeça àquele patife - respondi eu.

- Teria procedido como um desvairado; e, no entanto, se a minha mão fosse

um pouco mais pesada, creio que lhe teria feito sentir o peso. Não é para me lamentar, mas há três coisas pelas quais eu mereceria piedade, se alguém julgasse, por isso, ter compaixão de mim.

- E posso perguntar-lhe quais são essas três coisas, miss Vernon?

- Promete lamentar-me sinceramente, se lhas disser?

- Evidentemente. Duvida?

- Pois bem, porque, afinal, é uma coisa encantadora inspirar uma tal compaixão, eis os três motivos de lástima: primeiro, sou rapariga e não rapaz, e encerrar-me-iam numa casa de doidos, se fizesse metade das coisas que me acodem ao espírito; ao passo que, se eu tivesse, como o senhor, a prerrogativa de proceder à minha vontade, poderia fazer-me imitar e aplaudir com entusiasmo.

- Não a posso lamentar nesse ponto, como deseja - respondi-lhe. - Essa infelicidade é tão geral que é partilhada por metade da espécie humana, e a outra metade...

- É tão bem dividida que ela tem inveja das suas prerrogativas; esquecia-me de que o senhor é parte interessada. Não, - Continuou ela, para me impedir de responder - já vejo que esse doce sorriso é o prefácio de um lindo cumprimento sobre as vantagens que usufruem os parentes e amigos de Diana Vernon de ela ter nascido uma das suas ilotas; mas poupe-me ao desgosto de pronunciá-lo, meu caro amigo, e vejamos se nos entendemos melhor sobre o segundo ponto do meu libelo de acusação contra a sorte, como diria aquele explorador de processos. Pertenço a uma seita oprimida, a uma religião proscrita, e o juiz Inglewood pode enviar-me para a casa de correcção, porque adoro Deus à maneira dos meus antepassados, e dizer-me, como o velho Pembroke à abadessa de Wilton, quando ele se apoderou do seu convento: "Vá fiar, mulher, vá fiar".

- Não é um mal sem remédio - respondi eu, em tom grave. - Consulte alguns dos nossos ministros mais instruídos, ou, antes, consulte a sua excelente razão, miss Vernon, e reconhecerá que as diferenças que separam a nossa crença daquela em que foi educada...

- Schiu! - ordenou Diana, colocando o dedo nos lábios. - Nem mais uma palavra sobre esse assunto. Abandonar a fé dos meus antepassados! Se eu fosse homem, abandonaria a minha bandeira no momento em que a fortuna se declarasse contra ela, para passar como um traidor para o lado do inimigo vitorioso?

- Presto homenagem à nobreza dos seus sentimentos, miss Vernon; quanto aos inconvenientes a que eles a expõem, dir-lhe-ei simplesmente que os ferimentos que recebemos por obedecermos à nossa consciência trazem o báLsamo com eles...

- Sim, mas não são menos cruéis e cortantes. Vejo que o senhor tem o coração muito duro e que a sorte a que posso ser reduzida, de bater o cânhamo

ou de fiar o linho, o comove tão pouco como a obrigação em que estou de usar uma coifa ou touca em vez de um chapéu com distintivo; assim, poupo-me o inútil trabalho de Lhe dizer a minha terceira razão de queixa.

- Peço-lhe, querida miss Vernon, não me retire a sua confiança!

- É, na verdade, uma infelicidade que bem merece compaixão - disse Diana, numa voz alterada e num ar sério como eu ainda não lhe tinha visto. - Sou, como já o pôde notar, de um carácter franco e sem reservas; uma rapariga confiante, que desejaria proceder abertamente e sem dissimulação com toda a gente, e o destino envolveu-me em malhas tão apertadas que mal ouso proferir uma palavra, com receio das consequências que ela poderá ter, não para mim, mas para os outros.

- É realmente uma infelicidade que eu lamento bem vivamente, miss Vernon, mas de que eu dificilmente teria suspeitado.

- Oh! senhor Osbaldistone, se soubesse, se alguém soubesse quanto me custa muitas vezes ocultar sob um rosto risonho um coração despedaçado, o senhor teria pena de mim. Faço mal, talvez, em falar-lhe da minha situação; mas o senhor tem espírito e penetração, o senhor não tardaria em fazer-me mil perguntas sobre os acontecimentos de hoje e muitas outras coisas que certamente lhe despertarão a atenção, em perguntar-me que parte teve Rashleigh na sua libertação. Eu não conseguiria responder-lhe com a habilidade e o disfarce necessários, fá-lo-ia desastradamente, e perderia a sua estima, se já ma concedeu, e perderia a minha própria.

Ia pedir-lhe já que não me faça perguntas, porque não posso responder-lhe.

Miss Vernon pronunciou estas palavras num tom tão compenetrado que elas produziram em mim a mais viva impressão.

Assegurei-lhe que ela nada tinha a recear de que a assediasse com perguntas indiscretas. Que eu era, ajuntei, demasiado sensível ao interesse que ela tomara pelos meus assuntos para abusar da ocasião que a sua bondade me proporcionara para me imiscuir nos seus, Apenas lhe suplicava, se os meus serviços Lhe pudessem ser úteis, que não hesitasse em reclamá-los.

- Agradeço-lhe - disse ela. - Muito obrigada. A sua voz não soa como o carrilhão chamado cumprimento; o senhor falou como um homem que sabe ao que se compromete. Se alguma vez, mas isso é impossível... se no entanto se apresentar ocasião, pedir-lhe-ei que se recorde dessa promessa, e, juro-lho, não me zangarei nada se a tiver esquecido; basta que as suas intenções sejam sinceras hoje. Muitas coisas podem mudar antes que eu lhe peça, se houver necessidade de o fazer, que ajude Diana Vernon como se fosse seu irmão.

- E se fosse irmão de Diana Vernon - respondi eu -, não estaria mais disposto a servi-la! E agora não sei se lhe posso perguntar se Rashleigh contribuiu de sua livre vontade para a minha libertação.

- Não a mim, mas pode perguntar-lhe a ele, e conte que lhe responderá que sim; porque, se alguma boa acção se encontrasse abandonada, como um adjectivo isolado numa frase mal construída, ele apresentar-se-ia para lhe servir de substantivo.

- Tão-pouco lhe devo perguntar se Campbell não é o próprio indivíduo que desembaraçou o senhor Morris da sua mala, e se a carta que o nosso amigo Jobson recebeu não era um ardil para o afastar do local da cena, com medo de que ele pusesse obstáculos ao feliz acontecimento da minha libertação? Não Lhe devo perguntar...

- Não me pergunte nada, porque a sua curiosidade não tem limites. Digo-lhe, de cada vez que eu tocar assim ho queixo, quer dizer que não posso satisfazer a sua curiosidade sobre o assunto que o preocupa. preciso de combinar sinais de correspondência consigo, porque o senhor vai ser o meu confidente e o meu conselheiro.

- Nada mais razoável - respondi, a rir. - Mas pode crer que a sagacidade dos meus conselhos corresponderá à extensão da sua confiança.

Assim conversando, chegámos muito bem dispostos um com o outro a Osbaldistone Hall, onde toda a família estava a meio da sua orgia da tarde.

- Sirva o jantar, para o senhor Osbaldistone e para mim, na biblioteca - ordenou miss Vernon a um criádo -, Tenho que ter pena de si - ajuntou ela, volvendo-se para mim -, e prover que não morra de fome nesta casa de brutal abundância; se não fosse assim, é provável que não lhe mostrasse o meu lugar de recolhimento. Esta biblioteca é o meu antro, o único canto do solar onde estou ao abrigo dos orangotangos meus primos. Nunca se aventuram até aqui, com receio, julgo eu, de que os in-fólios caiam e lhes quebrem o crânio, porque nunca produzirão outro efeito em suas cabeças. Siga-me, pois.

Acompanhei-a por corredores abobadados e por uma escada de caracol, até ao aposento onde ela ordenara que nos servissem o jantar.

CAPÍTULO X

CONVERSA ENTRE TRÊS PESSOAS BEM DIFERENTES

Aquele lugar deserto, que ninguém frequentava era o meu sagrado e solitário asilo, que, sob as abóbadas escuras e as estantes carregadas

continha alimentos para o espírito faminto e remédios para as enfermidades morais.

ANÓNIMO

A biblioteca de Osbaldistone Hall era um compartimento sombrio, cujas velhas estantes de carvalho vergavam ao peso dos grandes in-fólios, tão queridos do século XVII, dos quais tirámos, se nos permitem a expressão, e destilámos a substância dos nossos in-quartos e nossos in-octavos, e que os nossos filhos, ainda mais frívolos do que nós, poderão, fazendo-os passar de novo ao alambique, reduzir a minúsculas brochuras.

A colecção compunha-se, principalmente, de livros clássicos, de historiadores antigos e estrangeiros e, sobretudo, de obras de Teologia. Tudo ali se encontrava em desordem. Os padres que sucessivamente desempenharam as funções de capelão do castelo foram durante muito tempo as únicas pessoas que entravam naquele compartimento, até que Rashleigh, impelido pelo seu amor à leitura, veio perturbar as aranhas veneráveis que tinham coberto as estantes com as suas teias. Como se destinava à Igreja, seu pai achou o seu procedimento menos absurdo do que se qualquer outro dos seus filhos mostrasse a mesma inclinação, e sir Hildebrando consentiu que se fizessem na biblioteca algumas reparações, para que lá se pudesse estar. No entanto, um ar de desvastação, neste aposento, denunciava que toda a erudição que nele se encerrava não o salvara de um esquecimento completo. Os tapetes rasgados, as estantes carunchosas e as cadeiras desconjuntadas, a grade do fogão ferrugenta e raramente aquecida pelo lume do carvão ou pela chama de uma acha, tudo indicava o desprezo dos proprietários do castelo pela ciência e pelos livros que encerravam os seus tesouros.

- Este local parecer-lhe-á um tanto triste - disse Diana, vendo-me relancear um olhar em volta do compartimento em desordem. - Pois bem, para mim, é um pequeno paraíso, porque posso dizer que é meu, e não receio aqui visitas importunas.

Rashleigh era o seu proprietário comigo, quando éramos amigos.

- Já não o é? - foi a minha natural pergunta.

O seu dedo ergueu-se até o mento para significar que não podia responder a esta pergunta.

- Ainda somos aliados - continuou ela. - Mas, à semelhança de tantas potências confederadas, para nosso mútuo interesse; receio, porém, que o tratado de aliança, como tanta vez sucede, não teNha sobrevivido às disposições amistosas que o produziram. Seja pelo que for, vivemos menos juntos; e quando ele entra por esta porta, eu esquivo-me por aquela. Assim, vendo que não

podíamos ficar os dois neste aposento, por mais vasto que fosse, Rashleigh, que muitas vezes precisa de estar aqui, cedeu-me generosamente os seus direitos; e agora esforço-me por continuar sozinha os estudos em que ele me servira de guia.

- E que estudos são esses, se acaso lho posso perguntar?

- Decerto que o pode, sem recear ver o meu dedo erguer-se até ao mento; as ciências e a história são os meus estudos favoritos, mas interesso-me também por poesia e literatura.

- Os autores clássicos? Lê-os no original?

- Decerto; Rashleigh, que tem muita instrução, ensinou-me grego e latim, bem como línguas modernas. Asseguro-lhe que a minha educação foi bastante cuidada, embora eu não saiba coser um lenço, nem cortar umas mangas, nem fazer um pudim, embora, enfim, não possa, como diz a mulher do pastor, fazer nada de útil neste Mundo.

- E os seus estudos foram da escolha de Rashleigh, ou da sua, miss Vernon?

- Hem! - disse ela, hesitando em responder -, Afinal, não vale a pena levantar o dedo por tão pouca coisa. Dir-lhe-ei que, em parte, foi da sua escolha, em parte da minha. Assim, aprendendo a montar a cavalo, a dominá-lo e a selá-lo, a saltar uma barreira, a disparar uma espingarda sem pestanejar, proezas que são a unica preocupação dos meus grosseiros primos, eu tinha necessidade, após estes exercícios fatigantes, de ler com Rashleigh os autores gregos e latinos, e de me aproximar da árvore da ciência, que os senhores, os sábios, desejariam só para si, para se vingarem, julgo eu, da parte que a nossa mãe comum tomou na grande transgressão original.

- E Rashleigh encorajava as suas inclinações para o estudo?

- Sim; fez de mim sua aluna, e não pôde ensinar-me senão o que ele próprio sabia.

- Concebo muito bem o desejo de ter uma tal aluna, e não duvido de que esse desejo não deva criar consideração pelo mestre.

- Oh! Se começa a querer penetrar as intenções de Rashleigh, o meu dedo irá tocar o queixo. Não posso ser franca senão no que se relaciona comigo. Em resumo, Rashleigh desistiu em meu favor dos seus direitos sobre a biblioteca, e nunca entra aqui sem me pedir e obter licença. Assim, tomei a liberdade de pôr aqui alguns objectos que me pertencem, como pode verificar, lançando um olhar em sua volta.

- Peço-lhe perdão, mas a verdade é que nada vejo que pareça dever pertencer-lhe.

- É, suponho eu, porque não vê um pastor e uma pastora, de tapeçaria, emoldurados em ébano; ou um papagaio empalhado, ou uma caixa de costura de prata, ou um toucador com a competente caixa de vernizes de laca com que se

fazem bocados do bolo Natal; ou qualquer lavor bordado a conchinhas; ou um cãozinho com os seus filhotes. Não possuo nenhum desses tesouros. - E prosseguiu, depois de se deter um momento: - Mas eis a espada do meu antepassado sir Richard Vernon, morto em Shrewsbury e cruelmente caluniado por um patife chamado Shakspeare, que, na sua parcialidade pelos Lencastres, alterou e virou a história em seu favor; junto desta arma temível, está suspensa uma cota de malha de um Vernon ainda mais antigo, escudeiro do Príncipe Negro e cuja sorte foi bem diferente da de sir Richard, visto que um bardo o cantou, embora com muito mais boa vontade do que talento; eis o carapuço e os guisos do meu falcão Cheviot, que se lançou sobre o bico de uma garça real, em Horselymoss.

Pobre Cheviot! Não há cá em baixo, nos poleiros, um milhafre que se te possa comparar! Esta é a minha espingarda de caça; enfim, vinte outros tesouros, todos mais preciosos uns do que os outros... Mas, aqui está quem fala de si próprio.

Ao dizer estas palavras, apontou um retrato, de corpo inteiro, pintado por Van Dyck, enquadrado numa moldura de carvalho esculpido, na base do qual estavam escritas estas palavras em letra gótica: Vernon semper viret. Esperei a explicação.

- Não compreende a nossa divisa, - perguntou ela, olhando-me com surpresa -, a divisa dos Vernon, onde Como a hipocrisia de ornutos sedutores Reunimos dois sentidos numa só palavra?

Também não vê as nossas armas, duas frautas cruzadas? - ajuntou ela, mostrando-me o escudo de madeira, em volta do qual a divisa estava escrita.

- Frautas! Tomá-las-ia por apitos de tostão; mas, desculpe a minha ignorância, - acrescentei eu, vendo o rubor subir-lhe às faces -, não quis insultar as suas armas, porque nem mesmo conheço as minhas.

- O senhor! Um Osbaldistone! E ainda o confessa? Percy, Thorncliff, John,,Dick, o próprio Wilfred, seriam seus mestres. A ignorância em pessoa está um grau acima do senhor.

- Confesso-o, para minha vergonha, querida miss Vernon; os sinais hieroglíficos da arte heráldica são,para mim tão ininteligíveis como os das pirâmides do Egipto.

- Será possível? O meu próprio tio lê Gwillym, nas noites de Inverno... Não conhecer os sinais heráldicos! Em que pensava o seu pai?

- Nos sinais da aritmética, - respondi eu -, em que o mais insignificante tem mais importância a seus olhos do que todos os brasões de cavalaria. Mas, seja qual for a minha ignorância sobre este ponto, tenho suficiente gosto para admirar este magnífico retrato, no qual encontro um ar de família consigo.

Que nobreza, que dignidade na atitude! Que riqueza de colorido! Que força e que largueza nas sombras!

- É, com efeito, um belo quadro? - perguntou.

- Vi muitas obras deste pintor célebre, - repliquei - mas nenhuma me agradou tanto.

- Sou tão ignorante em pintura como o senhor em brasões - disse miss Vernon. - No entanto, tenho uma vantagem sobre o senhor, porque admirei sempre este retrato sem lhe conhecer o valor.

- E que personagem representa?

- O meu avô... Partilhou das desgraças de Carlos I, e, envergonho-me de o dizer, dos excessos de seu filho. O nosso património dissipou-se em parte com as suas prodigalidades; o meu desditoso pai perdeu o resto pela causa da realeza.

- Meu pai, creio eu, sofreu nas dissenções públicas dessa época!

- Ah! sem dúvida; perdeu tudo. E agora sua filha é uma infeliz órfã, a comer o pão dos outros, submetida aos seus caprichos e obrigada a estudar os seus gostos; e, no entanto, sinto-me mais orgulhosa de ter um tal pai do que se, com mais prudência, mas menos lealdade, ele me tivesse deixado todas as ricas e belas baronias que a família possuía outrora.

A chegada dos criados que traziam o jantar pôs termo a toda a conversa de natureza um pouco pessoal. Quando acabámos o nosso curto repasto, e foi servido o vinho, um criado informou-nos de que o senhor Rashleigh pedira que o avisassem quando terminasse o nosso jantar.

- Diga-lhe - respondeu miss Vernon - que teremos muito gosto em vê-lo, se ele quiser descer; traga uma cadeira e um copo e retire-se... O senhor tem que sair com ele, - ajuntou Diana, dirigindo-se a mim - quando ele se for embora; toda a minha liberalidade não pode ir até conceder a um jovem mais de oito horas em vinte e quatro e creio que nós já estivemos oito horas juntos, pelo menos.

Uma pancada discreta na porta, uma maneira delicada de abrir quando o convidámos a entrar, uma marcha humilde e lenta, fizeram-me ver que a educação de Rashleigh no colégio de Saint Omer se ajustava perfeitamente à ideia que eu concebera das maneiras de um padre consumado.

- Para que bater assim, com cerimónia, - disse miss Vernon - quando sabia que eu não estava só?

Estas palavras foram pronunciadas num ar de impaciência, como se tivesse pressentido que a reserva e a discrição de Rashleigh dissimulassem uma suspeita impertinente.

- A minha bela prima ensinou-me tão bem a bater a esta porta, - disse Rashleigh, sem mudar de tom, nem de maneiras - que o hábito se tornou uma segunda natureza.

- O senhor bem sabe - replicou miss Vernon - que estimo mais a sinceridade

do que a cortesia.

- A cortesia é uma amável cortesã, de nome e de profissão, - respondeu Rashleigh - e muito conveniente nos aposentos de uma dama.

- Mas Sinceridade é o autêntico cavalheiro - redarguiu miss Vernon. - Por isso a recebemos muito melhor. Mas, para terminar um debate que não pode divertir o nosso primo, sente-se, senhor Rashleigh, e dê o exemplo ao senhor Francis Osbaldistone, enchendo o seu copo. Fiz as honras do jantar para defender a reputação de Osbaldistone Hall.

Rashleigh sentou-se e encheu o seu copo, lançando olhares ora para Diana, ora para mim, com um embaraço que todos os seus esforços não podiam disfarçar inteiramente. Pareceu-me que ele queria certificar-se até que ponto teriam chegado as confidências que ela poderia ter-me feito, e eu apressei-me a entrar numa conversa com que pudesse acalmar a sua inquietação, dizendo-lhe que Diana não me confiara os seus segredos.

- Senhor Rashleigh, - disse eu - miss Vernon aconselhou-me a apresentar-lhe os meus agradecimentos pela rápida resolução

daquele ridículo caso de Morris; e, receando que o meu reconhecimento não fosse bastante sentido, quis estimulá-lo pela curiosidade, recomendando-me que me dirigisse a si para obter uma explicação mais ampla dos acontecimentos de hoje.

- Sim? - respondeu Rashleigh. - Pensei - (lançou um olhar penetrante a Diana) - que esta senhora os pudesse ela própria explicar.

E o seu olhar recaiu sobre mim, como que para adivinhar, pela expressão do meu semblante, se as confidências de Diana tinham sido tão limitadas como eu o dizia. Miss Vernon respondeu a esse olhar perscrutador com um olhar de desprezo, enquanto eu, na incerteza de se devia destruir as suas suspeitas ou ofender-me, prossegui: - Por favor, senhor Rashleigh, como apeteceu a miss Vernon deixar-me na ignorância, tenho que submeter-me; mas, peço-lhe, não me recuse as suas explicações, Com a ideia de que já recebi alguma, porque, dou-lhe a minha palavra de honra, estou tão ignorante como este quadro de tudo o que se relaciona com os acontecimentos de que fui hoje testemunha, a não ser o ter sabido por miss Vernon que o senhor desenvolveu a mais activa benevolência em meu favor.

- Miss Vernon exagerou os meus humildes esforços, - disse Rashleigh -, embora o zelo não me tivesse faltado. A verdade é que, correndo a cavalo em busca de alguém da nossa família que pudesse, comigo, servir-lhe de fiador, o meio mais eficaz, posso dizer o único, de o servir, encontrei esse Cawmel:.. ou Colvelle... Campbell, o nome pouco importa. Eu soubera por Morris que ele

estivera presente no momento do roubo, e sentime muito feliz por conseguir que ele (não sem custo, confesso-o) fosse testemunhar em seu favor, o que era, creio eu, a maneira de o tirar daquela desagradável situação.

- Então, devo-lhe uma grande obrigação por me ter arranjado uma testemunha tão favorável. Mas não vejo o motivo por que, se partilhou, como diz, da má sorte de Morris, ele se mostrou tão renitente em resolver vir depor para descobrir o verdadeiro ladrão ou para salvar um inocente.

- O senhor não conhece o carácter dos homens daquele país - disse Rashleigh. - A discrição, a prudência, a previdência são as suas principais qualidades; não se modificam senão por um patriotismo pouco inteligente, mas ardente, que forma como que o exterior das muralhas de que o Escocês se rodeia para resistir a todos os ataques dos generosos princípios da filantropia. Se triunfar deste obstáculo, encontrará ainda uma barreira a transpor: o amor da sua província, da sua aldeia, ou, antes, do seu clan. Depois desta barreira, encontrará muitas vezes outra ainda: o seu apego à família, ao seu pai, a sua mãe, a seus filhos, seus tios, suas tias, seus primos até o nono grau. É nestes limites que se concentra toda a afeição social do Escocês; e mesmo que tenha ensejo de expandir-se, nunca sai fora deles. É neste círculo que o seu coração pulsa, e cada pulsação vai enfraquecendo até ao extremo limite onde deixa de se sentir. E, o que é pior, quando derrubamos todas estas defesas avançadas, encontramos ao centro uma cidadela mais alta, mais forte e como que invencível: o amor do Escocês a si próprio.

- Tudo isso é extremamente eloquente e metafórico, Rashleigh, - disse miss Vernon, que o escutava com mal disfarçada impaciência - há somente duas objecções a fazer: primeira, isso não é verdade, e, mesmo que o fosse, isso nada se relaciona com o que nos preocupa.

- O que eu disse é verdade, encantadora Diana - respondeu Rashleigh - e, além disso, refere-se de muito perto ao nosso assunto. O que lhe disse é verdade, pois não pode negar que conheço o país e os habitantes, e o retrato foi traçado pela mais escrupulosa observação; depois, esta descrição relaciona-se directamente com o assunto, visto que ela responde à pergunta do senhor Francis Osbaldistone e lhe explica por que motivo aquele Escocês, não vendo nele nem um compatriota, nem um Campbell, nem um primo em qualquer dos inextricáveis graus da sua interminável genealogia, não esperando aliás para si nenhuma vantagem, mas, pelo contrário, a probabilidade de uma perda de tempo e de um atraso...

- E de outros inconvenientes de uma natureza talvez mais perigosa - disse miss Vernon, interrompendo-o.

- Sim, muitos outros, sem dúvida - continuou Rashleigh, sem mudar de tom. - Numa palavra, a minha descrição explica como esse homem, que não esperava qualquer vantagem pessoal, que, pelo contrário, receava alguns inconvenientes, se deixou dificilmente persuadir a ir depor em favor do senhor Osbaldistone.

- Surpreendeu-me - disse eu então - que, lançando um olhar à declaração do senhor Morris, não visse que ele tivesse dito uma única vez que Campbell estava

com ele quando foi roubado.

- Campbell disseme que obtivera dele a promessa solene de não mencionar essa circunstância - replicou Rashleigh. - E o motivo que o levou a solicitar essa promessa, pode depreendê-lo do que já lhe disse. Ele queria voltar ao seu país sem ser retido nem incomodado pelas investigações judiciais, que seria obrigado a acompanhar, se a sua presença no local do roubo fosse conhecida, enquanto estivesse deste lado da fronteira.

Mas logo que ele parta para Forth, Morris virá, aposto, dizer tudo o que sabe a seu respeito, e talvez mais do que sabe. Aliás, Campbell faz um negócio de gados muito extenso; ele tem muitas vezes ensejo de mandar grandes rebanhos para Northumberland; andaria muito mal em malquistar-se com os ladrões do nosso condado, que são os homens mais vingativos.

- Estou disposta a concordar - disse miss Vernon, num tom que parecia indicar alguma coisa mais do que simples assentimento.

- No entanto, - disse eu, voltando ao assunto -, mesmo reconhecendo os motivos que Campbell podia ter para desejar que Morris não mencionasse a sua presença no local do roubo, não vejo como pôde ter bastante influência sobre aquele homem para o obrigar a calar uma circunstância tão importante, com risco evidente de lançar o descrédito sobre a sua narrativa.

Rashleigh anuiu em que aquilo era muito extraordinário, e pareceu lamentar não ter interrogado o Escocês de uma maneira mais precisa sobre um ponto que lhe parecia muito misterioso.

- Mas, - ajuntou ele - tem a certeza de que Morris, realmente, não disse na sua declaração que Campbell o acompanhava?

- Percorria muito rapidamente, - disse eu - mas julgo que essa circunstância não estava mencionada; ou o estaria muito ligeiramente, visto ter escapado à minha atenção.

- É isso, é isso! - acudiu Rashleigh, agarrando-se ao que eu acabava de dizer. - Estou em crer, como o senhor, que essa circunstância estava mencionada, mas tão ligeiramente que lhe escapou. Aliás, Campbell terá influenciado Morris, intimidando-o. Esse poltrão, segundo me disseram, vai para a Escócia ocupar qualquer lugar, e, possuindo a coragem da terrível pomba ou do valente morcego, terá receio de arranjar um inimigo num homem como Campbell, cuja vista, apenas, lhe fazia perder o pouco bomsenso que possui. O senhor deve ter reparado que Campbell tem por vezes maneiras vivas e animadas, qualquer coisa de guerreiro no seu tom e na sua marcha.

- Confesso que fiquei impressionado com o seu ar por vezes rude e

selvagem, que parece pouco condizer com a sua pacífica profissão. Ele esteve no exército?

- Sim... Quero dizer, não. Para falar com propriedade, ele não esteve no exército; mas, creio eu, como a maioria dos seus compatriotas, exercitou-se no manejo das armas. Trazem-nas consigo, nas montanhas, desde a infância até ao túmulo. Mas, venha cá. Vejo que o senhor não é grande partidário da garrafa, e sou também, nesse aspecto, indigno do nome de Osbaldistone. Se quiser vir aos meus aposentos, faremos uma partida de cartas.

Levantámo-nos para nos despedirmos de miss Vernon, que, enquanto Rashleigh falava, parecera, por várias vezes, reprimir dificilmente o desejo de interrompê-lo. Quando íamos a abandonar a biblioteca, o fogo latente explodiu de súbito.

- Senhor Osbaldistone, - disse ela - poderá verificar, pelas suas próprias observações, o que há de justo ou de mal fundado nas insinuações de Rashleigh sobre o senhor Campbell e o senhor Morris. Mas o que ele disse da Escócia é uma infame calúnia, e aconselho-o a não Lhe dar crédito.

- Talvez me seja muito difícil obedecer-lhe, miss Vernon, - respondi eu - pois devo confessar-lhe que fui educado em ideias bem pouco favoráveis aos nossos vizinhos do Norte.

- Esqueça essa parte da sua educação, senhor, - disse ela - e permita que a filha de uma Escocesa lhe peça que respeite a pátria de sua mãe, até que as suas próprias observações lhe demonstrem se ela merece ou não a sua estima. Guarde o seu ódio e o seu desprezo para a dissimulação, para a baixeza, para a hipocrisia, em qualquer parte que as encontre; e encontrará bastantes sem deixar a Inglaterra. Adeus, senhores, desejo-lhes boa noite.

Apontou-me a porta, com o ar de uma princesa que despede o seu séquito.

iDirigimo-nos ao aposento de Rashleigh, onde um criado nos levou café e cartas. Eu resolvera não assediar mais Rashleigh com os acontecimentos desse dia. A sua atitude parecia-me envolta num mistério de uma natureza muito pouco louvável.

Começámos a jogar, e, embora o jogo oferecesse um escasso interesse, julguei notar que Rashleigh nele empregava um entusiasmo ousado e ambicioso. Depois de algumas partidas de cartas, como a música nos intervalos de um drama, interromperem o curso da nossa conversa, Rashleigh pareceu fatigado de jogar; as cartas foram postas de lado, e a cavaqueira, de que ele fez quase todas as despesas, rolou sobre coisas indiferentes.

Embora ele tivesse mais instrução do que verdadeira sabedoria, mais conhecimentos do espírito dos homens do que dos princípios de moral que os devem orientar, nunca vi pessoa que falasse com mais, ou mesmo com tanta sedução. Contudo, julguei perceber que ele se empenhava muito em tirar todo o partido possível das suas vantagens naturais: uma voz melodiosa, uma elocução fácil, expressões felizes e justas, uma imaginação ardente. Nunca elevava a voz e

não era maçador; nunca as suas próprias ideias o preocupavam até ao ponto de fatigar a paciência ou a inteligência dos que o escutavam.

Ia muito avançada a noite, quando me separei de um companheiro tão sedutor; e, regressando ao meu quarto, não foi sem certa pena que recordei o carácter de Rashleigh, tal como o conhecia antes da nossa conversa.

CAPÍTULO XI

AS PALAVRAS SERVEM PARA TUDO!

Como estão magros, meus alegres companheiros?
Por que motivo têm um ar tão triste?
Por que se mostram tão desgostosos no castelo de Bolwearie?

Velha balada escocesa

No dia seguinte era domingo, dia muito custoso de passar para os moradores de Osbaldistone Hall; porque, depois da missa da manhã, à qual toda a família assistia regularmente, não havia ninguém, exceptuando Rashleigh e miss Vernon, que não parecesse tomado pelo demónio do tédio. Sir Hildebrando distraiu-se alguns minutos a falar do embaraço em que me encontrara na véspera e felicitou-me por ter escapado à prisão de Morpethon de Hexam, como me teria felicitado por ter saltado uma barreira sem partir as costelas.

- Isso acabou em bem, rapaz; mas não sejas tão atrevido para a outra vez. A estrada do rei é livre para todos, «wighs» ou «tories».

- Palavra de honra, meu tio, que nunca tentei coarctar essa liberdade; e é uma coisa muito aborrecida que me julguem culpado de um crime que desprezo e detesto e que, além disso, me teria posto a vida em risco, segundo as leis do meu país.

- Bem, bem, rapaz, como queiras; não te pergunto nada; ninguém é obrigado a acusar-se a si próprio; diabos me levem, se não fazes bem!

Rashleigh veio em meu auxílio; mas pareceu-me que os seus argumentos tendiam mais a persuadir seu pai de simular acreditar nos meus protestos do que a pôr a claro a minha inocência.

- Na sua própria casa, meu caro senhor... e o seu próprio sobrinho... o senhor não pode continuar a ferir os seus sentimentos, recusando-se a acreditar no que

ele tem tanto interesse em afirmar. Decerto que o senhor merece toda a sua confiança, e se o senhor pudesse prestar-lhe alguns serviços neste estranho caso, tenho a certeza de que ele poderia contar com a sua bondade. Mas meu primo Frank foi considerado inocente, e ninguém tem o direito de supor que não o esteja.

Por minha parte, não tenho a menor dúvida sobre a sua inocência, e a honra da nossa família parece-me exigir que o defendamos com as nossas línguas e com as nossas espadas contra tudo e contra todos.

- Rashleigh, - disselhe seu pai, olhando-o fixamente - tu és um manhoso... és mesmo demasiado manhoso para mim e para muitas pessoas. Toma cuidado, os teus ardis não te tragam desgraça. Duas cabeças no mesmo chapéu não estão de harmonia com os princípios do nosso brasão... E, a propósito de brasão, vou ler Gwillym.

Deu a conhecer esta resolução com um bocejo tão irresistível como o da deusa da Dunciade (1). Este bocejo foi repetido pelos seus gigantescos filhos, que se dispersaram para procurarem passatempos, consoante os seus gostos. Miss Vernon retirou-se para a biblioteca.

Rashleigh e eu ficámos sós na velha sala, de onde os criados retiraram os restos da nossa substancial refeição. Aproveitei o ensejo para lhe censurar a maneira como falara do meu caso a seu pai. Disselhe francamente que achava muito singular que ele aconselhasse sir Hildebrando mais a ocultar as suas suspeitas do que a afastá-las inteiramente.

- Que podia eu fazer, meu caro amigo? - respondeu Rashleigh.

- Meu pai é tão teimoso, quando se lhe mete uma coisa na cabeça (o que, prestando-lhe justiça, não sucede muitas vezes), que reconheci que valia muito mais aconselhá-lo a dissimular, do que discutir com ele. Não há proveito em discutir com um espírito como o de sir Hildebrando, que se arma contra todas as convicções e que acredita tão firmemente nas suas inspirações como nós, bons católicos, nas do nosso santo padre de Roma.

- No entanto, é-me bem custoso viver na casa de um homem, meu parente próximo, que persiste em julgar-me culpado de um roubo nos caminhos.

*(1) Poema de Pope.

- A louca opinião de meu pai, se se pode dar este epíteto à opinião de um pai, não ataca nada o fundo da sua inocência; quanto à culpabilidade do facto, pode ter a certeza de que, sob o aspecto político e moral, sir Hildebrando o encara como uma acção meritória que enfraquece o inimigo, despoja os Amalecitas; e

ele não o estimaria mais se supusesse que o senhor não tomou parte no caso.

- Senhor Rashleigh, não desejo comprar a estima de um homem com acções que me fariam perder a minha, e julgo que essas suspeitas injuriosas me fornecerão um excelente motivo para deixar Osbaldistone Hall, o que farei logo que possa corresponder-me com meu pai sobre o assunto.

Rashleigh, por muito habituado que estivesse a dominar as suas comoções, não pôde impedir que um ligeiro sorriso aflorasse ao seu rosto sinistro, ao mesmo tempo que soltava uma risada afectada.

- O senhor é feliz, Frank; vai e vem como lhe apraz, tão livre como o vento que sopra para onde quer. Com o seu gosto, o seu talento, encontrará convívio onde eles sejam melhor apreciados do que entre os habitantes estúpidos deste castelo; ao passo que eu...

Deteve-se.

- E que há na sua sorte que o possa fazer invejar a minha?

Eu sou um banido, posso dizê-lo, da casa e do coração de meu pai.

- Sim, - respondeu Rashleigh -, mas considere todas as vantagens de independência que adquirirá com um sacrifício momentâneo, pois tenho a certeza de que o termo está próximo; pense na vantagem de proceder livremente, de cultivar o seu talento na carreira que prefere, e na qual se vai distinguir.

Liberdade e fama não se pagam demasiado caro com algumas semanas de residência no Norte, mesmo quando o lugar de exílio é Osbaldistone Hall. Novo Ovídio na Trácia, o senhor não precisa de escrever a Tristia.

- Não sei como o senhor conhece tão bem os meus gostos - disse eu, corando com a modéstia de um novel escritor.

- Esteve aqui muito recentemente um enviado de seu pai, um jovem pretensioso, chamado Twineall, que me contou que o senhor sacrificava em segredo às Musas, ajuntando que alguns dos seus versos tinham sido grandemente admirados pelos melhores juizes.

Tresham, creio que não tens a censurar-te de alguma vez teres tentado alinhavar umas rimas, mas conheceste, com certeza, muitos aprendizes de Apolo. A vaidade é o seu fraco, desde aquele que decorava as melancolias de Twickenham até ao mais mísero dos escrevinhadores que ele sovava com o chicote da Duncide. Eu tinha esse defeito vulgar e, sem reflectir quão pouco provável era que esse jovem Twineall tivesse conhecimento de alguns versos que eu lera no Café de Button, e que pudesse recolher a opinião dos críticos que frequentavam esse escritório de espírito e de literatura, mordi logo o anzol.

Rashleigh percebeu-o e pediu-me que lhe mostrasse algumas das minhas

produções manuscritas.

- Há-de dar um sarau no meu quarto, - continuou ele -, pois vou perder em breve os encantos da convivência literária, em troca dos trabalhos do comércio. e das aborrecidas distracções do Mundo. Repito-o, a minha submissão aos desejos de meu pai, para vantagem da família, é um verdadeiro sacrifício, em comparação sobretudo com a calma e pacífica profissão a que a minha educação me destinava.

Eu era vaidoso, mas não insensato, e aquela hipocrisia era demasiado forte para me escapar.

- Não me queira persuadir - disse eu -, que troca com desgosto a posição de um obscuro padre católico, com todos os sacrifícios que ela impõe, pelas riquezas, a sociedade e os prazeres do Mundo.

Rashleigh viu que levava muito longe a sua moderação afectada, e, após um instante de silêncio, respondeu-me, a sorrir: - Na minha idade, ser condenado a viver, como o senhor diz, no meio da riqueza e do Mundo, não é decerto uma coisa muito alarmante. Mas, permita-me que lhe diga, o senhor amesquinhou a posição a que me destinava... Padre católico, sim; mas obscuro, não... Não senhor, Rashleigh Osbaldistone ficaria mais obscuro, mesmo elevando-se à categoria dos mais ricos negociantes de Londres, do que se se tornasse membro dessa Igreja, cujos ministros, como se diz, repousam os pés sobre a cabeça dos reis. A minha família goza de algum crédito junto de certa corte exilada, e essa corte deve possuir, e possui realmente, um grande crédito junto da de Roma. Os meus talentos não estão abaixo da educação que recebi. Sem me gabar, teria podido aspirar a um lugar elevado nessa Igreja; sem qualquer ilusão de amor-próprio, poderia mesmo pretender a mais elevada. - E ajuntou, gracejando: - Porque não havia de o cardeal Osbaldistone, de uma família nobre, dispor da fortuna dos impérios, tal como Mazarino, de nascimento obscuro, e Alberoni, filho de um jardineiro italiano?

- Decerto, não posso dizer o contrário, mas, em seu lugar, eu nunca lamentaria perder a oportunidade de uma ascensão tão precária, tão propícia a excitar a inveja.

- Também não o lamentaria, se o meu destino presente estivesse assegurado; mas depende das circunstâncias, cujo efeito só a experiência me revelará, das disposições de seu pai, por exemplo.

- Confesse a verdade do ardil, Rashleigh: O senhor desejaria que eu lhe descrevesse o carácter de meu pai?

- Visto que, a exemplo de Diana Vernon, o senhor segue a bandeira da sinceridade, responder-lhe-ei: sim.

- Fique, pois, sabendo que meu pai seguiu a carreira do comércio, mais porque ela lhe oferecia os meios de desenvolver as suas faculdades do que pelo amor do ouro que nela obtivesse. A sua riqueza acumulou-se, porque, sóbrio e moderado nos seus hábitos, não criou novas despesas. Odeia a dissimulação nos

outros, e nunca ele próprio recorre a ela; é sobremaneira hábil em descobrir a verdade sob as formas mais especiosas da linguagem: É muito severo na prática dos seus deveres religiosos; mas o senhor nada tem a recear de que ele se preocupe com os seus, porque encara a tolerância como um princípio sagrado de economia política. Mas, se o senhor tiver opiniões jacobitas, como é natural supô-lo, and bem em nunca as mostrar na sua presença, ou, ao menos, não as exprimir, senão com muita moderação, pois não as suporta. A sua palavra é uma lei para ele; e também a deve ser para todos aqueles que estão sob as suas ordens; nunca falta ao que promete, e não tolera que faltem ao que se comprometem perante ele. Para conquistar as suas boas graças, é preciso executar as suas ordens e não as aplaudir. O seu grande defeito é fazer pouco caso de tudo o que não tenha qualquer relação com o comércio.

- Eis um retrato admirável! - exclamou Rashleigh, quando eu parei de falar. - Van Dyck não passa de um borrador comparado consigo, Frank. Vejo o seu pai inteiro diante de mim, com as suas qualidades e os seus defeitos, estimando e honrando o rei como uma espécie de lorde maior e de chefe do conselho de comércio; venerando os comuns, porque eles fazem decretos que regulam o comércio de exportação, e respeitando os pares, porque o chanceler se senta sobre um fardo de lã.

- O meu retrato era parecido, Rashleigh; o seu é uma caricatura. Mas, visto que eu Lhe dei a conhecer o mapa do país, dê-me, em troca, algumas luzes sobre terras desconhecidas...

- Onde o senhor naufragou? - disse Rashleigh. - Não vale a pena. O senhor pode conhecê-las em meia hora de observação tão bem como se lhas descrevesse com régua e compasso.

- Oh! mas há alguma coisa que desperta a atenção... Que me diz de miss Vernon?

Percebi perfeitamente que Rashleigh não gostaria de responder a esta pergunta inesperada; mas a franqueza que eu lhe mostrara dava-me o direito de interrogá-lo por minha vez.

Ele sentiu-o, e viu-se forçado a seguir-me pelo terreno para onde o arrastava, por muito que lhe custasse marchar por aí a passo firme.

- Dou-me agora menos com miss Vernon do que outros tempos - declarou -, Quando era mais nova, era o seu mestre; mas quando atingiu mais idade, as minhas novas ocupações, a gravidade da profissão que devia abraçár e a natureza especial dos seus compromissos, numa vrase, a nossa mútua situação, tornavam inconveniente e melindrosa uma estreita intimidade.

Miss Vernon, creio eu, terá visto indiferença na minha reserva; eu sentime tão consternado como ela, mas foi preciso escutar a voz da prudência. Na verdade, que segurança podia haver em viver na intimidade de uma jovem bela e sensível, que deve, como sabe, entrar num convento ou desposar aquele que lhe

destinaram como noivo?

- Convento ou esposo que lhe está destinado! - repeti eu. - É uma alternativa imposta a miss Vernon?

- É - disse Rashleigh, soltando um suspiro. - É escusado, suponho eu, preveni-lo contra o perigo de criar uma amizade demasiado íntima com miss Vernon; o senhor é um homem de sociedade, sabe até que ponto pode deixar-se levar pelo encanto da sua convivência, sem perigo para si e sem faltar ao respeito que lhe deve. Mas advirto-o de que, devido ao seu temperamento ardente, é preciso velar por ela tanto como por si próprio; pois o exemplo de ontem deve fazer-lhe ver o que é a sua irreflexão e o seu esquecimento das conveniências.

Havia, sem dúvida, qualquer coisa de verdadeiro e de sensato; no entanto, à medida que falava, sentia que teria prazer em bater-me com ele. Impertinente!

- Falar com aquela insolência! - dizia eu para comigo. - Desejaria fazer-me acreditar que miss Vernon experimentara amor pelo seu rosto horrível?

Observei-me e contive-me, tão escrupulosamente quanto possível; fiz-lhe notar até que, para uma pessoa tão sensata e dotada de tantas faculdades, como miss Vernon, era uma desgraça que ela tivesse tido uma atitude leviana e estranha.

- Demasiado franca, muito afastada de qualquer reserva, pelo menos. No entanto, tem um excelente coração, afianço-lhe. A bem dizer, se ela continuar a odiar o claustro e o noivo que lhe destinam, e se os meus trabalhos comerciais me assegurarem uma boa independência, posso pensar em reatar a nossa ligação e em partilhar a minha fortuna com miss Vernon.

Com a sua bela voz e com os seus períodos bem torneados, pensei eu, este Rashleigh é o pretensioso mais feio e mais vaidoso que tenho conhecido.

- No entanto, - continuou Rashleigh, como se pensasse em voz alta -, aborrecer-me-ia suplantar Thorncliff.

- Suplantar Thorncliff! Seu irmão Thorncliff é o noivo destinado a Diana Vernon?

- É; as ordens de seu pai e certas combinações de família obrigam-na a desposar um dos filhos de sir Hildebrando.

Obteve-se em Roma uma dispensa que Lhe permite desposar...

Osbaldistone (o nome em branco), escudeiro, filho de sir Hildebrando de Osbaldistone Hall, baronete; só falta escolher o feliz mortal cujo nome preencherá o branco da dispensa. Como Percy não pensa senão em beber, meu pai designou Thorncliff, como o segundo rebento da família, para perpetuar a raça dos Osbaldistones.

- Diana - disse eu, esforçando-me por tomar um ar de gracejo que, julguei, me assentava muito mal -, talvez preferisse procurar um pouco mais baixo, na árvore da família, o ramo a que desejaria unir-se.

- Não lho sei dizer - replicou ele. - Há pouco por onde escolher na nossa família: Dick é um jogador, John um labrego e Wilfred um asno. Creio que, afinal, meu pai não podia escolher melhor para a pobre Diana.

- Exceptuadas as pessoas presentes.

- Oh! Destinado à Igreja, eu não estava no rol, de contrário, posso dizer sem presunção que servindo, pela minha educação, de mestre e guia a miss Vernon, eu teria sido um partido mais conveniente do que nenhum dos meus irmãos.

- E a jovem pensava-o assim?

- Não o deve supor - respondeu Rashleigh, com uma afectação preparada para confirmar a minha suposição. - Amizade, só amizade nos tinha unido; a terna afeição de um coração sensível pelo seu preceptor. Não houve amor entre nós. Já lho disse, fui prudente a tempo.

Sentime pouco disposto a continuar aquela conversa; e, despedindo-me de Rashleigh, retirei-me para o meu aposento, onde passeei em grande agitação, repetindo em voz alta as expressões que mais me tinham chocado.

Mas, para que atormentar-me com tudo aquilo? Diana Vernon seria a primeira mulher que amara ou desposara um homem feio?

E mesmo que ela estivesse prometida, que tinha eu com isso?...

Uma católica, uma jacobita, um granadeiro de saias... Pensar nela seria o cúmulo da loucura.

Atirando estas reflexões à chama do meu descontentamento, fiz uma fogueira oculta, que em segredo me queimava o coração, e desci para jantar, com todo o mau humor que se pode conceber.

CAPÍTULO XII

COISAS QUE ACONTECEM POR CAUSA DO VINHO

Estar ébrio, tagarelar, questionar, afectar orgulho, praguejar e agredir a própria sombra!

Otelo

Já te disse, meu caro Tresham, e não o ignoravas, que o meu principal defeito era o orgulho indomável, que me expunha a frequentes mortificações. Eu nunca dissera a mim próprio, nem mesmo muito baixinho, que amava Diana Vernon; e, contudo, eu não pude ouvir mais Rashleigh falar dela como de uma conquista que ele podia aproveitar ou abandonar como lhe aprouvesse, e logo todas as diligências que essa pobre rapariga fizera, na inocência e franqueza do seu coração, para estabelecer uma espécie de amizade entre nós, me pareceram ditadas pelo mais impertinente coquetismo. Miss Vernon queria com certeza segurar-me, para o caso do senhor Rashleigh Osbaldistone não ter dó dela! Mas eu havia de mostrar-lhe que não era homem para me deixar manobrar assim. Havia de lhe demonstrar que conhecia os seus ardis, e que os desprezava.

Não pensava então que toda aquela indignação, que não tinha direito algum de manifestar, provava que não era indiferente aos encantos de miss Vernon, e fui para a mesa muito mal disposto com ela e com todas as filhas de Eva.

Miss Vernon viu-me com surpresa responder de uma maneira muito pouco amável a alguns gracejos satíricos que ela se permitiu com a sua habitual liberdade de palavra.

Percebeu que eu estava realmente de mau humor, e respondeu assim às minhas palavras pouco graciosas: - Diz-se, senhor Frank, que se pode encontrar alguma coisa de bom mesmo ao discurso de um idiota. Ouvi, o outro dia, meu primo Wilfred recusar-se a continuar a jogar o pau com meu primo Thornie, porque meu primo Thornie se zangava e batia mais forte do que permitem as regras do jogo. "Se eu quisesse partir-te simplesmente a cabeça", dizia o honesto Wilfred, "não me importaria que estivesses encolerizado, porque isso até me daria mais facilidades. Mas não é justo que eu apanhe cacetadas nos rins, enquanto não bato senão dos lados".

Compreende a moral deste apólogo, Frank?

- Minha senhora, nunca me senti na necessidade de tentar extrair a exígua porção de bomsenso que se possa encontrar nas conversas desses senhores.

- Necessidade, e minha senhora! Assombra-me, senhor Osbaldistone!

- Tenho muita pena.

- Devo supor que esse tom sério não passa de um capricho, ou tomou-o para fazer sentir melhor o preço do seu bom humor?

- Miss Vernon tem direito às atenções de tanto gentlemen desta família, que lhe fica mal perguntar os motivos da minha estupidez e do meu mau humor.

- Quê! - disse ela. - Abandonou o meu partido para passar-se para o do inimigo?

Lançou um olhar a Rashleigh, colocado defronte dela, na outra extremidade

da mesa, e, notando nas suas feições duras uma singular expressão de interesse enquanto nos observava, ajuntou: - Graças a Deus e ao estado de abandono em que sempre me encontrei, estou habituada à paciência e não me ofendo facilmente; para não ser obrigada a questionar, deixo-o mais cedo que de costume e desejo-lhe que digira bem o seu jantar e o seu mau humor.

E retirou-se logo. Depois dela partir, senti vergonha do meu procedimento. A minha atitude parecia-me a de um homem brutal.

Procurei combater e afastar estas pungentes reflexões, fiz, mais do que habitualmente, as honras à garrafa que circulava em torno da mesa. Devido à agitação que experimentava e aos meus hábitos de temperança, o vinho produziu rapidamente em mim um poderoso efeito. O meu espírito exaltou-se, depressa se desnorteou. Eu falava sem cessar, tagarelava sobre o que não conhecia; começava histórias que não podia acabar, depois ria à gargalhada da minha falta de memória. Aceitei todas as apostas que me propunham e desafiei para a luta John, o gigante.

Meu tio teve a bondade de se interpor à execução deste desafio, que, penso eu, terminaria à custa das minhas costelas.

A maledicência contou até que eu cantara uma canção; mas como não me recordo absolutamente de nada, e como nunca tentara modelar um som, nem antes nem depois, convenço-me de que é uma calúnia gratuita. Fiz bastantes extravagâncias, sem que fosse necessário exagerar até esse ponto. Sem perder inteiramente o juízo, perdi rapidamente o domínio de mim próprio, e violentas paixões agitaram-me a tal ponto que não as pude refrear.

Fora para a mesa, triste, descontente, disposto a manter-me silencioso... o vinho tornou-me tagarela, barulhento, questionador. A moderação afectada de Rashleigh, que ele decerto sabia capaz de me irritar, ainda me exaltou mais do que os gritos e os entusiasmos dos seus bulhentos irmãos. Meu tio - devo prestar-lhe essa justiça - esforçou-se por restabelecer a calma; mas a sua autoridade nada pôde no tumulto da embriaguez e das paixões. Por fim, enfurecido por uma injúria real ou suposta de Rashleigh, dei-lhe uma bofetada.

Um estóico, totalmente senhor das suas paixões, não teria recebido semelhante ultraje com um sangue-frio mais desdenhoso. O que ele não sentiu, ou não se dignou mostrar que sentia, sentiu-o Thorncliff por ele. Sacaram-se as espadas das bainhas e trocámos alguns golpes; mas os outros irmãos separaram-nos. Nunca esquecerei o riso diabólico que contorceu o rosto de Rashleigh, quando dois daqueles jovens Titãs me levaram à força para fora da sala.

Aprisionaram-me no meu quarto, fechando a porta por fora, e ouvi-os, raivoso, rirem à gargalhada quando desciam a escada.

No meu furor, tentei despedaçar a porta, mas as trancas de ferro que eles colocaram tornaram inúteis os meus esforços.

Por fim, atirei-me para cima da cama e adormeci no meio dos mais terríveis projectos de vingança para o dia seguinte.

Mas, de manhã, chegou o arrependimento. Senti, da maneira mais viva, toda a loucura e extravagância do meu procedimento, e fui obrigado a confessar que o vinho e a paixão me tinham subjugado a razão. Estas tristes reflexões não eram suavizadas pela ideia de que precisava de pedir desculpa do meu inconveniente proceder e que miss Vernon seria testemunha da minha humilhação.

Abatido, cheio de vergonha, desci para almoçar, como um criminoso que vai ouvir pronunciar a sua sentença. Um espesso nevoeiro impedira a partida para a caça, e tive a tortura de encontrar toda a família, exceptuando Rashleigh e miss Vernon, reunida em volta de um pastelão de viado e uma perna de vaca.

Achavam-se numa alegria ruidosa, quando entrei, e adivinhei facilmente que era eu o objecto da risota. Com efeito, o que me causava tanto desgosto parecia uma excelente brincadeira a meu tio e à maioria dos meus primos.

Sir Hildebrando, gracejando comigo sobre as minhas façanhas da véspera, jurou que mais valia que um homem se alegrasse três vezes por dia do que ir deitar-se a seco, como um presbiteriano, deixando um rancho de alegres companheiros e dois quartilhos de Bordéus. E para apoiar estas palavras de consolação, encheu-me um enorme copo de aguardente, exortando-me a engoli-lo, porque «a mordedura do cão cura-se com o pêlo do mesmo cão».

- Deixa-os rir, meu sobrinho - continuou ele. - Não passariam de uns «sopas-de-leite» como tu, se não os tivesse educado entre o assado e a garrafa, como se poderia dizer.

Meus primos não tinham mau coração; viram que os seus gracejos sobre a tarde anterior me afligiam e esforçaram-se, com desajeitada benevolência, por atenuar a desagradável impressão.

Torncliff foi o único que me pareceu guardar rancor. Se era verdade, como começava a suspeitar, que o consideravam na família, ou ele se considerava a si próprio, destinado a tornar-se esposo de miss Vernon, talvez tivesse visto com olho ciumento as marcas de predilecção que ela concedia a um jovem que podia recear como um rival perigoso.

Rashleigh entrou, por fim, com o ar sorna e sombrio de um «crepe de luto», e a pensar, como eu não o duvidava no insulto indesculpável que lhe fizera. Eu já resolvera o que havia de fazer naquela ocasião. Apressei-me a ir ao seu encontro e a expressar-lhe quanto estava desgostoso da violência a que me abandonara para com ele, no dia anterior.

- Nada neste Mundo - disse eu - me poderia arrancar uma palavra de

desculpa, se eu próprio não sentisse a inconveniência do meu procedimento; espero, por isso, que aceite o testemunho do meu sincero desgosto e que queira atribuir, em grande parte, os meus erros à excessiva hospitalidade de Osbaldistone Hall.

- Há-de ser teu amigo! - bradou o velho cavalheiro num impulso do seu coração. - De contrário, diabos me levem se lhe chamo mais filho. Então, Rashleigh, por que ficas assim especado? Não falemos mais nisso e vamos todos caçar o texugo em Berkenwood Bank.

Ao entrar, Rashleigh estava sombrio como a noite; ouviu, sem mudar de expressão, as minhas desculpas e a exortação de seu pai; e não foi senão quando sir Hildebrando deixou de falar que as suas feições se iluminaram de súbito e me exprimiu, nos termos mais delicados e mais benévolos, que estava perfeitamente satisfeito com as minhas desculpas.

- Em verdade, - disse ele -, tenho uma cabeça tão fraca, que, quando bebo três copos de vinho, já não conservo, como o honesto Cassio, senão uma vaga lembrança da véspera.

Recordo-me das coisas em geral, mas confusamente... uma discussão, e nada mais. Assim, meu caro primo, - continuou ele, apertando-me amistosamente a mão -, imagine quanto estou encantado em receber as suas desculpas, cuando supunha ter de has dar eu. Não falemos mais neste assunto. Seria loucura conferir e examinar escrupulosamente uma conta, quando o balanço, que eu julgava em minha desvantagem, se encontra tão inopinadamente e tão agradavelmente em meu favor. Como vê, senhor Osbaldistone, eu falo a linguagem de Lombard Sueet e preparo-me para a minha nova profissão.

Levantando os olhos para lhe responder, encontrei os de miss Vernon, que entrara sem eu notar e escutava atentamente a conversa.

Para não deixar passar os acontecimentos da véspera sem deles tirar uma lição de moral prática, meu tio aproveitou a ocasião para nos aconselhar seriamente, a Rashleigh e a mim, a abandonar o nosso estúpido costume de sehriedade, e a habituarmos pouco a pouco as nossas cabeças a suportar a quantidade de vinho que convinha a um gentleman, sem descambar nos gritos e nas agressões. Recomendou-nos que bebêssemos uma canada de Bordéus por dia; o que, com a ajuda da cerveja e da aguardente, podia muito bem começar a nossa educação de bebedores.

Por mais prudente que fosse este conselho, e vantagens que apresentasse para o meu futuro, não o aproveitei, em parte talvez porque sempre que levantava os olhos para miss Vernon via o seu olhar fixo em mim, com uma expressão de profunda piedade misturada com desagrado. Procurava maneira de explicar e justificar o meu procedimento a seus olhos, quando ela me quis evitar o

embaraço de pedir-lhe uma entrevista.

- Primo Francis, - disse ela, dando-me o mesmo tratamento que aos outros Osbaldistones, embora de facto eu não fosse seu parente -, encontrei esta manhã um passo difícil na Divina Comédia de Dante; quer ter a bondade de passar à biblioteca para mo explicar? E quando tivermos decifrado o sentido do obscuro Florentino, reunir-nos-emos aos caçadores em Berkenwood para ver a sua habilidade em descobrir o texugo.

Apressei-me a responder que estava às suas ordens, Rashleigh ofereceu-se para nos acompanhar.

- Eu sou um pouco mais hábil - disse ele - para descobrir o sentido de Dante, através das metáforas e das elipses desse poema obscuro, do que para expulsar o pobre e inofensivo bicho da sua toca.

- Desculpe-me, senhor Rashleigh - disse miss Vernon. - O senhor toma o lugar do senhor Francis no escritório de seu pai; tem que lhe deixar aqui o cuidado da educação da sua pupila. Pediremos a sua ajuda, se for preciso. Portanto, não fique com um ar tão grave. Aliás, é uma vergonha para si nada entender de caça. Que dirá, se seu tio de Crane Alley lhe pedir para desanichar um texugo?

- É verdade, Diana, é muito verdade - disse sir Hildebrando, a suspirar. - Tenho receio de que Rashleigh fique mal se for submetido à prova. Poderia ter adquirido conhecimentos úteis como os irmãos, pois foi criado nas origens; mas as modas francesas, os livros elementares, os novos nabos e ratos (1) hanoverianos alteraram a velha Inglaterra. Anda, vem connosco Rashleigh, e trás contigo o meu chuço; tua prima não precisa de ti agora, e eu não quero que a contrariem. Que não se diga que havia apenas uma mulher em Osbaldistone Hall e que morreu por não ter podido fazer as suas vontades.

Rashleigh obedeceu ao pai, não sem dizer a Diana, em voz baixa: - Creio que será conveniente não pôr de lado a cerimónia, e bater à porta da biblioteca antes de entrar?

- Não, não, Rashleigh, - replicou miss Vernon - ponha de lado a dissimulação; é a melhor maneira de obter livre acesso junto de nós, durante as nossas deliberações clássicas.

Proferidas estas palavras, dirigiu-se para a biblioteca, e eu seguia-a com um embaraço, para me livrar do qual daria tudo neste Mundo.

Miss Vernon, sentando-se majestosamente num vasto cadeirão da biblioteca, como um juiz que se dispõe a julgar um processo importante,

*(1) Novos nabos e ratos são expressões figuradas para designar os novos convertidos políticos.

fez-me sinal para me sentar diante dela (o que fiz, como o réu no seu banco) e começou a conversa no tom da mais amarga ironia.

CAPÍTULO XIII

ABALADA PARA UM DESTINO MELHOR

Aquele era cruel, o que primeiro mergulhou No veneno a arma mortífera, mais cruel E mais digno do Inferno o que fez correr O veneno na taça hospitaleira, para instilar nas veias a morte em lugar da vida.

ANÓNIMO

- Verdadeiramente, senhor Francis Osbaldistone, - disse miss Vernon, com o ar de pessoa que se julga no direito de tomar o tom de censura irónica que ela gostava de usar -, o senhor emparelha connosco, e não esperava tanto de si. Ontem deu todas as provas para ser admitido na corporação livre de Osbaldistone Hall, e começou por uma obra-prima.

- Reconheço inteiramente os meus erros, miss Vernon, tudo o que posso dizer, para os desculpar, é que me disseram certas coisas que me perturbaram profundamente, sinto que fui impertinente e absurdo.

- O senhor não presta justiça a si próprio - disse o juiz inexorável. - O senhor conseguiu, segundo o que vi e ouvi, desenvolver numa só noite todas as brilhantes qualidades que distinguem todos os seus primos juntos, o amável e benévolo humor de Rashleigh, a temperança de Percy, o sangue-frio de Thorncliff, a destreza de John, o furor de apostas de Dickson, tudo isto reunido num só senhor Francis, e num lugar e a uma hora que fariam honra ao gosto e à sagacidade de Wilfred.

- Poupe-me, miss Vernon, - pedi eu -, e permita-me que alegue, para desculpar as loucuras a que não estou habituado, os usos desta casa e desta região. Estou bem longe de os aplaudir, mas sirvo-me da autoridade de Shakspeare para dizer que o vinho é uma criatura familiar, e que todo o homem pode deixar-se conquistar por ela uma vez.

- Sim, senhor Francis, mas Shakspeare pôs essa apologia na boca do pior homem de que traçou o retrato. Mas, não abusarei da vantagem que me dá a sua citação, aniquilando-a com a resposta de Cassio ao pérfido tentador Yago: quero apenas que saiba que há uma pessoa, pelo menos, que vê com pesar um jovem de talento e cheio de esperanças cair na lama onde mergulham todas as noites os moradores desta casa.

- Não fiz mais do que molhar o meu sapato, miss Vernon, e asseguro-lhe que lhe tomei suficiente horror para não me atascar mais do que isso.

- Se é essa a sua decisão, - respondeu ela -, acho-a assisada, mas eu estava tão perturbada com o que soube, que lhe falei antes de o interpelar sobre o que

me dizia respeito: o senhor portou-se ontem comigo, durante o jantar, como se lhe tivessem dito alguma coisa que me tivesse feito perder muito no seu conceito. Posso perguntar-lhe o que foi?

Fiquei estupefacto, aquela pergunta brusca e precisa era feita no tom de um gentleman que pede a outro explicações do seu procedimento, com urbanidade mas com firmeza.

Achava-me num grande embaraço, porque me lembrava muito bem de que as confidências de Rashleigh, verídicas que fossem, deviam inspirar-me mais compaixão por miss Vernon do que ressentimento, e mesmo que pudessem justificar inteiramente o meu proceder, teria ainda muita dificuldade em explicar o que devia ofender tão vivamente miss Diana. Ela notou a minha hesitação e continuou num tom um tanto imperioso, se bem que delicado e moderado: - Espero que o senhor Osbaldistone não duvide dos meus direitos em lhe dirigir esta pergunta, não tenho parente algum que me defenda, e é, portanto, de toda a justiça que me defenda a mim própria.

Esforcei-me desajeitadamente por atribuir o meu procedimento a uma indisposição, a cartas aflitivas que recebera de Londres. Ela deixou-me esgotar todas as minhas desculpas, e atolar-me completamente, escutando-me com um sorriso de incredulidade.

- Agora, senhor Francis, que já recitou o seu prólogo de justificações com tanta graça como se recitam todos os prólogos, quer abrir o pano e mostrar-me o que eu desejo ver?

Numa palavra, dê-me a conhecer o que Rashleigh Lhe disse de mim, porque ele é o grande maquinista e o principal motor de toda a máquina de Osbaldistone Hall.

- Mas, suponha, miss Vernon, que haja alguma coisa a dizer-lhe que mereça a quem a revela o segredo de um aliado para outro?,Porque, segundo me disse, Rashleigh ficou seu aliado, embora já não seja seu amigo.

- Abandonemos todos os subterfúgios e todos os gracejos a tal respeito, não estou nada disposta a isso.

Rashleigh não pode, não deve, não ousa ter sobre mim, Diana Vernon, senão uma linguagem que eu possa ouvir.

Que haja entre nós segredos, isso é certo, mas não é a isso que pode referir-se o que ele lhe disse, e esses segredos não me dizem respeito pessoalmente.

Eu recobrara então a minha presença de espírito, e estava prontamente decidido a evitar revelar a espécie de confidência que Rashleigh me fizera. Era uma baixeza repetir o que me tinham dito sob o aspecto de segredo. Isso não

serviria para mais nada, pensei eu, senão para afligir miss Vernon.

Repliquei, pois, com gravidade, que não tivera com o senhor Rashleigh Osbaldistone senão uma conversa frívola sobre os habitantes do castelo, e protestei que ele nada me dissera que me deixasse uma impressão desfavorável para ela. Como homem honrado não podia revelar-lhe com mais pormenores uma conversa particular.

- Esse rodeio é inútil!... Preciso de outra resposta! -

bradou ela. Suas feições estavam afogueadas, sua fronte vermelha, seus olhos lampejantes. - Peço-lhe - continuou ela - uma explicação como uma mulher caluniada tem o direito de pedir a todo o homem honrado, como uma pessoa sem mãe, sem amigos, só no mundo, sem outro guia e apoio senão ela própria, tem o direito de pedir a todos os seres mais felizes do que ela, em nome de Deus que nos enviou à terra, eles para gozar, e ela para sofrer. O senhor não ma recusará, ou arrepender-se-á dessa recusa, se há na Terra e no Céu castigos para o mal.

Fiquei surpreendido com aquela veemência, mas senti, perante um pedido tão formal, que era meu dever pôr de lado todo o escrúpulo de delicadeza, e expus-lhe, resumida mas claramente, o que Rashleigh me dissera.

Ela tornou a sentar-se e tomou um ar calmo, logo que eu comecei. E quando me detive, a fim de procurar um rodeio delicado para adoçar o que dissera, exclamou: - Continui, peço-lhe, continui: a primeira frase que se lhe oferecer é a mais simples e a melhor. Não pense no que eu possa sentir, fale como faria a uma pessoa indiferente.

Tão vivamente assediado, expus-lhe o que me dissera Rashleigh daquele antigo contrato que a obrigava a desposar um Osbaldistone e do embaraço que ela experimentava em escolher, gostaria de não dizer mais nada, mas ela descobriu que não era tudo, e adivinhou até a que se referia o resto.

- Bem! O maldoso Rashleigh devia contar-lhe essa história.

Sou como a pobre rapariga do conto de fadas, que foi entregue desde o berço ao urso negro da Noruega, mas que se lamentava principalmente de que as companheiras lhe chamassem a noiva de Bruin. Mas, à parte isto, Rashleigh não lhe disse qualquer coisa que se lhe refira pessoalmente?

- Deu-me a entender que, sem a sua repugnância em suplantar o irmão, desejaria que, depois da sua mudança de profissão, o nome de Rashleigh preenchesse o branco da dispensa, em lugar do de Thorncliff.

- Sim? - replicou Diana. - Ele tem essa condescendência? É demasiada honra para a sua humilde serva Diana Vernon... Suponho que ela ficará louca de alegria se essa substituição se der?

- A falar com franqueza, ele deu-mo a entender, foi até mais longe...

- Que disse ele? Não me oculte nada! - exclamou ela.

- Que quebrara a intimidade que existia entre si e ele, com medo de que fizesse nascer uma afeição que não Lhe seria permitido aproveitar, quando se destinava ao estado eclesiástico.

- Estou-lhe muito grata pela prudência - replicou miss Vernon, cujo semblante exprimia o maior desdém. Deteve-se um momento, e ajuntou, com a sua calma habitual: - Em tudo o que o senhor me disse não há nada que me surpreenda e que eu não esperasse, porque, excepto uma circunstância, tudo é verdade.

Mas como há venenos tão violentos que bastam algumas gotas, diz-se, para corromper uma fonte, assim há suficiente perfídia nas confidências de Rashleigh para corromper a vasilha onde se diz que a própria verdade habitou, porque Rashleigh sabe que tenho demasiadas razões de bem o conhecer para que força alguma do mundo me pudesse obrigar a unir o meu destino ao dele. Não, - prosseguiu ela, com uma espécie de estremecimento que parecia exprimir um horror involuntário -, qualquer outro destino menos esse... O imbecil, o jogador, o quisilento, o palafreneiro, preferia-os mil vezes a Rashleigh, antes o convento, a prisão, o túmulo do que qualquer deles.

Havia na sua voz uma inflexão triste e melancólica que corresponderia perfeitamente ao que havia de extraordinário e de interessante na sua situação.

Tentei exprimir os sentimentos de piedade e de admiração que me inspiravam as suas desditas e a sua coragem, mas ela interrompeu-me logo.

- Disselhe a gracejar que não gostava de cumprimentos, digo-lhe hoje a sério que não peço piedade e que desprezo as consolações. O que tive de sofrer, sofri-o, o que tenho de suportar ainda, suportá-lo-ei como puder. Nenhuma frase de comiseração pode tornar o fardo mais leve para o escravo que é forçado a transportá-lo: Não há senão um ser no Mundo que me poderia ajudar, e esse preferiu aumentar a minha desdita...

Sim, Rashleigh Osbaldistone... sim, houve tempo em que eu poderia ter aprendido a amar esse homem. Mas, Santo Deus, o desígnio que o leva a insinuar-se, a perseverança com que ele persegue esse desígnio de ano para ano, sem experimentar um só instante de remorso ou de piedade, esse projecto no qual ele procurava transformar em veneno o alimento que dava ao meu espírito, ó divina Providência, que seria de mim neste Mundo e no outro, se tivesse caído nas ciladas desse celerado?

Sentime tão chocado pela infame perfídia que estas palavras revelavam, que me levantei da cadeira, mal sabendo o que fazia. Levando a mão à minha espada, ia abandonar o aposento para procurar sobre quem descarregaria a minha justa indignação.

- Detenha-se! - bradou ela. - Por muito justa que seja a sua indignação, o senhor não conhece nem metade dos segredos desta perigosa cadeia. - Lançando em redor um olhar inquieto, ajuntou em voz baixa: - Há um sortilégio que

defende a sua vida. O senhor não o pode atacar sem pôr outras existências em perigo, sem provocar uma vasta destruição. Se não fosse isso, em algum instante de justiça ele teria sofrido o seu castigo, nem que fosse por esta fraca mão. Já lhe disse - acrescentou ela, reconduzindo-me à minha cadeira -, que não tinha necessidade de comiseração, digo-lhe agora que não preciso de vingador.

Sentei-me maquinalmente, reflectindo no que me dissera, e pensando também no que esquecera no primeiro ardor da indignação - que não tinha título algum para me constituir campeão de miss Vernon.

- Já lhe disse que Rashleigh se encontra interessado num mistério de uma natureza perigosa - pronunciou ela, com mais sangue-frio. - Por muito pérfido que ele seja, embora saiba que eu conheço as suas infâmias, não posso... não ouso romper com ele, nem defrontá-lo. Mesmo o senhor Osbaldistone precisa de ter paciência com ele, desmanchar os seus ardis pela prudência e sobretudo evitar cenas como as de ontem, que Lhe podem dar terríveis vantagens sobre o senhor! É o conselho que Lhe queria dar e para o qual desejava falar-lhe, levei as minhas confidências mais longe do que me propusera.

Assegurei-lhe que podia confiar em quem lhas escutava.

- Não o duvido - respondeu -, Há na sua fisionomia e nas suas maneiras qualquer coisa que me autoriza a confiança.

Continuemos a ser amigos. Não deve recear - ajuntou, rindo e corando um pouco, mas numa voz livre e desenvolta -, que esta amizade seja para si, como dizem os poetas, um nome especioso que oculte um outro sentimento. Penso e procedo menos como as mulheres do que como os homens, no meio dos quais fui sempre criada. Aliás, o véu da fatalidade envolveu-me desde o berço.

Ainda não soou a hora de fazer conhecer as minhas resoluções, e desejo conservar a liberdade, tanto tempo quanto me seja possível. E agora que o passo de Dante está bem explicado, peço-lhe que vá ver o que sucedeu aos caçadores de texugo, dói-me demasiado a cabeça para que possa acompanhá-lo.

Deixei a biblioteca, mas não para ir juntar-me aos caçadores. Senti que tinha necessidade de um passeio solitário para acalmar o espírito, antes de me encontrar de novo diante de Rashleigh, cujos cálculos infames me tinham sido desvendados de uma maneira tão chocante. Senti que, em me tornando a encontrar com ele, me seria muito difícil dissimular o horror que me inspirava. No entanto, precisava absolutamente de me dominar, não só por causa das misteriosas razões que Diana me apresentara, mas também porque não tinha motivo ostensivo de briga.

Resolvi, pois, imitar tanto quanto possível a dissimulação de Rashleigh,

enquanto permanecesse na família, e prometi a mim próprio, logo que ele partisse para Londres, dar a Owen uma ideia do seu carácter, para que pudesse velar pelos interesses de meu pai. A avareza ou a ambição, pensava eu, podem ter um atractivo tão grande, maior talvez, para uma alma como a de Rashleigh, como o pode ter uma condenável libertinagem. A energia do seu carácter, a sua aptidão para se enfeitar com as melhores qualidades, podiam granjear-lhe a mais completa confiança, e não se podia esperar que a boa fé ou a gratidão o impedissem de abusar dela. A tarefa era difícil, principalmente na minha posição, visto que a desconfiança que eu desejaria inspirar poderia ser atribuída ao ciúme contra aquele que devia ocupar o meu lugar no favor de meu pai. No entanto, pensei que era absolutamente preciso escrever a Owen, que, por seu lado, saberia usar convenientemente das informações que eu lhe desse sobre o carácter de Rashleigh. Escrevi, pois, essa carta e remetia ao correio na primeira ocasião.

Quando tornei a ver Rashleigh, parecíamos ambos dispostos a evitar qualquer questão. Suspeitava provavelmente de que a conversa que tivera com miss Vernon não lhe fora favorável, embora não pudesse saber que fora até ao ponto de revelar-me a infâmia que meditara contra ela. Ambos nos mantivemos reservados, falando de assuntos indiferentes. Ele permaneceu ainda alguns dias em Osbaldistone Hall, e durante esse período notei duas circunstâncias chocantes. A primeira era a facilidade quase inconcebível com que o seu espírito apreendia e coordenava os elementos da nova profissão, que estudava com entusiasmo, fazendo por vezes alarde dos seus progressos, como que para me mostrar como era leve para ele o fardo que eu me julgara incapaz de suportar. A segunda circunstância notável era que, em despeito do mal que miss Vernon dizia de Rashleigh, eles tinham entrevistas secretas e muito longas, se bem que diante de toda a gente não parecessem mais íntimos que de costume.

Quando chegou o dia da partida de Rashleigh, seu pai despediu-se dele com indiferença, seus irmãos com a alegria mal dissimulada de colegiais que vêem partir o professor e não ousam exprimir o prazer que experimentam, e eu com fria delicadeza. Quando ele se aproximou de miss Vernon e a quis cumprimentar, ela recuou com desdém, mas disselhe, ao estender-lhe a mão: - Adeus, Rashleigh, o Céu o recompense do bem que fez, e lhe perdoe o mal que quis fazer!

- Amen! minha querida prima - replicou ele, num ar contrito.

- Feliz aquele, cujas boas intenções deram fruto e cujos maus pensamentos morreram em flor!

Partiu, depois de pronunciar estas palavras.

- Perfeito hipócrita! - disseme miss Vernon, quando a porta se fechou sobre

ele. - Como aquilo que desprezamos, aquilo que mais detestamos, pode parecer-se exteriormente com aquilo que mais profundamente veneramos!

Incumbira Rashleigh de levar uma carta a meu pai, e algumas linhas também para Owen, à parte a carta de que falei e que julgara mais seguro remeter-lhe por outra via. Nestas epístolas, informei naturalmente meu pai e o meu amigo de que me encontrava numa situação em que não me podia instruir senão na arte da caça e altaneria, e esquecer no meio dos palafreneiros e moços de estrebaria os conhecimentos e as boas maneiras que adquirira. Devia ter-lhes comunicado também que desgosto e aborrecimento experimentava no meio de seres que não se ocupavam senão de caça e de passatempos ainda menos louváveis, queixar-me dos hábitos de intemperança da família com que vivia, do desgosto, do mau humor até com que sir Hildebrando via a minha sobriedade. Este último ponto teria facilmente alarmado meu pai, homem de grande temperança, e falar-lhe disso seria talvez abrir as portas da minha prisão e abreviar o meu exílio, ou pelo menos levar a uma mudança de residência.

Digo-te, meu caro Tresham, que, considerando quanto uma longa permanência em Osbaldistone Hall era desagradável para um jovem da minha idade e dos meus hábitos, pareceria natural que eu fizesse sentir a meu pai todos estes inconvenientes para conseguir deixar a casa de meu tio. Contudo, a verdade é que não disse nem uma palavra nas minhas cartas para meu pai e para Owen. Se Osbaldistone Hall fosse Atenas no seu antigo esplendor literário, habitado pelos seus sábios, pelos seus poetas e pelos seus heróis, eu não teria mostrado menos disposições de o abandonar.

Se conservaste alguma coisa do ardor da mocidade, Tresham, o meu silêncio parecer-te-á fácil de explicar. A beleza extraordinária de miss Vernon, que ela própria nem parecia conhecer, a sua situação especial e misteriosa, as desgraças a que estava exposta, a coragem com que as aguardava, as suas maneiras muito livres que não pertenciam ao seu sexo, mas de uma liberdade que provinha da sua inocência, e, ainda por cima, toda a benevolência e lisonjeira distinção que fazia em meu favor, tudo se reunia para excitar a minha curiosidade, despertar a minha imaginação e adular a minha vaidade.

Não ousava, porém, confessar a mim próprio o profundo interesse que me inspirava miss Vernon, ou o vasto lugar que ocupava nos meus pensamentos. Líamos, passeávamos, descansávamos juntos. Os estudos que interrompera a quando do rompimento com Rashleigh, retomou-os sob os auspícios de um mestre cujas vistas eram mais puras, embora o seu talento fosse mais limitado.

Além dos progressos que miss Vernon - cujo espírito apreendia com tanta facilidade tudo o que se lhe ensinava - fizera nas ciências abstractas, achei-a muito versada em conhecimentos de idiomas vivos e na literatura antiga e moderna. Se não se soubesse que os grandes talentos, por vezes, vão mais longe quando parecem menos auxi liados, a custo se conceberia a rapidez dos progressos de miss Vernon, e ainda pareciam mais extraordinários quando se comparava com a instrução que ela haurira nos livros com a sua completa ignorância do Mundo.

O perigo que corria um jovem, numa idade como a minha, em encontrar-se constantemente em intimidade com uma pessoa tão adorável, tão interessante, será facilmente compreendido por aqueles que se recordarem dos sentimentos que experimentavam na minha idade.

CAPÍTULO XIV

NOTÍCIAS QUE CHEGAM DE LONDRES

Brilha a luz vacilante de uma candeia na janela da minha dama, mas porque brilha a candeia de uma beldade, à hora da meia-noite?

Velha Balada

A vida que se levava em Osbaldistone Hall era demasiado uniforme para que valha a pena descrevê-la. Diana Vernon e eu empregávamos a maior parte do nosso dia a estudar juntos, o resto da família passava o tempo em distracções adequadas à estação e nas quais, por vezes, tomávamos parte. Meu tio fazia tudo por hábito, e habituara-se de tal forma à minha presença e à minha maneira de viver, que tinha por mim uma espécie de afeição. Eu teria certamente subido muito mais nas suas boas graças se para isso empregasse os ardis de que Rashleigh se servia, que, aproveitando o alheamento de seu pai pelos negócios, se insinuava pouco a pouco na administração dos seus bens. Mas, embora de boa vontade prestasse a meu tio o concurso da minha pena e da minha aritmética todas as vezes que ele necessitava para se corresponder com os seus vizinhos ou fazer contas com algum fazendeiro, e fosse assim um hóspede mais útil à sua família do que nenhum dos seus filhos, não queria, entretanto, encarregar-me inteiramente dos seus negócios.

Como é desagradável viver numa família e estar de mal com todos os seus membros, fiz alguns esforços para conquistar a benevolência dos meus primos, troquei o meu chapéu de cordão por um boné de jockey e fiz alguns progressos na sua estima, domei um cavalo novo de uma maneira que me fez cair mais nas suas boas graças. Uma aposta ou duas perdidas a tempo com Dickson, e um copázio bebido à saúde de Percy, colocaram-me num pé de inteira familiaridade com os jovens «squires», excepto com Thorncliff.

Já falei do afastamento que este jovem mantinha em relação à minha pessoa. Dotado de um pouco mais de bom senso do que os seus irmãos, tinha também pior carácter do que eles. Teimoso e quisilento, não andava contente com a minha permanência em Osbaldistone Hall e via com ciúme a minha intimidade com Diana Vernon, que certo pacto de família lhe prometia como esposa.

Eu deixava-o com o seu mau humor e não me ocupava dele.

Tal era a minha posição perante a família de Osbaldistone Hall, mas devo mencionar um outro habitante do castelo com quem me entretinha algumas vezes, era André Fairservice, o jardineiro que, depois de ter descoberto que eu era protestante, raramente me deixava passar sem abrir a sua tabaqueira. Esta delicadeza valeu-lhe algumas vantagens.

Primeiro, isto nada lhe custava, porque eu nunca tomava rapé, depois, fornecia-lhe um excelente pretexto para deixar repousar a sua enxada alguns minutos, pois gostava muito de interromper o seu trabalho.

Mas, sobretudo, estas curtas entrevistas davam-lhe ensejo de debitar as notícias que recolhera ou os reparos satíricos próprios da índole cáustica de um habitante do Norte.

- Participo-lhe, senhor, que estive em Trinlay Knowe - disse ele uma tarde, no ar de quem anuncia uma novidade.

- Bem, André, presumo que soube alguma novidade na taberna.

- Nunca vou à taberna, senhor... Isto é, a não ser que um vizinho me ofereça um quartilho de cerveja ou de outra qualquer coisa parecida, porque, ir lá à minha custa, seria perder um tempo precioso e um dinheiro ganho duramente.

Estive, pois, em Trinlay Knowe, como lhe dizia, por causa de um pequeno negócio pessoal com Mattie Simpson, que precisa de uma medida ou duas de pêras, e ele terá bastantes no castelo.

Quando íamos fechar o negócio, chegou Fate Macready, o mercador viajante.

- O bufarinheiro, quer o senhor dizer?

- Como Vossa Senhoria Lhe quiser chamar. Nem por isso é um mister menos honroso e lucrativo, e tem-se exercido muitas vezes na minha família. Pate ainda é meu primo, e ficámos muito contentes por nos termos encontrado.

- E despejaram juntos uma caneca de cerveja, presumo eu? Por Deus, abrevie.

- Paciência, tenha paciência, os senhores do Sul são sempre apressados. Há nisto qualquer coisa que se relaciona com o senhor, mas dê-me tempo para lho contar. Uma caneca de cerveja, dizia o senhor? Pate ofereceu-se para me pagar uma, mas Mattie deu-nos uma tijela de leite e um dos seus grandes pães de

aveia...

- Por favor, dê-me as novidades, se tem alguma, porque não posso ficar toda a tarde aqui.

- Então, visto que o senhor o deseja, há sarilhos em Londres, estão todos fulos, com o que se passou aqui.

- Mas, a que é que se quer referir?

- Eh! - disse André, num ár misterioso. - A mala daquele homem?

- Qual mala? E em que é que isso se me refere?

- A mala de roupa daquele senhor Morris, que ele pretende ter perdido aí. Se isso não toca a Vossa Senhoria, a mim ainda muito menos, e eu não quero perder esta bela tarde.

E como se fosse tomado de um violento acesso de actividade, André recomeçou a trabalhar.

A minha atenção foi alarmada, como o manhoso previra, e, não querendo fazer-lhe perguntas directas que pudessem trair o interesse que tinha pelo caso, esperei que a sua índole comunicativa o fizesse voltar à sua história. Mas ele continuou a trabalhar com ardor, falando de vez em quando, sem dizer nem uma palavra sobre as novidades de Macready.

- Estou a semear espargos e em seguida hei-de semear feijões, não faltarão legumes no castelo para guarnecer uma saladazinha... Mas, julgo que são horas de recolher, está a sineta a tocar.

E logo, apoiando as duas mãos na enxada, enterrou-a no solo.

Olhando-me então com o ar de superioridade de um homem que sabe importantes notícias e que pode calá-las ou dizê-las a seu bel-prazer, baixou as mangas da camisa e foi lentamente buscar o casaco que dobrara e colocara com cuidado num banco.

- Pois bem, André - disse eu - quais são então essas notícias de Londres que lhe contou o seu primo mercador viajante?

- O bufarinheiro, quer o senhor dizer? - replicou André. - Mas chame-lhe como quiser, são muito úteis numa região onde as cidades são tão raras como no condado de Northumberland. Na Escócia é muito diferente, o condado de Tife, por exemplo, é como uma grande cidade, tanto os seus burgos reais se encostam uns aos outros, como pérolas de um colar, com as suas grandes ruas, as suas casas de pedra e cal, as suas escadarias exteriores... Kirkcaldy, que é a capital, é a maior cidade de Inglaterra.

- Tudo isso é sem dúvida belo e soberbo, mas o senhor falava ainda agora das novidades de Londres?

- Sim, - respondeu André -, mas julgava que Vossa Senhoria não tinha interesse em conhecê-las. Contudo, Pate Macready pretende que estão fulos em Londres, no Parlamento, por causa do roubo feito ao tal Morris.

- No Parlamento, André! E como o souberam eles?

- Foi justamente o que eu perguntei a Pate. "Pate, disselhe eu, os lordes e os gentlemen de Londres têm alguma coisa com essa mala?" Quando tínhamos um Parlamento na Escócia (malditos sejam aqueles que no-lo tiraram!), estavam tranquilamente sentados a fazer as leis para o reino, sem meterem o nariz nos casos que são da competência dos juízes vulgares. Mas creio que se uma vendedora de couves arrancasse a touca à sua vizinha, eles levavam-na perante o Parlamento de Londres. São tão razoáveis como nosso velho amo, seus filhos. com os seus batedores, os seus cães e todos os apetrechos de caça, a correr todo o dia atrás de um pobre animal que não pesará mais de seis libras quando o apanharem.

- Raciocina muito bem, André - disse eu, para o encorajar a prosseguir. - E que respondeu Pate?

- Que se pode esperar destes Ingleses?... Mas, voltando a esse roubo, eles zangaram-se como quando estão nas suas discussões de wighs e tories, insultaram-se uns aos outros como carroceiros... Um tagarela levantou-se e disse que o Norte de Inglaterra estava cheio de jacobitas (e realmente não se enganava), que quase tinham levantado o seu estandarte, que um mensageiro do rei fora detido e roubado na estrada, que as melhores famílias de Northumberland estavam comprometidas, que lhe roubaram ouro e papéis importantes, que as leis não proporcionavam remédio suficiente: porque o roubado, tendo apresentado queixa ao juiz de paz mais próximo, encontrara os dois ladrões a beber com ele, que o obrigaram a retirar a sua queixa, e que o honrado homem que despojaram do seu dinheiro fora obrigado a deixar a região, com medo de que lhe fizessem alguma má partida.

- Tudo isso é verdade, André?

- Pate jura que é tão verdade como o seu côvado ser a medida justa (e ela é-o, realmente, salvo pelo menos uma polegada pela medida inglesa). E quando esse tagarela falou, pediram-lhe os nomes em altos gritos, e ele citou Morris, seu tio, o senhor Inglewood e outros ainda - ajuntou, fitando-me num ar significativo. - Então, levantou-se outro do partido oposto e perguntou se se acusavam os melhores fidalgos pelo depoimento de um poltrão, porque esse Morris fora expulso do regimento por ter fugido na Flandres, que era de presumir que tudo fora concertado entre o ministro e ele, antes da sua partida de Londres, e que, se se ordenasse um inquérito, bem se poderia encontrar o dinheiro perto do palácio de Saint James. Então, chamaram Morris à barra, como eles dizem, para ver o que ele diria sobre o caso. Mas os que estavam contra ele fizeram tanto barulho sobre a sua deserção e sobre todo o mal que pudera ter feito até ali, que Pate afiança que ele tinha mais o aspecto de um morto que de um vivo e que foi impossível arrancar-lhe uma palavra sensata, tão aterrado estava. Parece que a sua cabeça não vale mais do que um nabo gelado. Eles teriam que gritar muito tempo antes de conseguir que André Fairservice falasse.

- E como acabou isso, André? O seu amigo sabe-o?

- Sabe-o, decerto. Ele adiou a sua partida por oito dias, a fim de trazer as novidades. Tudo aquilo se tornou claro como água. O que primeiro falara, recuou e disse que, embora acreditasse que o homem fora roubado, reconhecia que se podia ter enganado sobre as circunstâncias. Então, o seu adversário levantou-se e disse que pouco se importava que Morris fosse roubado ou não, contanto que não se atacasse a reputação e a honra dos fidalgos do Norte de Inglaterra, porque (continuou ele) "eu próprio venho do Norte de Inglaterra e importo-me tanto como nada que eles o saibam." Eles chamam a isto explicar: um cede um bocado, outro, outro, e ei-los mais amigos do que nunca. Depois dos comuns terem voltado e tornado a voltar a falar até se cansarem, os lordes também quiseram meter o nariz no caso. No nosso pobre Parlamento da Escócia sentavam-se todos juntos e não precisavam de se ocupar duas vezes da mesma coisa, mas, ali, os lordes começaram tudo de novo, como se ainda não se tivesse dito coisa alguma. Falou-se de um Campbell que se misturara mais ou menos neste caso, e que mostrara, para sua justificação, um certificado do duque de Argyle. Isto encolerizou Mac Callum More, e com razão, levantou-se vivamente e, lançando-lhes um olhar furioso, disselhes que não havia um Campbell que não fosse sensato, bravo e honesto como o velho sir John Graeme. Agora, se Vossa Senhoria não tem qualquer laço de família com os Campbell, como eu não tenho nenhum, dir-lhe-ei a minha opinião a esse respeito.

- Asseguro-lhe que não sou parente de nenhum fidalgo desse nome.

- Então, podemos falar à vontade. Entre estes Campbell há bom e mau, como por toda a parte. Mas Mac Callum More tem muita influência entre eles, porque não é precisamente nem de um nem de outro partido, e nem um nem outro querem estar em guerra com ele. Considerou-se, pois, falsa e caluniosa a queixa de Morris, que, se não se retratasse, podia ter ido tomar ar ao pelourinho, por ter feito um depoimento falso.

Ditas estas palavras, o honesto André reuniu as suas enxadas e os seus ancinhos e lançou-os num carrinho de mão, sem pressas. Julguei que valia mais contar-lhe tudo imediatamente, com medo que ele atribuisse o meu silêncio a motivos muito graves.

- Gostaria de falar ao seu patrício, André, e ouvir dele próprio essas novidades. O senhor sabe decerto que esse imbecil do Morris me causou algum incómodo (aqui André teve um risinho significativo), e gostava de encontrar-me com o seu primo negociante para Lhe fazer algumas perguntas sobre o que ouviu em Londres, se isso não o maçar muito.

- Nada mais fácil - respondeu André. - Basta-me dizer a meu primo que o senhor precisa de alguns pares de meias, e ele virá ter comigo, tão depressa quanto as pernas o possam trazer.

- Sim, diga-lhe que lhe farei umas compras, como a noite está bonita, passeio no jardim até ele chegar, a Lua não tarda em nascer. Traga-o pela pequena porta das traseiras, vou-me entreter a ver as moitas e os maciços ao luar.

- Bem, bem, é o que eu digo muitas vezes: a folha de couve brilha muito ao luar, é como uma dama no meio das suas jóias.

Dito isto, Fairservice retirou-se alegremente. Tinha cerca de duas milhas a percorrer. Fiquei a passear pelas áleas de relva, marginadas de altas sebes, que formavam o antigo jardim de Osbaldistone Hall.

Ao voltar para trás, era natural que os meus olhos se levantassem para as janelas da velha biblioteca, eram estreitas, mas em bastante número e davam para o lado do jardim onde eu estava. Vi brilhar luz, não fiquei surpreendido, porque sabia que miss Vernon ia ali muitas vezes à noite, se bem que por delicadeza eu me impusesse a lei de nunca a ir procurar àquela hora.

De manhã é que geralmente fazíamos uma leitura juntos, nesse compartimento. Nesse período do dia, a biblioteca era uma espécie de sala comum, onde ambos os sexos se podiam encontrar como em terreno neutro. æ noite era diferente. Educado num país onde se era muito escrupuloso sobre certas liberdades, desejava mostrar uma reserva e uma observância das conveniências que a inexperiência de miss Vernon descurava.

Fiz-lhe, pois, compreender, tão delicadamente quanto pude, a conveniência de haver uma terceira pessoa presente durante os nossos estudos da tarde.

- Creio que tem razão - disseme ela -, e quando sentir um grande desejo de me entregar ao estudo, convidarei a velha Martha a vir tomar uma chávena de chá connosco, para me servir de guarda-vento.

Martha, a velha governanta, partilhava dos gostos dos outros habitantes do castelo, uma garrafa e uma torrada agradavam-lhe mais do que todo o chá da China. Contudo, como o uso desta bebida estava reservado às pessoas de qualidade, Martha sentiu-se lisonjeada com o convite, e, à custa de um grande consumo de açúcar e de torradas com manteiga, conseguimos que nos fizesse companhia algumas vezes. Aliás, todos os criados evitavam aproximar-se da biblioteca, depois da noite fechada, porque acreditavam que essa parte do castelo estava povoada de espíritos.

A ideia de que a biblioteca fora durante algum tempo o retiro favorito de Rashleigh, de que uma porta secreta ligava este aposento ao quarto afastado e isolado que ele escolhera para si, longe de destruir os terrores que o local inspirava, ainda mais os aumentava. O conhecimento circunstanciado que tinha

do que se passava no Mundo, a sua profunda instrução em toda a espécie de ciências, algumas experiências físicas que fizera diante de toda a família, bastavam, nesta casa de ignorância e de crendice, para lhe atribuir poder sobre os espíritos. Os criados até asseguravam que o ouviram conversar na biblioteca, quando toda a gente no castelo estava deitada, que ele passava a noite a velar com os espectros e a manhã a dormir, em vez de conduzir os cães, como um digno Osbaldistone. Ouvira repetir estes boatos absurdos, e, como se calcula, rira-me.

Voltando ao que eu contava: não fiquei surpreendido de ver luz na biblioteca, mas fiquei admirado de ver distintamente a sombra de duas pessoas atravessar e passar entre a luz e a primeira janela, que ficou então na obscuridade. "É, decerto, a velha Martha - pensei eu - que Diana convidou a fazer-lhe companhia esta noite, ou tomei a sombra de Diana por uma segunda pessoa. Não, céus!... Vejo-as na segunda janela... duas pessoas distintas, desaparecem agora... ei-las na terceira janela... na quarta. Quem poderá estar com Diana, a esta hora?"

As duas sombras passaram duas vezes seguidas entre a luz e as janelas, como que para me convencerem plenamente de que não me tinha enganado, depois, as luzes apagaram-se, e não vi mais nada.

Por muito frívola que fosse esta circunstância, ela preocupou-me por muito tempo.

"Mulher louca e incorrigível - disse comigo. - Para quem todos os conselhos e toda a delicadeza são tempo perdido!

Deixei-me enganar pelas suas maneiras simples, que decerto sabe tomar tão facilmente como usaria um chapéu de palha à moda para se tornar notada. Apesar da superioridade do seu espírito, creio que o convívio de meia-dúzia de loucos lhe daria mais prazer do que o próprio Ariosto, se voltasse ao Mundo."

O que dava importância no meu espírito a estas reflexões, é que, tendo-me resolvido a mostrar a Diana a minha tradução dos primeiros contos de Ariosto, eu lhe pedira que convidasse Martha a ir tomar chá, à noite, na biblioteca, e miss Vernon recusara sob pretexto que me parecera bastante frívolo. Quando reflectia sobre este desagradável incidente, a porta das traseiras do jardim abriu-se, e os vultos de André e do seu patrício, carregado com o seu fardo, atravessaram a álea iluminada pela lua e chamaram a minha atenção.

Encontrei no senhor Macready, como o esperava, um Escocês manhoso, grande pescador de novidades, tanto por gosto como por situação. Contou-me em pormenor o que se passara na Câmara dos Comuns e na dos Lordes, acerca do caso de Morris, de que se serviram, ao que parece, de pedra de toque para

conhecer o espírito do parlamento. Contou-me também, como já o fizera André, que o Ministério não se sentira bastante forte para manter uma acusação que comprometia homens de uma certa categoria, acusação que apenas se baseava no depoimento de um indivíduo de reputação tão equívoca como a desse Morris, que, para mais, se contradizia a cada instante na sua narrativa.

Macready deu-me até um exemplar de um jornal que circulava raramente fora de Londres e que continha o resumo dos debates, bem como o discurso do duque de Argyle, do qual comprara vários exemplares aos bufarinheiros, porque, disse ele, esse artigo seria de bom consumo no outro lado do Tweed. Esse jornal era uma seca análise, que não me disse mais do que o Escocês já me dissera, e o discurso do duque, embora pleno de calor e de eloquência, estava quase por completo cheio de um panegírico ao seu país, à sua família e ao seu clã, seguido de alguns cumprimentos, também sinceros, decerto, embora mais moderados, que ele aproveitou aquele favorável ensejo para dirigir a si próprio.

Não pude saber, com precisão, se a minha reputação fora atingida, mas vi que a honra da família de meu tio fora atacada, e que Morris declarara que esse Campbell, que ele denunciava como o mais activo dos dois ladrões, depusera em favor de um senhor Osbaldistone e obtivera a sua liberdade por conivência do juiz.

Esta parte do depoimento de Morris concordava com as minhas próprias suspeitas, que se concentraram sobre Campbell, desde que o vira aparecer em casa do juiz Inglewood. Singularmente apoquentado por este caso extraordinário, despedime dos dois Escoceses, depois de ter comprado alguns objectos a Macready e agradecido a Fairservice, e retirei-me para o meu quarto, a fim de reflectir sobre o que devia fazer para defender a minha honra tão publicamente atacada.

CAPÍTULO XV

O MISTÉRIO DA PORTA ABERTA

Quem és, e de onde vens?

MILTON

Depois de ter passado a noite a reflectir sobre aquelas notícias, pensei primeiro que devia voltar a Londres o mais depressa possível e repelir com a minha presença as calúnias bolsadas contra mim. Mas hesitei em tomar este partido, por conhecer o carácter de meu pai, que era absoluto nas suas vontades em tudo o que tocava a sua família. Julguei, pois, mais seguro escrever-lhe uma narrativa minuciosa da minha aventura, e como as relações entre Osbaldistone Hall e o posto de correio mais próximo eram pouco frequentes, resolvi ir à cidade, afastada dez milhas, a fim de meter eu próprio a carta no correio.

Eu começava, realmente, a achar estranho que, tendo deixado Londres havia várias semanas, não tivesse recebido uma única carta de meu pai, nem de Owen, embora Rashleigh já tivesse escrito a sir Hildebrando, a anunciar-lhe a sua feliz chegada e o benévolo acolhimento que lhe fizera seu tio.

Terminei a minha carta relativa ao caso de Morris, exprimindo o vivo desejo de que meu pai me honrasse com algumas linhas, que não fosse senão para me dar os seus conselhos ou as suas ordens num assunto tão delicado, e onde a minha experiência não bastava para me guiar. Não podendo tomar a iniciativa de solicitar a minha chamada a Londres, ocultava o desejo de ficar em Osbaldistone Hall sob o véu da submissão à vontade de meu pai. Pedia simplesmente para ir a Londres, ao menos, por alguns dias, a fim de destruir as infames calúnias que tinham circulado tão publicamente contra mim. Depois de terminar a minha carta, na qual um vivo desejo de me justificar se aliava à repugnância de deixar o local da minha actual residência, montei a cavalo para ir levá-la ao correio. E encontrei ali a seguinte carta do meu amigo Owen:

Meu caro senhor Francis, Recebi o seu prezado favor pelo senhor Rashleigh Osbaldistone e tomei boa nota do seu conteúdo. Terei pelo senhor R. O. todas as atenÇões possíveis, e já o conduzi ao Banco e à Alfândega. Parece-me sóbrio, hábil e com gosto pelos negócios, será, portanto, útil á casa, desejaria que outro que não ele, dirigisse os seus pensamentos para este lado, mas seja feita a vontade de Deus! Como o dinheiro pode ser raro na região onde se encontra,

desculpe-me enviar-lhe, inclusa, uma letra de câmbio de 100 libras, a seis dias de vista, sobre os senhores Hooper Girder, de Newcastle, que, estou certo, a honrarão.

Sou, como devo, meu caro senhor Frank, seu respeitoso e obediente servo

Joseph Owen

P. S. - Espero que me acuse a recepção desta. Estou alarmado por receber tão poucas notícias suas. Seu pai diz que se sente como de costume, mas ele não tem bom aspecto.

Ao ler este bilhete, escrito pelo velho Owen no seu estilo comercial, admirei-me de que não me falasse na carta confidencial que lhe dirigira, para lhe dar a conhecer o verdadeiro carácter de Rashleigh, apesar de já ter decorrido todo o tempo necessário para que ele a recebesse. Tinha-a mandado para o correio por um criado do castelo, e não havia motivo para recear que se tivesse extraviado no caminho. Como ela continha coisas muito importantes para meu pai e para mim, escrevi imediatamente a Owen, pouco mais ou menos nos mesmos termos, pedindo-lhe que me dissesse na volta do correio se a recebera. Acusei ao mesmo tempo a recepção da letra de câmbio e prometi-lhe fazer uso dela se precisasse de dinheiro. Parecia-me singular que meu pai deixasse ao seu empregado o cuidado de acudir às minhas necessidades; mas concluí que devia ser coisa combinada entre os dois. Um negociante a quem o chefe do correio me recomendou, deu-me em ouro a importância da letra de câmbio, e voltei a Osbaldistone Hall muito mais rico do que partira. Este acréscimo de finanças não me era indiferente, pois era obrigado a algumas despesas, e vira com apreensão que o que restava do custo da minha viagem diminuia sensivelmente. Ao chegar ao castelo, soube que sir Hildebrando e todos os seus filhos tinham ido ao pequeno burgo chamado Trinley Knowe, para ver, como dizia André Fairservice, meia dúzia de galos depenarem-se mutuamente a cabeça.

- É, de facto, um divertimento cruel, André; presumo que não têm nada de semelhante na Escócia.

- Oh! não, por certo - disse André com firmeza.Depois modificou a negativa, ajuntando: - A não ser em vésperas de alguma festa... Aliás, eles podem fazer o que quiserem a essas aves, sem pecado, porque elas esgaravatam o jardim, e não há vagem ou grão que se salve do seu bico. Mas quem é que deixou aberta a porta da torre? Não foi o senhor Rashleigh, penso eu, visto ele não estar cá.

A porta da torre a que ele se referia abria para o jardim, ao fundo de uma escàda de caracol que conduzia aos aposentos de Rashleigh. Esses aposentos eram, como já disse, absolutamente isolados e comunicavam com a biblioteca por uma porta secreta e com o resto do castelo por um corredor escuro e

abobadado. Uma vereda estreita, ladeada de altas sebes, conduzia da porta da torre à pequena poterna no muro do jardim. Por esses meios de comunicação, Rashleigh, que se isolava do resto da família, podia à vontade sair e entrar no castelo, sem que a sua ausência ou presença fossem notadas.

Mas depois da sua partida, aquela escada e aquela porta estavam fora de uso; e era por isso que se tornava notável a observação de André.

- Tem visto muitas vezes esta porta aberta? - indaguei eu.

- Muitas vezes não é o termo, mas duas ou três vezes. Foi decerto o padre, o padre Vaughan, como eles lhe chamam, porque o senhor não verá um único criado nesta escada; têm muito medo dos espíritos e dos fantasmas. Mas o padre Vaughan considera-se uma pessoa privilegiada...

Ainda não disse coisa alguma do padre Vaughan, que dividia o seu tempo e os seus cuidados espirituais entre o castelo de Osbaldistone e meia dúzia de famílias católicas da vizinhança.

Tinha cerca de sessenta anos e pertencia a uma boa família do Norte, ao que me constou. O seu aspecto era nobre e imponente, a sua face grave. Era muito respeitado pelos católicos do Northumberland, que o consideravam um homem íntegro e virtuoso.

No entanto, envolvia-se numa espécie de mistério, que desagradava aos protestantes. Os naturais de Osbaldistone Hall (pois pode dar-se-lhes este nome) tinham por ele mais respeito do que afeição. Era evidente que condenava as suas orgias, porque se moderavam consideravelmente quando o padre estava no castelo. O próprio sir Hildebrando evitava todo o excesso durante esse período, o que decerto fazia com que a presença do pàdre Vaughan fosse incomodativa e desagradável. Ele tinha aquela insinuante habilidade do bom tom, peculiar às pessoas da sua condição, sobretudo em Inglaterra, onde os católicos, laicos, oprimidos pelas leis penais, pelas regras da sua crença e pelas recomendações dos seus pastores, se mostram muitas vezes reservados, tímidos até no convívio com os protestantes; ao passo que o padre a quem a sua missão permite misturar-se com pessoas de todas as crenças, é aberto, livre e franco nas suas relações, ávido de popularidade e muitas vezes hábil em obtê-la.

O padre Vaughan parecia ser um conhecimento particular de Rashleigh, de contrário, teria tido muito mais dificuldade em manter-se em Osbaldistone Hall. Isso não me dava nenhuma vontade de me relacionar com ele, e ele próprio não me dava qualquer ensejo; assim, as nossas relações limitavam-se a uma troca de cumprimentos. Pensei que o padre Vaughan ocupasse os aposentos de Rashleigh durante a sua momentânea permanência no castelo, e que a sua profissão o

chamasse amiúde à biblioteca.

Era, pois, provável que fosse a sua luz que excitara a minha atenção numa noite precedente. Isto conduziu-me involuntariamente a recordar que as entrevistas de Diana com o padre tinham o mesmo carácter misterioso das suas relações com Rashleigh.

Nunca a ouvira pronunciar o nome do padre Vaughan nem dele falar indirectamente, a não ser no primeiro dia em que o vi, em que ela citou o velho padre e Rashleigh e ela própria como as únicas pessoas com quem se podia conversar no castelo.

Entretanto, embora nunca me falasse do padre Vaughan, a sua chegada ao castelo inspirava a miss Vernon uma inquietação e um receio que não desapareciam senão depois de trocarem ambos alguns olhares significativos.

Lembrava-me de os ter visto, por duas ou três vezes, trocarem alguns sinais, que eu supusera relacionarem-se com as práticas religiosas de miss Vernon. Mas agora estava disposto a atribuí-los a algum motivo mais importante e mais misterioso. Teria ele entrevistas secretas com miss Vernon na biblioteca? Se as tinha, sobre que versariam?

Estas perguntas agitavam o meu espírito e excitavam-me um interesse tanto mais vivo quanto é certo não lhes poder responder. Comecei a suspeitar de que a minha amizade por Diana Vernon não era tão desinteressada como a razão o desejaria. Já sentira que o labrego do Thorncliff me inspirava ciúme, e que dava mais atenção do que convinha àquela espécie de provocações que ele dirigia. E, agora, espiava eu o procedimento de miss Vernon com uma atenção escrupulosa e inquieta que tentava em vão atribuir a uma indiferente curiosidade.

Tudo isto, como o chapéu de Benedito, escovado de manhã, denunciava amor; e quando a minha razão não queria aceitar que eu tivesse tomado um apego tão pouco sensato, ela fazia-me lembrar aqueles guias ignorantes que, depois de terem transviado os viajantes de maneira a não reconhecerem mais o caminho, teimam obstinadamente que não podiam ter-se enganado.

CAPÍTULO XVI

O AMOR NEM SEMPRE É O MELHOR CAMINHO

Um dia, depois do meio-dia, indo à minha canoa, vi com extrema surpresa a marca de um pé descalço de homem, distintamente marcada na areia.

Robinson Crusoé

Impelido simultaneamente pelo interesse e pelo ciúme, observei com tanta atenção os olhares e as acções de miss Vernon, que ela apercebeu-se disso apesar dos meus esforços. A certeza de que eu a observava, ou para melhor dizer, de que eu a vigiava constantemente, pareceu embaraçá-la, causar-lhe desgosto e contrariá-la muito. Mas, a falta de coragem ou outro motivo impedia-a de explicar-se comigo. O seu descontentamento exprimia-se por réplicas vivas e as suas queixas morriam-lhe nos lábios.

Estávamos numa situação singular um perante o outro, andando, por gosto, quase sempre juntos, ocultando, porém, os mútuos sentimentos e conservando eu o meu ciúme e ela o seu descontentamento. Havia entre nós uma intimidade sem confiança; de um lado, amor sem esperança e curiosidade sem motivo razoável; do outro, embaraço, dúvida e por vezes desagrado. Contudo, a natureza do coração humano é tal que julgo que esta agitação de paixões - que por inúmeras circunstâncias cheias de interesse, embora ligeiras no fundo, nos forçavam a pensar um no outro - aumentou a atracção que já sentíamos. Mas, embora a minha vaidade tivesse descoberto rapidamente que a minha presença em Osbaldistone Hall dera a Diana mais uma razão para não gostar do claustro, não podia de maneira alguma fiar-me numa afeição que parecia subordináda aos mistérios da sua situação.

Estávamos juntos na biblioteca. Miss Vernon, folheando um Orlando furioso que me pertencia, deixou cair uma folha de papel manuscrita. Quis apanhá-la, ela não mo deixou.

- São versos - disse ela, lançando-lhe um olhar; depois, desdobrando o papel sem esperar a minha resposta, ajuntou -, Dá-me licença?... Dá. Visto que cora, que gagueja, devo forçar a sua modéstia e supor que a licença me foi concedida.

- Isso não merece ser lido... é um esboço de tradução.

Querida miss Vernon, vai ser um juiz demasiado severo, visto que tão bem conhece o original.

- Meu querido amigo, - respondeu Diana -, se me quer acreditar, não faça tanto gasto de modéstia, porque isso não lhe granjeará um único cumprimento.

Ela leu então a primeira estância, concebida pouco mais ou menos assim:

Canto as damas, os cavaleiros, as armas e os belos feitos de amor, e os actos de bravura e de cortesia, no tempo em que os Mouros vieram da åfrica escaldante, conduzidos por Agramante, o moço rei, cuja vingança e cólera trouxeram através da França ondas de carnificina e de guerra.

Estes males nasceram da morte do velho Trajuno: Agramante veio dos reinos

longínquos para a vingar, ameaçando o cristão Carlos, Imperador romano.

Mas os cantos falarão também de Rolando, o Indómito; contarão o que não se disse, nem em prosa, nem em verso, como este herói, de um bomsenso tão profundo, perdeu a razão por um amor infeliz.

- Ainda há muito mais - disse ela, percorrendo o papel com o olhar e interrompendo os sons mais doces que um ouvido humano pode escutar, os de versos de um jovem poeta lidos pela boca que lhe é mais querida.

- Demais, sem dúvida, para reter a sua atenção, Miss Vernon - repliquei eu um pouco mortificado, retomando o papel que ela já não tentava reter. - No entanto, - continuei - encerrado neste retiro, julguei não poder empregar melhor os meus ócios do que prosseguir, só para distracção minha, a tradução deste fascinante autor, que começara há meses nas margens do Garona.

- A questão é apenas saber - disse Diana, com gravidade -, se o senhor não poderia empregar melhor o tempo?

- Quer referir-se a composições originais - respondi eu, lisonjeado -, Mas, para lhe falar francamente, o meu engenho é mais para achar palavras e rimas do que ideias; assim, julguei mais cómodo servir-me das de Ariosto: entretanto, miss Vernon, com o alento que me quer dar...

- Perdão, senhor Frank, não Lhe dou alentos, o senhor é que os toma. Não me quero referir nem a composição original nem a tradução, porque julgo que o senhor poderia empregar melhor o tempo. Está mortificado - ajuntou ela -, e tenho pena de ser eu a causa.

- Mortificado! Absolutamente nada, por certo - disse eu, com a melhor feição que me foi possível. - Sou demasiado sensível ao interesse que revela por mim.

- Ah! - replicou a inflexível Diana. - Existe mortificação, e mesmo um grãozinho de cólera, no seu ar constrangido. O senhor não se zanga, se eu sondar os seus sentimentos; talvez o que vou dizer o contrarie ainda mais.

Assegurei-lhe que não devia recear que me revoltasse contra uma crítica que eu sabia que só era devida à sua benevolência.

- Muito bem - respondeu ela. - Eu sabia que o demónio da irritabilidade poética se iria embora com o preludiozinho de tosse que antecedeu a sua declaração. E agora falemos de coisas sérias. Recebeu há pouco notícias de seu pai?

- Nem uma linha - respondi eu. - Não me honrou com uma só palavra durante os meses que tenho estado aqui.

- Isso é estranho! Os senhores são uma família extraordinária, os senhores, os Osbaldistones. Assim, o senhor não sabe que ele está na Holanda a tratar de uns negócios urgentes que reclamaram a sua presença imediata?

- Não soube nem uma palavra até hoje.

- E, além disso, o que será uma novidade para si, não muito agradável, julgo eu, ele confiou a Rashleigh a direcção plena e inteira dos seus negócios até ao seu regresso.

Estremeci a estas palavras, e não pude ocultar a minha surpresa e os meus receios.

- Tem razão em se alarmar - disse miss Vernon num tom muito grave. - Eu, em seu lugar, esforçar-me-ia por prevenir o perigo que resultará de tão funesta combinação.

- E como o posso eu?

- Tudo é possível ao que possui coragem e actividade - disse ela, com um dos seus olhares de heroína dos tempos da cavalaria, que inflamavam os bravos e redobravam a sua coragem na altura do perigo. - Àquele que receia e hesita tudo é impossível, porque tudo assim Lhe parece.

- E que me aconselha? - perguntei, desejando e temendo, ao mesmo tempo, a sua resposta.

Após um momento, respondeu-me, com firmeza: - Deixar imediatamente Osbaldistone Hall e regressar a Londres. O senhor talvez já se tivesse demorado demais aqui - ajuntou ela, num tom mais doce. - A culpa não é sua. Cada momento que perder agora será um crime... Sim, um crime! Porque lhe digo sem rodeios que, se Rashleigh ficar muito tempo à testa dos negócios de seu pai, a sua ruína será completa.

- Será possível?

- Não me faça perguntas; mas creia que os projectos de Rashleigh se estendem muito para além da posse de grandes riquezas comerciais. Não empregará os fundos do senhor Osbaldistone senão em satisfazer a sua ambição. Enquanto seu pai estava em Inglaterra, isso era impossível; durante a sua ausência, porém, Rashleigh poderá achar muitas ocasiões favoráveis e não deixará de as aproveitar.

- Mas, como posso eu, repudiado por meu pai, privado de qualquer autoridade na casa, prevenir este perigo só com a minha presença em Londres?

- Só a sua presença já fará muito. A sua origem dá-lhe o direito de velar pelos interesses de seu pai, e esse direito é inalienável. O senhor terá, decerto, o apoio do primeiro empregado de seu pai, dos seus amigos, dos seus sócios. Aliás, os projectos de Rashleigh são de natureza... - Deteve-se bruscamente como se receasse falar de mais -, São, numa palavra, da natureza de todos os planos interesseiros e sem consciência, que são prontamente abandonados logo que aqueles que os concebem se apercebem de que os seus manejos foram descobertos. Assim, para falar como o seu poeta favorito:

A cavalo, a cavalo! Os que hesitam temem...

Um sentimento que não pude vencer levou-me a responder: - Ah! Diana, pode aconselhar-me a deixar Osbaldistone Hall?

Então, sempre é verdade que já estou aqui há demasiado tempo!

Miss Vernon corou, mas prosseguiu com firmeza: - Sim, aconselho-o não só a deixar Osbaldistone Hall, mas também a nunca mais cá voltar. Não tem senão uma amiga a lamentar aqui - ajuntou ela, com um sorriso forçado -, e ela está habituada, há muito tempo, a sacrificar pelos outros as suas afeições e a sua felicidade. O senhor há-de encontrar no Mundo cem pessoas cuja amizade será tão desinteressada e mais útil, menos contrariada por circunstâncias desagradáveis, menos exposta à desgraça e à calúnia.

- Nunca - exclamei eu. - Nunca o Mundo me poderá devolver o que deixo aqui.

Agarrei a sua mão e apertei-a contra os meus lábios.

- É uma loucura! É demência! - exclamou ela, esforçando-se por retirar a mão, mas não com bastante insistência -, Escute, senhor, e domine essa paixão: um homem deve saber vencer-se.

Eu sou, por um contrato celeste, noiva de Deus, a não ser que consinta em desposar o infame Rashleigh, ou um dos seus estúpidos irmãos. Sou, pois, esposa de Deus, votada ao claustro desde o berço. Modere o seu arrebatamento; ele só prova a necessidade da sua rápida partida. - Proferindo estas palavras, retirou a mão e ajuntou baixinho: - Deixe-me por um instante... Ainda nos tornaremos a ver, mas será pela última vez.

Os meus olhos seguiram a direcção dos seus enquanto ela falava e julguei ver mover-se o reposteiro que tapava a porta secreta que conduzia aos aposentos de Rashleigh; compreendi que nos observavam e ergui o olhar para miss Vernon.

- Não é nada - disse ela, debilmente. -, Foi talvez um rato que passou atrás do reposteiro.

"A morte por um ducado!" (1) - teria eu respondido se ousasse ceder à indignação que experimentava por ter estado sujeito a uma espionagem em semelhante ocasião; mas a prudência, a necessidade de dissimular o meu amor e os pedidos instantes de Diana detiveram-me. Deixei o aposento na maior agitação, que tentei em vão acalmar ao atingir o meu.

Mil ideias confusas precipitavam-se ao mesmo tempo no meu espírito. A ideia obscura e imperfeita do perigo de que meu pai estava ameaçado pelas maquinações de um Rashleigh... a meia declaração que fizera a miss Vernon... os embaraços da sua situação, que a obrigavam a sacrificar-se ao claustro ou a uma união contra vontade... todas estas coisas se apresentavam ao mesmo tempo ao

meu espírito, sem que a minha razão estivesse em estado de encarar nenhuma delas com calma e ponderação. Mas, acima de tudo, eu estava atormentado pela maneira como Diana recebera a expressão da minha ternura, e por esse misto de simpatia e de firmeza que parecia denunciar que seu coração se interessava por mim, mas de uma maneira demasiado débil para contrabalançar os obstáculos que se opunham à confissão de um sentimento compartilhado.

*(1) Palavras de Hamlet, ao agredir Folonius.

De que espécie eram os mistérios que a cingiam como uma rede mágica e que parecia exercerem uma activa e contínua influência sobre os seus pensamentos e acções, sem que os agentes fossem visíveis? O meu espírito detinha-se neste ponto de dúvida, como que satisfeito de pôr de lado os meus assuntos pessoais para pensar em miss Vernon. Decidi-me, por fim, a esclarecer-me, antes da minha partida de Osbaldistone Hall, sobre aquela fascinante criatura, que parecia dividir-se entre a franqueza e o mistério: uma inspirava todas as suas palavras e todos os seus sentimentos, enquanto a outra exercia uma singular influência sobre as suas acções.

Ao interesse que a curiosidade e o amor me inspiravam misturava-se um autêntico sentimento de ciüme, embora não ousasse confessá-lo. Quanto mais reflectia no carácter de Diana, mais ficava involuntariamente convencido de que ela afrontaria toda a espécie de autoridade, fora a da afeição; e tive uma violenta suspeita de que estava aí a base daquela influência a que parecia subjugada.

Estas dúvidas ainda aumentaram mais o meu desejo de penetrar o segredo do seu procedimento e, para executar este cauteloso projecto, tomei uma resolução, da qual, se estas minúcias não te fatigam, encontrarás o resultado no próximo capítulo.

CAPÍTULO XVII

QUANDO A TRAGÉDIA BATE À PORTA...

Oiço uma voz que não pode ouvir, a qual me diz que não devo parar; vejo uma mão que não podes ver, a qual me ordena que caminhe.

TICKELL

Já te disse Tresham, se bem te lembras, que as minhas visitas nocturnas à biblioteca raras vezes se faziam sem que as combinássemos com antecedência, e na presença da boa Martha: era, porém, uma combinação tácita que eu próprio adoptara nos últimos tempos, tendo aumentado o embaraço da nossa respectiva situação, tínhamos deixado inteiramente de nos encontrar à noite. Miss Vernon não tinha nenhuma razão para supor que eu quisesse reatar essas entrevistas, sobretudo sem a prevenir, para que Martha pudesse assistir como de costume; mas, por outro lado, esta precaução não era indispensável. A biblioteca estava à minha disposição, como da de todos os habitantes do castelo, a todas as horas do dia e da noite, e eu não podia ser acusado de indiscrição por mais inopinadamente que ali entrasse.

Estava firmemente convencido de que miss Vernon, por vezes, recebia naquele compartimento o padre Vaughan ou outra pessoa qualquer, pelos conselhos da qual estava habituada a pautar o seu procedimento, e que ela escolhia, para essas entrevistas, as ocasíões em que menos receava ser interrompida. As luzes que eu vira brilhar na biblioteca, a passagem daquelas duas sombras, as pegadas de homem que notara uma manhã desde a porta da torre á poterna do jardim, o ruído que alguns criados e André Fairservice, em especial, ouviram, tudo me denunciava que aquele compartimento era visitado por uma pessoa estranha ao castelo.

Persuadido de que essa pessoa tinha influência sobre miss Vernon, não hesitei em procurar maneira de descobrir quem ela era e quais os resultados, bons ou maus, que a sua influência podia produzir na jovem.

A prova de que esta curiosidade ciumenta chegara ao cúmulo estava em que eu sempre imaginara que o procedimento de Diana era dirigido por um só homem e, provavelmente, um homem novo e elegante. E foi nesse ardente desejo de o descobrir, ou antes, de desmascarar esse rival, que eu me postei no jardim, para espreitar o momento em que as luzes aparecessem nas janelas da biblioteca.

A minha impaciência era tão devoradora, que, para esperar um

acontecimento que não podia suceder antes da noite fechada, fui para o meu posto uma boa hora antes do pôr-do-sol, por uma tarde de Julho. Era sábado, todas as áleas estávam trancuilas e desertas. A que título ia eu imiscuir-me nos assuntos de miss Vernon, envoltos, como ela o confessara, num mistério que me pedira para não aprofundar?

A paixão e a curiosidade iriam em breve responder-me.

Desvendando esse segredo, segundo todas as probabilidades, prestaria um serviço a sir Hildebrando, que decerto ignorava as intrigas que se tramavam na sua família; e ainda mais a miss Vernon, que a sua ingénua simplicidade expunha a ligações secretas, talvez com uma pessoa de carácter equívoco e perigoso.

Quando percorria as áleas arrelvadas, examinando os prós e os contras, avistei de súbito André Fairservice, postado como uma estátua díante de uma fileira de cortiços e em atitude de devota contemplação, espreitando com um olho a multidão zumbidora que entrava nas suas casas de colmo e com o outro um livro de orações, cujo prolongado uso lhe fizera desaparecer os cantos, o que, juntamente com uma camada de espessa sujidade, dava a este livro um ar de antiguidade respeitável.

- Lia para mim A flor da doce sabedoria semeada no vale deste Mundo (1), do digno mestre John Quacklebeen - disse André, fechando o seu livro e colocando os óculos de aros de chifre, à guisa de marca, no lugar onde lia.

- E as abelhas, pelo que vejo, partilham da sua atenção com o sábio autor.

- É uma raça ímpia - replicou o jardineiro. - Elas têm seis dias na semana para enxamear; mas, como vê, para isso esperam sempre pelo dia de sábado, como que para impedir as pessoas de ir ao sermão. Hoje não nos podemos queixar porque não se pregou na capela de Graneagain.

- Podia ter ido à igreja da paróquia, André; teria ouvido um excelente sermão.

- Ossos de perdiz fria! Ossos de perdiz fria! - replicou André com um sorriso desdenhoso. - Bons para cães, salvo o vosso respeito. Sim! Decerto podia ter ouvido cantar o ministro com a sua camisa branca e os músicos a tocar flauta; isso parece-se mais com uma boda barata do que com um

*(1) Um dos livros místicos da época.

sermão. E, além disso, podia ter ouvido Daddie Docharty murmurar a sua missa; teria tirado grande proveito!

- Docharty! - disse eu (era o nome do velho padre irlandês, julgo eu, que oficiava por vezes em Osbaldistone Hall). - Julgava que o padre Vaughan estava no castelo;

estava cá ontem.

- Estava, - respondeu André -, mas partiu ontem mesmo para Greystock, ou algures para esse lado, no Oeste. Há movimento por lá. Eles andam agitados como as minhas abelhas. Deus lhes acuda! Comparei os pobres bichinhos aos papistas! Veja o senhor, aí está o segundo enxame de hoje; o primeiro partiu esta manhã. Mas ei-lo de regresso com a noite. Assim, desejo a Vossa Senhoria muito boa noite e as bênçãos do céu.

Ditas estas palavras, André retirou-se, lançando um olhar às suas colmeias.

Tirara dele, indirectamente, uma informação importante: o padre Vaughan já não estava no castelo. Portanto, se eu avistasse luz na biblioteca, ou não era ele, ou ele procedia de uma maneira bem secreta e misteriosa. Esperei com impaciência que a noite chegasse. Mal o sol desapareceu, vi pelas janelas da biblioteca uma claridade que se distinguia a custo na meia luz do crepúsculo. Entrei em casa e, evitando os lugares mais frequentados, como um homem que quer esconder o seu plano, alcancei a porta da biblioteca. Aí, hesitei um momento, com a mão na chave; oiço andar, abro e encontro miss Vernon só.

Diana pareceu surpreendida. Se era pela minha brusca aparição ou por outro motivo, não o podia adivinhar; mas havia nela uma expressão de embaraço que eu nunca lhe vira, e não podia provir senão de uma comoção extraordinária. No entanto, recobrou a calma num instante; e tal é a força da consciência, que eu, que queria surpreendê-la, fiquei interdito e confuso.

- Sucedeu alguma coisa? - perguntou ela -, Chegou alguém ao castelo?

- Ninguém, que eu saiba - respondi. - Vinha buscar o Orlando.

- Ei-lo - replicou miss Vernon, apontando-mo em cima da mesa.

Removi alguns livros para pegar no que viera buscar, quando vi uma luva de homem em cima da mesa. Os meus olhos encontraram os de Diana, que corou imediatamente.

- É uma das minhas relíquias - disse ela com hesitação, respondendo aos meus olhares. - É uma luva do meu avô, o original do soberbo retrato de Van Dyck que o senhor admira.

Como se pensasse que era preciso alguma coisa mais do que esta simples asserção para me convencer, abriu uma gaveta da larga mesa de carvalho e, pegando noutra luva, atirou-ma.

Quando um carácter naturalmente aberto e franco tenta dissimular ou mentir, a dificuldade que experimenta desperta muitas vezes a dúvida. Olhei para as duas luvas e respondi em tom grave: - Parecem-se, realmente, no feitio e no bordado; mas não pertencem ao mesmo par, visto que são ambas da mão direita.

Ela mordeu os lábios, encolerizada, e corou de novo.

- Tem razão em confundir-me - replicou, com azedume. - Um amigo teria depreendido do que eu disse que não queria explicar mais claramente uma circunstância que não interessa a ninguém, principalmente a um estranho. O senhor faz-me sentir a baixeza da duplicidade e a impossibilidade que experimento em mentir. Portanto, digo-lhe agora sem rodeios que esta luva não é semelhante à segunda que lhe mostrei, como o adivinhou com tanta sagacidade. Pertence a um amigo que me é ainda mais querido do que o original do quadro de Van Dyck, um amigo cujos conselhos me guiaram até aqui e me guiarão sempre, que respeito, que...

Deteve-se. Eu estava despeitado pelo tom em que ela falava.

- Que eu amo, quer miss Vernon dizer, por certo?

- E se o dissesse? - redarguiu ela, com orgulho. - Quem teria o direito de fiscalizar as minhas afeições?

- Eu, não, certamente, miss Vernon. Suplico-lhe que não me atribua semelhante presunção. Mas - continuei, com ênfase -, espero que miss Vernon perdoará a um amigo, a quem parece querer agora recusar esse título, se ele lhe fizer observar...

- Não me faça observar nada, senhor - disse com veemência, interrompendo-me. - Não suporto suspeitas nem perguntas. Não há ninguém a quem eu permita que me interrogue ou que me julgue, e se o senhor veio aqui a esta hora para me espionar, a amizade ou o interesse que pretende ter por mim é uma desculpa miserável para a sua indiscreta curiosidade.

- Eu livro-a da minha presença - retorqui não com menor orgulho, pois nunca esteve no meu carácter ceder. - Saio de um sonho agradável, mas enganador; e... mas já nos compreendemos bastante.

Já estava à porta, quando miss Vernon, cujos movimentos eram por vezes tão rápidos que pareciam instintivos, se precipitou para a minha frente, agarrou-me o braço e deteve-me com aquele ar de autoridade que ela sabia tomar de repente, e que a ingenuidade e a simplicidade das suas maneiras tornavam mais flagrante.

- Espere, senhor Frank - disse -, O senhor não me deixa dessa maneira; não tenho bastantes amigos para me privar, mesmo dos que são egoístas ou ingratos. Escute-me, senhor Francis Osbaldistone. Não saberá nada sobre esta luva misteriosa, nada, nem uma palavra mais do que já sabe; e, no entanto, não quero que ela seja um cavalo de batalha entre nós. Restame muito pouco tempo para ficar aqui - ajuntou, baixando a voz. - O senhor ficará menos tempo ainda;

vamo-nos separar. para não nos tornarmos a ver. Não questionemos; não façamos de infortúnios misteriosos um pretexto para encher de amargura as poucas horas que temos de passar juntos nesta margem da eternidade.

Não sei, Tresham, por que sortilégio esta divina criatura conseguia um império tão absoluto sobre o meu carácter.

- O senhor tem ciúmes, bem o vejo, em todos os tempos e todos os modos dessa encantadora paixão. Mas, meu bom amigo, o senhor não faz mais do que imitar os romances e as canções, que se repetem até que adquirem sobre o espírito uma influência real. Os rapazes e as raparigas palram até ficarem amorosos; depois, quando o seu amor vai amortecer, palram para ficarem ciumentos. Mas, o senhor e eu, Frank, somos pessoas razoáveis, que não devemos ter senão relações de uma amizade franca e desinteressada. Qualquer outra união entre nós é tão impossível como se eu fosse homem, ou o senhor fosse mulher.

Para falar francamente, - acrescentou, depois de um momento de hesitação -, não nos poderíamos casar, mesmo que o quiséssemos, e não o deveríamos, mesmo que o pudéssemos.

Tresham, ela corou de uma maneira angélica, ao fazer-me esta cruel declaração. Mas continuava com uma firmeza fria que roçava pela severidade: - O que disse é uma verdade incontestável, sobre a qual não suportarei perguntas. Portanto, somos amigos, senhor Osbaldistone, não é verdade? - Estendeu-me a mão, segurou a minha e ajuntou: - E agora não tenhamos outras relações senão as da amizade.

Deixou cair a minha mão e fiquei dominado, como diria Spencer, pelas suas maneiras a um tempo afectuosas e firmes.

Apressou-se a mudar o rumo ao diálogo.

- Aqui está - disse - uma carta que lhe é dirigida, senhor Osbaldistone, mas que, apesar das precauções da pessoa que lha escreveu, nunca mais chegaria ao seu destino, se não tivesse caído nas mãos de um certo Pacolet (1) ou anão mágico, que, como todas as donzelas desditosas, conservo em segredo ao meu serviço.

Abri a carta e percorri o seu conteúdo. O papel escapou-se-me das mãos e exclamei, involuntariamente: - Santo Deus! A minha desobediência e a minha loucura arruinaram o meu pai!

Miss Vernon ergueu-se, vivamente alarmada: - O senhor está pálido!... Sente-se mal?...

*(1) Poeta inglês.

Dou-lhe um copo de ágúa. Seja homem, senhor Osbaldistone, e mostre

firmeza... Seu pai faleceu?

- Está vivo, graças a Deus! - respondi - Mas em que situação, em que embaraços!...

- E é tudo? Não desespere. Posso ler esta carta? - disse, apanhando-a.

Consenti, mal sabendo o que dizia. Leu com toda a atenção.

- Quem é este senhor Tresham que assina esta carta?

- O sócio da Empresa - (o teu bom pai, meu caro William) - mas não é hábito tomar parte nos negócios da casa.

- Ele fala aqui - disse miss Vernon - de várias cartas que Lhe escreveram.

- Não recebi nenhuma - respondi.

- E parece - continuou ela - que Rashleigh, que tomou a direcção dos negócios durante a viagem de seu pai à Holanda, deixou Londres já há algum tempo para ir à Escócia com fundos destinados a pagar letras aceites por seu pai a pessoas daquele país, e que nunca mais ouviram falar dele.

- Isso é mais do que verdade.

- Um empregado superior, - ajuntou ela, examinando a carta - chamado Owenson Owen, foi enviado a Glasgow para descobrir Rashleigh, se isso for possível, e pedem ao senhor que vá ajudá-lo nas suas pesquisas.

- Sim, tenho que partir quanto antes.

- Oiça! - disse miss Vernon. - Parece-me que pode resultar de tudo isto a perda de uma certa quantia em dinheiro, e isso faz-lhe chegar as lágrimas aos olhos! Ora, ora, senhor Osbaldistone!...

- Miss Vernon não me faz justiça - respondi eu. - Aflige-me pouco essa perda, mas muito mais o efeito que ela produzirá no espírito de meu pai, que vê toda a sua honra no seu crédito.

Se ele não puder fazer face aos seus compromissos, morrerá de remorso e de desespero, como um soldado persuadido de cobardia ou um homem honesto que perdeu a sua reputação. E eu podia ter evitado tudo isto com o ligeiro sacrifício de um estúpido orgulho e de uma indolência que me impediram de colaborar na sua respeitável e útil profissão. Santo Deus, como reparar as funestas consequências do meu erro?

- Indo imediatamente a Glasgow, tome o conselho do amigo que lhe escreve.

- Mas se Rashleigh concebeu realmente o infame projecto de arruinar o seu benfeitor, que esperança tenho de desmanchar um plano tão bem urdido?

- A esperança, sem dúvida, é muito pouca - disse ela. - Mas, por outro lado, ficando aqui, em nada pode servir o seu pai...

Lembre-se de que se tivesse ficado no posto que lhe destinaram não teria sucedido esta desgraça; dirija-se a toda a pressa para onde lhe indicam, e talvez tudo se remedeie. Espere, não abandone esta sala sem eu voltar.

Deixou-me num estado de turbação e confusão, no meio do qual encontrei, no entanto, um instante de calma que me permitiu admirar a firmeza e a presença de espírito que miss Vernon possuía nas crises mais imprevistas.

Alguns minutos depois, regressou com um papel dobrado e lacrado, uma carta, mas sem endereço, e disse: - Entrego-lhe esta prova da minha amizade, porque tenho inteira confiança na sua honra. Pelo que depreendo da sua posição, os fundos que estão em poder de Rashleigh devem estar cobrados num dia prefixo, 12 de Setembro, creio eu, para se aplicarem ao pagamento das letras em questão; e então se, antes dessa data, o senhor tiver os fundos suficientes para o seu rembolso, o crédito de seu pai estará salvo.

- Evidentemente; a carta do senhor Tresham é clara. - examinei novamente a carta de teu pai. - Não pode haver dúvidas.

- Bem, - respondeu Diana - então, o meu pequeno Pacolet ser-lhe-á útil. O senhor ouviu falar de um sortilégio contido numa carta. Guarde este bilhete, não o abra senão quando todos os meios tiverem falhado. Se triunfar pelos seus próprios recursos, conto com a sua honra para o queimar sem abrir ou deixar abrir; caso contrário, quebre o lacre dez dias antes do prazo expirar e encontrará aí as indicações que poderão ser-lhe úteis, Adeus, Frank; nunca mais nos veremos...

Pense de vez em quando na sua boa amiga Diana Vernon.

Estendeu-me a mão, mas eu abracei-a contra o meu coração.

Ela suspirou, desembaraçando-se dos meus braços, escapou-se pela porta que conduzia aos seus aposentos e não a vi mais...

CAPÍTULO XVIII

CAVALGADA ÀS TRÊS HORAS DA MANHÃ...

Depressa, depressa, ei-los a galopar tão depressa quanto podem os cavalos.
Os espectros também cavalgam; tens medo de fazer-me companhia!

BURGER

Uma acumulação de males de origem e carácter diferentes oferece, pelo menos, esta vantagem: é que a distracção que resulta dos seus efeitos contraditórios impede aquele que os sofrer o ser aniquilado. Embora profundamente comovido por me separar de miss Vernon, eu estava-o menos, entretanto, do que se as desgraças temidas por meu pai tivessem ocupado toda a minha atenção. E, pelo mesmo motivo, eu estava menos abalado pelas notícias que o senhor Tresham me comunicava do que se fossem só esses pensamentos a preocupar-me.

Comecei seriamente a reflectir na carta de teu pai; ela não era muito explícita e recomendava que, para mais pormenores, me dirigisse a Owen, pedindo-me instantemente que o procurasse o mais depressa possível numa cidade da Escócia chamada Glasgow; informava-me também que eu saberia notícias do meu velho amigo na casa dos senhores Mac Vittie, Mac Fin & C.a, negociantes naquela cidade, no Gallowgate. Falava-me de várias cartas que, ao que me parecia, deviam ter-se perdido ou foram interceptadas, visto que nunca as recebera, e queixava-se do meu silêncio em termos que seriam extremamente injustos, se aquelas que eu escrevera tivessem chegado ao seu destino.

Fiquei consternado com esta leitura e não pude duvidar de que o espírito infernal de Rashleigh me cercara de trevas e de dificuldades.

Contudo, havia qualquer coisa de assustador em pensar nos meios que ele devia ter empregado e no excesso de baixeza de que fora capaz para executar semelhantes desígnios. Devo dizer, porém, em meu abono, que a minha separação de miss Vernon, por mais dolorosa que me parecesse em qualquer outro momento, não passou para mim de um caso secundário, quando pensei nos perigos que ameaçavam meu pai.

Não era porque tivesse em grande apreço as riquezas; mas eu sabia que uma

falência seria para meu pai uma nódoa indelével, uma desgraça sem remédio, para a qual não haveria consolação e que acabaria numa morte que o desgosto apressaria.

Deliberei deixar Osbaldistone Hall na manhã seguinte e ir procurar Owen em Glasgow, sem mais perda de tempo. Não julguei oportuno informar meu tio da minha partida senão por uma carta em que agradecia a sua hospitalidade e lhe asseverava que só um assunto tão urgente como importante me impedira de o fazer pessoalmente. Tinha uma tal impressão da extensão e da profundidade dos manejos de Rashleigh, que receava que ele tivesse preparado com antecedência alguma maneira de me fazer malograr uma viagem cujo fim era contrariá-los, e que eu pusesse em prática, se a minha partida fosse publicamente anunciada em Osbaldistone Hall.

Resolvi, pois, meter-me a caminho, na manhã seguinte, ao romper do dia, e atravessar a fronteira do reino vizinho, antes de que alguém no castelo pudesse suspeitar da minha partida. Mas um obstáculo bastante poderoso parecia opor-se à rapidez de que dependia o êxito da minha viagem. Não só ignorava o caminho mais curto para Glasgow, como até não conhecia nenhum, e como a situação em que me encontrava não permitia demoras, resolvi consultar André Fairservice a esse respeito, por estar mais à mão e me parecer capaz de dar-me informações exactas. Apesar da hora avançada, saí na intenção de tratar deste ponto importante, e, alguns minutos depois, cheguei à moradia do jardineiro.

A habitação de André ficava a pouca distância do muro exterior do jardim. Era uma daquelas choupanas aceadas e cómodas do condado de Northumberland, construída de pedra grosseiramente trabalhada, cujas janelas e portas eram decoradas com pesadas arquitraves e padieiras maciças e o telhado coberto de lajes acinzentadas, em lugar de ardósias, de colmo ou de telhas.

Ao aproximar-me da casa do prudente André, ouvi o som de uma voz, cujo tom solene, nasal e prolongado, me fez crer que, seguindo o costume louvável e meritório dos seus concidadãos, reunira alguns dos seus vizinhos para se entregarem com ele às suas devoções da noite, porque não tinha nem mulher, nem filha, nem ninguém do sexo feminino junto dele.

Reconheci, porém, que o ruído provinha inteiramente dos pulmões de André; e quando eu o interrompi ao entrar em sua casa, encontrei-o só, a ler em voz alta para sua própria edificação um volume de controvérsias teoló gicas e a lutar com ardor contra as palavras compridas e difíceis que não podia compreender. Pondo de lado o enorme in-fólio, disseme, ao ver-me entrar: - Estava à procura de um encantamento no digno doutor Pé Leve (1).

- Pé Leve! - repliquei eu, com surpresa, olhando o seu formidável volume. - Não resta dúvida de que o seu autor tem um nome infeliz.

- Sim, Pé Leve era o seu nome, e era um teólogo como já não se vê nos nossos dias. Seja como for, peço-lhe perdão de o manter assim de pé à porta, mas como fui apoquentado toda a noite pelos espíritos (Deus nos livre!), não me apressava a abrir o loquete senão depois de acabado o serviço da noite; acabo de chegar ao fim do quinto capítulo de Jeremias, e se isto não os mantiver em respeito, não sei mais o que fazer.

- Apoquentado pelos espíritos! - disse eu. - Que significa isso, André?

- Quer dizer que me fizeram um tal medo toda a noite, que estive quase a sair da minha própria pele, o que não quer dizer que alguém não estiveSse para me levar como uma árvore descascada.

- Peço-lhe que dê tréguas, por um momento, a todos os seus terrores, André, porque preciso de saber se me pode ensinar o caminho mais curto para ir a uma cidade da Escócia que se chama Glasgow.

- Uma cidade que se chama Glasgow? - repetiu André. - Glasgow é a minha capital! Como não hei-de saber o caminho que lá conduz? Não fica mais longe do que a minha paróquia natal, de Deepdaily, que está um nadinha mais a Oeste. Mas o que é que Vossa Senhoria pode ir fazer a Glasgow?

- Vou por causa dos meus negócios - repliquei eu.

- É como se me dissesse: Faze-me perguntas, e responder-te-ei com mentiras. Vai então a Glasgow? - Reflectiu um momento e ajuntou: - Julgo que o senhor andaria melhor em falar a alguém para o guiar.

- Certamente, se conhecesse alguém que fosse para aqueles lados.

- Vossa Senhoria tomará com certeza em consideração o seu tempo e o seu trabalho.

- Sem dúvida alguma. O meu caso é urgente, e se o senhor encontrar alguém que queira conduzir-me, pagar-lhe-ei convenientemente.

- Não é hoje dia para se falar de interesses mundanos - disse André, erguendo os olhos ao Céu. - Mas, se não estivéssemos em domingo à noite, perguntar-lhe-ia o que desejaria dar a alguém que lhe fizesse boa companhia na estrada e que, ao passar pelos castelos e pelas terras de todos os senhores e fidalgos, lhe dissesse os nomes e lhe desse a conhecer toda a parentela.

- Não preciso senão de conhecer o caminho que devo seguir; aliás, pagarei a esse homem de maneira que fique contente; dar-lhe-ei tudo o que seja razoável.

- Tudo - replicou André -, não quer dizer nada. O rapaz de que lhe falo conhece todas as voltas e todas as passagens das montanhas, e...

- Não tenho tempo a perder com palavras, André; faça o senhor as negociações como entender.

- Ah! Ah! Isso agora é que é falar. Pois bem, visto que assim é, creio que o

guia que o há-de conduzir serei eu.

- O senhor? Como! Abandona, então, o seu lugar?

- Já disse uma vez a Vossa Senhoria que havia muito tempo que pensava em ir-me embora; penso nisso talvez desde o primeiro ano que entrei no castelo e agora estou absolutamente resolvido a deixá-lo. Assim, mais vale cedo do que tarde...

- Deixa então o serviço; mas não se arrisca a perder os seus honorários?

- Decerto, haverá sempre alguma perda; mas, a verdade é que tenho nas minhas mãos dinheiro de meu amo das maçãs do pomar, que vendi. Foi um negócio famoso que fizeram as pessoas que as compraram... só ruins frutos! O que não impede que sir Hildebrando, isto é, o seu intendente, tenha tanta pressa do dinheiro como se se tratasse da mais bela reineta dourada.

Também tenho o dinheiro das sementes, de maneira que julgo que os honorários estarão até certo ponto cobertos. Além disso, espero que Vossa Senhoria terá em atenção os meus riscos e o meu prejuízo, quando chegarmos a Glasgow. E quando tenciona partir?

- Amanhã, ao romper do dia - respondi eu.

- É um pouco precipitado... Onde arranjarei eu um cavalo? Espere, sei de um que me fará jeito.

- Portanto, André, esteja às cinco horas da manhã ao fim da avenida.

- Diabos me levem (isto é um modo de falar) se falto à palavra - disse André, com vivacidade. - E se quiser seguir o meu conselho, partiremos duas horas mais cedo. Conheço o caminho de noite tão bem como de dia.

Aprovei a emenda de André à minha proposta e combinámos encontrar-nos no lugar designado, às três horas da manhã. No entanto, apresentou-se uma súbita apreensão ao meu futuro companheiro.

- E o espectro! E se o espectro me vem perseguir? - disse ele. - Não conseguirei ver semelhante coisa duas vezes em vinte e quatro horas.

- Ora, ora! - exclamei, retirando-me -, Não receie nada do outro Mundo.

E pronunciando estas palavras, deixei a casa de André e voltei para o castelo.

Fiz os poucos preparativos que eram necessários para a viagem; examinei e carreguei as minhas pistolas, depois deitei-me em cima da cama para me entregar a algumas horas de sono e preparar-me para suportar as fadigas e inquietações da viagem que ia empreender. Acordei em sobressalto quando o velho relógio da torre vizinha do meu quarto bateu duas horas.

Levantei-me logo, acendi uma luz e comecei a escrever a carta que destinava a meu tio; feito isto, meti na mala as coisas de que precisava, deixando tudo o

que me pareceu demasiado embaraçoso para levar, e, descendo rapidamente a escada, alcancei sem estorvo a cocheira. Sem ser palafreneiro tão hábil como os meus primos, aprendi o bastante em Osbaldistone Hall para saber selar um cavalo, de maneira que, ao cabo de alguns minutos, estava montado no meu, pronto a seguir viagem.

Ao percorrer a velha avenida, na qual a lua lançava alguma claridade pálida e esbranquiçada, voltei-me e contemplei com um profundo suspiro as paredes que encerravam Diana Vernon, abandonando-me ao triste pressentimento de que nos tínhamos separado para não mais nos vermos.

Quando mergulhava neste pungente devaneio, o bronze soou por três vezes na calma profunda da noite e lembrou-me que era tempo de ir ao encontro de um indivíduo muito menos interessante, isto é, de André Fairservice.

No primeiro gradeamento, encontrei um homem a cavalo, postado na sombra projectada pelo muro; mas só depois de tossir duas vezes e de chamar André é que o jardineiro me respondeu: - Sim, sim, é o próprio André.

- Vá adiante - disse eu - e trate de guardar silênsio até termos ultrapassado a aldeia que está no vale.

André passou, de facto, à frente e muito mais rápido do que eu desejaria. Conformou-se de tal maneira com a recomendação de guardar silêncio que não quis dar qualquer resposta às perguntas que lhe dirigi sobre a causa daquela precipitação que me parecia inútil. Depois de nos termos desembaraçado dos carreiros conhecidos de André, das ruelas pedregosas, e dos inúmeros maus caminhos que se cruzam uns com os outros, chegámos a uma ampla charneca e, atravessando-a rapidamente, continuámos o nosso caminho pelas montanhas que separam a Inglaterra da Escócia, no que se chama o Middle Marche.

Entretanto, André não afrouxava nada da sua corrida e trotava galhardamente na vanguarda, numa velocidade de oito ou dez milhas à hora. Eu estava surpreendido e descontente com a teimosia com que aquele diabo se obstinava em correr. No entanto, a rapidez daquele movimento e a atenção que a minha segurança pessoal me obrigava a prestar ao meu cavalo, acabaram por se me tornar realmente úteis, desviando o meu pensamento de uma turba de reflexões pungentes que me teriam acabrunhado; mas, por fim, depois de ter gritado por várias vezes para que André fosse mais devagar, fiquei seriamente irritado com a impudência e a obstinação que ele punha em não querer nem obedecer-me, nem responder-me.

Mas André estava melhor encavalgado do que eu e, ou porque fosse levado pelo ardor do animal que o transportava, ou, mais provavelmente ainda, porque fosse aguilhoado pelo pressentimento das minhas intenções a seu respeito, o facto é que redobrava ainda mais o passo todas as vezes que tentava alcançá-lo.

Por outro lado, era obrigado a recorrer às minhas esporas para não o perder de vista. Mas, no auge da minha cólera, ameacei-o de recorrer às minhas pistolas e mandar-lhe uma bala que poria termo à impetuosidade da sua carreira, se não afrouxasse o passo. Esta ameaça pareceu produzir alguma impressão nos seus tímpanos, porque abrandou o passo por forma a que eu pudesse aproximar-me.

- Não há precisão de correr desta maneira - disse ele, então.

- E qual era, pois, a sua intenção ao correr dessa maneira, teimoso que você é? - repliquei eu, cheio de cólera.

- Que me deseja Vossa Senhoria? - perguntou André com uma gravidade imperturbável.

- O que quero, patife? Há uma hora que grito para ir mais devagar, e nem sequer se deu ao trabalho de responder: está ébrio, ou louco, para proceder desta forma?

- Com licença de Vossa Senhoria, tenho o ouvido um pouco duro; confesso também que,ao deixar o velho castelo onde permaneci tantos anos, bebi o gole da despedida e, não tendo ninguém para me acompanhar, fui obrigado a desempenhar-me disso sozinho; de contrário, teria que deixar o resto da minha aguardente aos papistas, e Vossa Senhoria compreende que isso seria lamentável.

Tudo aquilo podia ser muito sensato; aliás, a minha situação exigia que me entendesse bem com o meu guia. Limitei-me, pois, a recomendar-lhe que, de futuro, cumprisse as minhas ordens sobre o passo em que devíamos avançar.

- Vossa Senhoria não me convencerá, nem ninguém no Mundo, que seja prudente ou salutar tomar o ar da noite nestas montanhas, sem previamente se ter reconfortado o estômago com um bom copo de genebra ou de aguardente, ou de qualquer cordial desse género. Atravessei cem vezes os Olterscape Riggs, de dia e de noite, e nunca teria podido encontrar-me se não tivesse bebido a pinga da manhã; e sucedeu-me, mais de uma vez, ter, de cada um dos meus lados, um barrilinho de aguardente.

- Por outras palavras, fazia contrabando... Como permite a consciência de um homem de princípios tão severos defraudar assim o tesouro público?

- Não é senão despojar os Egípcios - respondeu André. - A pobre velha Escócia teve que suportar esses patifes dos aduaneiros, que cairam em cima dela como gafanhotos, desde a desgraçada União; é proceder como bom filho levar-lhe, em despeito dessa canalha, algum cordial para alimentar o seu antigo vigor.

Interrogando-o mais, soube que André atravessara frequentemente aquelas montanhas fazendo ofício de contrabandista, antes e depois de se instalar em

Osbaldistone Hall. Lançava muitas vezes, à retaguarda, um olhar brusco e convulsivo. Estes sintomas de terror diminuiram quando nos aproximávamos do alto de uma montanha mais elevada, de aspecto selvagem, e cujo topo tinha para um dos lados uma encosta muito íngreme. Os pálidos raios da aurora começavam a iluminar o horizonte, quando André olhou de novo para trás e, não avistando vestígio de alma viva naqueles desertos, seu rosto carrancudo desenrugou-se; principiou a assobiar e em seguida cantou, com mais alegria do que arte, o refrão de uma cantiga do seu país:

Nestas montanhas, ó Jenny, e por esta árida charneca, julgo-me o teu único amigo; sim, pertences-me toda inteira, e ninguém na minha tribo guerreira ousará lançar-me desafio.

Ao mesmo tempo, passava a mão pelo pescoço do seu cavalo, e este movimento, dirigindo a minha atenção para o animal, fez-me reconhecer a montada favorita de Thorncliff Osbaldistone.

- Que significa isto? - disse eu, gravemente. - Você apoderou-se do cavalo de Thorncliff?

- Não digo que ele não lhe pertencesse em tempos, mas agora é meu.

- Roubou-o, miserável!

- Não, não, senhor; ninguém me pode acusar de roubo... Mas eis como a coisa se passou, vejamos: o escudeiro Thorncliff pediu-me emprestadas dez libras esterlinas para ir às corridas de York, e diabos me levem se ele alguma vez pensou em mas devolver; quando lhas pedia, falava-me em quebrar-me os ossos.

Agora, respondo-lhe que não lhe será fácil fazer o seu cavalo passar outra vez a fronteira; a não ser que me dê o meu dinheiro até ao último ceitil, nunca mais lhe verá nem um pêlo da cauda. Conheço em Longhmaben um procurador muito matreiro que me dirá como devo proceder. Eu, roubar o cavalo? Não, não, André Fairservice não é capaz de cometer o pecado do furto...

Não fiz mais do que retê-lo jurisdictiones fandandy causey.

São estas as boas palavras do procurador; quase se parecem com a linguagem dos jardineiros e dos sábios... É pena que elas sejam tão caras... Estas três palavras são tudo o que André ganhou no final de um grande processo, e todo o fruto que retirou de quatro barris de aguardente, a melhor que alguma vez cruzou as montanhas. Ah, meu Deus, que caro custa pleitear!

- Achará provavelmente que ainda custa mais caro, André, se teimar em pagar-se assim, sem autorização legal.

- Bom, bom, agora estamos na Escócia, Deus seja louvado! E hei-de encontrar amigos, procuradores, e mesmo juízes por mim, tão bem como todos os Osbaldistones do Mundo. O primo em terceiro grau da mãe de minha mãe é primo do preboste Dumfries, e ele não suportará que façam mal a

uma pessoa do seu sangue. Vamos, que a justiça é a mesma para toda a gente aqui; não é como entre os senhores, onde um pobre diabo vê que lhe deitam as mãos, devido a um mandado do escrivão Jobson, antes de saber porquê. Mas em breve o senhor verá que haverá ainda menos justiça entre nós, e é uma das grandes razões porque lhes disse adeus.

Eu estava extremamente contrariado com a façanha de André, e lamentava-me amargamente da sorte que pela segunda vez me punha em contacto com um indivídu de uma probidade tão duvidosa. Tomei, porém, o partido de comprar-lhe o animal, quando chegássemos ao termo da viagem, e devolvê-lo a meu primo. Resolvi também escrever a meu tio na primeira cidade onde houvesse correio, para o informar da reparação que projectava; parecia-me inútil, entretanto, censurar a André este acto, que, de facto, nada tinha de extraordinário na sua situação. Recalquei, pois, o meu ressentimento e perguntei-lhe o que significavam aquelas últimas expressões de que em breve haveria menos justiça no Northumberland.

- Justiça! - disse André -, Ah, sim, haverá bastante, mas daquela que se faz a cacete... Os padres e os beatos irlandeses e todo esse rebanho papista, que acamaram algures porque não ousavam ficar no país, regressaram agora em massa ao Northumberland... E esses corvos não se reunem senão quando cheira a cadáver. Tão certo como o senhor existir, sir Hildebrando está metido em tudo isso, porque no castelo não se vê senão pistolas e espingardas, espadas e punhais; e não é por coisa nenhuma, garanto-lhe: aqueles jovens Osbaldistone, aliás (peço perdão a Vossa Senhoria), são uns estouvados que não têm medo de nada.

Estas palavras recordaram-me as suspeitas que eu próprio concebera de que os jacobitas estavam em vésperas de alguma empresa desesperada.

- Os criados, - disse André -, bem como todos os rendeiros e camponeses, foram arrolados e passados em revista, e quiseram fazer-me pegar em armas, a mim também... Mas não tenho empenho em fazer parte de tal tropa, e quem mo pediu não conhecia André... Não, não. Só me bato, como o outro, quando me apetecer, mas não será nem pela corrupta Babilónia, nem tão-pouco pela Inglaterra.

CAPÍTULO XIX

ENTRANDO NA CIDADE DESCONHECIDA

Ao pé deste velho campanário, fatigado dos ares, prestes a cair, dormem o génio do poeta, o ardor do fogo do guerreiro!

LANGHORNE

Na primeira cidade da Escócia onde chegámos, o meu guia foi procurar o seu amigo e conselheiro procurador, para o consultar sobre o modo aceitável e legal de tornar propriedade sua o cavalo que não lhe pertencia, agora, senão devido a uma falcatrua que ainda se cometia, por vezes, neste país onde a impunidade reinara por muito tempo. Experimentei certo prazer, ao ver no regresso a sua cara de palmo e meio. Parece que ele fora demasiado comunicativo com o seu amigo e confidente, porque, em paga da sua franqueza confiante, o senhor Touchope lhe comunicou que, durante a sua ausência, fora nomeado escrivão do juízo de paz do condado, e que nessa qualidade era obrigado a comunicar aos magistrados todos os casos semelhantes ao do seu amigo André Fairservice. Via-se, pois, na necessidade, acrescentara o manhoso membro da polícia, a deter o cavalo e a metê-lo nas cocheiras do juiz Trumbull, para aí ficar, à razão de doze xelins da Escócia por dia, até a questão da propriedade ser debatida e resolvida.

Falou até como se, na execução estrita e rigorosa do seu dever, tivesse que prender o honesto André, mas como o meu guia, aterrado, suplicasse humildemente a sua indulgência, quis o juiz não só desistir dessa medida mas, também ir ao ponto de fazer presente a André de um velho poney impulsivo e cansado, para que pudesse continuar a viagem. A verdade é que ele fez pagar este acto de generosidade, exigindo do pobre André a cedência absoluta dos seus direitos sobre o bom palafrem de Thorncliff Osbaldistone, cedência que, segundo o senhor Touchope, não tinha a menor importância, visto que, ajuntava ele todo facecioso, tudo o que o seu infeliz amigo podia esperar vir a guardar do animal era o cabresto.

Enquanto eu arrancava, um a um, estes pormenores a André, tinha ele um ar triste e confundido, pois o seu orgulho estava cruelmente ferido por ser obrigado

a concordar que procuradores são procuradores, quer de um lado quer do outro do Tweed, e que o senhor escrivão Touchope não valia mais do que o senhor escrivão Jobeoil.

Era preciso que tudo estivesse bem mudado neste país, achava André, depois da triste e maldita União, porque era sempre a este acontecimento que ele atribuía todos os sinais de degenerescência e de corrupção que notava nos seus compatriotas, tais como o aumento dos preços nas estalagens, a diminuição da capacidade dos quartilhos e outros gravames deste género que me fez notar durante o caminho.

Quanto a mim, pela maneira como as coisas decorreram, considerei-me como que aliviado de toda a responsabilidade no caso do cavalo e escrevi a meu tio, dizendo-lhe em que circunstâncias ele fora trazido para a Escócia e informando-o de que estava nas mãos da justiça e dos seus dignos representantes, o juiz Trumbull e o senhor escrivão Touchope, aos quais devia dirigir-se para mais pormenores.

Continuámos o nosso caminho para o Noroeste com muito menos rapidez do que empregámos na nossa retirada nocturna de Inglaterra. Cadeias de montanhas estéreis e sem interesse sucederam-se sem interrupção até entrarmos no fértil vale do Clyde e apressámo-nos, então, tanto quanto pudémos, para chegarmos à cidade, ou, como lhe chamava o meu guia, à capital de Glasgow. Ouvi dizer que, desde há alguns anos, ela merece o título que o meu guia antecipadamente lhe dava.

Glasgow, realmente, como primeira cidade central da parte ocidental da Escócia, tinha uma categoria e uma importância considerável. O Clyde, cujas águas abundantes correm tão perto dos seus muros, abriu-lhe uma navegação interior que não era sem alguma utilidade. E não só as planícies férteis situadas na sua vizinhança imediata, mas também os condados de Ayr e de Dumfries encaravam Glasgow como sua capital, lhe enviavam os seus produtos e recebiam em troca os objectos de utilidade e de luxo necessários ao seu consumo.

Das montanhas sombrias da Escócia ocidental via-se muitas vezes descer tribos selvagens, que frequentavam os mercados da cidade favorita de São Mungo (1). Não era raro ver rebanhos de gado e de ponies (pequenos cavalos anões, felpudos e selvagens), conduzidos por montanheses, também felpudos, e por vezes também selvagens, atravessar as ruas de Glasgow. Os estrangeiros contemplavam com surpresa o seu trajo antigo e bizarro e ouviam igualmente surpreendidos os sons desconhecidos e bárbaros da sua língua, enquanto eles, armados de espingardas, pistolas, espadas e até punhais, se detinham com espanto perante os objectos de luxo de que não concebiam o uso, olhando com uma avidez quase alarmante aqueles de que conheciam a utilidade e o valor.

*(1) O santo que lançou as primeiras sementes de civilização naquelas terras.

O aspecto da cidade correspondia à sua importância.

A rua principal era larga e imponente, ornada de edifícios públicos, cuja arquitectura impressionava o olhar, embora não fosse de um gosto muito puro, e marginada de altas casas de pedra de cantaria, cuja fachada por vezes se revestia de ornamentos, o que dava a esta rua um ar de majestade e de grandeza de que a maior parte das cidades de Inglaterra estão privadas devido ao aspecto frágil e mesquinho dos tijolos com que são construídas.

Foi num sábado à tarde, e demasiado tarde para tratar de qualquer negócio, que o meu guia e eu chegámos à metrópole ocidental da Escócia. Apeámo-nos à porta de uma estalagem, cuja estalajadeira folgazã e de bom aspecto nos recebeu delicadamente.

Na manhã seguinte, todos os sinos da cidade a badalar nos anunciaram a santidade do dia. No entanto, apesar de tudo o que ouvira dizer da forma como o domingo é guardado na Escócia, o meu primeiro movimento foi, muito naturalmente, procurar Owen imediatamente, mas logo soube que toda a tentativa seria vã, enquanto o serviço divino não terminasse.

A minha hospedeira e o meu guia juntos asseguraram-me que não encontraria alma viva no escritório, nem na habitação dos senhores Mac Vittie Mac Fin & C.a. aos quais a carta de teu pai, meu caro Tresham, me dizia que me dirigisse. Eram homens religiosos e que estavam então onde todo o bom cristão devia estar, isto é, na igreja da Baronia.

André Fairservice, cujo desagrado pelas leis do seu país não se estendia até às outras sábias profissões da sua terra natal, começou logo a tecer louvores ao pregador que devia celebrar o ofício e a estalajadeira respondeu a cada elogio com um amen. O resultado foi que me decidi a ir a essa igreja tão frequentada, tanto com o desejo de saber se Owen chegara a Glasgow, como na esperança de beneficiar de uma grande edificação. Mas animaram as minhas esperanças, assegurando-me que, se o senhor Ephraim Mac Vittie (o digno homem) estava no Mundo dos vivos, não tiraria a honra da sua presença na igreja da Baronia em semelhante dia. Esta probabilidade decidiu-me e, escoltado pelo fiel André, parti para a referida igreja.

Nessa ocasião, porém, pouco precisava de um guia, porque a multidão que se comprimia ao longo de uma rua íngreme e mal calcetada, para ir ouvir o

pregador mais em voga de toda a Escócia ocidental, ter-me-ia arrastado com ela. Ao chegar ao alto da montanha, voltámos à esquerda, e uma grande porta com os dois batentes escancarados admitiu-nos, com os outros, no vasto cemitério que cercava a igreja catedral de Glasgow. O

edifício é de um estilo pesado, mais sombrio do que elegante, mas o carácter conservou-se tão puro e tão bem adaptado aos arredores que à primeira vista é verdadeiramente imponente e provoca profunda admiração e respeito. Situado numa cidade considerável e populosa, este antigo e pesado edifício parece achar-se na mais recatada solidão.

O próprio cemitério tem o seu carácter particular, porque, embora de uma grande extensão, é no entanto demasiado pequeno para o número de habitantes distintos que ali estão sepultados e cujas tumbas estão quase todas cobertas de pedras sepulcrais. Não há, pois, lugar para as altas ervas que geralmente cobrem aqueles lugares onde a maldade cessa de prejudicar e onde o homem fatigado encontra, por fim, o seu repouso. A majestade imponente da catedral corresponde ao que a rodeia. É certo que o seu aspecto é um pouco rude, mas sente-se ao mesmo tempo que o seu efeito seria destruído se houvesse no seu conjunto mais leveza e ornamentos.

CAPÍTULO XX

O AVISO MISTERIOSO QUE VEM DA SOMBRA

O frio exalado destes túneis e destas cavernas subterrâneas da morte parece penetrar até ao coração.

Este espectáculo apavora os meus olhos...

«Esposa de Luto»

Apesar da impaciência do meu guia, não pude deixar de me deter alguns instantes para contemplar o exterior da construção, mais imponente pela solidão que o cercava, quando as suas portas, até então abertas, se fecharam e admita-se o termo, engoliram a multidão que um momento antes se comprimia no cemitério e que, entrada agora na igreja, se entregava aos exercícios solenes da devoção, como no-lo anunciavam os cânticos em coro que ouvíamos de fora. Estes cânticos religiosos, nos quais toda a gente tomava parte, pareciam-me tão

superiores aos que os músicos executam, depois de os terem estudado e aprendido de cor, como a natureza é superior à representação teatral.

Enquanto o meu ouvido se comprazia em recolher estes acordes solenes, André, que não podia conter a sua impaciência, puxou-me pela manga.

- Venha, senhor, venha, se nos demorarmos assim perturbaremos o serviço ao entrar; aliás, se ficamos aqui, os bedéis vêm buscar-nos e levam-nos ao corpo da guarda, como pessoas que vadiam durante as horas do serviço divino.

Segui então o meu guia, mas não para o coração da catedral, como supusera.

- Por aqui, por aqui, senhor! - exclamou ele, puxando-me no momento em que me dispunha a entrar pela porta principal do templo. - Aí não se ocupam senão dos assuntos da lei moral mundana tão seca e tão insípida como as folhas da rua (1) o são pelo Natal. Por aqui, saboreamos o sabor da verdadeira doutrina.

*(1) Planta amarga.

Assim falando, fez-me passar por um pequeno corredor, cerrado por uma porta de postigo, que um homem de rosto grave estava quase a fechar. E depois de descermos alguns passos, encontrámo-nos sob as abóbadas subterrâneas da igreja, que se tinham escolhido de uma maneira bastante singular, e não sei porquê, para o exercício do culto.

Imagina, Tresham, uma longa fileira de abóbadas sombrias, baixas, a meia luz, como as criptas destinadas às sepulturas nos outros países, e que neste se destinaram por muito tempo ao mesmo uso. Uma parte deste subterrâneo fora convertida em igreja e colocaram-lhe bancos, mas essa parte assim disposta, embora podendo bem conter uma reunião de algumas centenas de pessoas, era muito pouco em comparação com as vastas e sombrias cavernas que ficavam vazias e abertas em volta do que se pode chamar espaço habitado. Nestas solitárias regiões do olvido, velhas bandeiras enegrecidas pelo tempo, farrapos de brasões rasgados, indicavam as sepulturas dos que, sem dúvida, tinham sido príncipes de Israel. Inscrições que não podiam ser decifradas senão por laboriosos arqueólogos, numa língua tão fora de moda como o acto de devoção que reclamavam, convidava quem passava a rogar pelas almas daqueles cujos corpos repousavam em baixo. No meio destes receptáculos dos últimos despojos da humanidade, encontrei uma numerosa assembleia a rezar. Os Escoceses cumprem este dever de pé, em vez de se ajoelharem. Educado na mesma crença, volvi nesse instante todos os meus pensamentos para aqueles exercícios de piedade, e só quando toda a assembleia retomou os seus assentos é que a minha

atenção foi distraída pelos objectos que me cercavam.

No fim da oração, todos os homens tornaram a pôr os seus chapéus e todos os que tinham a sorte de dispor de bancos se sentaram. André e eu não pertencíamos a este número, tendo chegado tarde de mais à igreja para os obter. Fazíamos parte do número de outros indivíduos que se encontravam no mesmo caso e formavam uma espécie de círculo em volta da assembleia que estava sentada. Todas as fisionomias se volviam para o pregador e nelas se notava a variedade de caracteres e de expressões vulgares em reuniões desta espécie.

A idade e as enfermidades tinham enfraquecido ao orador um órgão naturalmente enérgico e sonoro. Ao ler o texto, a sua pronúncia pareceu-me um pouco desarticulada, mas, quando ele fechou a Bíblia e começou o sermão, a sua voz foi-se tornando mais firme, aos poucos, à medida que avançava nos argumentos que desenvolvia.

O seu discurso espraiou-se principalmente sobre os pontos mais abstractos da religião cristã, assuntos graves, profundos e impenetráveis para a razão humana mas que ele tentava, de maneira tão louvável quão engenhosa, explicar por meio de citações das Escrituras Sagradas.

O meu espírito não fora preparado para seguir todos aqueles raciocínios, não tinha mesmo a certeza de compreender bem, não havia, porém, coisa capaz de impressionar mais do que o ardente entusiasmo que animava o bom velhote, e nada mais engenhoso do que a sua maneira de argumentar.

No grupo atento que eu tinha diante dos olhos podiam-se notar vários caracteres de expressão, como no célebre quadro de Rafael que representa São Paulo a pregar em Atenas. A maior parte do auditório escutava, num ar calmo e satisfeito, que exprimia a consciência do mérito que cada um se atribuía da sua presença e da atenção que prestava a um discurso tão engenhoso, por menos capaz que talvez fosse de o compreender.

As mulheres pertenciam geralmente a esta última classe da assembleia, com a diferença, porém, de que as velhas prestavam uma atenção mais séria às doutrinas abstractas que lhes explanavam, ao passo que as novas deixavam por vezes errar discretamente os olhos em volta da assembleia, algumas, Tresham, (se a vaidade me não vence), parece que notaram o teu amigo e servo, e o distinguiram, sem dúvida, como Inglês e mancebo de razoável apresentação. Quanto ao resto do auditório, os imbecis abriam grandes olhos, bocejavam, adormeciam até os despertarem com pontapés nas pernas os vizinhos mais zelosos, os indiferentes atenteavam a sua distracção pelo seu olhar discreto, mas não se atreviam a dar mais evidentes sinais de tédio, no meio daqueles casacos e capas,

trajo característico do habitante das terras baixas, notava aqui e além um manto escocês, o indivíduo que o usava, encostado aos copos da sua espada, passeava os olhos pelo auditório, num ar de espanto e de curiosidade selvagem, e não prestava a menor atenção ao sermão, mas, provavelmente, pela mais desculpável de todas as razões, isto é, porque não compreendia nem uma palavra. No entanto, o ar marcial e feroz daqueles forasteiros dava à assembleia um carácter que, sem eles, Lhe teria faltado. André fez-me notar que, nesse dia, estavam ali em grande número, por causa da feira de gado que se efectuava nas vizinhanças.

Já disse que permanecia de pé com os que constituiam o círculo exterior, o rosto volvido para o pregador e o dorso para as arcadas de que falei. A minha posição colocava-me de forma que o menor ruído que se produzisse sob essas arcadas desertas, e que era logo repetido por mil ecos, me incomodava.

O rumor das gotas de chuva que, penetrando por qualquer interstício do telhado arruinado, caíam no pavimento, fez-me voltar mais de uma vez a cabeça para o local de onde parecia virem e, quando os meus olhos tomavam essa direcção, custava-me desviá-los, tal é o prazer que a nossa imaginação encontra ao esforçar-se por penetrar num labirinto imperfeitamente iluminado e que nos apresenta os objectos que não excitam a nossa curiosidade senão pelo misterioso interesse que lhes empresta o seu aspecto vago e duvidoso.

Pouco a pouco, os meus olhos habituaram-se à atmosfera tenebrosa para onde os dirigia constantemente, e em breve o meu espírito se interessou mais pelas descobertas que ali pretendia fazer do que pelas subtilezas metafísicas que o pregador desenvolvia.

Tentei, na voz mais baixa possível, perguntar a André se algum dos sócios da casa Mac Vittie & C.a estaria entre a assembleia, mas André, todo entregue ao sermão, respondeu-me com uma cotovelada, como que para me aconselhar a estar sossegado. Volvi então os meus olhos para aquela multidão que, de pescoço estendido, dirigia os seus olhares para o púlpito como para um ponto central comum, e esforcei-me, sem grande êxito, por descobrir a fisionomia circunspecta, ouso mesmo dizer quase comercial de Owen; nem sob os largos chapéus dos burgueses de Glasgow, nem sob os mais largos ainda dos habitantes do Lanarkshire, pude descobrir alguma coisa que se assemelhasse à modesta peruca, às mangas engomadas e ao vestuário cor de noz que distinguiam o primeiro empregado da casa Osbaldistone & Tresham.

Puxei André pela manga e declarei-lhe a minha intenção de deixar a igreja e continuar as minhas pesquisas conforme pudesse, mas, tão teimoso na igreja subterrânea de Glasgow como nos montes Cheviot, desdenhou por algum tempo responder-me. Por fim, vendo que não havia outra forma de me manter quieto, resolveu dizer-me que, uma vez na igreja, não a podíamos abandonar antes de terminar o serviço, porque se fecharam as portas logo que as orações começaram. Dando-me esta informação em tom breve e de mau humor, André retomou o ar de importância e de inteligência crítica com que escutava o

discurso do pregador.

Quando tentava fazer da necessidade virtude e concentrar-me no sermão, fui de novo perturbado por uma das mais estranhas interrupções. Uma voz atrás de mim pronunciou distintamente estas palavras ao meu ouvido: "O senhor está em perigo nesta cidade". Voltei-me maquinalmente.

Estavam à minha retaguarda e ao meu lado dois ou três operários, homens vulgares, que, como nós, tinham chegado demasiado tarde para obter lugares sentados. Num relance, convenci-me, sem saber porquê, de que nenhum deles era a pessoa que me falara. Seus rostos denunciavam a atenção que davam ao sermão, e nenhum olhar de inteligência respondeu ao olhar interrogador que lhes lancei. Um pilar redondo e maciço que estava atrás de nós podia-nos ter escondido o indivíduo que me fizera aquele misterioso aviso. Mas, por que motivo o recebia eu naquele local? Contra que espécie de perigo me queriam prevenir e quem era a pessoa incumbida de me avisar?

No entanto, pensei que o aviso seria repetido, e resolvi manter o rosto voltado para o pregador, para que a voz misteriosa fosse tentada a reiterar-me a sua comunicação, receando não ter sido ouvida a primeira vez. E o meu plano resultou. Não havia cinco minutos que eu retomara a atitude de atenção, a mesma voz repetiu baixinho: "Escute, mas não se volte (mantive a cabeça na mesma posição), o senhor está aqui em perigo, e eu também, vá procurar-me esta noite na ponte, à meia-noite em ponto, fique em casa até anoitecer e evite mostrar-se."

A voz calou-se, e eu voltei imediatamente a cabeça, mas quem me falara, com muito mais rapidez ainda, deslizara por detrás do pilar e escapara-se à minha vista.

Estava resolvido a apanhá-lo, se fosse possível, e, desembaraçando-me do círculo exterior dos auditores, passei também para trás do pilar. Não estava lá ninguém, e só pude distinguir um vulto que se perdia como um fantasma no espaço imponente das abóbadas que já descrevi.

Fiz um movimento maquinal para alcançar a forma misteriosa que se escapava e se desvanecia no meio do cemitério abobadado, como a sombra dos mortos que repousavam naquele recinto. Pouca esperança tinha de deter a corrida de um indivíduo que evidentemente procurava evitar-me, mas, antes de ter dado três passos para lá do pilar, perdi mesmo toda a probabilidade de o conseguir, pela queda que dei ao tropeçar em qualquer coisa, na obscuridade. O pregador, em tom severo, interrompeu o seu discurso para ordenar ao bedel que prendesse o autor da perturbação produzida no lugar sagrado. No entanto, como o ruído não se repetisse, o bedel não julgou necessário procurar o perturbador, de maneira que pude, sem despertar as atenções, retomar o meu primitivo lugar junto de André. O serviço continuou e acabou sem mais incidente digno de

registo.

Quando a assembleia se levantou para se retirar, o meu amigo André exclamou: - Olhe, veja além o digno senhor Mac Vittie e o senhor Thomas Mac Fin, que, diz-se, deve casar com miss Alison, se souber manobrar. Se não é bonita, tem muito dinheiro.

Os meus olhos volveram-se para o lado indicado. Vi no senhor Mac Vittie um homem alto, magro e de certa idade, de feições bastante duras, sobrancelhas grisalhas muito espessas e a quem achei uma expressão sinistra que me causou repulsa. Lembrei-me do aviso que recebera na igreja e hesitei em dirigir-me àquele indivíduo, embora não pudesse alegar qualquer motivo razoável de desconfiança ou de aversão. Ainda estava hesitante, quando André, que tomou essa hesitação por timidez, quis exortar-me a vencê-la.

- Fale-lhe, senhor Francis, ele ainda não é preboste, embora se diga que vem a sê-lo no ano próximo... Fale-lhe, que ele responder-lhe-á honestamente, por muito rico que seja, a não ser que o senhor necessite de dinheiro, pois diz-se que é muito agarrado.

Acudiu-me logo o pensamento de que, se aquele negociante era realmente tão interesseiro e tão avaro como André o pintava, teria que tomar talvez algumas precauções antes de travar conhecimento com ele, sem saber em que estado podiam encontrar-se as suas contas com meu pai. Portanto, em lugar de me dirigir directamente a ele, como primeiro tinha resolvido, limitei-me a encarregar André de ir informar-se a casa do senhor Mac Vittie do endereço de um Inglês chamado Owen e recomendei-lhe que não revelasse a ninguém o recado de que o incumbira, e de me levar a resposta à pequena estalagem onde estava hospedado. André prometeu cumprir as minhas ordens, lembrou-me a obrigação de assistir ao serviço da noite, e ajuntou, com aquela causticidade que lhe era peculiar: - De facto, quando as pessoas não podem manter as pernas quietas, nem evitar tropeçar nas pedras, com um barulho capaz de acordar os mortos, é melhor rezarem as suas orações ao canto da lareira.

CAPÍTULO XXI

ENCONTRO NOCTURNO NA PONTE

No Rialto, dia a dia, à meia-noite, faço os meus passeios de meditação: aí nos encontraremos ambos.

Veneza Salva

Perturbado por sinistros pressentimentos, para os quais não achava, porém, motivo razoável, fechei-me no meu quarto e, mandando retirar André depois de ter resistido às suas instâncias importunas para que o acompanhasse à igreja de Santo Enoch, comecei a reflectir seriamente no partido que devia tomar. Nunca fui o que se chama supersticioso, mas julgo que todos os homens, quando se encontram numa situação difícil e embaraçosa, depois de terem feito uso da sua razão, por assim dizer, sem resultado, são propensos, por uma espécie de desespero, a dar largas à sua imaginação e a deixar-se guiar pelo acaso, ou por aquelas impressões caprichosas que se apoderam do seu espírito e às quais se abandonam como a impulsos involuntários.

Havia qualquer coisa de tão estranhamente repulsivo nas duras feições do negociante escocês que não me podia decidir a fiar-me nele sem faltar a todas as regras da prudência. Ao mesmo tempo, aquela voz misteriosa, aquele vulto que se sumira dos meus olhos, como um fantasma, sob as arcadas do que se pode chamar o vale da sombra da morte, tudo isso tinha qualquer coisa de fascinante para a imaginação de um jovem que, como tu te deves lembrar, era um tudo nada poeta.

Se, como misteriosamente me advertiram, eu estava cercado de perigos, como podia conhecer a sua natureza e saber a maneira de lhes escapar, se não comparecesse ao encontro que me marcara um desconhecido ao qual eu não podia atribuir senão disposições benévolas?

Em suma, resolvi ir procurar o misterioso desconhecido à ponte e deixar-me depois guiar pelas circunstâncias. Não te ocultarei hoje, Tresham, o que tentei ocultar então de mim próprio, era a esperança secreta, em vão repelida pelo bomsenso, de que Diana Vernon, por acaso e por meios que me era impossível adivinhar, podia ter qualquer relação com o estranho aviso que me fora feito, a uma hora, num local e de uma maneira tão surpreendentes. Quem, a não ser Diana

Vernon, podia ter, com o conhecimento dos perigos que me cercavam, os meios e o desejo de me livrar deles? Esta forma lisonjeira de encarar uma situação muito difícil não deixava de estar presente no meu espírito. iPrimeiro, não era senão insinuada muito timidamente no meu pensamento, antes da hora do jantar, mas, durante a minha frugal refeição, voltou com mais força a exercer sobre mim o seu atractivo e acabou por apoderar-se de tal forma do meu eSpírito (para isto contribuiu talvez o calor de alguns copos de excelente Bordéus), que, fazendo uma espécie de esforço desesperado para me arrancar àquele erro sedutor, repeli o meu copo, abandonei a mesa, peguei no chapéu e fugi para o ar livre, como um homem que quer escapar-se aos seus próprios pensamentos. E os meus passos conduziram-me insensivelmente para a ponte do Clyde, que era o local indicado pelo meu invisível informador.

Vários grupos de pessoas jovens ou velhas, que todas parecia levarem no rosto a marca da santidade do dia, atravessavam o vasto prado que se encontra na margem setentrional do Clyde e que serve ao mesmo tempo de campo para corar roupa e de passeio aos habitantes de Glasgow, outras passavam lentamente pela ponte, dirigindo-se para a parte meridional do condado.

Apesar do grande número de pessoas que passava perto de mim, não se ouvia nem um zumbido de voz humana, poucas voltavam atrás para fazer um exercício de alguns minutos, embora o ócio da tarde e a beleza do local e dos arredores parecesse convidarem-nos, cada um regressava a sua casa, sem se deter.

Acabei por compreender que as minhas idas e vindas à beira do rio me tornariam notado pelos transeuntes, se acaso não me expusessem à sua crítica. Afastei-me, pois, do caminho frequentado, e achei para o meu espírito uma espécie de ocupação dirigindo essas idas e vindas por todos os lados do prado onde estava menos exposto a ser visto, as várias obras que sulcam o recinto e que, como as do parque de Saint James em Londres, estão marginadas de árvores, davam facilidade a estas minhas manobras pueris.

Ao descer uma dessas avenidas, ouvi, com grande surpresa minha, a voz azeda e pretensiosa do senhor André Farservice.

Todo cheio da sua importância, elevava-a de maneira um pouco mais ruidosa do que os outros achariam conveniente, dada a solenidade do dia. Deslizar para trás de um renque de árvores, perto do qual eu andava, não era talvez procedimento muito nobre, mas era a maneira mais fácil de escapar à sua vista, à sua impertinente assiduidade e à sua curiosidade ainda mais importuna. Ele passeava, conversando com um homem de rosto grave, fato preto, chapéu de aba revirada para baixo e capa genovesa, e ouvi-o fazer o seguinte esboço de um carácter que revoltou o meu amor-próprio.

- Sim, sim, senhor Hammorgaw, - dizia ele -, é bem como eu lhe digo. Não é porque lhe falte absolutamente o senso, ele tem noção do que é razoável, mas aquilo não tem continuidade... é um relâmpago e nada mais... Tem a cabeça recheada de uma porção de ninharias ridículas de poesia... É mais capaz de apreciar um velho tronco de carvalho desfolhado e podre do que uma bela pereira carregada de frutos, e um rochedo nu e estéril vale mais a seus olhos do que um jardim ornado de flores e de arbustos. Depois, passa o seu tempo a tagarelar com uma comadre manhosa a quem chamam Diana Vernon, uma autêntica papista... Pois bem,

gosta mais de perder o seu tempo com ela, ou outra do seu género, do que de escutar pessoas, como o senhor ou como eu, enfim, pessoas sensatas e religiosas como nós, senhor Hammorgaw, cujos conselhos lhe seriam úteis para todos os dias da sua vida. Mas não, senhor, a razão é uma coisa que ele não pode suportar... dá-se inteiramente às vaidades e às frivolidades deste Mundo... Não disse ele um dia (pobre cego!) que os salmos de David eram excelente poesia, como se o santo rei tivesse pensado em arranjar rimas sonoras nesse amálgama de palavras absurdas a que ele chama versos. Deus tenha piedade dele! Duas linhas de David Lindsay valem mais do que tudo o que ele tem garatujado.

Não te admirarias muito de que, escutando este quadro um tanto carregado do meu carácter e dos meus gostos, eu pensasse em causar uma surpresa desagradável ao senhor Fairservice, quebrando-lhe os ossos na primeira ocasião honesta que se me apresentasse, o seu amigo só denunciava a atenção que lhe prestava por algumas exclamações tais como: "Ah! Ah!... Sim, sim!" e outras do mesmo género, de cada vez que o senhor Fairservice fazia uma pausa no seu discurso, no entanto, fez-lhe por fim uma observação um pouco mais longa, da qual não colhi o sentido senão pela réplica do meu fiel guia: - Que lhe revele a minha maneira de pensar, diz o senhor? O senhor não sabe o que é aquele demónio? É como velho javali de Giles Heathertap, mostre-lhe um farrapo, e tê-lo-á enfurecido... Pergunta-me porque continuo com ele, palavra, eu próprio não o sei bem... O facto é que, apesar de tudo, este rapaz não tem mau fundo, e precisa junto dele de um homem honesto e cuidadoso, porque ele não é um agarrado, o ouro escorre-lhe como água entre os dedos, e não é mau estar a seu lado quando tem a bolsa na mão, e tem-na quase sempre, depois, é de boa família, bem aparentado... e verdadeiramente, senhor Hammorgaw, tenho apego àquele pobre rapaz, por mais frívolo que seja... Além disso, há um bom ordenado...

Ao fazer esta instintiva confidência, o senhor Fairservice baixou a voz e tomou o tom próprio de uma conversa sustentada em público, ao domingo, em breve seu companheiro e ele se afastaram, de maneira que não pude continuar a ouvi-los. O primeiro ressentimento que experimentara não tardou em dissipar-se, ao pensar que, em regra, todos os criados dizem mal dos amos na ausência destes. Contudo, este incidente teve talvez a sua utilidade, excitando em mim sensações que me ajudaram a passar o tempo que me parecia tão longo.

A tarde avançava, e as trevas, adensando-se, apresentavam primeiro um colorido pardo e uniforme, depois deram um aspecto turvo e mais sombrio às águas sossegadas do rio, que os raios da lua em seu declínio não iluminaram senão parcialmente. A velha e maciça ponte que se estendia sobre o Clyde mal se via e lembrava a do vale de Bagdade que Mirza descreve na sua visão incomparável. À medida que a noite avançava, crescia a calma. Ainda se via brilhar, de vez em quando, ao longo do Clyde, a luz de algumas lanternas, levadas, no regresso a casa, pelo pequeno número dos que, depois da abstinência e dos deveres piedosos do dia, tinham ceado, com alguns dos seus amigos, a parca ceia que a austeridade presbiteriana permite tomar em comum, ao domingo.

Mas, em breve, essas luzes e esses ruídos se tornaram cada vez mais raros. Por fim, cessaram inteiramente, e eu entreguei-me sozinho ao prazer de um passeio solitário nas margens do Clyde.

Mas, à medida que a noite decorria, suportava a incerteza da minha situação com impaciência sempre crescente e a qual, em breve, não pude dominar. Comecei a perguntar a mim próprio se não era vítima de alguém que quisesse

divertir-se à minha custa, ou se o que eu ouvira não teria sido o efeito de um delírio de loucura, enfim, se não era vítima das maquinações de um celerado. Agitado por estes pensamentos, percorria o pequeno cais próximo da entrada da ponte, num estado de irritação e de ansiedade que se tornava insuportável.

Soou, enfim, a primeira badlada da meia-noite no relógio da igreja matriz de São Mungo, e todas as outras paróquias, como diocesanas fiéis, repetiram aquele sinal. Mal o eco extinguira o último murmúrio do seu som, um vulto, o primeiro que via desde há duas horas, apareceu-me ao longo da ponte, do lado meridional do rio. Avancei ao seu encontro, com tanta agitação como se o meu destino dependesse do resultado daquela entrevista, tanto a prolongada espera exaltara a minha imaginação. Tudo o que pude notar no desconhecido, enquanto nos aproximávamos um do outro, foi ser ele de uma estatura um pouco abaixo da média, mas que parecia robusta e nervosa, envolvia-se numa capa como as que se usam quando se monta a cavalo.

Afrouxei o passo, na esperança de que ele me abordasse, mas, para minha inexprimível contrariedade, passou perto de mim sem me falar, e eu não tinha pretexto algum para me dirigir em primeiro lugar a alguém que, apesar da sua presença naquele local à mesma hora da minha entrevista, lhe podia ser, porém, completamente estranho. Detive-me, depois de ele me ter ultrapassado e voltei-me para o ver, na incerteza de se o havia de seguir. O desconhecido continuou a andar até à extremidade setentrional da ponte, depois parou, lançou um olhar à retaguarda e, voltando-se, começou a avançar para mim.

Resolvi, desta vez, não Lhe dar pretexto algum de guardar silêncio.

- O senhor passeia bastante tarde - disselhe, quando nos cruzávamos pela segunda vez.

- Venho aqui, conforme prometi - respondeu ele -, e creio que o senhor Osbaldistone faz o mesmo.

- Então, é o senhor a pessoa que me avisou para vir aqui a esta estranha hora?

- Fui eu. Siga-me e vai conhecer os motivos.

- Antes de o seguir, preciso de saber quem o senhor é e quais são as suas intenções.

- Sou um homem e as minhas intenções para consigo são as mais benévolas.

- Um homem! Eis uma resposta bem lacónica!

- É a de alguém que não pode dar outra. Aquele que não tem nome, nem amigos, nem dinheiro, nem pátria, entretanto, ainda é um homem, e aquele que possuir tudo isso não o é mais do que ele.

- Contudo, é falar de si próprio em termos demasiado vagos para inspirar confiança a um estranho.

- Não lhe posso, porém, dizer mais, e compete-lhe resolver se me quer seguir ou renunciar às informações que desejo dar-lhe.

- Não me pode dar essas informações aqui?

- O senhor deve informar-se de tudo pelos seus olhos e não pela minha boca, tem que me seguir ou ficar na ignorância das coisas que eu poderia dar-lhe a conhecer.

Havia qualquer coisa de breve, de resoluto, e mesmo de severo no tom do desconhecido, que não era talvez o melhor para inspirar uma confiança absoluta.

- Receia-me? - disse ele com impaciência. - Julga que a sua vida seja de uma importância suficientemente grande para que tentem roubar-lha?

- Não receio nada - respondi com firmeza, embora um pouco precipitado. - Vamos, eu sigo-o.

Contra a minha expectativa, o meu guia fez-me voltar para a cidade e, como mudos fantasmas, deslizámos ao longo das ruas desertas e silenciosas. A nossa marcha prolongou-se durante alguns minutos no mais profundo silêncio; por fim, o meu guia quebrou-o.

- Tem medo? - indagou ele.

- Respondo-lhe com os seus próprios termos: porque havia de recear?

- Porque o senhor está com um estranho, talvez com um inimigo, num local onde não tem um amigo e onde tem muitos inimigos.

- Não os receio, nem a eles, nem ao senhor. Sou jovem, vigoroso e estou bem armado.

- Eu não estou armado, mas pouco importa, a um braço decidido nunca faltaram armas. O senhor diz que nada receia, mas se soubesse ao lado de quem vai, talvez experimentasse algum medo.

- E porque havia de experimentá-lo? Repito-lhe: nada receio do que possa fazer.

- Nada do que eu possa fazer? Seja. Mas não receia as consequências de se encontrar com alguém cujo nome, pronunciado em voz baixa nesta mesma rua solitária, faria levantar as próprias pedras para o derrubar; sobre a cabeça do qual metade dos habitantes de Glasgow poriam a esperança da sua fortuna, e julgariam ter encontrado um tesouro se tivessem a felicidade de lhe lançar a mão à gola do casaco; com um homem, enfim, de quem se saberia a captura em Edimburgo com tanta satisfação como a notícia de uma batalha ganha na Flandres?

- E quem é o senhor cujo nome pode inspirar tão profundo sentimento de terror?

- Não sou seu inimigo, visto que vou conduzi-lo a um lugar, onde, se eu próprio fosse reconhecido, não tardaria em ver-me com ferros nos pés e uma corda no pescoço.

Detive-me e recuei um passo, para observar melhor o meu companheiro.

- O senhor disse muito ou muito pouco - respondi eu. - Muito para me dispor a conceder-lhe a minha confiança, a si, que me é perfeitamente estranho e me confessa estar sob a alçada das leis do país em que vivemos; muito pouco se não provar que é injustamente que se encontra exposto ao seu rigor.

Como eu cessasse de falar, ele avançou um passo para mim.

Recuei maquinalmente, levando a mão aos copos da minha espada.

- Quê! - disse ele. - Contra um homem desarmado? Contra um amigo?

- Ainda ignoro se o senhor é uma coisa ou outra; e, para lhe dizer a verdade, as suas maneiras e a sua linguagem poderiam autorizar-me a duvidar de ambas.

- Fala como um valente, e eu respeito todo aquele cujo braço sabe proteger a cabeça. Quero ser franco e sem reservas consigo: vou levá-lo à prisão.

- æ prisão! À ordem de quem? Por que crime? Talvez tenha a minha vida, antes da minha liberdade... Desafio-o a que me leve mais longe.

- Não o conduzo como preso. Não sou - acrescentou ele, endireitando-se com altivez -, nem beleguim, nem oficial da polícia; levo-o lá para ver um preso, da boca do qual saberá o perigo que corre agora. A sua liberdade não corre risco algum nesta visita, a minha talvez possa estar em perigo, mas a ele me exponho voluntariamente por sua causa, porque os perigos não me assustam, e gosto desse ardor de mocidade que não conhece outra salvaguarda senão a ponta da sua espada.

Assim discorrendo, tínhamos chegado à rua principal. O meu companheiro parou diante de um edifício de pedra de alvenaria, cujas janelas me pareceram guarnecidas de grades de ferro.

- Quanto não dariam o preboste e os juízes de Glasgow, - disse o desconhecido, cujo sotaque nacional se tornava mais pronunciado á medida que se entregava a uma conversação mais familiar -, quanto não dariam eles por terem fechado na sua prisão, com ferros nos pés e nas mãos, aquele cujas pernas são mais livres, neste momento, do que as dos gamos dos bosques? E de que lhes serviria isso? Quando eles aí me tivessem, com peso de ferro de cem libras em cada pé, no dia seguinte encontrariam o quarto vazio e o locatário mudado. Mas venha, que esperamos nós?

Assim falando, deu uma pequena pancada numa espécie de postigo. Uma voz rouca, semelhante à de alguém que acorda ou que sai de um sonho, respondeu: - Que é isso? Que há?... Que diabo quer a esta hora da noite? ... é contra as regras... absolutamente contra as regras...

O tom arrastado em que estas últimas palavras foram pronunciadas

denunciava que quem acabava de falar se preparava para se voltar para o outro lado; mas o meu guia, erguendo um pouco a voz, disse: - Dougal, meu caro, já esqueceste Ha-nun-Gregarach (1).

- Não, com os diabos! - responderam vivamente.

E ouvi o guarda levantar-se com prontidão. O meu guia e o carcereiro trocaram algumas palavras numa língua que me era inteiramente desconhecida. Correram-se os ferrolhos, mas com uma precaução que indicava o receio de que o ruído fosse ouvido; e achámo-nos no vestíbulo da prisão de Glasgow, uma espécie de sala de guarda, pequena, mas bem fortificada. Uma escada estreita conduzia ao andar superior, e uma ou duas portas baixas, de quartos do rés-do-chão, estavam guarnecidas de grades e de varões de ferro.

*(1) Palavras escocesas que significam Mac Gregor.

CAPÍTULO XXII

ENTRA EM CENA UM NOVO PERSONAGEM

Olha em tua volta, jovem Astolfo, eis o lugar para onde se enviam os homens por serem pobres, cruel remédio para essa triste enfermidade!

Dentro destes muros, abafados pela humidade e pelos fétidos, extingue-se a chama da esperança, e aos seus últimos clarões, excitado pelas orgias a que se entrega em sua demência, o feroz desespero acende seu facho infernal para iluminar os crimes a que o pobre preso preferia a morte, antes de que o cativeiro Reduzisse sua alma a tanta degradação.

A Prisão, cena III, acto I

O meu primeiro movimento, ao entrar, foi lançar um olhar ávido ao meu guia, mas a candeia que estava no vestíbulo espalhava uma claridade demasiado fraca para que eu pudesse distinguir-lhe as feições. Quando o carcereiro pegou na luz, os raios incidiram directamente sobre o seu rosto, que me pareceu digno de alguma atenção. Era uma espécie de animal selvagem cuja cabeça, quase informe, estava coberta por uma floresta de cabelos ruivos que lhe ocultavam uma parte das feições, nas quais, nesse momento, não se notava outra expressão senão a da alegria extravagante que dele se apoderara ao ver o meu guia. Creio

nunca ter encontrado coisa que se assemelhasse tanto à ideia que fazia de um selvagem hediondo e feroz em todo o seu grosseiro primitivismo, adorando o ídolo da sua tribo. Careteava, balbuciava, ria e estava prestes a chorar, se acaso não chorava absolutamente. O seu rosto parecia dizer: "Onde hei-de ir, que hei-de fazer por si?" e exprimia um sentimento de zelo e um ardor de dedicação impossível de pintar.

O meu guia recebeu todos aqueles cumprimentos e demonstrações de alegria com o ar de um príncipe demasiado habituado desde a sua infância às homenagens dos que o cercam, para se mostrar comovido, mas, no entanto, dignou-se responder pelos vulgares sinais da benevolência real...

Estendeu benevolamente a mão no carcereiro e disselhe: - Olá, Dougal, como vai isso?

- Eh! Oh! - exclamou Dougal, tentando conter as ruidosas expansões da sua surpresa e relanceando olhares alarmados em sua volta. - Eh, Senhor... Ei-lo... Será possível que seja o senhor? Que será de si, se os bailios vierem fazer a sua visita?... Canalhas como eles são!...

O meu guia levou o dedo à boca e disse: - Nada receies, Dougal, as tuas mãos nunca fecharão o ferrolho para mim.

- Não, realmente... - disse Dougal. - Antes mas cortassem pelo cotovelo... Mas, quando volta para lá?... Ao menos, não se esqueça de me avisar... Bem sabe que o pobre Dougal é seu primo, apenas em sétimo grau.

- Avisar-te-ei, Dougal, quando tiver traçado os meus planos.

- E, palavra de honra, quando o senhor mo disser, se for domingo depois da meia-noite, Dougal atira as chaves à cabeça do preboste e do primeiro que aparecer, e não espera pela manhã de segunda-feira para o seguir... Verá se não o faz.

O misterioso desconhecido cortou cerce os êxtases do seu conhecido, falando-lhe outra vez numa linguagem, que soube mais tarde ser o irlandês, explicando-lhe provavelmente os serviços que esperava dele.

- Com todo o coração, com toda a alma - foi a resposta do carcereiro.

Avivou a lâmpada mortiça e convidou-me a segui-lo.

- Não vem connosco? - disse ele, olhando para o meu guia.

- É inútil, a minha presença podia incomodá-los, e é melhor eu ficar aqui para assegurar a nossa retirada.

- Não suponho que me queira arrastar para algum perigo.

- Nenhum que eu não partilhe consigo e que não seja duplo para mim - respondeu o estrangeiro, num tom de confiança que não podia suscitar a menor

dúvida.

Segui o carcereiro, que, deixando o postigo interior aberto atrás dele, me conduziu por uma escada de caracol até uma estreita galeria, depois, abrindo uma das inúmeras portas que davam para esse corredor, fez-me entrar num pequeno compartimento. Lançando os olhos para uma má enxerga que ocupava um canto, disse, a meia voz, colocando a candeia em cima de uma pequena mesa de madeira: - Dorme, a pobre criatura!

- Pobre criatura! Santo Deus, - pensei eu - será Diana Vernon que se encontra neste asilo de miséria?

Lancei um olhar ao leito, e foi com um singular misto de desapontamento e de prazer que reconheci que me enganara na minha primeira suspeita. Uma cabeça que não era nem jovem, nem bela, com uma-barba grisalha de dois dias, tapada com um barrete de noite escarlate, tranquilizou-me, ao primeiro relance, acerca de Diana Vernon, e quando o dorminhoco, saindo do seu sono profundo, pestanejou, reconheci umas feições bem diferentes... as do meu pobre amigo Owen. Afastei-me um momento a fim de lhe dar tempo de me reconhecer.

Entretanto, o desditoso formalista, erguendo-se na enxerga apoiado numa mão, enquanto levava a outra ao barrete de noite, exclamou numa voz meio dormente e que exprimia tanta irritação quanta ele era susceptível de experimentar.

- Sabe, senhor Dugwell, ou como é que se chama, que, se o meu repouso foi interrompido, dará como resultado que apresentarei a minha queixa ao lorde maior?

- É um senhor que lhe quer falar - replicou Dougal, retomando o tom irritado de um autêntico carcereiro.

E rodando sobre os tacões, abandonou o compartimento.

Owen reconheceu-me, por fim, e entregou-se a um desgosto extremo, supondo, como era natural que o julgasse, que eu fora conduzido à prisão, para partilhar do seu cativeiro.

- Oh! senhor Frank, que desgraça atraiu sobre a sua cabeça e a sua casa! Porque eu não conto para nada, por assim dizer, não passo de um zero. Mas, o senhor que constituia a soma total das esperanças de seu pai, o seu omnium, o senhor que podia ser o primeiro chefe da primeira casa da primeira das cidades de Inglaterra, estar encerrado numa mísera cadeia da Escócia, onde nem sequer uma pessoa pode mandar escovar o fato!

Ao falar assim, esfregou num ar desgostoso e irritado o seu fato cor de noz, outrora sem mancha, mas que absorvera parte das impurezas do soalho da prisão. Os seus hábitos de excessivo asseio contribuiram para aumentar o seu mal-estar.

- Oh! Valha-nos Deus! - continuou ele. - Que efeito irá produzir esta notícia na Bolsa! Não houve nada de semelhante, desde a batalha de Almanga, onde a

perda total dos Ingleses foi avaliada em cinco mil homens mortos e feridos, sem incluir na adição o total de prisioneiros. Mas o que é isso comparado com a notícia de que a casa Osbaldistone & Tresham suspendeu os seus pagamentos!

Interrompi as suas lamentações para lhe dizer que não estava preso, embora mal lhe pudesse explicar a minha presença naquele local, àquela hora. Pus termo às suas perguntas, fazendo-lhas eu sobre a situação em que o encontrava.

Eis o resultado das informações que pude colher da sua boca: dos dois correspondentes que meu pai tinha em Glasgow, Owen e ele encontraram sempre a casa Mac Vittie, Mac Fin & C.a, como a mais diligente e a mais acomodatícia. Em todas as transacções, estes banqueiros tinham mostrado a mais completa deferência pela grande casa de Londres, limitando-se a desempenhar o papel do chacal que se contenta com a parte que o leão lhe quer abandonar. Por mais modesta que fosse a percentagem que lhe era atribuída nos lucros de um negócio, era sempre suficiente para eles, segundo escreviam,. e quaisquer que fossem os trabalhos que tinham tido, não os julgavam bastantes para merecerem a protecção e a estima dos seus respeitáveis amigos de Crane Alley.

As ordens de meu pai eram para os senhores Mac Vittie e Mac Finn semelhantes às leis dos Medas para os Persas, que não se podiam nem mudar, nem alterar, nem mesmo discutir, e a pontual exactidão que Owen exigia em todas as relações comerciais, porquanto ele era grande partidário das fórmulas, sobretudo quando as podia ditar ex cathedra, não era menos sagrada aos seus olhos.

Este tom de profunda e respeitosa deferência passava por dinheiro de contado no critério de Owen, mas meu pai lia um pouco mais de perto no coração dos homens, e, ou porque este excesso de deferência lhe parecesse suspeito, ou porque, partidário da simplicidade e da concisão em negócios, se aborrecesse com os protestos de dedicação que incessantemente faziam estes senhores, resistiu sempre às solicitações que eles lhe dirigiam para se tornarem seus agentes exclusivos na Escócia.,Pelo contrário, confiou uma boa parte dos seus negócios a um correspondente de um carácter absolutamente oposto: era um homem cuja opinião a seu próprio respeito ia até à presunção e que, não gostando mais dos Ingleses do que meu pai gostava dos Escoceses, não desejava ter relações com eles senão num pé de perfeita igualdade, por outro lado, era circunspecto, razoavelmente susceptível, tão firme nas suas opiniões em matéria de fórmulas quanto Owen o podia ser nas suas, e pouco se importando do que poderiam pensar das suas pretensões todos os negociantes de Lombard Street.

Como, devido a estas singularidades de carácter, nem sempre era fácil lidar com o senhor Nicol Jarvie, e elas por vezes ocasionavam, entre a casa de

Londres e o seu correspondente, discussões e uma frieza que não se atenuavam senão pelo sentimento dos interesses comuns, como aliás nestas discussões a vaidade de Owen tinha por vezes que sofrer, não te admirarás, Tresham, de que o nosso velho amigo pusesse na balança todo o peso da sua influência em favor dos honestos, discretos e complacentes Mac Vittie e Mac Fin, e falasse de Nicol Jarvie como de um presunçoso e impertinente bufarinheiro escocês, com o qual não havia meio de se entenderem.

Não era tão-pouco surpreendente, neste estádo de coisas, de que não soube os pormenores senão algum tempo depois, que Owen, no meio das dificuldades em que a casa se encontrara devido à ausência de meu pai e ao desaparecimento de Rashleigh, se socorresse, ao chegar à Escócia - o que sucedera dois dias antes da minha chegada - da amizade daqueles correspondentes que sempre fizeram a seu amo protestos tão reiterados de gratidão, de zelo e de dedicação.

O acolhimento que teve por parte dos senhores Mac Vittie e Mac Fin não podia ter sido melhor, mais, ai, esse raio de sol depressa foi empanado por espessas nuvens, quando, encorajado por tão belas esperanças, Owen deu a conhecer aos seus fiéis correspondentes a posição difícil da casa e pediu os seus conselhos e a sua assistência.

Mac Vittie ficou aturdido com esta novidade e Mac Fin já folheava o seu grande livro, impaciente por conhecer a respectiva situação das duas casas. Ai, ela era consideravelmente em seu favor e meu pai achava-se devedor de uma quantia assaz importante.

A esta descoberta, os semblantes de Mac Vittie e Mac Fin passaram de frios e hesitantes a sombrios e ameaçadores.

Responderam ao segundo pedido de apoio e de socorro que Owen lhes fazia com outro pedido de uma garantia imediata que os pusesse a coberto de toda a probabilidade de perda, e, explicando-se por fim mais claramente, exigiram que se depositasse nas suas mãos valores que excedessem a soma que lhes era devida. Owen repeliu este pedido com indignação, como injurioso para os seus patrões, injusto para os outros credores da casa Osbaldistone & Tresham e como um processo cheio da maior ingratidão. Os sócios escoceses, no decurso desta discussão, obtiveram o que as pessoas de má fé sempre procuram, isto é, a ocasião e o pretexto de se deixarem arrebatar por uma cólera violenta e servirem-se da pretensa provocação que receberam para tomarem providências que talvez um sentimento de pudor, se não de consciência, os impedisse de tomarem. Owen tinha um pequenino interesse, como é de uso,, na casa de que era empregado chefe e, por conseguinte, era solidariamente responsável por todos os compromissos. Os senhores Mac Vittie e Mac Fin sabiam-no e, com o

fim de lhe fazerem sentir o seu poder, ou antes, para o forçar a anuir ao pedido que ouvira com repugnância, aproveitaram-se do processo sumário de detenção e prisão, que, ao que parece, é autorizado por uma lei da Escócia (decerto propícia a muitos abusos) ao credor que julga poder afirmar por juramento que o seu devedor tem intenção de deixar o reino. Foi em virtude de um mandado de captura deste género que o pobre Owen fora metido na cadeia, na véspera do dia em que eu próprio ali era introduzido de uma maneira tão singular. Achando-me assim ao facto da posição alarmante das coisas, restava concluir o que havia a fazer e não era um problema fácil. Eu via bem os perigos de que estávamos cercados, mas era mais difícil encontrar-lhes o remédio. O aviso que recebera parecia dar-me a entender que a minha liberdade pessoal podia também estar ameaçada, i se fizesse abertamente qualquer diligência em favor de Owen. Este último experimentava os mesmos receios e, no exagero do seu terror ", assegurava-me que um Escocês, para não se arriscar a perder um ceitil com um Inglês, arranjaria meio, nas leis do seu país, de mandar prender sua mulher, seus filhos, seus criados machos e fêmeas, e até mesmo um estranho que estivesse sob o seu tecto. Nesta perplexidade, perguntei a Owen se ele não pensara em dirigir-se ao outro correspondente que meu pai tinha em Glasgow, o senhor Nicol Jarvie.

Respondeu-me que lhe remetera uma carta, essa mesma manhã.

- Mas se os outros negociantes de palavras melífluas de Gallowgate nos trataram assim, que podemos nós esperar do outro negociante rezingão e teimoso de Salt Market? Nem sequer respondeu à minha carta,- ajuntou Owen -, embora lha tivesse mandado de manhã, no momento em que ia para a igreja.

Assim falando, o homem das cifras atirou-se para cima do seu catre, a gritar, num desespero: - Meu pobre patrão! Meu pobre patrão! Oh! Senhor Frank, foi a sua teimosia a causa de tudo! Deus me perdoe em falar-lhe assim, no desgosto em que o senhor aquI se encontra! É a vontade do Céu, e o homem deve submeter-se.

Quando assim nos afligíamos, fomos de súbito interrompidos e surpreendidos, ao ouvir bater com força à porta exterior da prisão. Corri ao alto da escada, para escutar, mas só pude ouvir a voz do carcereiro, ora respondendo de alto à pessoa que estava de fora, ora dirigindo-se em voz baixa àquela que me trouxera.

- Ah, meu Deus, que havemos de fazer agora? Vá lá para cima e esconda-se atrás do leito daquele gentleman inglês... Já lá vou!... Ai, meu Deus, e milorde o preboste, e os bailios e os guardas, e o carcereiro chefe vai descer! Deus nos acuda! Suba depressa, senão encontram-no... Aqui estou! Aqui estou! Estas malditas fechaduras, estão ferrugentas!...

Enquanto Dougal, a custo e o mais lentamente possível, puxava um após outro os vários ferrolhos, para dar entrada aos que esperavam lá fora, e cuja impaciência se manifestava de uma maneira ruidosa, o meu guia subiu a escada de caracol e precipitou-se na cela de Owen, onde eu entrara também.

Relanceou o olhar, como que para procurar um sítio onde pudesse ocultar-se, depois, disseme: - Empreste-me as suas pistolas. Não, não, é inútil, posso bem

passar sem elas. Veja o que vir, não ligue importância e não se meta nas questões alheias. O caso só diz respeito a mim, e hei-de desembaraçar-me como puder, porque já me vi cercado de mais perto do que estou hoje.

Assim falando, o desconhecido tirou a larga capa que o envolvia, mediu a porta do quarto com olhar firme e resoluto, recuou um pouco, como que para concentrar todas as suas forças, tal como um nobre corcel que se prepara para transpor uma barreira. Não duvidei um só momento de que ele tencionava sair dos apuros em que se encontrava, lançando-se bruscamente sobre os que aparecessem no momento em que a porta se abrisse e de romper caminho até à rua, em despeito de toda a oposição.

Foi um momento de terrível incerteza o que decorreu entre a abertura da porta exterior e a da porta do compartimento.

No entanto, vimos entrar, não, como esperávamos, soldados com suas baionetas, mas uma jovem de boa aparência, saia de cadarço arregaçada atrás para poder andar na rua sem se sujar, e trazendo uma lanterna na mão. Esta jovem precedia uma personagem mais importante, que depressa soubemos ser um magistrado. Era um homem gordo e baixo, que trazia uma peruca redonda, a quem uma impaciência irritadiça tirava o fôlego. O

meu guia recuou, como para evitar ser visto, mas não pôde escapar ao olhar penetrante que o digno personagem relanceou pelo quarto.

- Aí está uma bonita coisa, deixar-me bater à porta durante meia hora, capitão Stanchells - disse ele, dirigindo-se ao carcereiro chefe, que acabava de assomar ao limiar da porta, como para se colocar à disposição do magistrado. - Foi-me preciso, para entrar na prisão, bater com tanta força como para sair o fariam as pobres pessoas que estão cá dentro...

Eh, que quer isto dizer?

Estranhos na prisão, a esta hora da noite, e a um domingo?!

Hei-de tirar isto a limpo, Stanchells, creia... Mantenha as portas fechadas, que eu já vou falar a estes senhores, dentro de instantes. Mas, primeiro, tenho que conversar um pouco com um dos meus velhos conhecimentos aqui. Pois bem, senhor Owen, como vai isso?

- Bem de saúde, muito obrigado, senhor Jarvie, mas bastante doente de espírito.

- Decerto, decerto, sim, sim, temos que concordar, é um caso aborrecido e sobretudo para quem trazia a cabeça levantada. Aí tem o que é a condição humana, senhor Owen, todos estamos sujeitos a cheques deste género. O senhor

Osbaldistone é um homem honrado, mas eu sempre disse que era um daqueles a quem se podia aplicar o provérbio «quem tudo quer, tudo perde», como dizia o meu pai, o digno diácono (1). Ele repetia-me muitas vezes: "Nick, meu pequeno Nick (porque o meu nome é Nicol, como era o seu, e algumas vezes chamavam-nos familiarmente pequeno Nick e velho Nick), Nick, dizia ele, nunca avances uma mão sem teres a certeza de a poder retirar."

*(1) A expressão diácono emprega-se aqui no sentido de chefe de uma corporação.

Eu disse o mesmo ao senhor Osbaldistone, mas ele pareceu não o entender tão bem como eu desejaria, porque era com boa intenção, muito boa intenção.

Estas palavras, proferidas com a maior volubilidade, não nos prometiam o desejado socorro por parte do senhor Jarvie. No entanto, em breve me apercebi de que era preciso atribuí-las mais a uma ausência total de delicadeza dentro das etiquetas do que a uma falta de boa vontade e de bondade, porque, quando Owen pareceu um pouco ferido por ele lhe lembrar tais coisas na situação presente, o negociante de Glasgow apertou-lhe a mão e exortou-o a não se deixar abater.

- Vamos, vamos, um pouco de coragem! Julga que saí depois da meia-noite e que quase infringia o respeito devido ao dia do Senhor para vir censurar a um homem que caiu o ter marchado sem precauções? Não, não, não é assim que procede o bailio Jarvie, e tão-pouco era assim que procedia antes dele o digno homem que foi seu pai, o diácono. Saiba, meu caro, que eu me impusera uma regra invariável de nunca me ocupar de assuntos mundanos ao domingo, e embora tenha feito todos os esforços para expulsar da minha cabeça o pensamento do bilhete que me mandou esta manhã, no entanto, pensei nele todo o dia até ao sermão do ministro. Também é costume meter-me na cama às dez horas em ponto, a não ser que tenha que comer alguma posta de bacalhau com um vizinho ou que um vizinho a venha comer comigo. Pergunte a essa pequena que está aí se não é uma regra fundamental na minha casa. Pois bem, comecei a ler bons livros, bocejando como se fosse engolir a igreja do Santo Enoch, até que soou a última badalada da meia-noite, hora em que me era permitido lançar um olhar ao meu livro mestre para ver em que ponto estavam os negócios entre nós, depois, como o vento e a maré não espera por ninguém, como soe dizer-se, disse à pequena para trazer a lanterna e meti-me a caminho a fim de vir ver o que se podia fazer por si. O bailio Jarvie pode mandar abrir a porta da prisão a toda a hora do dia e da noite, como o podia também seu pai, o diácono, no seu tempo.

O digno homem! Bendita seja a sua memória!

Pediu depois a Owen alguns papéis que ele mencionou, pegou-lhes vivamente, e, sentando-se em cima da cama para repousar as pernas, segundo a sua expressão, mandou aproximar a criada para segurar a lanterna, enquanto ele percorria o conteúdo do maço de papéis, interrompendo-se, ora para soltar exclamações sobre o que lia, ora para se queixar da pouca intensidade da luz.

Vendo-o absorto naquela ocupação, o indivíduo que me levara pareceu disposto a retirar-se sem mais cerimónia. Fez-me sinal para que me calasse e mostrou, pela sua mudança de posição, o seu intuito de deslizar para a porta de maneira a atrair o menos possível a atenção, mas o magistrado apercebeu-se logo do seu projecto e impediu-lhe a execução.

- Oiça, Stanchells, tome conta da porta, feche-a à chave e guarde-a pelo lado de fora.

A fronte do desconhecido ensombrou-se. Murmurou uma exclamação em gaélico, atravessou o quarto, depois, tomando um ar de sombria resolução, como se se preparasse para ver de que maneira acabaria a cena, sentou-se em cima da mesa e começou a assobiar uma marcha.

O senhor Jarvie, que parecia muito entendido e expedito em negócios, depressa se mostrou perfeitamente ao corrente do que acabava de examinar e dirigiu-se ao senhor Owen, da maneira seguinte: - Pois bem, senhor Owen, a sua casa está devedora de certas quantias a Mac Vittie & Mac Fin. É uma vergonha para eles procederem como o fizeram, depois de terem ganho tanto ou mais do que convinha nos negócios das madeiras de Glen Cailziechat, que eles me usurparam no meu nariz e nas minhas barbas, e, tenho que o dizer, ajudados nisso pelas suas belas palavras, senhor Owen. Mas isso não vem agora para o caso... Pois bem, senhor, como dizia, a sua casa deve-lhes essas quantias, e, por causa dessa dívida e de outros compromissos, eles alojaram-no aqui fechado às sete chaves de Stanchells. O resumo é, pois, que lhes deve esse dinheiro e que deve talvez a outro, talvez a mim, bailio Jarvie.

- Não saberia negar, senhor, que o balanço a partir de hoje não possa ser contra nós - disse Owen. - Mas deve considerar, senhor Jarvie, que presentemente...

- Não tenho agora tempo para considerar coisa alguma, senhor Owen, o dia do sábado, mal acaba de findar, e em vez de estar na minha cama bem quente, eis-me a passear de noite e pela humidade, pois há uma espécie de névoa nos ares. Bem vê que não é o momento de me deter em considerações. Mas, voltando ao que dizia, o senhor deve dinheiro, é incontestável... Mas isso não

impede, senhor Owen, que não me aflija a sua detenção, e pergunto como é que o senhor, que é um homem activo e entendido em negócios, poderá tirar-se de apuros e pagar-nos a todos nós, credores (como tenho esperança de que o fará), se o mantiverem aqui fechado na prisão de Glasgow. Agora, se o senhor pudesse obter uma fiança judicio sisti, isto é, que garantisse que não fugiria do país e que compareceria perante a justiça para libertar a sua fiança, quando a isso fosse chamado, o senhor poderia ser posto em liberdade esta manhã.

- Senhor Jarvie, - disse Owen -, se algum amigo quisesse afiançar-me para esse efeito, não terei dúvidas em empregar a minha liberdade utilmente para a casa e para todos os que estão em relações com ela.

- Muito bem, senhor, mas é preciso que esse amigo possa contar com a sua presença, quando o senhor for chamado a libertar-se do seu compromisso.

- Excepto em caso de morte ou de doença, é tão certa a minha comparência como dois e dois serem quatro.

- Muito bem, senhor Owen, não o duvido e vou provar-Lho. Sou um homem prudente, como meu pai, o diácono, o era antes de mim. Para não ver um homem honesto que sabe de negócios e deseja ser justo para todos, amarrado desta forma pelos pés, e colocado na impossibilidade de nada fazer por ele e pelos outros, servir-lhe-ei eu próprio de fiador! Mas lembre-se, senhor Owen, que é uma fiança judicio sisti, como diz o nosso escrivão, e não judicatum solvi. Tome nota disto, faz uma certa diferença.

Owen assegurou-lhe que, na situação dos negócios, não podia esperar que alguém lhe servisse de fiador para pagamento real das dívidas, que, além disso, os credores não corriam risco algum de perder e que ele, Owen, se apresentaria infalivelmente perante o juiz quando fosse citado.

- Acredito em si, acredito em si, e é quanto basta. O senhor será solto à hora do almoço. Agora, vejamos o que os seus companheiros de quarto têm a dizer em sua defesa, e como e com que licença entraram aqui a esta hora da noite.

CAPÍTULO XXIII

TUDO É BOM, SE ACABA BEM...

O nosso homem entra à noite em casa e encontra um homem que lá não devia estar.

Mulher, quem é este homem? Qe quer ele?

Como entrou este vilão, sem minha licença?

Cantiga antiga

O magistrado tirou a luz das mãos da criada e, para proceder ao seu exame, avançou de lanterna na mão, como Diógenes nas ruas de Atenas. O primeiro de quem se aproximou foi do meu misterioso guia, que, sentado numa mesa, como já disse, olhos fixos na parede, o semblante numa imobilidade perfeita, braços cruzados sobre o peito, numa espécie de indiferença que tinha o seu ar provocante, continuava a assobiar.

- Ah, ah!... Eh, eh!... Oh, oh!... - exclamou o bailio. - Palavra, é impossível... mas, não, não pode ser... estou enganado... Não, não estou enganado, é bem ele, diabos me levem... Bandido! Ladrão! Demónio incarnado, que veio ao mundo para toda a espécie de malefícios e que nunca praticará uma boa acção, será possível que sejas tu?

- Eu próprio, bailio, como o senhor vê - foi a resposta lacónica do meu guia.

- Palavra de honra, não estou em mim! Você, patife, salteador de estrada, atreve-se a entrar na prisão de Glasgow? Sabe o que vale a sua cabeça?

- Bem pesada, peso da Holanda, pode equivaler ao peso de um preboste, de quatro bailios, de um escrivão, de seis diáconos, sem contar os cobradores de impostos...

- Ah, patife sem vergonha! - interrompeu o senhor Jarvie. - Passa em revista os teus pecados e prepara-te, porque se eu disser uma palavra...

- É verdade, bailio, - respondeu o homem, cruzando as mãos atrás das costas com a maior indiferença -, mas o senhor nunca dirá essa palavra.

- E porque não a hei-de dizer, senhor? Porquê? Responda-me, porque não a hei-de dizer?

- Por três boas razões, bailio Jarvie: a primeira, por causa do nosso velho conhecimento, a segunda, em atenção à boa mulher que deixei no seu lar em Stuckallachan e que mistura os nossos sangues, diga-se para vergonha minha, porque o é para mim o ter um primo que não se preocupa senão com cálculos e lucros, e, por fim, bailio, porque se eu visse o menor sinal de traição da sua parte fazia-lhe saltar os miolos antes que a mão de algum homem o pudesse salvar.

- O senhor é um refinado patife - replicou o intrépido bailio. - Bem sabe que o conheço como tal e que o meu próprio perigo não me faria recuar nem um momento sequer.

- E eu também sei - disse o desconhecido -, que o senhor tem bom sangue nas veias, e seria bem contra minha vontade que eu faria mal a um parente. Mas é preciso que eu saia daqui tão livre como entrei, ou as paredes da prisão de

Glasgow ainda poderão testemunhar, daqui a dez anos, o que aqui se passaria esta noite.

- Vamos, vamos, - disse o senhor Jarvie -, bem se sabe o que se deve ao sangue, e não convém, entre parentes, procurar o argueiro que todos sabem ter no seu próprio olho, se os outros não se aperceberam disso. Seria uma triste notícia para a boa mulher de Stuckallachan saber que o senhor, cão montanhês, me fez saltar os miolos, ou que eu lhe passei uma corda em volta do pescoço. Mas há-de convir, demónio danado, que, se não fosse o senhor, eu teria hoje feito a melhor captura que se poderia efectuar nas Highlands.

- Tentaria efectuá-la, primo, não o duvido, mas do que eu duvido é que a conseguisse, porque nós, montanheses, somos terríveis, quando se fala de cativeiro, e se envolver as nossas pernas em trapos nos parece um entrave ao qual não nos podemos sujeitar, como suportaríamos nós as ligas de ferro entre as quatro paredes de uma prisão.

- Isso não impedirá que acabe por encontrar as ligas de ferro dentro das paredes de uma prisão, e mais a gravata de cânhamo... Nunca ninguém fez coisas semelhantes num país civilizado... o senhor seria capaz de roubar nas suas próprias algibeiras... Mas tome cuidado, aviso-o eu.

- Está bem, primo, se me suceder alguma desgraça, vá de luto ao meu funeral.

- Diabos me levem, Robin, se se verá algum luto, a não ser nos corvos e nas gralhas... Mas, o que é feito das mil libras da Escócia que lhe emprestei, e quando as devo receber?

- O que é feito delas? - replicou o meu guia, depois de fingir pensar um momento. - Não lho posso dizer com precisão, provavelmente, foram-se com a neve do ano passado.

- Isto é, no cume de Schehallion, patife! Mas, julgas que eu possa ir lá buscá-las? Não, e aqui espero que mas venha pagar.

- Mas, - disse o Escocês - eu não trago no meu bolso nem neve, nem dólares, e se o senhor quer saber quando os recebe, responder-lhe-ei que será quando o rei entrar no seu reino, como diz a velha canção.

- Ainda pior, Robin, - replicou o negociante de Glasgow -, ainda pior, porque o senhor é um revoltoso... Quer-nos trazer o papismo e o poder arbitrário. Vale mais roubar gados do que arruinar as nações.

- Bom, bom, tréguas ao «whigismo» - respondeu o Celta. - Não nos conhecemos de hoje. Farei com que os montanheses de saiote respeitem o seu banco, quando descerem a visitar os estabelecimentos de Glasgow e a desembaraçá-los das suas velhas mercadorias, e, quanto ao senhor, a não ser que o seu dever a isso o obrigue absolutamente, aconselho-o a

não me ver, Nicol, quando eu não desejar ser visto.

- Você é um intrépido malandro, Rob - respondeu o bailio - e algum dia se ouvirá dizer que foi enforcado, disso tenho a certeza. Mas eu não quero fazer como o nojento pássaro que suja o seu próprio ninho, a não ser que a isso seja forçado pela necessidade, pela lei do dever, à qual nenhum homem se deve furtar. Mas, quem diabo é este? - continuou ele, volvendo-se para mim. - Algum novo larápio que o senhor recrutou, suponho eu, tem um ar de quem possui um coração ousado para a pilhagem nos caminhos, e um pescoço comprido para a forca.

- Meu bom senhor Jarvie, - disse Owen, que, tal como eu, permanecera calado enquanto decorria este estranho diálogo entre aqueles dois singulares parentes - é o jovem senhor Frank Osbaldistone, o filho único da nossa casa, que ali devia ocupar o lugar confiado a seu primo Rashleigh... - Aqui, Owen não pôde conter um profundo suspiro. - Mas, seja como for...

- Ah! Ouvi falar deste jovem peralvilho - disse o negociante escocês, interrompendo-o. - Foi dele que seu patrão, como um velho louco teimoso, quis à força fazer um negociante, e que, por aversão ao trabalho que faz viver um homem honesto, se meteu numa «troupe» de cómicos ambulantes. Pois bem, senhor, que diz a esta bela obra? Hamlet, o Dinamarquês, ou o espectro de Hamlet, prestarão fiança ao senhor Owen?

- Não mereço essa censura, senhor, mas respeito os seus motivos e estou-lhe muito grato pelo apoio que o senhor presta ao senhor Owen, para me poder melindrar. O único motivo que me trazia aqui era ver o que poderia fazer, e pouco seria por certo, para ajudar o senhor Owen na resolução dos negócios de meu pai. Quanto ao meu afastamento da profissão do comércio, é um sentimento de que eu sou o único e o melhor juiz.

- E eu - disse o montanhês - já me sentia levado a estimar este jovem, antes de saber o que ele era, mas agora declaro que presto homenagem à causa do seu desprezo pelos misteres de fiar, pelas lançadeiras e por todas as pessoas que se entregam a essas vis ocupações.

- O senhor é um louco, Rob, - disse o bailio - tão louco como uma lebre de Março, embora eu não saiba explicar muito bem por que motivo uma lebre seria mais louca em Março do que pelo São Martinho... Os misteres, diz o senhor? Com a breca, diz das boas! O senhor fia uma corda que há-de acabar por estrangulá-lo.

E quanto a este jovem que o senhor empurra a todo o galope para a forca, pode crer que os seus versos e as suas comédias mais facilmente o tirarão de

apuros do que todos os seus juramentos e a lâmina do seu dirk, réprobo como o senhor é.

Tityre, tu putulae, como é costume dizer-se, revelar-lhe-ão onde está Rashleigh Osbaldistone? E Macbeth, com suas bruxarias, o seu festim e todos os seus vassalos, e ainda por cima os seus, Robin, armados com os seus arcos, os seus sabres, lanças, espadas, punhais, obter-lhe-ão as cinco mil libras esterlinas que é preciso pagar das letras que se vencem dentro de dez dias?

- Dez dias! - exclamei eu, sacando do bolso, num movimento involuntário, o papel que Diana Vernon me entregara.

E como o prazo em que eu devia respeitar o segredo tinha expirado, apressei-me a abri-lo. O sobrescrito continha uma carta lacrada, que, na minha precipitação, se me escapara das mãos. Uma ligeira corrente de ar que vinha de um vidro partido fez voar essa carta até aos pés do senhor Jarvie, que a apanhou, examinando o endereço com grande curiosidade e sem cerimónia, e, com grande espanto meu, entregou-a a seu primo, dizendo: - Foi um bom vento que trouxe esta carta que lhe é endereçada, embora houvesse dez mil probabilidades contra uma de nunca chegar ao seu destino.

O montanhês examinou o endereço, quebrou o lacre. Eu tentei impedi-lo de ir mais longe.

- O senhor precisa de me provar que esta carta Lhe é dirigida, antes que eu lhe permita que a leia! - disse eu.

- Esteja descansado, senhor Osbaldistone - respondeu ele, com o maior sangue-frio. - Recorde-se apenas do juiz Inglewood, do escrivão Jobson, do senhor Morris e sobretudo do seu humilde servidor Robert Campbell e da bela Diana Vernon.

Recorde-se de tudo isto, e não duvidará de que esta carta seja para mim.

Fiquei como que estupefacto da minha falta de descernimento.

Toda a noite, a voz, e mesmo as feições, daquele homem, embora a custo entrevistas, me acordavam vagas reminiscências, mas sem que eu pudesse lembrar-me dos locais e das pessoas com os quais se relacionassem. Foi para mim um súbito raio de luz.

Aquele homem era Campbell, não o podia duvidar. De uma estatura um pouco abaixo da mediana, os seus membros tinham todo o vigor que se pode ligar à agilidade. Apenas sob dois dos aspectos a sua estatura podia faltar às regras da simetria: os seus ombros eram tão largos em comparação com a sua altura, que, embora delgado e flexível, emprestavam ao seu vulto qualquer coisa de atarracado, e os seus braços, apesar de robustos e nervosos, eram de um

comprimento quase disforme.

Soube depois que ele se ufanava desta circunstância, a pontos de dizer que, quando envergava o trajo de montanhês, podia atar as ligas sem se baixar, e que ela também Lhe facilitava o manejo do sabre, no qual, dizia-se, era muito destro. Seja como for, esta falta de proporções tirava-lhe o direito, que teria tido, de passar por um belo homem, dava ao seu aspecto alguma coisa de selvagem, de bizarro e de quase sobrenatural, e recordava-me involuntariamente os contos que a velha Mabel me narrava sobre os Pictos que, em outros tempos, assolavam o Northumberland, raça meio humana, meio demoníaca, que, tal como este Campbell, se fazia notar pela sua coragem, pela sua manha, pela sua ferocidade e pelo comprimento dos seus braços e a largura dos seus ombros.

Recordando-me das circunstâncias em que nos tínha mos encontrado, não pude duvidar de que o bilhete lhe fosse dirigido.

Ele desempenhava um papel importante entre as personagens sobre as quais Diana Vernon parecia exercer uma influência secreta e que, por seu turno, parecia exercerem alguma sobre ela. Rashleigh Osbaldistone, certamente a pedido de miss Vernon, achara maneira de fazer aparecer o senhor Campbell, quando a sua presença fora necessária para me defender da acusação de,Morris, não seria possível que, por sua influência sobre Campbell, ela também conseguisse fazer aparecer Rashleigh? Baseado nesta suposição, perguntei ao senhor Campbell onde estava o meu pérfido primo, e se havia muito tempo que não o via. Apenas recebi uma resposta indirecta.

- Foi um golpe um pouco escabroso de que ela me incumbiu. No entanto, não iludirei a sua expectativa.

Senhor Osbaldistone, eu não moro muito longe daqui... o meu primo pode ensinar-lhe o caminho.,, Deixe o senhor Owen fazer o que puder em Glasgow e vá visitar-me às montanhas, é provável que eu possa servi-lo e ser útil a seu pai neste transe. Não passo de um pobre homem, mas o espírito vale mais do que riquezas... E o primo, - disse ele, volvendo-se para o senhor Jarvie - se quiser aventurar-se a ir comer comigo um prato de vaca escocesa ou uma coxa de gamo, vá com este jovem Inglês até Drymen ou Bucklivie, melhor ainda, vá até a aldeia de Aberfoil, eu mandarei ao seu encontro alguém que o conduzirá ao sítio onde eu então me encontrar.

Que diz a isto? Aqui tem a minha mão. Não deve recear ser enganado por mim.

- Não, não, Robin - disse o prudente burguês.Não gosto de me afastar dos arredores, não posso ir às suas rnontanhas selvagens, para o meio dos vossos saiotes e das vossas pernas nuas... isso não se coaduna com o lugar que ocupo, primo...

- Diabos o levem mais o lugar! - exclamou Campbell. - A única gota de sangue que o senhor tem nas veias provém do seu avô, que foi enforcado em

Dumbarton, e acha que é descer da sua dignidade ir visitar-me! Mas, escute, primo: devo-lhe mil libras da Escócia, e, pagar-lhas-ei até ao último ceitil, se quiser ser delicado comigo e for visitar-me com este Inglês.

- Fáz-me rir, com as suas ideias de nobreza.

Mas se eu for visitá-lo, sempre é verdade que me reembolsa do meu dinheiro?

- Juro-lho pela santa Igreja, - disse o montanhês -, pelo nome daquele que dorme sob as pedras cinzentas de Inch Cailleach...

- Basta, basta, Robin. Veremos o que poderemos fazer. Mas não espere que eu passe a linha das terras altas. Será preciso vir ao meu encontro a Bucklivie ou a Aberfoil, e sobretudo não esquecer o essencial.

- Nada receie, serei fiel à minha palavra como a boa lâmina que nunca traiu o seu dono. Mas é tempo de eu mudar de ares, primo, porque os da cadeia de Glasgow não fazem bem ao temperamento de um montanhês.

- Acredito-o, palavra - respondeu o negociante. - E, no entanto, se eu cumprisse o meu dever, o senhor não mudaria tão depressa de atmosfera, como diz o ministro. Ah! meu Deus, tenho que ser eu a favorecê-lo e a ajudá-lo a escapar à Justiça! Será uma vergonha eterna para mim e para os meus, e até atingirá a memória de meu pai.

- Bom, bom, que essa mosca não me morda - respondeu o seu parente. - Quando a lama está seca, basta sacudi-la para a limpar. O seu honesto pai sabia, como qualquer outro, fechar os olhos ao erro de um amigo.

- O senhor pode ter razão, Robin - replicou o bailio, após um momento de reflexão. - Meu pai, o digno diácono, era um homem sensato, sabia que todos nós somos frágeis, e era amigo fiel. Stanchells, abra a porta!

O carcereiro obedeceu, e saímos todos. Stanchells olhou os dois estranhos, com certa surpresa, e provavelmente perguntou a si próprio de que maneira teriam eles entrado sem ele se aperceber. Mas o senhor Jarvie conteve a vontade que ele teria de fazer perguntas, dizendo: - São dois amigos meus, Stanchells, dois amigos meus.

Descemos ao vestíbulo inferior, e chamámos por mais de uma vez Dougal, que não deu resposta. Campbell observou, com um sorriso sardónico, que, se bem o conhecia, ele não esperava que lhe apresentassem agradecimentos pela parte que tomara na tarefa dessa noite, mas que, possivelmente, já tomara a galope o caminho de Ballsmaha.

- E deixou-nos, e sobretudo a mim, a mim, fechados na prisão toda a noite! - exclamou o bailio, colérico e agitado. - Depressa, martelos, limas, turqueses! Mandem a casa do diácono Yettlin, o serralheiro, e participem-lhe que eu, o bailio Jarvie, me encontro encerrado na cadeia por um patife de um montanhês, que hei-de enforcar!

- Quando o senhor o apanhar - disse Campbell, gravemente. - Mas, espere, a porta não está fechada, com certeza.

Com efeito, examinando-a, não só vimos que a porta ficara aberta, mas que também, na sua retirada, Dougal, levando as chaves, cuidara de que ninguém pudesse exercer tão depressa as suas funções de porteiro.

- Tem clarões de bomsenso este pobre Dougal - disse Campbell. - Sabe que uma porta aberta me pode ser útil, pelo menos.

Estávamos já na rua.

- Dir-lhe-ei francamente a minha opinião, Robin - pronunciou o magistrado. - Se o senhor continuar esse género de vida, deve colocar um dos seus homens como carcereiro em cada prisão da Escócia: não se sabe o que pode suceder.

- Ou um primo bailio em cada cidade, também me servirá, primo Nicol. Mas, boa noite, ou antes, bom dia, e não se esqueça da aldeia de Aberfoil.

E, sem esperar resposta, precipitou-se para o lado oposto da rua e perdeu-se na obscuridade. Logo que ele desapareceu, ouvimos assobiar docemente e de uma maneira especial, e responderam-lhe imediatamente.

- Ouve os diabos de Highlands? - disse o senhor Jarvie. - Já se julgam nas encostas do Ben Lomond, onde podem assobiar e praguejar, sem se preocuparem que seja sábado ou domingo. - Foi interrompido por qualquer coisa de pesado que veio cair com ruído a seus pés. - Deus nos acuda! Que vem a ser isto ainda? Mattie, aproxima a lanterna... Palavra que são as chaves! Pois bem, fizeram tudo bem feito, isto iria custar dinheiro à cidade... e depois as perguntas sobre a maneira como elas se teriam perdido. Oh! se o bailio Grahame viesse a saber alguma coisa do que se passou esta noite, seria um mau bocado para mim!...

Como ainda estávamos a alguns passos da prisão, levámos as chaves ao carcereiro chefe, que, não podendo fechar as portas, permanecia de sentinela no vestíbulo até à chegada do outro homem que mandara buscar para substituir o fugitivo.

Depois de ter cumprido este dever, o honesto magistrado retomou o seu caminho, e, como eu ia para o mesmo lado do que ele, acompanhei-o, eu, aproveitando a sua lanterna, ele, aproveitando o meu braço, porque as ruas eram sombrias, tortuosas e mal calcetadas. A velhice deixa-se facilmente conquistar pelas atenções dos jovens. O bailio testemunhou interesse por mim e disseme que, visto eu não fazer parte dessa raça de comediantes e amadores de teatro, que detestava de todo o seu coração, teria gosto em que fosse almoçar com ele e comer um bacalhau grelhado e um arenque fresco, ajuntando que encontraria em sua casa o senhor Owen que já então teria posto em liberdade.

- Meu caro senhor, - disse eu, depois de aceitar e agradecer - como pôde acreditar que eu fazia parte do teatro?

- Foi um grande fazedor de frases chamado Fairservice - disse o senhor Jarvie - que veio esta noite pedir-me que desse ordem ao pregoeiro para o fazer anunciar por toda a cidade, ao romper do dia. Informou-me de quem o senhor era, e que fora expulso de casa de seu pai porque não quisera entrar no comércio e para que o senhor não desse vergonhas à família subindo ao tablado. Um tal Hammorgaw, que é dos nossos cantores da igreja, trouxe-o aqui, dizendo-me que era um dos seus antigos conhecimentos.,Mas, mandei-os pelo mesmo caminho, ameaçando-os de lhes puxar as orelhas, por virem fazer-me pedidos a semelhante hora. Bem vejo agora que esse cretino não sabe o que diz quando fala de si. Gosto de um rapaz - continuou ele - que não abandona os seus amigos na desgraça, foi assim que eu sempre procedi, tal como meu pai, o digno diácono, que Deus abençoe e tenha em paz!

Estávamos, nesse momento, à porta de sua casa. Ele deteve-se, porém, um instante, no limiar e disse num tom de profunda contricção: - Em primeiro lugar, entreguei-me a pensamentos de assuntos temporais no dia de sábado, em segundo, prestei fiança a um Inglês, e em terceiro e último lugar, deixei fugir da prisão um malfeitor: mas a misericórdia de Deus é infinita, senhor Osbaldistone... Mattie, eu posso entrar sozinho, acompanhe o senhor Osbaldistone a casa de Lucky Flyter, ao voltar da equipa. Senhor Osbaldistone, - ajuntou ele, em voz baixa - peço-lhe que não se permita indelicadezas com Mattie, é filha de um homem honesto e uma prima do «laird» de Limmerfield.

CAPÍTULO XXIV

MAIS NOVIDADES SOBRE O ESTRANHO DESCONHECIDO

Agradará a Vossa Senhoria aceitar os meus pobres serviços? Rogo-lhe somente que me permita alimentar-me do seu pão, mesmo que seja do mais negro, e que me sacie com a sua bebida, mesmo a mais insípida, e eu prestarei a Vossa Senhoria tantos serviços por quarenta xelins como qualquer outro por três guinéus.

«Tu quoque» de GREENE

Lembrei-me da última recomendação do honesto bailio, e não julguei faltar ao respeito a Mattie, juntando um beijo à meia coroa com que recompensei o pequeno serviço que ela acabava de me prestar, e o "Então, senhor!" que ela pronunciou não exprimia um ressentimento muito profundo por esta ofensa.

Bati fortes pancadas à porta da senhora Flyter, e despertei sucessivamente, primeiro, dois ou três cães vadios que desataram a ladrar a plenos pulmões, depois, mostraram-se duas ou três cabeças, com barrete de dormir às janelas vizinhas, para me censurarem de perturbar a santidade da noite de domingo com um barulho tão

intempestivo. A própria senhora Flyter também acordou e começou a ralhar com dois ou três basbaques, que se tinham demorado na cozinha, por não se apressarem a abrir a porta às primeiras pancadas, para impedirem que elas se repetissem.

Aqueles dignos personagens eram, realmente, um pouco culpados do estardalhaço. Eram o fiel André e o seu amigo Hammorgaw, e mais outra pessoa, que soube depois ser o pregoeiro público. Estavam abancados em volta de um jarro de cerveja (à minha custa, como a conta me informou mais tarde) e tratavam de compor uma proclamação que se devia tornar pública, no dia seguinte, nas ruas, a fim de que o desditoso mancebo (pois era assim que tinham a imprudência de me qualificar) - pudesse ser restituído sem demora aos seus amigos. Como se calcula, não ocultei o meu descontentamento por se imiscuirem nos meus assuntos. Mas, ante o meu aspecto, André abandonou-se a transportes e exclamações de alegria que cobriram quase inteiramente as expressões do meu ressentimento. Não tive dúvidas de que a sua embriaguez não fosse simulada e que as lágrimas de alegria que verteu não saíssem dessa nobre fonte de comoções, o jarro de cerveja! No entanto, aquela alegria tumultuosa que ele experimentava ou fingia experimentar pelo meu regresso, poupou a André a carga de bordoada que lhe destinava.

Limitei-me, pois, a bater-lhe com a porta na cara, quando ele me seguia, dando graças pelo meu feliz regresso e misturando as suas felicitações com conselhos sobre a prudência com que devia proceder de futuro: Deitei-me em seguida, com a firme resolução de que, no dia seguinte, o meu primeiro cuidado seria despedir aquele descarado patife cheio de pedanteria e de importância.

Fiel a esta decisão, na manhã seguinte, chamei André ao meu quarto e perguntei-lhe quanto lhe devia por me ter acompanhado e servido até Glasgow.

A esta pergunta, que ele encarou com razão como sendo um presságio de despedimento, o senhor Fairservice mudou de cor.

- Vossa Senhoria - disse ele, após uma leve hesitação - não acha, não acha que...

- Fale, patife, senão quebro-lhe os ossos!...

Mas André parecia atormentado pelas dúvidas mais cruéis e mergulhado nos cálculos mais embaraçosos.

As minhas ameaças produziram o efeito de um murro que, dado a tempo nas costas de uma pessoa engasgada, lhe desimpedem a goela do bocado que o obstrui, e as suas palavras sairam de repente.

- Dezoito cêntimos de Inglaterra per diem, isto é, por dia, Vossa Senhoria não acha razoável?

- É o dobro do preço habitual e o triplo do que merece, André, mas olhe, aí

está um guinéu e vá tratar da sua vida.

- Deus me perdoe! Vossa Senhoria perdeu a cabeça?

- Não, mas julgo que você quer fazer-ma perder, dou-lhe cerca de um terço a mais do seu pedido, e fica aí de olhos escancarados e a gritar, como se eu lhe fizesse mal, guarde o seu dinheiro e deixe-me em paz.

- Valha-me Deus! Em que posso eu ter ofendido Vossa Senhoria? É certo que toda a carne é frágil como a flor dos campos, mas se um pouco de camomila é de alguma utilidade em medicina, André Fairservice não o é menos junto de Vossa Senhoria. É arriscar o valor da sua vida separar-se de mim.

- Palavra de honra que não sei se você é doido ou malandrim. Nesse caso, a sua intenção é ficar comigo, quer eu queira, quer não?

- Palavra, que era o que eu pensava, - replicou André num tom enigmático - porque se Vossa Senhoria não sabe o que é um bom servo, eu sei o que é um bom patrão, e diabos me levem se o abandono! Aliás, não recebi o aviso regulamentar para deixar o meu lugar.

- O seu lugar? Eu contratei-o como criado? Você não foi senão meu guia, e não me serviu senão pelo conhecimento que tinha do caminho.

- De acordo, senhor, não sou um criado vulgar. Mas vossa senhoria deve lembrár-se de que eu deixei un bom lugar, a seu pedido. Um homem podia fazer honestamente vinte libras no jardim de Osbaldistone e não seria natural, julgo eu, que abandonasse isso por um guinéu. Contava ficar com Vossa Senhoria, pelo menos, até ao fim da época, e tenho direito ao soldo, à alimentação, às gratificações e aos lucros que receberia durante esse tempo, pelo menos.

- Ora, ora, as suas descaradas pretensões de nada Lhe servem, e se diz mais uma palavra, convenço-o de que não é só o escudeiro Thorncliff que sabe fazer uso de um cacete.

Esta cena pareceu-me tão ridícula que, embora realmente encolerizado, tive dificuldade em não me rir da gravidade com que André defendia uma pretensão tão absurda. No entanto, ele achou conveniente atenuar as suas pretensões, com receio de que eu acabasse por perder a paciência e frustrasse inteiramente a sua causa.

- Admitindo que Vossa Senhoria pudesse separar-se de um criado fiel que o serviu, ao senhor e aos seus, noite e dia, durante vinte anos, - disse ele - eu sei bem que nem o senhor nem nenhum verdadeiro gentleman teria a coragem de despedir, de chofre e num país estrangeiro, um pobre rapaz como eu, que se desviou da sua terra quarenta, cinquenta, talvez cem milhas, só para fazer companhia a Vossa Senhoria e que não tem no Mundo outros recursos senão o seu soldo.

Creio que foste tu, Will, que me disseste um dia que eu era um teimoso fácil

de conduzir e de enganar quando me sabiam levar. O facto é que só a oposição me torna imperioso e que, quando me vejo obrigado a dar batalha a qualquer propósito, gosto mais de ceder do que dar-me ao trabalho de combater.

Perguntei a Fairservice se ele conhecia os caminhos, as cidades, etc., do norte da Escócia, onde provavelmente teria necessidade de ir por causa das relações de negócios que meu pai tinha com os proprietários de florestas naquele país.

Creio que, se eu lhe perguntasse nesse momento o caminho do paraíso terrestre, ele resolveria conduzir-me. Fixei a importância do seu salário e reservei-me o privilégio de o despedir quando me aprouvesse, prevenindo-o com uma semana de antecedência.

Por fim, depois de ter recebido uma severa reprimenda a propósito do seu procedimento no dia anterior, deixou-me, confuso na aparência, mas interiormente triunfante, e apressou-se, decerto, a ir narrar ao seu amigo cantor, que bebia na cozinha a sua dose da manhã, como se houvera com o jovem fidalgo inglês.

Conforme a minha promessa, dirigi-me em seguida a casa do bailio Nicol Jarvie. Encontrei um bom almoço preparado no refeitório. Tão solícito como benévolo, o magistrado cumpriu a palavra, e achei junto dele o meu amigo Owen, que se servira amplamente da escova, da navalha de barba e do jarro da água, era um homem completamente diferente do Owen preso com a sua longa barba e um rosto pálido e abatido. No entanto, o sentimento dos embaraços pecuniários que o cercavam por todos os lados apoquentava vivamente o seu espírito, e o abraço quase paternal que recebi deste bom homem foi acompanhado de um suspiro arrancado pela mais pungente inquietação.

Durante o almoço, o seu olhar fixo e o seu ar preocupado, tão diferentes da serenidade imperturbável que reinava geralmente no seu rosto, denunciavam que ele empregava toda a sua aritmética em calcular interiormente o número de dias, de horas e de minutos que faltavam para expirar o prazo das letras cujo não pagamento ia desacreditar e derrubar o grande estabelecimento comercial de Osbaldistone & Tresham. Era, pois, eu o único a fazer as honras da hospitalidade do anfitrião, ao seu chá, vindo directamente da China e que ele recebera de presente, segundo me disse, de um armador de Wapping, ao seu café, colhido numa pequena plantação da ilha da Jamaica, e que se chamava Bosque de Salt Market, enfim, à sua cerveja de Inglaterra, ao seu salmão seco escocês,. aos seus arenques de Lochfine, e até à sua toalha de damasco, tecida, como facilmente se

adivinha, pela mão do falecido pai, o digno diácono Jarvie.

Tendo obtido a benevolência do nosso hóspede com aquelas pequenas atenções que conquistam o coração da maior parte dos homens e vendo-o na melhor disposição, tentei conseguir qualquer informação que pudesse servir-me de regra de conduta, e, ao mesmo tempo, satisfazer a minha curiosidade.

- A propósito, senhór Jarvie, - disse eu - por favor, quem é aquele senhor Robert Campbell que encontrámos esta noite?

- Quem é Campbell? Hem? Quem é Campbell, diz o senhor?

- Sim, desejaria saber quem ele é, o que faz ele.

- Eh! Mas, é... palavra, é... E onde encontrou aquele senhor Campbell, como o senhor lhe chama?

- Encontrei-o, por acaso, há meses, no norte de Inglaterra.

- Pois bem, então o senhor Osbaldistone sabe quem ele é, tão bem como eu.

- Não é provável, senhor Jarvie, visto que o senhor é seu parente ou seu amigo.

- Há um certo parentesco entre nós, - disse o bailio, com repugnância - mas só raramente nos encontramos. Desde que Rob abandonou o comércio de gado, o pobre rapaz foi rudemente tratado por pessoas que andariam melhor em proceder com prudência. Agora, muitos desejariam não ter escorraçado o pobre Robin do mercado de Glasgow e prefeririam continuar a vê-lo na cauda de trezentos bois do que à cabeça de trinta sujeitos que são do pior gado.

- Nada disso me explica a categoria do senhor Campbell no Mundo, os seus hábitos e os seus meios de existência.

- A sua categoria? É a de um fidalgo montanhês, e não há mais nobre do que ele. Quanto aos seus hábitos, usa o trajo dos montanheses quando está na região, e os calções quando vem a Glasgow, e quanto aos seus meios de existência, que temos nós que nos preocupar com isso, se ele nada nos pede? Mas, não tenho tempo para falar longamente a este respeito, precisamos de nos ocupar dos negócios de seu pai.

Dito isto, pegou nos seus óculos e começou a examinar a situação que o senhor Owen julgou dever comunicar-lhe sem reserva. O pouco que eu conhecia dos negócios permitia-me sentir, no entanto, que não havia nada mais judicioso e mais justo do que as opiniões do senhor Jarvie sobre os assuntos submetidos à sua apreciação, e devo-lhe a justiça de acrescentar que ele se portava com grande probidade e até, por vezes, com nobreza.

- É talvez um grande prejuízo - observou ele - e, em minha consciência, pensem o que pensarem os vossos negociantes de ouro de Lombard Street, seria muito importante para um negociante de Salt Market em Glasgow.

Seria um belo ornamento arrancado à minha coroa. Mas, enfim, isso não daria abalo à minha casa, assim o espero, e se assim sucedesse, nunca imitaria a baixeza desses corvos de Gallowgate. Se os senhores tiverem que me fazer perder, nunca esquecerei que me fizeram ganhar mais de uma boa libra esterlina. Assim, se as coisas forem a pior, «nunca amarrarei a cabeça da truta à cauda do porco».

Eu não compreenderia muito bem a eloquência deste último provérbio, que parecia servir de consolação ao senhor Jarvie, mas via facilmente que ele tomava um benévolo e amistoso interesse pelos negócios de meu pai.

Como, em tudo isto, eu era um espectador ocioso e como mostrei por várias vezes o meu pendor para voltar a Campbell, assunto pouco agradável para o senhor Jarvie, e que parecia embaraçá-lo um pouco, o magistrado despediu-me sem mais cerimónias, aconselhando-me a ir passear para os lados do colégio, onde encontraria pessoas que me falariam grego e latim.

- Mas, - prosseguiu ele, com cordialidade - venha jantar comigo à uma hora em ponto. Teremos um gigot de carneiro, e talvez uma cabeça de borrego, porque estamos na época. Não deixe de ser pontual: uma hora, é aquela a que meu pai, o diácono, e eu sempre jantámos, e nunca esperámos por ninguém.

CAPÍTULO XXV

UMA LUTA DE VIDA OU DE MORTE

Assim o pastor da Trácia se emboscou, à espera do urso que perseguia, e quando ouvio ao longe os seus passos, e viu tremer as folhas e estremecer os ramos, pensou: ei-lo, o inimigo mortal, e aqui tombaremos, ou ele ou eu.

«Palamon e Percite»

Seguindo o conselho do senhor Jarvie, encaminhei-me para o colégio, menos no intuito de aí procurar algum objecto de interesse ou distracção, que de pôr em ordem as minhas ideias e de reflectir sobre o meu procedimento futuro. Percorri este velho edifício, passando de um pátio a outro, e entrei no jardim que serve de recreio. Como a solidão do local me agradasse (pois era a hora das aulas), dei várias voltas meditando na estranheza do meu destino.

Pelas circunstâncias que haviam rodeado o meu primeiro encontro com

Campbell, não podia duvidar de que esse indivíduo estivesse comprometido nalguma empresa desesperada, e a repugnância que o senhor Jarvie tinha de falar da sua pessoa e das suas ocupações, aliada à recordação da cena que se desenrolara na prisão, na noite anterior, parecia confirmar esta suspeita. No entanto, fora àquele homem que Diana Vernon não hesitara em dirigir-se a meu favor, e a atitude do magistrado a seu respeito oferecia um misto singular de reprovação e de benevolência, de piedade e de desprezo, decerto que existia qualquer coisa de extraordinário na situação e no carácter de Campbell.

Quando estas reflexões ocupavam o meu espírito, avistei, ao fim da álea por onde passeava, três pessoas que pareciam empenhadas numa conversa muito animada.

Esse grupo ainda estava muito longe de mim e parecia tão preocupado com o interesse da conversa que tive tempo de deslizar, sem ser visto, para o outro lado de uma pequena sebe que dissimulava de maneira incompleta a álea onde passeava.

Era então moda, para os jovens e os elegantes, usar de manhã, no passeio, por cima do casaco, uma manta de pescoço encarnada, por vezes bordada ou debruada, algumas vezes cobrindo-se o rosto com ela. Graças a essa moda, que eu adoptara, e à sebe para trás da qual deslizara, passei perto de meu primo Rashleigh, que estava no meio do grupo, sem ser visto por ele nem pelos seus companheiros. Não foi pequena a minha surpresa ao reconhecer também num deles aquele mesmo Morris que me fizera comparecer perante o juiz Inglewood, e noutro o senhor Mac Vittie, o negociante, cuja atitude rígida e repulsiva me impressionara tão desagradavelmente na véspera.

Não era possível conceber uma reunião de pior agoiro para os meus assuntos e para os de meu pai.

Quando eles se afastaram alguns passos, voltei-me e segui-os sem ser notado. Ao fim da álea, separaram-se. Morris e Mac Vittie abandonaram o jardim, onde Rashleigh continuou a passear. Decidi-me então a abordá-lo e a pedir-lhe a reparação do mal que fizera a meu pai, embora ignorasse ainda de que maneira a poderia obter. Atravessei a sebe e apresentei-me subitamente diante dele.

Rashleigh não era homem para se deixar surpreender nem intimidar por qualquer acontecimento súbito, no entanto, estremeceu ao ver-me aparecer tão de chofre na sua frente com o rosto inflamado pela indignação.

- Estou muito contente por encontrá-lo, senhor, - disse eu - porque ia empreender, para o procurar, uma longa viagem, que seria provavelmente inútil.

- O senhor conhece mal a quem se dirige - replicou Rashleigh, com a sua

fleuma habitual. - Os meus amigos encontram-me facilmente, os meus inimigos mais facilmente ainda. O seu encontro obriga-me a perguntar em qual das duas classes o devo meter, senhor Francis Osbaldistone.

- Na dos seus inimigos mortais, - respondi eu - a não ser que faça imediatamente justiça a meu pai, ao seu benfeitor, restituindo-lhe o que lhe tirou.

- E a quem, eu, membro da casa comercial de seu pai, devo dar contas das minhas transacções em negócios que, sob todos os aspectos, se tornaram meus? Decerto que não pode ser a um jovem a quem o gosto requintado da literatura tornou estas discussões fatigantes e ininteligíveis.

- Esse sarcasmo, senhor, não é uma resposta. Não o largarei enquanto não me tiver dado plena e inteira satisfação. O senhor vai seguir-me a casa de um magistrado.

- Sigo-o já - deu alguns passos como que para me acompanhar, depois, parou e disse: - Se eu estivesse disposto a fazer o que o senhor deseja, depressa o senhor sentiria quem, de nós dois, tem mais razões para temer a presença de um magistrado, mas não tenho desejo algum de acelerar o seu destino... Vá, mancebo, divirta-se com as suas fantasias poéticas e deixe os negócios da vida real aos que os entendem e sabem dirigi-los.

A sua intenção, julgo eu, era irritar-me ainda mais, e conseguiu-o.

- Senhor Osbaldistone, esse tom de fria insolência não lhe dará resultado. O senhor devia saber que o apelido que ambos usamos nunca soube vergar-se ao insulto, e nunca o suportaria na minha pessoa.

- O senhor recorda-me que ele foi ultrajado na minha, e por quem! - exclamou ele, lançando-me um olhar feroz. - Julga que me esqueci daquela tarde em que me insultou impunemente? Esse insulto só pode ser lavado com sangue. Sim, o senhor deve-me uma conta longa e terrível, e o dia não vem longe em que lha apresente.

- Encontrar-me-á pronto em qualquer hora e lugar. Mas o senhor esquece o mais grave das suas recriminações: tive a felicidade de ajudar o bomsenso e a virtude de miss Vernon a desmanchar as suas combinações infames e livrar-se delas.

- Eu tinha outras intenções a seu respeito, mancebo, intenções menos ousadas, mais de harmonia com o meu carácter e a minha primeira educação. Mas vejo que o senhor procura a punição devida à sua louca insolência... Siga-me a um local mais retirado, onde estejamos menos expostos a ser interrompidos.

Segui-o, de olho atento aos seus menores movimentos.

Atingimos um sítio muito deserto. Felizmente para mim, estava prevenido, porque a espada de Rashleigh encontrava-se já no meu peito, antes que eu tivesse tempo de desembaraçar-me da manta e de desembainhar a minha, salvei a

vida pulando à rectaguarda um ou dois passos.

A diferença das armas era em seu favor, pois a sua espada era mais comprida do que a minha, que era o que se chama uma lâmina da Saxónia, menos fácil de manejar.

Ele batia-se com mais fúria do que coragem, com aquele concentrado despeito e aquela sede de sangue que, dissimulando-se numa aparente tranquilidade, dá ao crime um aspecto ainda mais hediondo, porque o revela como o resultado de uma fria premeditação.

Mantive, primeiro, o combate com moderação. As minhas paixões, embora violentas, não eram rancorosas.

A minha principal intenção fora desarmar o antagonista. Mas depressa compreendi que tinha que jogar forte, e dois ou três ataques perigosos, aos quais me furtei a custo, advertiram-me de que tinha Que ser mais prudente na minha maneira de combater.

Sentime enfurecer pouco a pouco pelo incarniçamento com que Rashleigh parecia querer tirar-me a vida, e devolvi-lhe os golpes com uma animosidade quase igual à sua, de maneira que o fim do combate parecia vir a ser trágico, e dir-se-ia que em breve o ia ser à minha custa. Escorregou-me um pé ao dirigir um bote contra o meu adversário e não pude recompor-me para estar pronto para a defesa, a sua espada, atravessando-me o casaco, roçou-me por um lado e saiu pelas costas da veste, mas o golpe fora vibrado com tanta violência que o punho bateu-me no peito, causando-me uma dor intensa que me levou a supor que fora ferido mortalmente. Ansioso de vingança, agarrei com a mão esquerda o punho da sua espada e, erguendo a minha, ia traspassar-lhe o corpo, quando um homem, lançando-se entre nós, nos separou à força, exclamando, em voz alta e imperiosa: - Quê! Os filhos de dois irmãos, que se alimentaram do mesmo leite, derramando aqui o sangue como se fossem estranhos um ao outro! Pela cabeça de meu pai, o primeiro que agredir o outro morrerá às minhas mãos!

Ergui o olhar espantado: era Campbell. Ao falar, brandia um sabre desembainhado em volta da cabeça, como que para imprimir mais força à sua intenção. Rashleigh e eu olhámo-nos em silêncio. Então, Campbell, dirigindo-se a cada um de nós sucessivamente, disse: - O senhor Francis julga restabelecer o crédito de seu pai cortando as goelas a seu primo, ou fazendo cortar as suas no parque do colégio de Glasgow?... E o senhor Rashleigh acredita que se vai confiar a vida e a fortuna a alguém que, sobrecarregado por uma grande responsabilidade e por poderosos interesses políticos, se mete em rixas como um

ébrio? Porque me olha de través? Se está melindrado com o que eu digo, não ignora que está na sua mão renunciar ao empreendimento.

- O senhor abusa da minha presente situação, - replicou Rashleigh - de contrário, não se atreveria a intervir num caso em que está empenhada a minha honra.

- Ora, ora, não me atreveria a intervir! Onde está, pois, a presunção? O senhor pode ser e é provavelmente o mais rico de nós dois, senhor Osbaldistone, o senhor pode ser ainda o mais sábio, concordo ainda, mas não é nem o mais valente nem o mais nobre, e seria novidade para mim quando soubesse que era o melhor... Não me teria atrevido, diz o senhor... Mas julga que eu não tive já tantos conflitos como nenhum dos senhores, sem pensar à noite no que fiz de manhã?... Sem me inquietar se teria sido na montanha, ou na estrada real ou neste local arenoso, o que é pouco mais ou menos a mesma coisa.

Rashleigh retomara o domínio de si próprio.

- O meu primo é que tem de reconhecer que provocou esta questão, eu não a procurei - disse ele. - Estou contente por ter sido interrompido antes de castigar a sua temeridade de uma maneira mais severa.

- O senhor está ferido? - perguntou Campbell, com interesse.

- Não passa de uma leve arranhadura, - disse eu -, e o meu digno primo não se gabaria por muito tempo se o senhor não aparecesse.

- Palavra que isso é verdade, senhor Rashleigh, - disse Campbell -, pois é provável que o ferro fosse travar conhecimento com o seu sangue, quando detive o braço do senhor Frank, portanto, não cante vitória. Mas venha dar uma volta comigo, tenho a dar-lhe notícias que o acalmarão, e a sua cólera esfriará como a sopa de Mac Gibbon quando a põe à janela.

- Perdão, senhor, - disse eu -, as suas intenções a meu respeito pareceram-me benévolas em mais de uma ocasião, não consinto em perder de vista este homem, sem que ele me devolva os papéis de meu pai, dos quais se apoderou à traição, e com eles os meios de honrar os seus compromissos.

- O senhor está louco - replicou Campbell. - Deixe-nos partir. Quer agora haver-se com dois homens? Um basta-lhe, creio eu.

- Vinte, se for preciso! - respondi eu, lançando a mão à gola do casaco de Rashleigh, que não opôs a menor resistência, mas disse com um sorriso insultuoso: - Está a ouvi-lo, Mac Gregor, corre ao encontro do seu destino e será com certeza esmagado. Os mandados são expedidos neste momento, e tudo está pronto.

O montanhês estava evidentemente embaraçado, olhou para a frente, para a

retaguarda e em sua volta, e disse: - Diabos me levem se consentir que ele seja maltratado por defender os interesses do pai! Que a maldição de Deus e a minha caia sobre todos os magistrados, juízes de paz, bailios, xerifes, oficiais de xerife, cabos de polícia, enfim, todo esse rebanho negro que, há uma centena de anos, é a peste da pobre e velha Escócia! Repito-o, a minha consciência não me permite ver este pobre mancebo perseguido, e sobretudo dessa maneira. Preferia vê-los de novo a bater-se como pessoas valentes e honestas.

- Diz a sua consciência, Mac Gregor? - pronunciou Rashleigh.

- O senhor esquece-se de há quanto tempo nos conhecemos?

- Sim, a minha consciência, - repetiu Campbell ou Mac Gregor -, sim, senhor Osbaldistone, existe em mim qualquer coisa de semelhante, e é talvez por isso que tenho vantagem sobre o senhor.

Quanto ao nosso conhecimento, se o senhor me conhece, Rashleigh, sabe também quais foram as circunstâncias que fizeram de mim o que sou, e, pense o senhor o que pensar, eu não desejaria trocar a minha sorte com o mais orgulhoso dos perseguidores que me reduziram a não ter outro asilo senão as montanhas. A si, senhor Rashleigh, também o conheço, mas por que motivo é o que é, só o senhor o sabe e mais ninguém o saberá senão no dia de juízo final. Agora, senhor Frank, largue-lhe a gola, porque ele fala verdade quando diz que o senhor tem mais a recear de um magistrado que dele próprio.

Sim, mesmo que a sua causa fosse tão recta como o voo de uma flecha, ele acharia meio de a desviar. Portanto, como lhe disse, largue-lhe a gola.

Acompanhou estas palavras com esforço tão súbito e tão vigoroso que desembaraçou Rashleigh, e, apesar da minha resistência, agarrou-me o braço com força hercúlea e exclamou: - Aproveite o momento, senhor Rashleigh, mostre que um bom par de pernas vale mais que um bom par de braços: não será a primeira vez que isso lhe há-de suceder.

- Primo, - disse Rashleigh -, pode agradecer a este senhor eu deixá-lo sem lhe pagar inteiramente a minha dívida, mas, se parto, não é senão com a esperança de que nos tornaremos a encontrar em breve, sem que haja possibilidade de interrupção.

Apanhou a espada, limpou-a, meteu-a na bainha e depressa se sumiu entre as árvores. O montanhês, vendo então que já não era necessário segurar-me com tanta força e que eu parecia disposto a permanecer tranquilo, disseme: - Pelo pão que me alimenta, nunca vi pessoa tão teimosa!

Creio realmente que não haveria homem a quem eu não tivesse torcido o pescoço, se me tivesse causado,. metade do trabalho para o reter! Que queria o

senhor fazer? Era seguir o lobo ao seu covil. Só Lhe digo que, ele já estendeu a rede à sua volta. Tornou a encontrar Morris e levou-o a renovar toda a sua velha história: aqui não espere de mim o socorro que teve na casa do juiz Inglewood.

Não me faz bem à saúde aproximar-me muito desses diabos de bailios. Vamos, volte para casa como um bom rapaz, ocupe-se dos seus negócios e deixe os outros ocupar-se dos deles.

Existe a presença de Rashleigh, de Morris e desse outro animal Mac Vittie. Pense na aldeia de Aberfoil e, palavra de fidalgo, repito-o, não suportarei que lhe façam mal algum, e esteja sossegado até nos tornarmos a ver. Preciso de arranjar maneira de fazer sair Rashleigh da cidade antes que ele Lhe pregue alguma má partida, porque é um diabo cheio de artimanhas e de maldade. Adeus, não se esqueça da aldeia de Aberfoil.

Afastou-se. O meu primeiro cuidado foi endireitar o fato e tornar a pôr a manta, que arranjei de maneira a ocultar o sangue que me corria do flanco direito. Dirigi-me para a morada do senhor Jarvie, porque a hora do almoço aproximava-se. Encontrando no caminho uma botica de modesta aparência, cuja tabuleta anunciava pertencer a Christophe Nelson, cirurgião e boticário, entrei e pedi a um rapaz que pilava uma droga qualquer num almofariz que chamasse o sábio farmacêutico para uma consulta. Ele abriu a porta do fundo e lá dentro encontrei um velho muito vivo, que meneou a cabeça de incredulidade, quando Lhe disse que, ao disputar uma partida de esgrima, o botão do florete do meu antagonista se partira e me fizera no flanco uma forte arranhadura. Ao fazer o penso ele observou que o florete que me ferira nunca tivera botão.

- Ah, rapazes, rapazes! - ajuntou ele. - Mas nós, cirurgiões, somos uma raça discreta. E depois, sem a efervescência e a impureza do sangue, que seria feito das duas sábias faculdades?

Despediu-se com esta reflexão moral, e eu senti pouca dor e pouca contrariedade com este arranhão.

CAPÍTULO XXVI

O SENHOR JARVIE CONTA UMA HISTÓRIA

As profundezas das montanhas alimentam uma raça, inimiga dos habitantes mais pacíficos da planura, que forte da confiança que incute nos seus rochedos, asilo de uma liberdade pobre e grosseira, insulta a abundância dos vales a seus pés.

GRAY

- Porque é que veio tão tarde? - disseme o senhor Jarvie, quando entrei na sua sala de jantar. - Já soaram mais de cinco minutos depois da uma hora. Mattie veio por duas vezes para servir o jantar. Teve sorte em tratar-se de uma cabeça de borrego que pode esperar sem perigo: uma cabeça de carneiro excessivamente cozida é um verdadeiro veneno, como dizia meu pai. Era muito amante da ovelha, o digno homem!

Desculpei-me o melhor que pude da minha falta de pontualidade, e fomos logo para a mesa. O senhor Jarvie fez as honras com muito mais alegria e cordialidade, servindo-nos com profusão os pitéus escoceses, cujo sabor se ligava um pouco ao nosso paladar do sul.

Quando se levantou a toalha, o senhor Jarvie preparou por suas mãos um pequeno ponche com aguardente, o primeiro que eu vi fazer assim. Achámos muito agradável este licor, que deu ensejo a uma longa conversa entre Owen e o nosso hóspede sobre as oportunidades que a União proporcionara ao comércio entre Glasgow e as colónias inglesas da América e das ilhas.

- Isto não é muito divertido para si, senhor Osbaldistone, - disse ele, ao notar que eu guardava silêncio havia muito tempo -, mas o senhor bem sabe que a sela fala sempre dos arreios.

Desculpei-me alegando as circunstâncias difíceis em que me encontrava e as aventuras da manhã. Fiz assim surgir, como desejava, a ocasião de as narrar em pormenor e sem ser interrompido.. Apenas omiti falar do ferimento que recebi, como demasiado insignificante para dele me ocupar. O senhor Jarvie escutou-me com um ar de atenção e de vivo interesse, piscando de vez em quando os olhos cinzentos, tomando rapé, e não me interrompeu senão com pequenas interjeições. Quando cheguei à cena do duelo, Owen cruzou os braços e levantou os olhos ao céu, numa expressão de dor e de surpresa, e Jarvie cortou a minha narrativa, exclamando: - Eis o que foi mau, muito mau! Erguer a espada para um parente é coisa proíbida pelas leis de Deus e dos homens, há pena de multa e de prisão sobre quem quer que a desembainhe nas ruas de uma cidade do reino. O parque do colégio não é um lugar privilegiado, e parece-me que é aí, principalmente, que

deve reinar a tranquilidade e a paz. Não se deu ao colégio seiscentas boas libras esterlinas de renda, nem o usufruto de umas terras que lhe concedeu o arcebispo de Glasgow, para deixar os jovens loucos bater-se naquele recinto. Mas, vejamos, acabe a sua história. Que sucedeu depois?

Quando falei da chegada súbita de Campbell, o senhor Jarvie levantou-se cheio de surpresa e passeou a passo largo no aposento, exclamando: - Ainda Robin! É preciso que ele seja louco ou pior do que isso... Verá que qualquer dia se publica que Rob foi enforcado e cobriu de vergonha toda a família. Se meu pai, o diácono, lhe fez o seu primeiro par de meias, receio bem que o diácono Threeplie, o cordoeiro, lhe faça a sua última gravata. Sim, sim, o pobre Robin está bem a caminho de ser enforcado. Mas vejamos, vejamos, escutemos o fim.

Terminei a minha narrativa com a máxima exactidão que podia, entretanto, porque o senhor Jarvie achou algumas passagens pouco claras, para ele, vi-me obrigado a contar-lhe a história de Morris e da minha entrevista com Campbell em casa do juiz Inglewood. Prestou-me uma grave atenção e guardou silêncio durante algum tempo depois de eu ter terminado.

- Agora, senhor Jarvie - disse eu, por fim -, restame pedir-lhe um conselho sobre o melhor que tenho a fazer no interesse de meu pai e no da minha honra.

- Eis o que é falar bem, jovem! Pedir sempre conselhos àqueles que são mais idosos e mais prudentes e não imitar o ímpio Jeroboan, que se guiou pela opinião de jovens tontos e imberbes, desprezando os velhos conselhos de seu pai, Salomão.

Contudo, aqui não se trata de honra, mas de crédito. A Honra é um homicida, um bebedor de sangue que percorre as ruas à procura de questões, mas o Crédito é uma criatura honesta e pacífica que fica em casa e faz ferver a sua marmita.

- Decerto, senhor Jarvie, - disse o nosso amigo Owen -, o crédito é um capital que precisamos de salvar, seja qual for o desconto.

- Tem razão, senhor Owen, tem toda a razão, o senhor fala bem e com bomsenso. Mas, voltando a Robin, eu creio que ele prestará serviços a este jovem, se dispuser de meios para isso. Tem um bom coração, esse pobre Robin, e, embora outrora tivesse perdido duzentas libras da Escócia com ele e não tenha grande esperança de rehaver as mil libras que prometeu devolver-me, isso não me impede de dizer que Rob é cheio de boas intenções.

- Visto isso, devo tomá-lo como um homem honesto - repliquei eu.

- Bem! - pronunciou o senhor Jarvie, com uma espécie de tosse que denunciava o seu embaraço -, Sim, tem uma espécie de probidade montanhesa. É honesto à sua maneira, como é hábito dizer-se.

- Mas julga - disse eu -, que esse homem me serve realmente à sua maneira? Que devo ir ao encontro que ele me marcou?

- Francamente e verdadeiramente, vale a pena tentá-lo.

Aliás, o senhor vê que corre perigos aqui. Esse Morris tem um emprego na alfândega de Greenock, porto pouco distante daqui, e, embora toda a gente saiba que é um animal com dois pés, com uma cabeça de pato e um coração de galinha, que passeia no cais e atormenta as pobres pessoas a pretexto de licenças, de trânsitos e de outros vexames dessa espécie, no entanto, se ele fizer uma queixa contra o senhor, não há dúvida de que um magistrado terá que aceitá-la, e daí podia resultar o senhor ser encerrado entre quatro paredes, o que não favorecia os negócios de seu pai.

- Isso é verdade - disse eu - E, no entanto, que serviço posso eu prestar-lhe, deixando Glasgow, que, devo-o crer, é o principal teatro das manobras de Rashleigh? Devo confiar-me à fé incerta de um homem de quem não sei outra coisa senão que ele receia a justiça, e que tem decerto boas razões para isso, de um homem que, por algum desígnio secreto e por certo perigoso, está em estreitas relações com o autor da nossa ruína?

- O senhor julga Rob severamente, muito severamente, mancebo. Mas, a verdade é que o senhor não faz uma ideia das nossas montanhas ou terras altas, como nós Lhes chamamos. A raça que as habita é absolutamente diferente da nossa. Não há bailios entre eles, nem magistrados que tragam o gládio da justiça, como o trazia o digno diácono meu pai e como eu próprio o trago hoje com os outros magistrados de Glasgow. A ordem do «laird», ou chefe, é a sua regra, a obediência a sua virtude: não têm outra lei senão a que está na ponta dos seus punhais. O sabre é o perseguidor e o queixoso, como os ingleses lhe chamam, e o escudo o defensor. A cabeça mais forte é aquela que resiste mais tempo. Eis o que é um processo nas terras altas.

Owen soltou um profundo suspiro, e confesso que esta descrição não me provocou o desejo de visitar aquelas montanhas da Escócia onde reinava tal desordem.

- Nós falamos raramente destas coisas - continuou o senhor Jarvie - porque nos são familiares. Para que desacreditar os parentes e o seu próprio país diante de estranhos, diante de Ingleses? É um mau pássaro o que suja o seu próprio ninho.

- Muito bem, senhor. Contudo, como da minha parte não se trata de uma curiosa impertinência, mas sim de uma necessidade real que me obriga a fazer-lhe estas perguntas, espero que não se ofenda por eu insistir em que me dê ainda algumas informações. Por causa dos negócios de meu pai, terei que tratar com alguns senhores dessas regiões selvagens, e só a sua experiência me pode

fornecer as luzes de que necessito.

Esta pequena adulação não foi vã.

- A minha experiência! - disse o bailio. - Sem dúvida que tenho experiência, e que tenho feito alguns cálculos na minha vida. Confessar-lhe-ei até, visto que conversamos tranquilamente entre nós, que tomei algumas informações por intermédio de André Wylie, meu antigo empregado. Ele está agora na casa Mac Vittie & C.a, mas isso não o impede de vir beber um trago, ao domingo à noite, com o seu antigo patrão. E visto o senhor estar disposto a deixar-se guiar pelos conselhos do negociante de Glasgow, eu não sou homem para os recusar ao filho de um antigo correspondente: meu pai, o diácono, tão-pouco os teria recusado. Pensei algumas vezes em esclarecer com as minhas luzes o duque de Argyle, ou seu irmão lorde Ilay. Mas essas grandes personagens talvez não se importassem com uma explicação que lhes seria dada por um pobre fabricante de tecidos. Dão mais atenção a quem lhes fala do que a quem lhes diz. É pena, é pena. Não que eu queira,dizer alguma coisa contra esse Mac Callum More. "Não amaldiçoes o rico no teu quarto de dormir, diz o filho de Sidrach, porque o pássaro do ar lhe leva as tuas palavras e as paredes, diz-se, têm ouvidos".

Interrompi este discurso preliminar, que ameaçava ser um pouco difuso, pedindo ao senhor Jarvie que contasse com o senhor Owen e comigo, como pessoas discretas e dignas de confiança.

- Não é isso, - disse ele - porque não tenho medo de ninguém, e porque havia de recear? As minhas palavras não contêm traição. Simplesmente, as montanhas têm os braços compridos, e como algumas vezes vou às montanhas ver parentes e velhos conhecidos, não gostaria de estar de mal com nenhum dos seus clãs. As nossas terras altas formam uma espécie de mundo selvagem, cheio de rochedos e de precipícios, de bosques, de cavernas, de lagos, de rios, de montanhas tão altas que as próprias asas do demónio se fatigam de as percorrer. Ora, neste país e,nas ilhas que dele dependem, encontram-se cerca de duzentas e trinta paróquias, incluindo as Orcadas, que, quer aí se fale gaélico ou não, são habitadas por uma raça ainda muito afastada da civilização.

Agora, senhores, suponho eu, por um cálculo moderado, que cada paróquia conta oitocentas pessoas, deduzindo as crianças de nove anos ou menos, juntando um quarto para essas mesmas crianças, o total da população será de, vejamos...

Juntando um quarto a oitocentos para formar o multiplicador, sendo duzentos e trinta o multiplicando...

- O produto - disse Owen, que entrava com delícia nos cálculos do senhor Jarvie - será duzentos e trinta mil.

- Exacto, senhor, perfeitamente exacto. Agora, o número de homens em estado de usar armas nesse país das montanhas, entre os dezoito e cinquenta e

seis anos, não pode ir a menos de cinquenta e sete mil e quinhentos. Ora, senhores, a verdade terrível e deplorável é que o país não oferece trabalho, de nenhum género, à metade daquela pobre gente, isto é, a agricultura, o cuidado dos gados, a pesca e toda a espécie de labor honesto não podem empregar metade da população, por muito pouco que ela faça, e Deus sabe que aquela gente trabalha como se a charrua ou a enxada Lhes queimasse os dedos. Pois bem, senhores, essa metade da população sem trabalho, num total de...

- De cento e quinze mil almas - disse Owen.

- É isso, senhor Owen, tem razão. Assim, nessa metade, podemos supor vinte e oito mil e setecentos e cinquenta mocetões em condições de usar armas, e que realmente não fazem outra coisa, porque, se tivessem algum meio honesto de existência (o que, ai, está bem longe dos seus intuitos), não o desejariam aproveitar.

- Será possível, senhor Jarvie, - exclamei eu - que nos esteja pintando um quadro fiel de uma porção tão extensa da Grâ-Bretanha?

- Posso demonstrar-lho claramente. Admito que cada paróquia, em média, empregue cinquenta charruas (é muito para o solo,miserável que essa gente tem a lavrar), e que lá se encontram bastantes pastagens para os seus cavalos, os seus bois e quarenta a cinquenta vacas: presentemente, para conduzir as charruas e cuidar dos gados, contemos sessenta e cinco famílias, cada uma composta de seis pessoas, e ajuntemos-lhe mesmo cinquenta para fazer uma conta redonda: acharemos quinhentas almas, isto é, metade da população que terá um pouco que fazer, e que se alimentará de leite coalhado e de cozido. Mas eu desejaria saber o que poderão fazer as outras quinhentas.

- Santo Deus, - disse eu - que há-de essa gente fazer para viver, senhor Jarvie? Eu tremo só de pensar nessa situação.

- O senhor tremeria ainda mais se vivesse perto deles, porque, admitindo que metade dessa metade possa arranjar maneira de ganhar honestamente qualquer coisa nas terras baixas, quer nas ceifas, quer no tratamento dos gados, quanto resta ainda desses montanheses que nem querem trabalhar nem morrer de fome, e que não têm outros recursos senão mendigar ou roubar, ou viver à custa do «laird, obedecendo às suas ordens, sejam elas quais forem! Descem às centenas até às fronteiras das terras baixas, levam os gados e entregam-se a toda a espécie de depradações. Depois, o chefe ou elaird não vale mais do que os seus vassalos, porque, se não lhes diz claramente que vão roubar ou pilhar, diabos me mordam se Lho impede! Pelo contrário, dá-lhes asilo ou deixa-os ocultar-se nos seus bosques, nas suas montanhas ou nas suas fortalezas, depois deles darem o seu golpe. Cada chefe mantém tantos homens do seu nome e do seu clã quantos ele

pode fazer viver da pilhagem. E vêmo-los sempre armados de espingardas, de pistolas, de punhais e de sabres, sempre prontos a perturbar a paz do país à primeira palavra do chefe. Eis o que faz a desgraça dessas terras altas que, há mais de dois séculos, é o retiro dessa raça desenfreada, que não é cristã senão no nome, e que não cessa de inquietar os vizinhos pacíficos como nós, pessoas honestas e tementes a Deus.

- E esse Rob, seu parente e seu amigo - perguntei eu -, é sem dúvida um desses grandes proprietários que mantém os bandos de salteadores de que acaba de me falar?

- Não, não, não é dos grandes chefes, como eles lhes chamam.

No entanto, é do melhor sangue montanhês, descende em linha recta do velho Glenstrae. Conheço a sua família, porque somos parentes chegados. Não creia porém, que ligo a isso grande importância: é a imagem da lua num balde de água, Mas eu podia mostrar-lhe as cartas de seu pai, que era terceiro descendente de Glenstrae, e que ele dirigiu ao meu, o diácono Jarvie (paz á sua memória!) as quais começam assim: Meu caro diácono, e terminam: seu afeiçoado primo, pronto para o servir.

Referem-se quase todas a dinheiro emprestado, e o digno diácono conservava-as como documentos que podiam ser úteis um dia, era um homem cuidadoso!

- Mas, se ele não é um desses «lairds» oú chefes de clã,, de que me falou ainda agora, seu parente, pelo menos ao que presumo, desfruta de grande influência nas terras altas?

- Ah! Pode dizê-lo, sem se enganar: não há nome mais conhecido entre Lennok e Breadalbane. Robin era dantes um negociante de gado, o mais honesto e o mais laborioso que se podia encontrar em dez milhas em redor. Dava gosto vê-lo no seu trajo montanhês, com o seu gabão escocês, o seu escudo ao ombro, o seu sabre e o seu punhal à cinta, conduzindo uma centena de bois e seguido de uma dúzia de criados tão selvagens como os próprios animais. Era um homem que punha honestidade e justiça em todos os negócios que fazia, e se pensava que o seu comprador fizera uma má compra, dava-lhe uma compensação. Eu vi-o fazer uma restituição de cinco xelins por libra esterlina.

- Vinte e cinco por cento! - disse Owen, - Era um desconto considerável.

- Sim, senhor, fazia-o, como Lhe disse, sobretudo se julgava que o comprador era pobre e pouco capaz de suportar uma perda, mas os tempos tornaram-se difíceis, Rob aventurou-se demais. A culpa não foi minha! Avisei-o, ele pode dizê-lo. Então, os credores, e especialmente uns dos seus vizinh ricos, apoderaram-se das suas terras e de tudo o que ele possuía, diz-se até que expulsaram a sua mulher, depois de a terem maltratado, o que é pior ainda. É

vergonhoso! É vergonhoso!

Eu, que sou homem pacífico e um magistrado, se alguém tratasse a minha criadita Mattie como se diz, desde que maltrataram a mulher de Rob, creio que desembainhava a espada que meu pai, o diácono, levou ao combate da ponte Bothwell. Assim, Rob, ao voltar a sua casa, encontrou a miséria e a desolação onde deixara a abundância. Olhou para Leste, para Oeste, para o Sul, para o Norte, e não viu mais tecto, nem abrigo, nem asilo, nem esperança, então, enterrou a gorra até aos olhos, atou o sabre à cintura e, a partir dessa altura, levou a vida de um out-law, isto é, de um proscrito.

Neste passo, a voz faltou ao bom burguês de Glasgow, que não fora senhor da sua comoção.

- Então - disse eu, vendo que o senhor Jarvie não continuava a narrativa - suponho que, assim impelido e desvairado pelo desespero, o seu parente se tornou um dos depradadores de que já me falou.

- Não completamente, não em absoluto, mas começou a levantar o blackmail, com um descaro até então desconhecido, em todo o Lennox e o Monteith, mesmo até às portas do castelo de Stirling.

- O blackmail! Não compreendo...

- Vou explicar-Lho: Rob, sabe, depressa reuniu um bando de gorras azuis em sua volta, porque ele tem um nome que soa bem no país, um nome que se tornou conhecido desde longa data nas guerras entre o rei, o parlamento e o episcopado também, creio eu, é um nome antigo e respeitável, apesar do que têm feito por deprimi-lo e infamá-lo, desde há algum tempo. Minha mãe era uma Mac Gregor, não me importo que toda a gente o saiba.

Assim, portanto, Rob não teve dificuldade em reunir um determinado rancho, e, como o coração lhe sangrava, dizia ele, por ver as depradações e as razias que se cometiam ao Sul das montanhas, propôs-se garantir todo o proprietário e todo o fazendeiro que lhe pagasse quatro por cento da sua renda ou fazenda. Não era coisa muito importante. Rob comprometia-se a pô-los ao abrigo de todo o prejuízo, um só carneiro que Lhes levassem, ele fazia-o devolver, ou pagava-o pelo seu valor, e cumpriu sempre a palavra.

- Eis um singular contrato de seguro - disse o senhor Owen.

- Está em directa oposição com as nossas leis, é preciso concordar - disse o senhor Jarvie -, É uma coisa absolutamente ilegal.

- Mas, senhor Jarvie, - observei eu -, esse contrato de blackmail é absolutamente voluntário da parte do proprietário ou do fazendeiro que paga o seguro? E que sucede, se algum deles se recusa?

- Ah! Ah! Jovem! - replicou o bailio, rindo-se e colocando o dedo indicador no nariz. - O senhor julga apanhar-me assim...

Palavra, se eu tivesse um amigo, aconselhava-o a entender-se com Rob, porque há bem calcular e bem fazer, e nunca se escapa à pilhagem quando vêm as noites compridas. Alguns dos Grahame e dos Cohoon recusaram-se de início, e que sucedeu? Perderam todos os seus rebanhos no decurso do Inverno. A partir de então, a maioria julgou que era melhor para eles aceitar as condições de Rob. Ele é tratável e acessível para todos que o são para ele, mas, se Lhe quisermos resistir mais valerá resistir ao demónio.

- É, suponho eu, por façanhas desse género que ele está exposto à perseguição das leis do país. - à sua perseguição, ah! sim, pode bem dizê-lo, e se o apanhassem, o seu pescoço sentiria o peso das pernas. Mas ele tem bons amigos entre os grandes, e eu poderia citar-lhe uma família poderosa que o defende com o seu poder, para que ele seja um espinho cravado no pé de outra. Depois, é a cabeça mais inventiva, mais fértil em recursos que alguma vez conduziu um bando de montanheses. É uma coisa singular, senhores, como eu que u um homem pacífico e filho de um homem pacífico, porque meu pai o diácono nunca teve discussão com pessoa alguma, nem mesmo no conselho da cidade, é uma Coisa singular, dizia eu, como o sangue montanhês me ferve nas veias quando oiço estas estranhas narrativas., por vezes, Deus me perdoe, parece-me que sinto nisso mais prazer do que escutar discursos úteis. E, no entanto, isto não passa de vaidade mundana e, ainda mais, contrária às leis do país e do Evangelho.

Continuei a tentar esclarecer-me ainda mais, perguntando que meios de influência podia esse Robert Campbell exercer sobre os meus negócios e os de meu pai.

- É preciso que saiba - disse o senhor Jarvie, baixando a voz - que os montanheses estiveram bastante tranquilos desde 1689, o ano de Killicankrie, mas, como julga o senhor que o conseguiram? Foi com dinheiro, senhor Owen, com dinheiro, senhor Osbaldistone. O rei William fez distribuir, por intermédio de Breadalbane, vinte mil boas libras, e até se disse que o velho conde meteu uma grande parte no bolso. Em seguida, a falecida rainha Ana deu pensões aos chefes para os colocar em situação de sustentar os seus vassalos que não trabalhavam, como já Lhe expliquei.,Mantiveram-se, portanto, bastante sossegados, com excepção de algumas pilhagens nas terras baixas, do que não podiam perder o hábito, e de alguns combates entre eles, com o que nenhum indivíduo civilizado se preocupa.

Tudo isto ia muito bem, mas, depois do advento do rei George (que Deus abençoe) tudo mudou, ao que parece, não lhes deram mais dinheiro, nem pensões, não têm mais maneira de sustentar os seus clãs, que, como disse, estão a seu cargo, e perderam todo o crédito entre os habitantes da planície, porque um homem que pode, só soltar um assobio, reunir mil a mil e quinhentos mon tanheses prontos a executar as suas ordens, não encontraria quem lhe emprestasse cinquenta libras na praça Glasgow. Tal estado de coisas não pode

durar muito e haverá uma insurreição em favor dos Stuarts, sim, insurreição.

Desabarão do alto das suas montanhas como um dilúvio, tal como fizeram nas desastrosas guerras Montrose, e ouvir-se-á falar disto antes que decorra um ano.

- Mais uma vez, senhor Jarvie, não vejo a relação que isso possa ter com o senhor Campbell, e ainda menos com os negócios de meu pai.

- Rob pode levantar quinhentos homens, sempre tem, pois, tanto interesse na guerra como a maior parte dos outros, porque nela encontrará mais proveito do que no tempo de paz.

Além disso, para lhe falar com franqueza, julgo que ele é o agente principal de uma correspondência que exista entre os numerosos chefes montanheses e os fidalgos do Norte de Inglaterra. Ouvimos falar do roubo que se fez a esse Morris, portador de dinheiros públicos para os montes Cheviot, cometido por Rob e um dos jovens Osbaldistone, e para lhe dizer a verdade, senhor Frank, correu o boato de que era o senhor, e eu estava bem aborrecido por ver o filho de seu pai dedicar-se a tais façanhas. Não precisa de me dizer mais nada a este respeito, bem vejo que me enganei, mas não havia nada de que eu não julgasse capaz um jovem votado ao teatro, como me disseram que o senhor era. Agora, não duvido de que o autor do roubo seja o próprio Rashleigh, ou qualquer outro dos seus primos, porque eles têm todos a mesma marca, todos ferrenhos jacobitas e papistas, vendo os papéis e o dinheiro do governo como boa presa. Quanto a essa vil criatura, esse Morris, é de tal maneira poltrão que ainda hoje não se atreve a confessar que foi Rob quem furtou a mala, e, palavra, ele tem razão, porque esses demónios de cobradores e aduaneiros não são nada estimados aqui, e Rob poderia aniquilá-lo, antes de que a alfândega tivesse tempo de lhe acudir.

- Há muito tempo que suspeitava disso, senhor Jarvie, mas, quanto aos negócios de meu pai...

- Suspeitava! O facto é certo, conheço pessoas que compravam alguns desses papéis roubados a Morris, e é inútil dizer-lhe onde. Mas, voltando aos negócios de seu pai, o senhor deve compreender que, desde há vinte anos alguns desses «lairds» ou chefes montanheses não deixaram de abrir os olhos para os seus interesses. O seu pai e vários sócios compraram os bosques de Glen Disseries, Glen Kissoch, Toberna, Kipoch e de outros.

Deram letras consideráveis em pagamento, e como a casa Osbaldistone & Tresham gozava de um grande crédito, os proprietários montanheses, portadores dessas letras, descontaram-nas em Glasgow e em Edimburgo, ou arranjaram empréstimos por conta. Não sei se está a ver agora onde quero chegar.

- Confesso que ainda não compreendo claramente.

- Como! - exclamou ele. - Se as letras não forem pagas os negociantes de Glasgow caem sobre os proprietários montanheses, que não têm um tostão, e que aliás não gostariam de devolver um dinheiro que já está comido. Isso produzirá uns tantos desesperados, quinhentos chefes que poderiam ficar sossegados em suas casas revoltar-se-ão, o diabo imiscuir-se-á nos negócios, e é assim que a suspensão de pagamentos da casa de seu pai apressará a insurreição que nos ameaça há muito tempo.

- O senhor pensa então - disse eu, impressionado sob a nova luz a que as coisas se me apresentavam - que Rashleigh Osbaldistone não prejudicou meu pai senão para acelerar uma sublevação nas terras altas, pela miséria a que se encontrarão reduzidos os fidalgos em favor dos quais essas terras foram assinadas?

- Sem dúvida, sem dúvida... Eis qual foi o seu móbil principal, senhor Osbaldistone, embora não duvide de que ainda tenha havido outro para se apoderar do dinheiro de contado que ele também trouxe. Mas esta é uma perda relativamente insignificante para seu pai, e será este talvez todo o ganho que seu primo retirará, porque as letras que ele trouxe não lhe podem servir senão para acender o cachimbo. Tentou descontá-las por intermédio de Mac Vittie & C.a, segundo me disse André Wylie, mas são raposas demasiado velhas para cair em armadilhas, recusaram-se com bonitas palavras. Rashleigh é muito conhecido em Glasgow para ter crédito, porque veio para aqui em 1707, por causa de qualquer manigância jacobita e papista, e deixou dívidas atrás dele. Não, não, nunca conseguirá colocar esses valores, as pessoas desconfiam da maneira como vieram parar às suas mãos, não, não: eu apostaria em como esses papéis estão escondidos em qualquer recanto das montanhas, e não me admiraria nada de que meu primo Rob os obtenha, se o quiser.

- Mas o senhor julga-o disposto a servir-nos nesta situação crítica? Descreveu-mo como o agente do partido jacobita e profundamente metido em todas as suas intrigas.

- Não posso falar sobre isso de uma maneira precisa: os grandes desconfiam de Rob e Rob desconfia dos grandes. Ele é protegido e apoiado pela casa de Argyle, que apoia neste momento o partido do governo. Se ele tivesse as mãos livres, inclinar-se-ia mais para o lado de Argyle que para o de Breadalbane, porque existe um velho ódio entre esta família e a de Rob. A verdade é que Rob bater-se-á por ele próprio. Penderá para o lado que melhor lhe convier. Se o diabo fosse o chefe, Rob iria para o seu partido, e não poderíamos censurar o pobre rapaz, ao pensarmos no estado a que foi reduzido. Mas há uma circunstância aborrecida contra o senhor, é que Rob tem em casa dele, na sua cocheira, um jumento terrível.

- Um jumento terrível! Mas que pode isso influir?

- É a mulher dele, a mulher de quem já lhe falei, e que ainda é uma mulher

terrível. Ela não pode ver um bom Escocês, se ele tiver nascido nas terras baixas, e com mais forte razão detesta o Inglês, e mostra-se ardente partidária de tudo que possa ser favorável ao rei James e contrário ao rei George.

- É bem singular - observei eu - que as operações comerciais dos cidadãos de Londres se encontrem em relação com insurreições e rebeliões.

- Isso é o fruto dos seus preconceitos absurdos, jovem. Leio alguma coisa nas longas noites de Inverno, e recordo-me de ter visto na Crónica de Baker que os negociantes de Londres obrigaram os Bancos de Génova a faltar à promessa que tinham feito ao rei de Espanha de lhe adiantar uma grande quantia, o que fez adiar por um ano a partida da Grande Armada. Que pensa o senhor disto?

- Que os negociantes prestaram ao seu país um relevante serviço, que merece menção honrosa na nossa terra.

- Também é essa a minha opinião, e penso que seria de merecer do Estado e da Humanidade salvar três ou quatro fidalgos montanheses e impedi-los de se lançarem de olhos fechados no abismo com os pobres diabos dos seus vassalos, só porque não podem reembolsar um dinheiro que eles tinham o direito de considerar seu. E se ao mesmo tempo se pudesse salvar o crédito de seu pai e, ainda por cima, a importância que me é devida por Osbaldistone & Trehsam, repito que aquele que tal conseguir mereceria ser homenageado e recompensado como o mais fiel súbdito do rei, mesmo que fosse o mais humilde.

- Não pretendo decidir até que ponto ele mereceria o reconhecimento público, mas o nosso, senhor Jarvie, seria proporcional à extensão do serviço.

- E esforçar-nos-emos por estabelecer o balanço com um per contra - ajuntou o senhor Owen - logo que o senhor Osbaldistone esteja de regresso da Holanda.

- Não o duvido, não o duvido, é uma esplêndida pessoa, um homem sólido, que, seguindo os meus conselhos, poderia fazer muitos negócios na Escócia. Pois bem, senhores, se essas letras pudessem ser arrancadas das mãos dos Filisteus, seriam bom papel e válido quando se encontrassem em boas mãos, isto é, nas vossas, e eu arranjaria três pessoas em Glasgow, Sandie Steenson, John Pirie e uma terceira que eu não menciono por enquanto, que vos adiantarão as importâncias necessárias para manter o crédito da vossa casa e não pedirão outra garantia.

Os olhos de Owen animaram-se ante esta perspectiva de sair de apuros, mas o seu rosto ensombrou-se logo, ao pensar na pouca esperança que havia em recuperar os documentos.

- Não desespere - prosseguiu o senhor Jarvie - eu não me interessei até este ponto pelos seus negócios, para ficar só por aqui, já me meti até ao tornozelo.

Pois bem, meter-me-ei até aos joelhos. Nisto, sou como o meu pai diácono: não me posso meter no negócio de um amigo sem fazer o meu próprio negócio. Assim, portanto, amanhã de manhã, calço as botas altas e tomo o caminho de Drymen Mice com o senhor Frank, porque se eu não conseguir fazer escutar a razão a Rob e a sua mulher, não sei quem o conseguirá. Por mais de uma vez me mostrei amigo deles, sem falar do silêncio que guardei a noite passada, em que não tinha senão que pronunciar o seu nome para o mandar à forca. "Hei-de ouvir falar disto no conselho, tenho a certeza, quer pela boca do bailio Grahame, quer pela dos Mac Vittie e de outros quaisquer. Já me atiraram à cara o meu parentesco com Rob, massacraram-me por várias vezes com isso.

Respondi-lhes que não desculpava as faltas de ninguém, mas que, exceptuando o que ele fizera contra as leis do país e a cobrança do blackmail no condado de Lennox, e alguns casos em que ele teve a infelicidade de matar algumas pessoas, era homem mais honesto do que muitos que se tinham como tal. E para que me hei-de eu inquietar com a sua tagarelice? Deixe-me proceder: tenho na boca uma língua escocesa, e, quando eles me falam, sei responder-lhes.

Foi com muito prazer que vi o bailio ultrapassar, enfim, os limites da sua prudência habitual, graças à dupla influência do espírito cívico e do benévolo interesse que tomava pelos nossos assuntos, aliada a um desejo bem natural de evitar a perda que o ameaçava e de fazer algum lucro e, devo ajuntar ainda, graças a um sentimentozinho de inocente vaidade.

Apoiei, pois, com alvoroço a proposta que o senhor Jarvie fez de partir na manhã seguinte.

O honesto negociante pôs tanta vivacidade e prontidão em executar a sua resolução, como pusera lentidão e reflexão em formá-la. Gritou a Mattie que pusesse o seu sobretudo ao ar, engraxasse as suas botas e as deixasse toda a noite diante do lume da cozinha, enfim, que velasse por que o cavalo comesse a aveia e tivesse todos os seus apetrechos de viagem em bom estado. Depois de ficar combinado ir ter com ele de manhã, às cinco horas, e de se combinar que Owen, cuja presença não podia ser útil na nossa expedição, esperaria o nosso regresso a Glasgow, separámo-nos do nosso generoso amigo.

Instalei Owen num aposento anexo ao meu quarto e, depois de ordenar a André Fairservice que estivesse pronto a acompanhar-me no dia seguinte á hora combinada, meti-me na cama, com mais esperança do que tivera havia alguns dias.

CAPÍTULO XXVII

A CAMINHO DA AVENTURA

O olhar não avista uma só árvore em toda a extensão.

A terra nua e vermelha parece insultar a relva verde; nenhuma ave adeja, a não ser alguma, a fugir; nem o zumbir da abelha, nem o arrulhar do pombo se ouve, nem um arroio, em seu curso límpido e fugidio, vem recrear os olhos, ou afagar o ouvido com seu murmúrio.

«Profecia da Fome»

Era a época das ceifas, em que a temperatura é doce e vivificante. Saí de minha casa, de manhã cedo para me dirigir a casa do senhor Jarvie, que morava muito perto do hotel da senhora Flyter, e encontrei à sua porta Fairservice com os cavalos, segundo a ordem que eu lhe dera. A primeira coisa que atraiu a minha atenção foi que, apesar dos defeitos e das enfermidades do cavalo que o amigo de Fairservice, o escrivão Touchope, tivera a generosidade de lhe dar em troca da montada de Thorncliff, André arranjara maneira de se desfazer dele e de obter em seu lugar um animal que coxeava de uma forma tão completa e tão estranha que parecia fazer uso só de três patas, não erguendo a quarta senão para fazer acompanhamento às outras. O meu primeiro impulso foi logo bradar, com impaciência: - Que é que você pensou quando trouxe para aqui um animal desse género? E que fez do cavalo que trouxe a Glasgow?

- Vendi-o, senhor; era asmático, e teria comido tanto dinheiro quão grossa era a sua cabeça, se ficasse na cocheira da senhora Flyter. Comprei este por conta de Vossa Senhoria.

Foi uma bela compra, custa apenas uma libra por cada perna, isto é, quatro... Esta rigidez passa-lhe quando tiver percorrido uma milha. É um trot bem conhecido; chamam-lhe Souple Tam.

- Pela minha alma em como não lhe darei repouso senão quando as suas costas conhecerem toda a agilidade do meu chicote!

Se não vai buscar imediatamente o outro cavalo, juro-lhe que lhe farei pagar todas as suas habilidades.

Em despeito de todas as minhas ameaças, André continuou a batalhar, dizendo que recuperar o cavalo lhe custaria um guinéu de torna. Como verdadeiro Inglês, embora eu sentisse que era ludibriado por um patife, ia

resignar-me a esta extorsão, para não perder tempo, quando vi aparecer o senhor Jarvie. Vinha de bota alta e apertado numa sobrecasaca, manta e gorra, como se tivéssemos que ir afrontar um Inverno na Sibéria. Dois dos seus empregados, sob a direcção de Mattie, conduziam a pacífica montada que tinha a honra de transportar a pessoa do digno magistrado de Glasgow nas suas excursões.

Antes de trepar (é este o termo) para a sela, perguntou a causa da discussão com o meu criado. Ao saber da manobra do honesto André, cortou imediatamente cerce as alegações, declarando que, se Fairservice não se apressasse a devolver o cavalo de três pernas e a trazer logo o quadrúpede de que dizia ter-se desfeito, o mandaria para a cadeia e o condenaria a uma multa de metade dos seus ordenados.

- O senhor Osbaldistone - disse ele -, tomou-o ao seu serviço, com o seu cavalo, o que faz dois animais, meu maroto! Descanse, que eu vigiá-lo-ei durante a viagem.

André foi, pois, obrigado a obedecer à ordem do senhor Jarvie, embora a resmungar entre dentes. Parece que não teve a menor dificuldade em desfazer-se de Souple Tam e em reapoderar-se do seu antigo bucéfalo, porque alguns minutos lhe bastaram para efectuar a troca, e nunca mais me falou do que me dissera dever pagar.

Partimos então; mas, ainda não atingíramos o alto da rua onde o senhor Jarvie morava, ouvimos atrás de nós alguém a gritar: - Parem! Parem!

Parámos realmente e fomos alcançados pelos dois empregados do senhor Jarvie, que lhe traziam dois novos testemunhos das atenções de Mattie para o seu amo: um era um enorme lenço de seda que podia servir de vela grande a um dos navios que ele enviava às Índias Ocidentais, e com o qual Mattie lhe recomendara insistentemente envolvesse o pescoço, o que ele fez logo, o outro era uma recomendação da parte dela para que fosse prudente e tomasse cuidado em não se molhar.

Pareceu-me que o pequeno empregado tinha vontade de rir ao dar este recado.

- Ora, ora, a tontinha - disse o senhor Jarvie, depois, volvendo-se para mim, ajuntou: - Isto prova, no entanto, o bom coração de uma criatura tão jovem.

E, dito isto, esporeou os flancos da sua montada e saímos da cidade. Enquanto cavalgávamos por uma estrada que nos conduzia ao Nordeste de Glasgow, tive ocasião de notar e de apreciar algumas das boas qualidades do meu novo amigo. Embora, tal como meu pai, considerasse as operações comerciais como o objectivo mais importante da vida humana, não era um obcecado até ao ponto de olhar com desprezo os conhecimentos mais gerais. Apesar de privado das vantagens de uma educação cuidada, a conversa do senhor Jarvie denunciava um espírito penetrante, observador, liberal, e que

aproveitava todas as ocasiões para se instruir. Tinha conhecimentos sobre as, antiguidades locais e informava-me dos acontecimentos notáveis dos sítios que atravessávamos. Conhecia bem a história antiga do seu país, e, com o olhar previdente de um patriota esclarecido, antevia para ele a aurora daquela prosperidade que não brilha senão há alguns anos. Reparei com prazer que, embora Escocês em toda a extensão da palavra, tinha sobre a Inglaterra uma opinião muito justa. Quando apeteceu a André Fairservice (que, diga-se de passagem, o bailio não podia suportar) atribuir à influência funesta da União o acidente sucedido a um dos nossos cavalos que se tinha desferrado, recebeu uma reprimenda severa do senhor Jarvie, que lhe disse: - Silêncio, senhor!.. Cale-se! São as más línguas como a sua que propagam o ódio entre os vizinhos e as nações. Nada está tão bem que não possa ser melhorado, o mesmo se pode dizer da União. Ninguém, de início, se Lhe opôs com mais obstinação do que os habitantes de Glasgow, com os comícios e as sublevações da sua populaça. Mas mau vento é aquele que não sopra do lado bom para ninguém. Que cada um atravesse o vau como puder... Repito-o, que Glasgow floresça, como tão elegantemente o puseram em forma de divisa em volta das armas da cidade... No tempo em que São Mungo pescava arenques no Clyde, quem havia de dizer que este seria ainda mais florescente para o comércio do açúcar e do tabaco?

Respondam a isto. Deixe, pois, de murmurar contra o tratado que nos abriu o caminho para as Índias Ocidentais.

Enquanto estas discussões atenuavam o aborrecimento da viagem, o caminho que percorríamos e que, a uma ou duas milhas de Glasgow, era descoberto e selvagem, tornava-se cada vez mais desolado à medida que avançávamos. À frente, à retaguarda e em volta de nós, desdobrava-se um terreno inculto em toda a sua desoladora aridez, ora plano e parcialmente coberto da verdura traiçoeira dos pântanos, ou de areia e de relva, ou de barrancos, ora elevando-se a alturas informes, que, sem terem a majestade Ias montanhas, ainda eram mais fatigantes de subir. Nem uma árvore, nem uma moita consolavam o olhar cansado daquela uniforme e completa esterilidade. A própria charneca era magra e quase nua. Não havia coisa viva que se oferecesse à nossa vista, a não ser alguns carneiros pintados de uma estranha variedade de cores, uns negros, outros azuis ou cor de laranja: o negro, porém, predominava nas cabeças e nas pernas. Os próprios pássaros parecia fugirem daqueles desertos, e isso não era de admirar, visto que tinham um meio tão rápido de escapar-se, pelo menos não se ouvia senão o grito aflitivo e monótono do pavão bravo e do maçarico real.

No entanto, ao jantar, que comemos, por volta do meio-dia, na mais miserável das estalagens, tivemos a boa sorte de descobrir que essas aves de grito fatigante não eram os únicos habitantes da charneca. A estalajadeira disse-nos que o marido fora à montanha, e essa circunstância foi feliz para nós, porque

nos foi servido o produto da caçada. À caça da charneca grelhada juntou ela salmão seco, queijo, leite de cabra e pão de aveia, era tudo o que a casa podia oferecer. Cerveja bastante má e um copo de magnífica aguardente completaram o nosso jantar. E tendo os nossos cavalos terminado o seu, retomámos a viagem com um vigor novo.

,Eu tinha necessidade de me fortalecer e animar com um bom jantar para resistir ao abatimento que se apoderara sub-repticiamente do meu espírito, quando unia no meu pensamento a estranha incerteza do êxito da viagem e a impressão que me causava o aspecto desolado da região. As choças miseráveis que, de vez em quando, indicavam alguns vestígios de habitação, tornavam-se cada vez mais raras, e quando começámos a subir uma série ininterrupta de alturas, elas desapareceram por completo. Algumas vezes, porém, uma escapada aparecia-me em certas voltas do caminho. Por fim, avistei à nossa esquerda uma cadeia imensa de montanhas azuis escuras. Contemplando aquela região alpestre, experimentei o desejo ardente de percorrer as suas profundezas, apesar da fadiga e dos perigos que lá me podiam esperar. Fiz diversas perguntas ao meu amigo Jarvie sobre os nomes e as posições daquelas montanhas, mas ele não podia ou não queria responder.

Disseme apenas: - São as Highlands... o senhor tem tempo de as ver e de ouvir falar delas antes de voltar à praça de Glasgow... Não gosto de olhar para elas, põem-me luto no coração... Não é medo, não, não é medo, é a compaixão que me inspiram as pobres criaturas semi-selvagens que lá morrem de fome.

Tentei desviar a conversa para o carácter e a história do indivíduo que íamos visitar, mas achei o senhor Jarvie inabordável nesse capítulo, o que, em parte, atribuí à vizinhança de Fairservice, que tinha o cuidado de nos seguir de bastante perto, para que o seu ouvido pudesse recolher tudo o que dizíamos, ao mesmo tempo que dava largas à língua e aproveitava todos os ensejos para se meter na conversa, provocou assim mais uma reprimenda do senhor Jarvie.

- Mantenha-se à retaguarda como lhe compete - disselhe o bailio, no momento em que André tratava de se aproximar para escutar a resposta a uma pergunta que eu fizera sobre Campbell.

- Para responder às suas perguntas, senhor Osbaldistone - disse por fim o meu amigo - agora, que ele já não nos pode ouvir, dir-lhe-ei francamente que o senhor tem a liberdade de me fazer as que quiser, e que eu não a tenho menos de não responder senão quando me convier... Não tenho muito bem a dizer de Rob, o pobre diabo! E não quero dizer mal dele, por motivo de ser meu primo, além disso, aproximamo-nos da sua terra, onde não há uma moita que não possa ocultar um do seu bando... Se me quer acreditar, quanto menos falar dele, do local onde nos encontramos e do assunto que aqui nos traz, mais probabilidades temos de triunfar. Podemos encontrar alguns dos seus inimigos... e não lhe faltam por estas cercanias. Robin ainda anda de cabeça levantada, mas qualquer dia será obrigado a baixá-la... pois, cedo ou tarde, diz-se, o cutelo acaba por rasgar a pele à raposa.

- Muito certo - respondi eu. - Deixar-me-ei guiar inteiramente pela sua

experiência.

- Tem razão, senhor Osbaldistone, mas preciso de falar também a esse tagarela, porque os idiotas e as crianças repetem na praça do mercado o que ouviram ao canto da lareira.

Eh! Venha cá, André... como se chama... Fairservice...

André, que desde a última reprimenda se mantinha à retaguarda a uma distância assaz considerável, não julgou oportuno responder.

- André, meu patife... - repetiu o senhor Jarvie - Venha aqui! Aqui!

André aproximou-se num ar irritado.

- Aqui diz-se a um cão - replicou.

- Tratá-lo-ei como um cão, maroto, se não der atenção ao que lhe vou dizer... Vamos entrar nas terras altas...

- É o que eu presumia - disse André.

- Cale-se, deixe-me acabar o que tenho a dizer-lhe... Vamos, como eu dizia, às terras altas...

- O senhor já o disse - respondeu o incorrigível André.

- Quebro-lhe os ossos, se não contém a língua.

- Reter a língua torna a boca babosa - disse André.

Vi-me obrigado a intervir, ordenando a André que guardasse silêncio, se não queria que isso lhe saísse caro.

- Não digo mais nada - declarou André - obedecerei à sua ordem legítima sem soltar um pio... Já minha pobre mãe dizia: "Quer seja o melhor, quer seja o pior, O que tem a bolsa tem o direito de te governar.

"Assim, podem os senhores falar o tempo que lhes apetecer, sem que André os interrompa.

O senhor Jarvie aproveitou a pausa que ele fez após a citação deste provérbio para dar as suas instruções.

- Escute, homem, e fixe bem o que Lhe digo, se liga alguma importância à sua vida. Na estalagem para onde vamos e onde é provável que passemos a noite, aloja-se gente de todos os sítios, de todos os partidos, de todos os clãs, habitantes das terras altas e das baixas e, por vezes, quando a aguardente faz os seus efeitos, vêem-se mais punhais fora da baínha do que bíblias abertas. Você não se meta em nada, e tenha cuidado que essa língua não ofenda alguém, mantenha-se sossegado, não diga palavra e deixe os galos bater-se entre eles.

- Era bem preciso dizer-me tudo isso, - respondeu André num ar desdenhoso - como se nunca tivesse visto um montanhês e como se não soubesse como se deve lidar com eles! Vamos, ninguém melhor do que eu sabe como é preciso

tratá-los. Negociei com eles, comi com eles e bebi com eles.

- E nunca se bateu com eles?

- Não, não, dessa me livrei eu...

- Pois bem, se quiser conservar a língua e as orelhas, (e estas podem fazer-lhe bastante falta para os maus serviços que lhe prestam às vezes), recomendo-lhe que não diga uma palavra, nem para bem nem para mal, seja a quem for, na estalagem! Não se lembre de dar à língua sobre o seu amo ou sobre mim, ou de revelar o nome.

- Está bem, está bem! Para que havia eu de dizer os vossos nomes? Espero poder falar de coisas mais interessantes.

- E é justamente isso o que eu temo, parvo como você é... Não fale de coisa alguma, quer para bem, quer para mal, se acaso isso for possível.

- Se não me julga capaz de falar tão bem como outro qualquer, pague-me os meus soldos e a alimentação e eu volto para Glasgow. Teremos muito gosto em nos separarmos, como dizia o velho jumento à carroça desmantelada.

Vendo que a insolência de André aumentava a tal ponto que o seu serviço podia tornar-se mais prejudicial do que útil, declarei-lhe peremptoriamente que podia regressar, mas que não lhe pagava nem mais um ceitil dos seus soldos. Um argumento ad crumenam, como certos lógicos lhe chamam a gracejar, tem peso para a maior parte dos homens, e André não tinha a presunção de fazer excepção nesse ponto. Encolheu os cornichos como o caracol, para me servir da expressão do senhor Jarvie, apressou-se a protestar que não tinha a menor intenção de se despedir e que se deixaria guiar pelas minhas ordens, fossem elas quais fossem.

Restabelecida assim a concórdia, continuámos a nossa viagem.

Marchámos sem parar, e, no entanto, quando caiu a noite e envolveu nas suas sombras os desertos selvagens que atravessávamos, o senhor Jarvie disseme que estávamos ainda a três milhas e tal do sítio onde devíamos pernoitar.

CAPÍTULO XXVIII

UM COMBATE IMPREVISTO E SINGULAR

Barão de Bueklevie, que o diabo o leve e o faça em postas, por ter erguido uma cidade onde não há comida, nem para cavalos, nem para homens, nem uma cadeira para se sentar.

Versos populares escoceses
sobre uma ruim estalagem

A noite estava linda e a lua iluminava-nos o caminho. Os seus raios emprestavam à região que percorríamos um aspecto mais interessante do que quando a luz do dia fazia ressaltar a sua extensa esterilidade, o contraste da sombra e da claridade dava-lhe um atractivo de que ela estava naturalmente privada: tal como o véu em que se envolve uma mulher sem encantos chama a nossa curiosidade para um objecto de si pouco agradável.

No entanto, o caminho continuava a descer, dando mil voltas.

Por fim, deixando o terreno descoberto, mergulhou em ravinas mais profundas que nos anunciavam as margens de algum arroio ou rio. Depressa este presságio se realizou. Encontrámo-nos, por fim, nas margens de um rio que mais se parecia com os da minha terra natal do que com os que eu já vira na Escócia. Era estreito, profundo, e o seu curso calmo e silencioso, a branda claridade reflectida por suas águas sossegadas permitiu-nos ver que estávamos no meio das altas montanhas onde ele tinha a sua nascente.

- É o Forth! - disseme o bailio, com aquele ar de respeito que notei nos Escoceses quando falavam dos seus principais rios.

Eu respeito este inocente entusiasmo, e recebi a comunicação do meu amigo com a mesma importância que ele parecia atribuir-lhe. Tanto quanto o luar me permitia supor, o Forth pareceu-me merecer a admiração daqueles que um interesse local liga ao seu curso. Uma bela eminência da mais regular forma esférica e coberta por uma mata de nogueiras, freixos, cedros, entremeados de algumas velhas árvores que, elevando acima da mata as suas cabeças majestosas, estendiam ao luar os seus ramos despidos e galhudos, parecia proteger o berço, a nascente deste rio.

A acreditar na história que o meu companheiro me contou, história da qual me declarou não acreditar nem uma palavra, embora a narrasse baixando a voz e

num ar pouco seguro, esta montanha tão regular, coberta de uma verdura tão rica e de uma tão bela variedade de árvores e de mato, passava por encerrar nas suas cavernas invisíveis os palácios das fadas, entes etéreos que participavam do homem e do demónio, e que, sem serem positivamente nocivos à humanidade, deviam no entanto ser temidos e evitados por causa do seu carácter caprichoso, vingativo e irritável.

- Chamam-lhes - disseme baixinho o senhor Jarvie -, Daoine Shie, o que significa, creio eu, criaturas pacíficas. Foi, sem dúvida, para conquistar a sua benevolência que lhes deram esse nome, andaremos, pois, bem em aceitá-lo, senhor Osbaldistone, porque é de boa prudência não dizer mal do «laird» quando se está nos seus domínios. Contudo, - ajuntou ele, ao ver uma ou duas luzes brilhar diante de nós -, são ilusões de Satanás, e não receio dizê-lo, porque já avisto as luzes da aldeia de Aberfoil, e a nossa viagem estará em breve terminada.

Confesso que me foi agradável esta observação do senhor Jarvie, porque nos prometia algumas horas de repouso, do qual, depois de uma tirada de mais de cinquenta milhas, estávamos igualmente necessitados, tanto homens como cavalos.

Atravessámos o Forth na sua origem por uma velha ponte de pedra, muito alta e muito estreita. O meu companheiro disseme que para atravessar este rio, importante, profundo, bem como os ribeiros que lhe pagam o tributo das suas águas, a passagem geral das terras altas para sul fazia-se num sítio chamado Vau de Frew, travessia sempre penosa e difícil, e, por vezes, impossível. Excepto os vaus, não se encontra nenhuma passagem, a não ser descendo-se para Leste até á ponte de Stirling, de maneira que o rio Forth constitui úma linha natural de defesa entre as terras altas e as baixas da Escócia, desde a sua nascente até ao golfo que o oceano forma e no qual se perde. Os acontecimentos subsequentes de que fomos testemunhas chamaram a minha atenção para um reparo sugerido pelo bailio Jarvie, que me disse, com toda a sua proverbial sagacidade, que "o Forth refreia o montanhês selvagem".

Cerca de meia milha depois de termos passado a ponte, encontrámo-nos à porta da estalagem onde devíamos passar a noite... Era uma choça ainda mais miserável do que aquela onde jantámos... Mas via-se luz nas pequenas janelas, ouvia-se o som das vozes no interior, e tudo parecia anunciar-nos que ali encontraríamos abrigo e ceia.

André foi o primeiro a notar que havia um ramo de salgueiro desprovido de folhagem atravessado no limiar da porta entreaberta. Recuou um passo e aconselhou-nos a não entrar.

- Porque - disse ele - isto anuncia que alguns dos chefes e grandes

personagens estão a beber cusquebaugha (1) e não querem ser interrompidos. O menos que nos pode suceder, se entrarmos, é apanhar alguns murros, para aprendermos a viver, se acaso os seus punhais não tirarem a medida da nossa pança, o que também é muito provável.

Olhei para o bailio, que me confessou ao ouvido que o cuco podia ter uma certa razão, uma vez por ano, quando cantava.

Entretanto, duas ou três raparigas meio vestidas sairam da estalagem e das cabanas próximas, ao ruído dos passos dos nossos cavalos. Nenhuma delas nos deu boas-vindas, nem ofereceu os seus serviços para nos desembaraçar das montadas.

A única resposta que pudemos obter a várias perguntas foi: "Ha niel sassenacha (2). O bailio, porém, achou na sua experiência um meio de os fazer falar inglês.

*(1) Aguardente escocesa.

(2) Não Percebo inglês.

- Se eu lhes der um «bawbie» (1) - disse ele a un garoto de cerca de dez anos - percebem o «sassenacha»?

- Sim, percebo - disse o garoto, num inglês razoável.

- Então, meu homenzinho, vai dizer à tua mãe que estão aqui dois ingleses que lhe desejam falar.

A dona da estalagem apareceu em breve, trazendo na mão uma vara de pinho acesa, à guisa de archote. A luz iluminava o semblante inquieto e selvagem de uma muLher pálida, magra, de uma estatura um pouco a baixo da média, e cujo vestuário sujo e esfarrapado, embora lhe tivesse juntado um gabão, apenas desempenhava o papel da decência, e não podia servir para mais nada.

Os cabelos negros e mal penteados, cujas madeixas se escapavam em desalinho de sob a touca, e sobretudo os olhares estranhos e inquietos que nos lançava causavam a impressão de uma bruxa interrompida no meio dos seus ritos condenáveis.

Recusou logo admitir-nos na casa. Insistimos com energia e descrevemos-lhe a extensão da viagem, o estado dos nossos cavalos e a certeza de não encontrarmos outro abrigo antes de Callander, que o bailio dizia achar-se à distância de sete milhas escocesas. A estalajadeira, teimosa, não tomou em consideração as nossas alegações.

- Vale mais irem mais longe do que exporem-se ao mal - disse ela no dialecto

escocês das terras baixas (porque ela era do condado de Lennox). - A a casa está cheia de pessoas que não gostariam de ser perturbadas por estranhos. Esperam gente, talvez os casacas vermelhas da guarnição... - E pronunciou estas últimas palavras com ênfase. - O tempo está bonito, e uma noite passada ao ar livre refresca-lhes o sangue... Podem dormir nas vossas mantas, como uma boa lâmina na bainha. Não há muito orvalho no bosque, se souberem escolher o abrigo, e podem amarrar os cavalos na montanha, que ninguém lhes dirá nada.

- Mas, boa mulher, - disse eu, enquanto o bailio suspirava e se quedava indeciso - há seis horas que jantámos, nada mais comemos depois, estou verdadeiramente a morrer de fome, e não tenho vontade de me ir deitar, sem ceia, no meio destas montanhas. Preciso absolutamente de entrar, a

*(1) O «bawbie» correspondia a meio penny inglês.

senhora desculpe-se o melhor que puder junto dos seus hóspedes para introduzir um ou dois estranhos na sua companhia. André, conduza os cavalos à cocheira.

A sibila olhou-me num ar surpreso, ao exclamar: - É preciso deixar passar um teimoso! Não se pode impedir que as pessoas corram para a sua perda. Vejam como estes Ingleses são gulosos! Aqui está um que teve hoje um bom repasto, e que arrisca a sua vida e a sua liberdade para cear confortavelmente. Ponham carne assada e pudim no meio do Inferno, e vê-los-eis precipitarem-se lá para dentro. Mas eu lavo daqui as minhas mãos. Siga-me, senhor, - disse ela a André - vou indicar-lhe a cocheira.

Confesso que fiquei um pouco perturbado com as expressões da nossa hospedeira e que me pareceram o presságio de algum perigo. No entanto, entrei ousadamente na casa. Depois de quase quebrar as pernas contra bocados de turfa e um barril de salmoura colocados a cada lado da estreita passagem que servia de entrada, abri uma porta de vime toda desconjuntada e, seguido do bailio, entrei na sala principal daquele caravansarai escocês.

O interior apresentava um espectáculo bastante singular para os olhos de um Inglês. Ardia o lume no meio da sala, e o fumo, não tendo outra saída senão um buraco no tecto, elevava-se em turbilhão ao longo das paredes da chaminé e formava uma espessa nuvem à altura de cerca de cinco pés do chão. O espaço inferior estava bastante desimpedido e aí respirava-se à vontade, graças às inúmeras correntes de ar que entravam pela gasta almofada da porta de vime, por dois buracos quadrados que serviam de janelas e pelos interstícios das paredes,

construídas de calhaus e de turfa, unidos por uma argamaça grosseira.

A uma velha mesa de carvalho, colocada junto do lume, estavam sentados três homens, viajantes, segundo todas as probabilidades, e que era impossível olhar com indiferença.

Dois deles vestiam à montanhesa. Um, homem baixo, cujo semblante exprimia vivacidade e irritabilidade naturais, trazia «trews», ou calças justas, feitas de uma espécie de tecido de malha como as meias.

O bailio disseme ao ouvido que provavelmente era um personagem importante, porque só os chefes usavam «trews», que eram até difíceis de fabricar à vontade daqueles senhores montanheses.

O outro era um homem alto e vigoroso, cabelos ruivos e espessos, cara cheia de borbulhas e queixo de rabeca, espécie de caricatura das feições nacionais da Escócia. O seu tecido diferia do do companheiro, por ter muitos quadrados vermelhos, enquanto o preto e o verde escuro dominavam no outro.

O terceiro tinha o trajo das terras baixas. Era um homem robusto, de olhar ousado e altivo, e que me pareceu militar.

Trazia uma sobrecasaca coberta de inúmeros galões e um chapéu de bicos de um tamanho formidável. O seu sabre e um par de pistolas estavam em cima da mesa, na sua frente. Os dois outros montanheses tinham diante deles os seus punhais cravados na mesa. Soube depois que aquilo significava que nenhuma rixa devia perturbar as suas libações. Uma enorme medida de estanho colocada em frente destes dignos personagens podia conter cerca de quatro quartilhos de Inglaterra de cusquebaugha, licor quase tão forte como a aguardente, que os montanheses destilam da cevada, e do qual bebem quantidades surpreendentes. Um copo quebrado, montado num pé de madeira, fazia as vezes de taça e circulava com maravilhosa rapidez.

Aqueles homens conversavam muito alto e com vivacidade, ora em gaélico, ora em inglês.

Um outro montanhês, enrolado no seu gabão, estava deitado no solo, a cabeça pousada numa pedra coberta com um pouco de palha a servir-lhe de travesseiro, e dormia, ou fazia que dormia, sem fazer caso do que se passava em sua volta. Era provavelmente um forasteiro, e vinha armado de sabre e escudo, armas que os montanheses têm por costume usar nas viagens. Ao longo das paredes via-se uma espécie de prateleiras e era ali que dormia toda a família, homens, mulheres e crianças, apenas ocultos pelos espessos turbilhões de fumo.

Tínhamos feito pouco barulho ao entrar, e os bebedores estavam embrenhados numa discussão tão animada que durante um ou dois minutos não

se aperceberam de nós.,Mas notei que o montanhês deitado junto do lume se soergueu no cotovelo, quando entrámos, puxou o gabão para baixo do rosto, olhou-nos um instante, após o que retomou a primitiva atitude e pareceu entregar-se de novo ao sono que nós interrompêramos.

Aproximámo-nos do lume e chamámos a estalajadeira, o que atraiu sobre nós a atenção dos circunstantes. A muLher apareceu, lançou olhares inquietos, ora a uns, ora a outros, e foi com hesitação e num ar embaraçado que respondeu ao pedido que lhe fizemos de nos trazer alguma coisa de comer. Ela julgava, não tinha a certeza de que houvesse alguma coisa em casa, digna de nos ser apresentada.

Assegurei-lhe que éramos indiferentes à qualidade da ceia, depois, procurando com os olhos maneira de nos sentarmos, descobri uma velha gaiola de frangos, de que fiz um assento para o senhor Jarvie, eu próprio sentei-me num balde de fundo para o ar. André Fairservice entrou depois e colocou-se em silêncio atrás de nós. Os naturais, como julgo poder chamar-lhes, olharam-nos fixamente e num ar de espanto que exprimia que estavam confundidos com a nossa segurança.

Por fim, o mais baixo dos dois montanheses disseme em muito bom inglês e com muita altivez: - Pelo que vejo, o senhor procede como se estivesse em sua casa.

- É o que faço sempre, - repliquei eu - quando me encontro numa casa onde se recebe o público.

- E não viu, - disse o mais alto - pela vara branca, que está à porta, que fidalgos ocupavam esta casa pública para tratar dos seus assuntos?

- Não me gabo de conhecer os usos deste país, - repliquei eu -, mas gostava de saber como três pessoas têm o direito de excluir todos os outros viajantes do único local de abrigo, e de repouso que se encontra em muitas milhas em redor.

- Senhores, isso não é razoável - disse o bailio. - Não os queremos ofender, mas nem a razão nem a lei autorizam uma coisa dessas. Se um jarro de boa aguardente pode servir para sanar o diferendo, somos homens pacíficos e não desejamos senão...

- Diabos levem a sua aguardente, senhor! - replicou o habitante das terras baixas, enterrando altivamente o chapéu na cabeça. - Não queremos nem a sua aguardente nem a sua companhia.

Assim falando, levantou-se, os seus companheiros imitaram-no, a resmungar entre dentes, ajustando o gabão, abrindo as narinas a aspirar o ar, segundo o hábito dos seus compatriotas, quando estão agitados pela cólera.

- Eu bem lhe dizia o que sucedia, senhores, - disse a estalajadeira - e não me quiseram escutar.

Entretanto, ergui-me e desembaracei-me da minha capa para estar mais apto a colocar-me na defensiva.

- Somos três contra três - disse o montanhês mais baixo, relanceando o olhar por nós. - Se são rapazinhos bonitos, desembainhem as espadas.

A estas palavras, sacou do seu sabre e avançou para mim.

Coloquei-me em defesa, confiado na superioridade da minha arma. O bailio procedeu com um vigor que me surpreendeu. Vendo avançar contra ele o gigantesco montanhês, de arma nua, fez alguns esforços para desembainhar o seu sabre, mas vendo que não o podia tirar da bainha, à qual estava grudado pela ferrugem, agarrou em seu lugar numa relha de arado completamente em brasa, a qual se serviam para atiçar o fogo, e brandiu-a com tanto êxito que à primeira estocada pegou fogo ao gabão escocês, o que o forçou a manter-se a respeitosa distância até conseguir apagá-lo.

André, que deveria enfrentar o campeão das terras baixas, achara maneira, com desgosto o digo, de se eclipsar logo no início da questão. Mas o seu antagonista, clamando: "Partido igual!", limitou-se cortesmente a permanecer como espectador do combate.

O meu objectivo era desarmar o meu antagonista, mas não ousava atacá-lo de muito perto, com receio do punhal que ele tinha na mão esquerda e do qual se servia para parar os botes que eu lhe atirava. Entretanto, o bailio, apesar do êxito do seu começo, estava numa situação crítica: o peso da sua arma, a sua corpulência e até a sua cólera lhe esgotavam as forças.

Mal podia respirar. Ia achar-se à mercê do adversário, quando o montanhês que estava deitado no chão se levantou de repente, agarrou na sua espada desembainhada e no seu escudo, e, lançando-se entre o magistrado vencido e o seu atacante, exclamou: - Comi o pão na cidade de Glasgow e, pela minha fé, serei eu quem há-de bater-se pelo bailio Jarvie na estalagem de Aberfoil!

E, juntando a acção à palavra, este auxiliar inesperado fez sibilar a sua lâmina aos ouvidos do robusto adversário, que lhe devolvia golpe por golpe. Mas, estando ambos munidos de escudos redondos de madeira chapeada de cobre e coberta de pele, o seu combate foi mais ruidoso do que perigoso. Aliás, parece que os assaltantes mais queriam intimidar-nos do que fazer-nos mal, porque o habitante das terras baixas, que ficara como espectador, começou então a desempenhar o papel de medianeiro.

- Abaixo as armas! Abaixo as armas! Já chega, já chega! Não é uma questão

de morte, os estrangeiros mostraram-se homens de honra e deram-nos uma satisfação. Sou mais exigente do que ninguém em pontos de honra, mas não gosto de ver derramar sangue sem necessidade.

Como se deve calcular, eu não tinha desejo de prolongar a rixa, o meu adversário parecia igualmente disposto a embainhar a sua espada. O bailio, sem fôlego, podia considerar-se fora de combate, e nós interrompemos a luta.

- Agora, - disse o nosso digno árbitro - bebamos conversemos como boas pessoas. A casa é bastante grande para nós todos.

Proponho que este simpático homenzinho mande vir um jarro de aguardente, eu pagarei outro, à guisa de prémio de paz, e o que vier mais, dividiremos a despesa ao meio, como irmãos.

- E quem paga o meu gabão novo em que a relha fez um buraco por onde pode passar uma marmita? - indagou o montanhês alto.

- Já alguma vez se viu um homem de juízo bater-se com uma arma em brasa?

- Não fará isso obstáculo à nossa paz - disse o bailio, que retomara o fôlego e que estava tão disposto a gozar o seu triunfo como a evitar a necessidade dE recorrer de novo à sorte incerta das armas -, Visto que fui eu quem fez o ferimento, serei eu quem dará o emplastro. O senhor terá um gabão novo e dos mais belos, com as cores do seu clã, meu caro, se me quiser dizer para onde posso enviar-lho de Glasgow.

- Não tenho necessidade de mencionar o meu clã.

Sou do clã do rei. Mas pode levar uma amostra do meu gabão.

Uf! Que cheira a cabeça de carneiro chamuscada!.. Com isto não terá embaraços na escolha. Um fidalgo meu primo que vai a Glasgow vender os seus ovos, irá a sua casa em Saint Martin.

Mas, meu caro senhor, para outra vez que se bata, se tiver alguma consideração pelo seu adversário, que seja com uma espada, visto que trás uma, e não com tenazes ou com tições, como um índio selvagem.

- Cada um faz conforme pode - replicou o bailio -, A minha espada não tornou a ver a luz desde o combate da ponte de Bothwell, onde o meu falecido pai a levou, e não sei mesmo se chegou a ser desembainhada nesse dia, porque a batalha não foi longa. Seja como for, ela está agora colada à bainha, de maneira que não se pode arrancar, quando o vi cair sobre mim, empunhei a primeira arma que me veio à mão. Confesso que a época de me bater já passou um pouco para mim, contudo não sei calar uma afronta. Mas, onde está o honesto rapaz que tão galhardamente tomou a minha defesa? Preciso de brindá-lo com um copo de aguardente, nem que seja o último que eu tenha que beber na minha vida.

O campeão que ele procurava tinha desaparecido. Mas, nas suas feições selvagens, na sua cabeleira ruiva e crespa, tivera eu tempo de reconhecer Dougal, o carcereiro fugitivo da prisão de Glasgow. Disse-o baixinho ao bailio, que respondeu no mesmo tom: - Muito bem! Muito bem! Tenho que pensar no que poderei fazer por ele.

Assim falando, tornou a sentar-se, e, aspirando fortemente o ar, por duas ou três vezes, como que para retomar o fôlego, chamou a estalajadeira: - Luckie, agora, que tenho a plena certeza de que a minha pança não está perfurada, como tive razões para recear durante alguns instantes, parece-me que faria bem em meter qualquer coisa cá dentro.

Logo que a tempestade se acalmou, a mulher transformara-se na complacência em pessoa, prometeu-nos grelhar qualquer coisa de bom para a nossa ceia. Nada me assombrou mais, naquele tumulto, do que a extrema tranquilidade com que ela e toda a sua família o presenciearam. Ela limitara-se a bradar para uma criada: - Fecha a porta! Fecha a porta! Morto ou vivo, que ninguém saia sem ter pago a sua conta.

Quanto aos dorminhocos que repousavam nos leitos colocados ao longo da parede, não fizeram mais do que soerguer por momentos o corpo sem camisa, para nos ver, exclamando: "Oh! Oh!", num tom proporcionado à sua idade e ao seu sexo, e já tinham readormecido, creio eu, quando as espadas reentraram nas bainhas.

Entretanto, o aroma aliciante das iguarias, a maneira como estavam preparadas, podiam satisfazer, se não epicuristas, pelo menos, pessoas esfomeadas. Colocou-se a aguardente na mesa, e os montanheses, em despeito da sua parcialidade pelas bebidas fortes que destilavam em suas casas, demonstraram que a achavam excelente. Depois do copo ter dado uma volta, o habitante das terras baixas pareceu desejar conhecer a nossa profissão e o motivo da nossa viagem.

- Somos pessoas pacíficas de Glasgow - disse o bailio, num ar humilde -, e dirigimo-nos a Stirling para cobrar dinheiro que nos devem.

- Os senhores de Glasgow - respondeu, num ar irónico, o seu interlocutor -, não sabem senão percorrer de uma ponta à outra esta parte da Escócia para apoquentar as pobres pessoas que, como eu, podem encontrar-se um pouco em atraso.

- Se todos os nossos devedores fossem tão honestos como o senhor Garschattachin, poder-nos-íamos poupar esse trabalho, porque eles iriam procurar-nos.

- Quê! Como? Pelo pão que como! (sem esquecer a carne e a aguardente que o acompanham) é o meu velho amigo Nicol Jarvie, o melhor homem que alguma vez emprestou os seus escudos a um fidalgo em apuros? Não vem a minha casa, por acaso? Não ia atravessar o monte Endrick para se dirigir a Garschattachin?

-Não, palavra de honra, senhor Galbraith, eu tinha outros cães a prender. Não vá julgar que tão-pouco eu venha por causa da renda anual daquele cantinho de terra que herdei.

- Diabos levem a renda anual! Não quero ouvi-lo falar de negócios, quando o encontro tão perto da minha região. Mas como uma gola de pano e uma sobrecasaca de viagem mudam um homem! Será possível que eu não çenha reconhecido o meu velho amigo diácono?

- Diga bailio, por favor. Mas eu sei o que ocasiona a confusão: a terra fora concedida a meu falecidb pai, que era diácono e que, como eu, se chamava Nicol, e não me lembra que, depois da sua morte, o senhor tivesse pago alguma coisa da renda nem dos juros. É talvez isso o que o induz em erro.

- Pois bem, que o diabo leve o erro e a sua causa, não deixo de ter menos satisfação em saber que o senhor é bailio. Meus senhores, bebamos um copo à saúde do neu excelente amigo o bailio Nicol Jarvie, há vinte anos que o conheço, bem como a seu pai. Pois bem, já bebeam? Encham outra vez. Eu bebo à próxima nomeação lee Nicol Jarvie para o lugar de preboste, bebo pelo orde preboste Nicol Jarvie! E se alguém pretende que iste na cidade de Glasgow um homem mais digno de par esse lugar, fará bem em tomar cuidado consigo, a que Duncan Galbraith de Garschattachin não o ça. Não preciso de dizer mais nada.

E assim falando, levou a mão ao chapéu e enfiou-o à banda na cabeça, num ar façanhudo.

A aguardente que se bebia era, sem dúvida, para os nossos dois montanheses o que mais lhes agradava nestas saúdes, fizeram-nas sem parecer preocupar-se em compreender o sentido, e começaram uma conversa em gaélico com o senhor Galbraith, que o falava com facilidade, pois a sua residência, segundo o soube mais tarde, era vizinha das terras altas.

- E conheci logo este diabo, - disseme baixinho o senhor Jarvie -, mas, no calor do combate, não sabia de que maneira se quereria ele portar para pagar as suas dívidas. Há-de levar tempo para o fazer de boa vontade. Não deixa de ser um bom rapaz, um bom coração. Ele não vai muitas vezes a Glasgow, mas envia-me de tempos a tempos um gamo e aves da montanha.

Afinal, posso passar muito bem sem aquele dinheiro. O meu pai diácono tinha muita consideração pela família de Garschattachin.

Pronta a ceia, procurei André Fairservice com o olhar, mas ninguém viu mais aquele fiel servidor desde o início do combate. A estalajadeira, porém, disseme que julgava que ele estava na cocheira, mas que os seus filhos e ela o tinham

chamado sem obterem resposta. Ofereceu-se para me lá conduzir, ajuntando que não gostava de ali entrar àquela hora. Estava sozinha, era mulher, sabia-se bem como o espírito de Ben-ye-Gask tratara a fazendeira de Ardnagowan. A sua cocheira parecia ser frequentada por um espírito, motivo porque ela nunca pudera conservar um palafreneiro.

Entretanto, levando uma luz, conduziu-me ao barracão miserável que servia de cocheira. Aí demonstrou-me claramente que, para me fazer separar dos companheiros, tinha um motivo diferente do que pretextara.

- Leia isto - disse ela, metendo-me na mão um pedaço de papel dobrado. - Louvado seja Deus, que me desembaracei dele! Que miséria estar entre soldados e saxões, salteadores e ladrões de gado, sempre entre rixas e sangue! Em verdade, uma mulher honesta viveria mais sossegada no Inferno do que na fronteira das montanhas!

A falar assim, entregou-me o archote e voltou para dentro.

CAPÍTULO XXIX

PRISIONEIROS DO ÓDIO E DA JUSTIÇA!

É a gaita de foles e não a lira que soa nas terras altas, é a trompa de Mac Lean ou a de Mac Gregor.

Resposta da John Cooper e Allan Ramsay

Detive-me à entrada da cocheira e, à luz do archote, decifrei o seguinte bilhete, escrito num bocado de papel sujo, rasgado e húmido, e que tinha este endereço: Para ser entregue às mãos do respeitável F. O., jovem gentleman inglês. E continha isto:

Senhor, Muitas aves nocturnas de rapina andam hoje cá fora, o que me impede de ir ao seu encontro à estalagem de Aberfoil, bem como do meu respeitável parente B. N, J., como tencionava.

Aconselho-o a evitar qualquer comunicação que não seja indispensável com aqueles que o senhor vai encontrar, daí poderiam resultar consequências funestas. A pessoa que lhe entregará este bilhete é fiel, e conduzi-lo-á a um sítio onde, com a ajuda de Deus, espero poder vê-lo sem perigo. Espero também que o meu parente e o senhor venham visitar a minha pobre casa. Em despeito dos meus inimigos, ainda posso prometer-lhes tão bons manjares quanto é possível a

um montanhês apresentar aos seus amigos e beberemos solenemente à saúde de uma certa D. V., ocupar-nos-emos também de certos negócios nos quais me ufano de poder ser-lhe útil. Esperando, sou, como é hábito entre fidalgos, o seu servo pronto a obedecer-lhe R. M. G.

Fiquei muito contrariado com o conteúdo daquela carta, que parecia afastar para um lugar e uma data mais distantes o serviço que eu aguardava daquele Campbell. No entanto, era uma consolação saber que ele continuava a interessar-se pelos meus assuntos, visto que, sem ele, eu não tinha esperança de reaver os papéis de meu pai. Resolvi, pois, conformar-me com as suas instruÇões e aproveitar o primeiro ensejo que se me apresentasse para interrogar a estalajadeira sobre o meio de me reunir àquele misterioso personagem.

Chamei então André em voz alta e por várias vezes, sem receber resposta. Examinei todos os cantos da cocheira, de archote na mão, não sem me arriscar a pegar fogo àquilo tudo.

Por fim, depois de gritar repetidamente por André Fairservice, ouvi uma espécie de gemido que mais se poderia atribuir ao seu espírito do que a ele, e uma voz dolente respondeu: - Por aqui...

Guiado pelo som, avancei para um canto do barracão e encontrei o valente André encolhido contra a parede, atrás de um barril cheio de penas de todas as aves imoladas à causa pública há mais de um mês, foi-me preciso juntar a força às exortações para o arrancar daquele esconderijo e conduzi-lo ao ar livre. As primeiras palavras que me disse, foram: - Senhor, eu sou um rapaz honesto.

- Quem diabo põe a sua honestidade em dúvida, e a que propósito vem isso agora? Vamos cear, e preciso de si para nos servir.

- Sim, - repetiu ele, sem parecer fazer caso do que eu acabava de lhe dizer -, eu sou um rapaz honesto, apesar do que possa dizer o bailio. Confesso que o Mundo e os bens deste Mundo me interessam muito, e sinto isso como muita gente, mas sou um rapaz honesto, e se falei em abandoná-lo no caminho, Deus sabe que isso estava bem longe do meu pensamento. Tenho verdadeiro apego a Vossa Senhoria, embora o senhor seja um jovem, e não o deixarei sem motivo sério.

- Onde diabo quer chegar? Não se resolveu tudo de maneira a satisfazê-lo? Terei que o ouvir falar constantemente em deixar-me?

- Oh! Mas até ao presente eu apenas simulava, agora tenho essa vontade a valer... Perca ou ganhe, não me atrevo a ir mais longe com Vossa Senhoria, e se quer seguir os conselhos de um pobre homem, era preferível o senhor faltar ao encontro do que expor-se mais. Tenho por si uma amizade sincera e a certeza de que o senhor há-de ser um dia o orgulho da sua família, logo que os primeiros ardores da mocidade hajam passado, mas eu não o posso seguir até mais

longe, mesmo que o senhor tenha que perecer no caminho por falta de guia e de bons conselhos... Seria tentar a Providência ir à terra de Rob Roy.

- Rob Roy! - exclamei eu com surpresa. - Não conheço ninguém com esse nome. Que nova história é essa, André?

- É duro, muito duro um homem não poder fazer-se acreditar, só porque de longe em longe diz a sua mentira, obrigado pelas circunstâncias. Que necessidade tem de me perguntar quem é Rob Roy, o bandido, quando tem uma carta dele no bolso? Eu ouvi um dos homens do seu bando dizer à velha pileca da estalajadeira que lha entregasse. Eles julgavam que eu não compreendia o seu calão, mas eu, embora não fale, percebo bem as coisas. Oh! senhor Frank, todas as manias de seu tio, todas as loucuras de seus primos nada são comparadas com a sua imprudência. Beba até cair para debaixo da mesa, como sir Hildebrando, comece o dia por se encher de aguardente, como o senhor Percy, arme em fanfarrão, como o senhor Thorncliff, persiga as raparigas, como o senhor John, seja jogador, como o senhor Richard, conquiste almas para o Papa, como o senhOr Rashleigh, propague, blasfeme, não guarde o sábado e obedeça ao Papa, como todos eles fazem, mas, pela divina misericórdia, tenha piedade do seu sangue moço e não vá procurar Rob Roy!

André exprimia os seus alarmes de uma maneira tão natural que eu não os podia considerar fingidos. Limitei-me, porém, a dizer-lhe que a minha intenção era passar a noite naquela casa, e recomendei-lhe que tivesse cuidado com os cavalos.

Quanto ao resto, exigi-lhe profundo silêncio sobre o tema dos seus receios, assegurando-lhe que não me exporia a nenhum perigo sério, sem tomar as precauções convenientes. E ele seguiu-me para dentro de casa.

Ao entrar, julguei notar que alguma coisa perturbara o bom entendimento dos circunstantes, durante a minha ausência, pois encontrei o senhor Galbraith e o meu amigo bailio a discutirem com vivacidade.

- Não suporto - dizia o senhor Jarvie - que se fale assim do duque de Argyle nem do nome de Campbell. O duque é um senhor digno, cheio de patriotismo, amigo e benfeitor do comércio de Glasgow.

- Não direi nada de Mac Callum More nem do Sioloch nan Diarmid - disse a rir o mais baixo dos dois montanheses. - Não estou tão bem situado do bom lado de Glenoc para tentar brigar em Inverrara.

- O nosso lago nunca viu a galera do brasão dos Campbell - disse o mais alto. - Digo o que penso, sem me importar com os outros. Faço tanto caso de um Campbell como de um Cowan, e o senhor pode dizer a Mac Callum More que foi Allan Iverach quem o disse: "é muito longe daqui a Lochowa, (1).

O senhor Galbraith, sobre quem as saúdes produziram os seus efeitos, deu um violento murro na mesa e exclamou: - Há uma dívida de sangue contraída por essa família, e é preciso que ela a pague um dia. Os ossos de um bravo e leal Grahame há muito tempo que se erguem no seu túmulo a pedir vingança contra

esses pérfidos duques. Nunca houve traição na Escócia em que algum Campbell não estivesse metido. E agora que os malvados estão na mó de cima, quem os apoia senão os Campbell? Mas isto não durará muito tempo, aproxima-se o momento de afiar o cutelo para lhes fazer a barba. Acredite que a ferrugem que o cobre não a impedirá de fazer uma ceifa sangrenta.

- Ora, vamos, Garschattachin, - exclamou o bailio -, não tem vergonha de falar assim diante de um magistrado? E não receia o que possa suceder? Como poderá sustentar a sua família e pagar aos seus credores, tanto a mim como a outros, se proceder de maneira a expor-se à perseguição das leis, ao prejuízo de todos que têm ligações consigo?

*(1) Expressão proverbial alusiva a um combate entre clãs afastados de qualquer socorro.

- Quero que os meus credores vão para o demónio, e o senhor com eles, se faz parte do seu número!

Só lhe digo que em breve haverá uma mudança, Os Campbell deixarão de andar de cabeça tão levantada, não soltarão mais os seus cães onde eles próprios não se atrevem a ir, não protegerão mais os ladrões, os assassinos, os opressores, não os incitarão mais a assaltar as pessoas que valem mais do que eles, dos clãs mais respeitáveis do que o seu.

O bailio bem desejaria continuar a discussão, mas o aroma agradável da refeição que a estalajadeira colocou diante de nós operou uma diversão tão poderosa que ele logo se ocupou com muito entusiasmo em encher os nossos pratos, deixando o campo livre aos estranhos.

- É isso verdade - disse o mais alto dos dois montanheses, que, como o soube depois, se chamava Stuart -, não seríamos obrigados a deixar as nossas casas e a juntarmo-nos para nos apoderarmos de Rob se os Campbell não lhe dessem asilo. Um dia, com trinta homens do meu nome, uns vindo de Glenfinlas, outros de Appine, demos caça aos Mac Gregor como o teríamos feito ao gamo, até que atingimos a região de Glenfalloch. Aí nos detiveram os Campbell e não quiseram deixar-nos ir mais longe, de maneira que perdemos os nossos passos. Mas eu daria qualquer coisa para estar tão perto de Rob como estive nesse dia.

Queria o acaso que, em todos os temas de conversa que aqueles bravos fidalgos escolhessem, o meu amigo bailio achasse motivo de ofensa.

- O senhor perdoe-me, se Lhe digo o que penso, mas acredito que o senhor daria a mais bela pena da sua gorra para estar tão longe de Rob Roy como o está neste momento. Palavra que a minha relha de arado, em brasa como o estava,

ainda não é nada comparada com o seu sabre.

- O senhor andaria bem em não falar mais da sua relha de arado, senão enfio-lhe as palavras na barriga, com polegadas de aço na garganta, para digerir, - disse o montanhês mais alto, levando a mão ao seu punhal, com um olhar feroz e ameaçador.

- Nós não queremos brigas, Allan - disse o mais baixo. - Se o cavalheiro de Glasgow tem algum interesse por Rob Roy, é possível que tenha o prazer de o ver esta noite, com ferros nos pés, e, amanhã de manhã, a balouçar numa corda. Há muito tempo que ele é o flagelo do país, e a sua carreira está terminada... Mas é tempo de nos irmos reunir à nossa gente.

- Para que diabo é tanta pressa - disse Galbraith -, Beber e comer nunca prejudicaram a tarefa. Se me tivessem consultado, diabos me levem se eu o teria incomodado para nos vir ajudar.

A guarnição e os nossos cavaleiros bastavam para se apoderarem de Rob, e eis o braço que o há-de derrubar - ajuntou, mostrando o seu -, sem para isso precisar da ajuda de um montanhês.

- O senhor faria melhor então em deixar-nos onde estávamos.

Não vim da distância de sessenta milhas sem ter recebido ordem. Mas, se quer saber a minha opinião, é preciso descansar menos, se quiser triunfar. As pessoas que estão em guarda vivem muito tempo, e assim pode suceder com quem o senhor sabe. A maneira de apanhar o pássaro não é atirando-lhe a gorra. Estes cavalheiros também ouviram coisas que não deviam chegar aos seus ouvidos, se a aguardente não tivesse sido demasiado forte para a sua cabeça, major Galbraith. O senhor não precisa de enterrar o chapéu e de discutir comigo, porque não lho admito...

- Já disse que não questionaria hoje nem com terras altas, nem com as baixas - replicou Galbraith com aquele ar de gravidade que os ébrios assumem às vezes. - Quando não estiver de serviço, bater-me-ei convosco ou com qualquer outro habitante das terras baixas ou das montanhas, mas, estando de serviço, não. Gosto de ter notícias dos casacas vermelhas. Se se tratasse alguma coisa contra os partidários do rei James, já cá estariam há muito tempo, mas quando se trata da tranquilidade do país, não se movem tão facilmente.

Ainda ele estava a falar quando o passo regular de uma tropa de infantaria se fez ouvir, e um oficial, seguido de dois ou três soldados, entrou no compartimento. A sua pronúncia inglesa soou-me agradavelmente aos ouvidos, fatigados da mistura dos dialectos das terras altas e baixas da Escócia.

- Presumo - disse ele - que estou falando ao major Galbraith, comandante da milícia do condado de Lennox e que estes são os dois gentlemen das terras altas

que devo encontrar aqui.

Eles responderam afirmativamente e convidaram-no a tomar qualquer coisa.

- Estou em atraso, meus senhores, e quero recuperar o tempo perdido. Tenho ordem de procurar e de prender dois indivíduos acusados de traição.

- Disso lavo eu as minhas mãos - disse Inverashalloch -, Vim aqui com os meus homens para combater Mac Gregor, o Vermelho, que matou Duncan Mac Laren de Invernentey, meu primo em sétimo grau, mas não quero meter-me no que o senhor tenha que fazer contra honestos fidalgos que viagem pelo país por causa dos seus negócios.

- Nem eu tão-pouco - disse Iverach.

O major Galbraith tomou as coisas mais a sério e, depois de ter soltado um soluço, em forma de exórdio pronunciou o seguinte discurso: - Não direi nada contra o rei George, capitão, porque, de facto, estou ao seu serviço. Mas, se o meu serviço é bom, não se segue que os outros sejam maus, e há muita gente que pensa que o nome de James é tão bom como o de George: é do rei reinante e do que de direito devia reinar que eu falo. E digo, capitão, que se pode ser um homem honesto e fiel aos dois.

Mas, por agora, sou da opinião do lorde governador, como convém a um oficial da milícia e a um tenente-delegado. E

quanto à traição e tudo o que se lhe segue, é tempo perdido falar nisso: quanto menos se disser sobre o assunto, melhor...

- Estou aborrecido por ver de que forma o senhor empregou o seu tempo - replicou o oficial inglês -, e preferia que se portassse de outra maneira numa ocasião tão importante.

Aconselho-o a tentar dormir durante uma hora. Estes senhores pertencem à sua companhia? - ajuntou ele, olhando para o bailio e para mim, que, ocupados em cear, prestáramos pouca atenção à entrada daquele oficial.

- São viajantes, senhor - disse Galbraith. - O ritual manda que se reze pelos viajantes de terra e mar.

- Estou incumbido - disse o capitão, tomando uma luz para nos examinar melhor -, de prender um homem de certa idade e um jovem, ora estes senhores parece-me corresponderem aos sinais dados.

- Senhor, tome cuidado com o que diz! - exclamou o senhor Jarvie. - A sua casaca vermelha e o seu chapéu agaloado não poderão protegê-lo, se atentar contra a minha liberdade.

Processá-lo-ei por difamação, por detenção arbitrária. Sou burguês e

magistrado de Glasgow.

O meu nome é Nicol Jarvie: antes de ser meu era o de meu pai. Sou bailio, graças a Deus, e meu pai era diácono.

- Não tenho tempo para escutar isso tudo - replicou o oficial. - Prendo-os, senhores, a não ser que me apresentem pessoas respeitáveis que me garantam que são súbditos leais.

- Conduza-me perante um magistrado civil - replicou o bailio -, perante o xerife ou o juiz do cantão,i Não sou obrigado a responder às perguntas que me queira fazer qualquer casaca vermelha.

- Pois bem, senhor, eu sei como hei-de lidar com pessoas que não queiram falar. E o senhor - ajuntou ele -, como se chama?

- Francis Osbaldistone.

- Quê! Filho de sir Hildebrando Osbaldistone, Northumberland?

- Não senhor, - interveio o bailio - filho de William Osbaldistone, chefe da grande casa Osbaldistone & Tresham, de Crane Alley, em Londres.

- Receio, senhor, - disse o oficial - que o seu não só faça aumentar as suspeitas que existem contra si. Coloca-me na necessidade de lhe pedir que me entregue todos os papéis que possa ter consigo.

Notei que, a este pedido, os montanheses se entreolharam com inquietação.

- Não tenho nenhuns - respondi eu.

O oficial ordenou que eu fosse desarmado e revistado.

Resistir seria uma loucura, entreguei, pois, as minhas armas e submeti-me à busca. Nela encontraram-me o bilhete que a estalajadeira me entregara.

- Não esperava tal - disse o oficial -, mas vejo nisto motivo suficiente para o deter como prisioneiro, porque depreendo que o senhor está em correspondência com esse bandido proscrito, Robert Mac Gregor Campbell, que é há muito tempo o flagelo deste distrito. De que maneira explica o senhor isto?

- Espiões de Rob! - exclamou Inverashalloch -, Para se fazer justiça, devia-se enforcá-los na primeira árvore.

- Metemo-nos nesta viagem para ir buscar o dinheiro que nos devem - interveio o bailio -, e isso teria caído por acaso nas mãos deste jovem. Não há lei, espero eu, que impeça um homem de ir pedir o que é seu.

- Como se encontra esta carta nas suas mãos? - perguntou-me o oficial.

Não me podendo resolver a trair a pobre mulher que ma entregara, guardei silêncio.

- Sabe alguma coisa, camarada? - indagou o oficial dirigindo-se a André, cujos maxilares batiam como um par de castanholas, depois da ameaça proferida

pelo montanhés.

- Decerto, sei qualquer coisa. Foi um montanhês que entregou essa carta àquela velha da estalajadeira. Posso dizer que meu amo não sabia nada.

- Se me derem uma carta para um homem que está em minha casa, não a devo entregar? - disse a estalajadeira. - Oh. Eu não sei ler nem escrever, por conseguinte...

- Cale-se, mulherzinha, ninguém a acusa... Continue amigo - disse o oficial.

- É tudo, senhor Casaca Vermelha, simplesmente, como meu amo tenciona ir às montanhas visitar Rob, asseguro-lhe, senhor, que seria uma boa ideia fazer-se acompanhar a Glasgow por alguns dos seus casacas vermelhas, voluntariamente ou à força. Quanto ao senhor Jarvie, pode guardá-lo o tempo que quiser, está em condições de pagar todas as multas que lhe quiser aplicar, e o meu amo igualmente, para dizer a verdade.

Quanto a mim, não passo de um pobre jardineiro, e não vale a pena que se preocupem com a minha pessoa.

- O melhor que tenho a fazer - disse o oficial -, é enviar estes três senhores ao quartel-general, debaixo de uma boa escolta. Parece estarem em correspondência directa com o inimigo, e não quero, sob forma alguma, sentir-me responsável por tê-los deixado em liberdade.

Meus senhores, queiram considerar-se meus prisioneiros.

Ao romper do dia mandarei conduzi-los a lugar seguro.

Se são o que pretendem ser, não tardaremos em reconhecê-lo, e dois ou três dias de prisão não serão uma desgraça muito grande... Não escuto nada! - disse ele ao bailio, que abrira a boca para falar. - O meu serviço não me dá tempo para entrar em discussões vãs.

- Muito bem, muito bem, senhor! - disse o bailio. - Pode, agora, cantar à sua vontade, mas tome cuidado que eu não o faça dançar em breve.

O oficial e os montanheses tiveram então uma conferência séria, mas falaram tão baixo que nos foi impossível ouvir uma única palavra. Depois, sairam todos. Foi então que o bailio me disse: - Estes montanheses são dos clãs do Oeste, e, se o que se diz é verdade, tão pouco escrupulosos como os seus vizinhos, se vêm dos confins do condado de Argyle, para fazer guerra ao pobre Robin, é por causa de algum ódio antigo que têm contra ele e contra o seu clã, os Grahame e os Buchanan do condado de Lennox pegaram em armas pelo mesmo motivo. Os seus agravos são bem conhecidos e não os posso censurar. Ninguém gosta de perder a sua vaca. E, depois, aí estão os soldados, pobres diabos obrigados a marchar ao primeiro sinal! O pobre Rob terá bastante que fazer amanhã, quando o sol nascer na montanha.

Pois bem, embora um magistrado favoreça o curso da justiça, diabos me levem se

me importaria de saber que Rob lhes dera a todos uma boa coça!

CAPÍTULO XXX

GUERRA NAS TERRAS ALTAS

General, escute-me, observe-me bem, olhe para mim bem de frente, para a minha face de mulher.

Veja se a mais leve sombra de terror, se alguma palidez nela aparece, a não ser a da ira, para vir implorar a sua piedade.

BONDUCA

Passámos o resto da noite tão bem quanto o permitia o miserável tugúrio onde nos encontrávamos. Ao romper do dia, um sargento e dois homens precipitaram-se para dentro de casa, arrastando com eles um montanhês, em quem eu reconheci imediatamente o carcereiro. O bailio, acordado em sobressalto pelo barulho que eles fizeram ao entrar, reconheceu-o também e exclamou: - Que Deus nos acuda!... Apanharam o pobre Dougal... Capitão, eu dou uma fiança, uma caução razoável por esse homem!

Aquela oferta era-lhe sem dúvida ditada pelo reconhecimento pela feliz intervenção do montanhês em seu favor, mas o capitão respondeu, pedindo-lhe que se metesse nos seus assuntos e se recordasse de que ele próprio era prisioneiro nesse momento.

O oficial, que, soube-o então, se chamava Thornton, sem fazer mais caso do bailio, submeteu Dougal a um interrogatório muito apertado sobre o seu género de vida e as suas relações.

Forçou-o sucessivamente a concordar, embora num ar da maior repugnância, que conhecia Rob Mac Gregor, que o tinha visto há um ano, depois seis meses, depois um mês, aquela semana, por fim, não havia uma hora que o tinha deixado. Todas estas confissões escaparam ao prisioneiro, uma após outra, como gotas de sangue, e parecia não lhe serem arrancadas senão pela ameaça que o capitão Thornton lhe fizera de o mandar enforcar na primeira árvore, se ele não desse informações mais positivas e mais pormenorizadas.

- E, agora, meu amigo - disse o capitão -, quantos homens tem o seu amo neste momento com ele?

Dougal desviou o olhar.

- Olhe para mim, cão montanhês! - ordenou o oficial. - E lembre-se de que a sua vida depende da sua resposta. Quantos patifes tinha esse mísero proscrito com ele, quando o deixou?

- Ah, não tinha senão seis, não incluindo a minha pessoa.

- E onde foi o resto dos bandidos?

- Foram com o tenente bater-se contra os clãs do Oeste.

- Contra os clãs do Oeste! Eh! Isso é muito provável. E que missão tinha você, ao vir aqui?

- Vinha apenas ver o que Vossa Senhoria fazia na estalagem com esses cavalheiros de casaca vermelha.

- Creio - disse o senhor Jarvie, que viera colocar-se atrás de mim -, que este homem acaba por tornar-se um traidor. Estou satisfeito por não me ter exposto a despesas por causa dele.

- Agora, meu amigo - disse o capitão -, entendamo-nos bem.

Você acaba de confessar que veio aqui como espião, e, por conseguinte, devia ser enforcado na primeira árvore. Mas, se quiser prestar-me um serviço, eu presto-lhe outro. É preciso que me conduza, a mim e alguns dos meus homens, ao local onde deixou o chefe: tenho duas palavras a dizer-lhe por um motivo sério, depois disso, dar-lhe-ei a liberdade e ainda por cima mais cinco guinéus.

- Oh! Oh! - exclamou Dougal, reduzido ao último extremo da perplexidade e do desespero - Eu não posso fazer isso, prefiro ser enforcado.

- Pois bem, faça-se a sua vontade, meu amigo, vai ser enforcado. E que o seu sangue caia sobre a cabeça... Sargento Cramp, desempenhe as funÇões de grande preboste... leve-o...

Havia alguns instantes que o sargento se colocara diante do pobre Dougal, tendo na mão uma corda que achara na casa e simulando fazer-lhe um nó corredio para lhe dar a entender o seu destino. À ordem do capitão, passou-a pelo pescoço do desgraçado e, com a ajuda de dois soldados, arrastou-o até à porta. Vencido pelo terror de uma morte imediata, Dougal bradou, do limiar: - Esperem, senhores, esperem... Eu farei tudo o que Sua Senhoria quiser.

- Levem-no! - disse o bailio. - Merece mais do que nunca ser enforcado...

- Leve-o, sargento, porque não o leva?

Eu ouvira o prisioneiro murmurar, num tom choroso e absolutamente subjugado: - Não exigem que os siga, quando lhes tiver indicado o sítio onde está Mac Gregor?

- Tréguas às lamentações, malandro! Não, dou-lhe a minha palavra de honra que não o levarei mais longe. Sargento, mande formar a tropa diante da casa e preparar os cavalos destes senhores, temos que os levar connosco. Preciso de toda a minha gente e não posso deixar aqui ninguém para os guardar, Vamos,

rapazes, às armas.

Os soldados apressaram-se a obedecer, e em breve estavam prontos a marchar, fomos levados como prisioneiros, com Dougal. Ao sair da estalagem, ouvi o nosso companheiro de cativeiro recordar ao capitão a sua promessa de lhe dar cinco guinéus.

- Ei-los - disse o oficial, metendo-lhe ouro na mão -, mas pense bem que, se tentar enganar-nos, queimo-lhe os miolos por minhas próprias mãos.

- Esse miserável - disse o bailio -, ainda é pior do que eu supunha, é uma criatura interesseira e pérfida.

A estalajadeira avançou, então, e pediu o pagamento da despesa, incluindo tudo o que fora bebido pelo major Galbraith e os dois montanheses. O oficial inglês quis fazer uma observação qualquer, mas a senhora Mác Alpine declarou-lhe que, se ela não se tivesse fiado no que eles haviam dito, que esperavam Sua Senhoria, não lhe daria crédito nem para um quartilho de aguardente.

O capitão Thornton deu fim às suas alegações, pagando-lhe a conta, que subia a alguns xelins de Inglaterra, embora o total parecesse formidável em moeda do país. Quis levar a sua liberalidade até nos incluir, ao senhor Jarvie e a mim, no pagamento geral, mas o bailio, sem fazer caso do conselho da mulher, que o incitava a deixar pagar o inglês, calculou o nosso quinhão e pagou-o. O capitão aproveitou esse ensejo para nos apresentar algumas desculpas sobre a nossa detenção.

- Se os senhores são fiéis e pacíficos súbditos do rei - disse ele -, não devem lamentar um dia de atraso, quando isso pode ser útil ao seu serviço, em caso contrário, não fiz senão o meu dever.

Forçoso era contentarmo-nos com a sua apologia, e seguimo-lo, mau grado nosso.

Nunca esquecerei com que deliciosa sensação abandonei a atmosfera sombria, sufocante e fumarenta da choça montanhesa onde tínhamos passado tão incomodamente a noite, pela frescura embalsamada do ar da manhã e pelos raios fulgurantes do sol nascente.

O ruído da nossa partida despertou os habitantes das míseras moradias, e mais de uma velha veio fazer um reconhecimento à porta entreaberta da sua choupana. Ao ver aquelas sibilas avançar as cabeças grisalhas, apenas cobertas por um barretinho de flanela, e mostrar-nos aquelas frontes enrugadas e os longos braços descarnados, ouvindo-as trocar entre elas palavras em gaélico acompanhadas de gestos bizarros, a minha imaginação identificou-as com as feiticeiras de Macbeth, e julguei ler nas feições sinistras daquelas velhas toda a maldade das três Parcas. As crianças, que também saíam das casas, umas completamente nuas, outras meio cobertas com farrapos de velhos gabões, batiam palmas e faziam caretas aos soldados ingleses com uma expressão de ódio nacional e de maldade que estava acima das suas idades. Notei,

principalmente, que não se via um homem, nem mesmo un rapaz de dez ou doze anos, entre os habitantes de aldeia cuja população parecia na proporção da sua exten são, e veio-me à ideia que estávamos condenados a receber da sua parte, durante a nossa excursão, provas de rancor mais efectivas ainda do que aquelas que se estampavam em todos os rostos, que se exprimiam pelos murmúrios dos que nos viam.

Não foi senão quando chegámos fora da vila que aquela gente se abandonou à expressão de todo o seu ódio. Apenas a retaguarda ultrapassou as últimas casas, para tomar um pequeno sendeiro, ouvimos um barulho confuso de vozes de mulher cujos brados agudos se misturavam com os gritos das crianças e o bater de palmas com que os montanheses acompanham sempre as exclamações que a raiva ou a dor os faz soltar. Perguntei a André que estava pálido como a morte, o que significava tudo aquilo.

- Receio que o saibamos demasiado cedo - disse ele. - Aquilo significa que as mulheres montanhesas perseguem com as suas maldições e as suas imprecações os casacas vermelhas, desejando-lhes desgraça, como a tudo que fala o idioma saxão.

Já ouvi mulheres inglesas e escocesas proferir maldições, isso nada tem de extraordinário em parte nenhuma, mas nunca ouvi línguas semeLhantes às destas cadelas montanhesas, nem formular votos tão horríveis: dizem que desejariam ver estes homens degolados como carneiros, lavar as mãos até aos cotovelos no seu sangue, vê-los sofrer a morte de Vilalter Cuming de Guiyok, que foi de tal maneira feito em postas que não ficou do seu corpo um bocadinho suficiente para dar de cear a um cão... E, o que é pior, disseram-nos que continuássemos a seguir para o lago, e veríamos o que nos ia suceder.

O caminho, à medida que avançávamos, parecia oferecer toda a espécie de facilidades a um desagradável acidente. Primeiro, desviando-se das margens do lago, conduzia-nos através de um prado pantanoso, coberto de fetos, entrecortado aqui e ali de sombrias e espessas moitas, próprias para favorecer uma emboscada. Em breve, tivemos que atravessar torrentes que desciam das montanhas e cujas águas eram tão caudalosas e tão rápidas que soldados entravam nelas até aos joelhos e não podiam resistir à sua violência senão segurando-se aos dois e três pelos braços...

Embora eu não tivesse experiência da arte militar, pareceu-me que guerreiros semi-selvagens, tais como me descreveram os montanheses, podiam, em semelhantes lugares, atacar com vantagem as forças rebelares. O bomsenso do bailio e a sua penetração levaram-no a fazer os mesmos reparos, pelo que pediu licença ao oficial e falou-lhes desta maneira: - Capitão, não é para obter nenhum favor da sua parte, porque é uma coisa que eu desprezo, e começo por protestar que me reservo sempre o direito de promover a minha acção contra o senhor por violência e detenção arbitrária... Mas, como amigo do rei George e do seu exército, tomo a liberdade de lhe fazer algumas observações. Não pensa que podia

arranjar momento mais favorável para se embrenhar neste vale? Se o senhor procura Rob Roy, toda a gente sabe que ele nunca tem consigo menos de meia centena de homens resolutos, e se ele pôde reunir a gente de Glengyle, de Glenfinlas e de Balquidder, pode pregar-lhe uma má partida. A minha opinião sincera, como amigo do rei, é que o senhor faria melhor em voltar à estalagem... porque as velhas de Aberfoil são como as corujas do mar, cujo grasnar lúgubre é sempre seguido de um temporal.

- Sossegue, senhor - respondeu o capitão Thornton -, Não faço senão executar ordens. E visto o senhor dizer que é um amigo do rei George, deve gostar de saber que é impossível essa quadrilha de bandidos, que há tempo assola o país impunemente, escapar às providências que estão tomadas neste momento para a sua destruição. O esquadrão de milícia comandado pelo major Galbraith, a que se juntaram um ou dois destacamentos de cavalaria ocupa nesta ocasião os desfiladeiros inferiores deste país selvagem, trezentos montanheses sob as ordens dos dois fidalgos que o senhor viu na estalagem, apoderaram-se das alturas, e diferentes corpos de tropas da guarnição devem guardar as colinas e os desfiladeiros em todas as direccções.

- Eu não me fiaria muito nisso... - disse o bailio -, Havia esta manhã mais aguardente do que miolos na cabeça de Gárschattachin e não desejaria dar a minha principal confiança a esses montanheses. Os falcões não arrancam os olhos uns aos outros...

Parece que esta advertência não foi de todo inútil. O capitão Thornton ordenou aos seus soldados que marchassem em boa ordem, carregassem os seus mosquetes e calassem baioneta.

Formou uma vanguarda e uma retaguarda, compostas cada uma de dois soldados sob as ordens de um oficial subalterno, e ordenou-lhes que atirassem ao "quem vive?". Dougal sofreu outro interrogatório muito severo, mas persistiu nas suas declarações anteriores, e tendo-o o capitão censurado por nos conduzir por caminhos que nos pareciam suspeitos e perigosos, respondeu numa espécie de humorismo que me pareceu assaz natural: - Não fui eu quem o fez. Se os senhores gostam das grandes estradas, é melhor voltarem para Glasgow.

Em breve as margens se retrairam de tal maneira e se tornaram tão escarpadas que não nos permitiam outra passagem senão a estreita senda que seguíamos, e que era dominada por rochedos, do alto dos quais poderiam esmagar-nos, rolando pedras, sem que fosse possível opor a menor resistência.

Ajunte-se a isto que o caminho seguia os contornos de cada promontório e de cada baía do lago, o que muitas vezes impedia a vista de se estender em passos à frente e atrás.

De súbito, o sargento que comandava a vanguarda gritou alto e mandou um dos seus homens dizer ao capitão que o desfiladeiro que se oferecia diante deles estava tapado por montanheses sobre um ponto elevado que parecia inexpugnável.

Quase no mesmo instante, um soldado da retaguarda veio dizer que ouvira o som de uma gaita de foles nos bosques que acabávamos de atravessar. O capitão Thornton, oficial tão hábil como valente, resolveu imediatamente forçar o desfiladeiro que estava à frente, sem esperar que o viessem assaltar pelas costas. Assegurou aos seus soldados que as gaitas de foles que ouviram anunciavam a chegada dos seus amigos montanheses que vinham em seu auxílio, fez-lhes sentir a importância de avançarem e de se apoderarem, se fosse possível, de Rob Roy, antes que esses auxiliares viessem tomar-lhes metade da honra do êxito e partilhar da recompensa prometida pela cabeça do famoso bandido. Ordenou à retaguarda que se juntasse ao centro, fez cerrar fileiras na vanguarda, numa palavra, tomou todas as disposições necessárias para ficar senhor do caminho e apresentar uma frente tão extensa quanto lhe permitia a sua pouca largura. Disse a Dougal que, se o enganara, pagaria caro a traição, e fê-lo colocar-se ao centro entre três granadeiros, aos quais deu ordem de atirar sobre quem tentasse escapar-se. Foi-nos designado o mesmo lugar, como sendo o menos perigoso, e o capitão Thornton colocou-se à testa do seu destacamento e deu ordem de avançar.

A tropa avançou com a bravura peculiar aos soldados ingleses. O mesmo não sucedeu a André Fairservice, a quem o terror quase fizera perder o juízo, e, para dizer a verdade, o bailio e eu, sem experimentarmos tão grande pavor, não podíamos ver com estóica indiferença a nossa vida exposta aos maiores perigos numa luta onde não estávamos interessados. Mas não havia outro remédio,, pois o momento não era para recriminações.

Avançámos até uma vintena de passos do local ond a vanguarda avistara o inimigo. Era um desses promontórios que entrava pelo lago, e em torno da sua base a senda torcicolava, como já disse, no entanto, em lugar de tornejar a margem, o sendeiro subia em ziguezagues rápidos para o cimo da rocha, onde desaparecia às vezes, sem isso, aquela massa parda e escarpada seria inacessível. Fora no topo desse rochedo que o sargento declarava ter visto as gorras e as longas espingardas de vários montanheses, provavelmente estendidos de borco no meio da alta erva que o cobria. O capitão ordenou que se lançasse para a frente com três filas e desalojasse o inimigo, ele próprio avançou num passo mais lento, mas firme, com o resto da tropa.

Mas a execução do seu plano foi suspensa pela aparição súbita de uma mulher no topo do rochedo.

- Detenham-se! - bradou ela, em tom autoritário -, E digam-me o que procuram na terra de Mac Gregor?

Raramente vi um porte mais nobre do que o daquela mulher.

Ela poderia ter quarenta a cinquenta anos, o seu rosto devia ter oferecido na mocidade traços de uma beleza máscula e, embora a dura vida que levava o expusesse constantemente aos ardores do sol e aos ultrajes do ar, juntamente com a influência dos desgostos e absorventes paixões que o agitavam, e que nele

tinham deixado profundos sulcos, era notável pelo carácter pronunciado e pela energia que exprimia. Não trazia o seu gabão pela cabeça ou pelos ombros, como é o uso das mulheres na Escócia, mas enrolava-o em torno do corpo segundo o costume dos soldados montanheses. Tinha uma gorra de homem ornada por uma pena, espada desembainhada na mão e um par de pistolas à cinta.

- É Helena Campbell, a mulher de Rob - disseme baixinho o bailio, num tom alarmado. - Dentro em pouco, haverá mais de uma cabeça rachada entre nós.

- Que procura aqui? - Perguntou ela, pela segunda vez ao capitão Thornton, que avançava para a reconhecer.

- Procuramos o proscrito Rob Roy Mac Gregor Campbell - respondeu o oficial. - Não fazemos guerra às mulheres; não oponha, portanto, uma resistência vã às tropas do rei, e pode ter a certeza de que não receberá senão bom trato.

- Sim, - replicou a amazona - conheço toda a extensão da vossa humanidade e da vossa clemência. Os senhores não me deixaram, nem nome, nem reputação, os ossos de minha mãe hão-de tremer no seu túmulo quando os meus se lhe forem juntar. Não me deixaram - e aos meus nem casa, nem gádo para nos fazer viver, nem a lã para nos vestir; tomaram-nos tudo, tudo, até ao fundo do lago. Três soldados cairam mortos ou a nós a vida.

- Não venho tirar a vida a ninguém, - respondeu o capitão - mas preciso de executar as ordens recebidas. Se está sozinha, boa mulher, nada tem a recear; se está consigo alguém bastante temerário para tentar uma resistência inútil, que o sangue recaia sobre a sua cabeça. Avante, sargento!

- Em frente, marche! - ordenou o subalterno. - Vamos, rapazes, uma bolsa repleta de ouro pela cabeça de Rob Roy.

Avançou a passo de carga, seguido de dez soldados, mas no momento em que atingiam a primeira rampa do desfiladeiro, uma dúzia de armas de fogo dispararam de vários lados. O sargento, colhido por uma bala a meio do corpo, ainda fez um esforço para continuar a subir, apoiando-se sobre as duas mãos para se arrastar pela superfície da rocha, mas as forças abandonaram-no e, depois de um último esforço, caiu e rolou pelo rochedo até ao fundo do lago. Três soldados caíram mortos ou feridos, outros três, atingidos mais ou menos gravemente, recuaram para o corpo principal.

- Granadeiros, avante! - bradou o capitão.

Quatro granadeiros marcharam para a frente da tropa, e Thornton dispôs-se a apoiá-los.

- Meus senhores, - disse-nos ele, então -, coloquem-se fora de perigo, retirem-se... Granadeiros, abram as cartucheiras, granadas na mão, acendam as mechas... Em frente!

A tropa avançou, soltando gritos, com o capitão à cabeça, os granadeiros

arremessavam as suas granadas para as moitas onde se ocultava o inimigo, e os fuzileiros trepavam ousadamente a rocha. Dougal, esquecido neste tumulto, deslizou prudentemente para as sarças que cobriam o rochedo, que trepou com a agilidade de um gato bravo. Segui o seu exemplo, numa espécie de instinto que me fez pensar que o fogo dos montanheses varreria tudo o que encontrasse na senda batida. Estava sem fôlego, porque o tiroteio de cada detonação era repetido por mil ecos, o sibilar das granadas e a sua explosão, os gritos dos soldados, os brados dos montanheses formavam um fragoroso ruído que, não receio confessá-lo, parecia emprestar-me asas para chegar a um local seguro.

As dificuldades em breve aumentaram de tal maneira que desesperei de alcançar Dougal, que pulava de rocha em rocha e de tronco em tronco de árvore, com a ligeireza de um esquilo.

Por fim, detive-me, a fim de lançar o olhar para trás de mim e descobrir o que era feito dos meus companheiros, vi-os ambos numa posição muito crítica: O bailio, a quem o medo, provavelmente, dera um extraordinário grau de agilidade, conseguira subir a cerca de vinte pés,sobre a rocha, quando, escorregando-lhe um pé, ao querer passar da ponta de um rochedo para a ponta de outro, teria ido reunir-se ao digno diácono se um ramo espinhoso não o harpoasse pelas abas da sobrecasaca e não o retivesse. Assim suspenso, numa posição pouco cómoda, lembrava a insígnia do Tosão de Ouro que se vê numa loja de fanqueiro, na rua de Trongate, na sua cidade natal.

Quanto a André Fairservice, atingira não sem custo o topo de um rochedo nu e estéril que dominava o bosque, mas encontrava-se entre dois fogos e numa posição tal que lhe seria tão impossível avançar como recuar, sem perigo.

Percorrendo em todos os sentidos a estreita plataforma, gritava misericórdia alternadamente em gaélico e em inglês, conforme o lado para onde parecia pender a vitória.

O meu primeiro movimento foi de ir em socorro do sr. Jarvie, mas era coisa impossível, sem a ajuda de André, que os meus sinais, os meus rogos, as minhas ameaças não puderam decidir a deixar a sua perigosa posição, onde continuava a soltar gritos pungentes que ninguém atendia.

A causa do seu terror não durou senão alguns minutos porque o fogo, muito nutrido até então, cessou de repente, sinal certo de que o combate tinha terminado. Tentei, então, alcançar um sítio de onde pudesse fazer apelo à clemência do vencedor, fosse ele qual fosse, persuadido de que não deixariam o honesto bailio suspenso como o túmulo de Maomé, entre a terra e o céu, a virem em seu socorro. À força de trepar, cheguei à eminência de onde descobri o campo de batalha. O combate acabara realmente, como eu pressentia, pela derrota completa do capitão Thornton. Um grupo de montanheses tratava de desarmar aquele oficial e uma dúzia de homens que lhe restavam, feridos em sua

maioria. Cercados por forças três vezes superiores às suas, privados da faculdade de avançar, ou de recuar, expostos a um fogo mortífero ao qual mal podiam responder com eficácia, baixaram as armas por ordem do seu oficial, que sentira que uma resistência mais prolongada não podia senão fazer perder a vida a valentes, porque a retirada era impossível.

Protegidos pela sua posição, os montanheses tinham comprado a vitória por baixo preço, só tiveram um homem morto e dois feridos por granadas. Soube mais tarde estes pormenores.

Naquele momento, apenas compreendi o resultado da aventura, ao ver o oficial inglês, de rosto coberto de sangue, despojado do seu chapéu e das suas armas, e os seus homens, cujas faces tristes e abatidas exprimiam raiva e vergonha, cercados por uma tropa de guerreiros meio selvagens que faziam sofrer aos vencidos todas as consequências das leis da guerra.

CAPÍTULO XXXI

UMA VITÓRIA QUE SAI MUITO CARA

Morte aos vencidos! era o grito de Brennus, quando a espada dos gauleses abateu o orgulho de Roma.

Morte aos vencidos! bradava ele lançando na balança o peso da sua espada maciça. E ainda em nossos dias, no campo de batalha, a desgraça do vencido só tem limite na vontade soberana do vencedor.

«A CAULÍADA»

Procurei distinguir Dougal por entre os vencedores. Já não duvidava de que o papel que ele desempenhara fora preparado de antemão para atrair o oficial inglês ao desfiladeiro, e não podia deixar de admirar com que habilidade aquele selvagem ignorante e em aparência tão simples, dissimulara o seu desígnio, deixara arrancar como que à força as falsas informações que tinha por objectivo fornecer. Previ que havia perigo em aproximar-me do vencedor na primeira febre de um triunfo que era empanado por actos de crueldade, pois vira montanheses, ou, para melhor dizer, crianças, apunhalar um ou dois soldados cujos ferimentos os impediam de levantar-se.

Depois de ter relanceado em vão os olhos por todos os lados, voltei atrás para ver que socorro me seria possível dar ao meu infeliz amigo, mas, com grande satisfação minha, verifiquei que o senhor Jarvie já tinha sido retirado da

sua posição difícil: o rosto negro de contusões, o vestuário em desordem, estava sentado ao pé da mesma rocha sobre a qual estivera suspenso momentos antes. Apressei-me a alcançá-lo e a dar-lhe as minhas felicitações, mas, de início, não as recebeu de bom grado e, por entre um ataque de tosse violenta, exprimiu as dúvidas que tinha sobre a minha sinceridade.

- Hem! Hem! Hem!... Diz-se que um amigo vale mais do que um irmão... Hem! Hem! Hem!... Quando vim aqui senhor Osbaldistone, a este país amaldiçoado, perdoe o praguejar... Só por causa dos seus assuntos... julga o senhor... Hem! Hem! que lhe fica bem... Hum! Hum, deixar-me, primeiro, exposto a ser fuzilado ou afogado, entre os casacas vermelhas e os montanheses e, depois, suspenso entre o céu e a terra como um espantalho, sem fazer um único esforço... Hem! Hem... para me salvar.

Apresentei-lhe as minhas desculpas e expliquei-lhe por tal forma a minha situação e a impossibilidade em que estava de lhe prestar qualquer auxílio que consegui por fim persuadi-lo.

Tomei em seguida a liberdade de lhe perguntar como lograra ele tirar-se de apuros.

- Tirar-me de apuros! Eu teria ficado suspenso até ao dia do juízo final, sem poder tirar-me por mim, com a cabeça pendente de um lado e os pés do outro, como a balança de um cambista de moedas...Foi essa criatura, o Dougal, quem me tirou de apuros, como já o fizera em... Cortou as abas da minha sobrecasaca com o seu punhal e, auxiliado por outro montanhês, pôs-me de pé lestamente como se nada me tivesse sucedido...

Perguntei-lhe então o que era feito do seu salvador.

- A criatura - disse ele (era o nome que gostava de dar a Dougal) - deu-me a entender que haveria perigo em aproximar-me da dama neste momento, e recomendou-me que esperasse aqui o seu regresso. Julgo que foi procurá-la. É uma criatura com bomsenso, e, palavra, apostaria em como tem razão no que diz da dama, como lhe chama. Helena Campbell, antes de se casar não era uma rapariga notável pela sua doçura, e não se tornou, creio eu, uma das mulheres mais tratáveis. Há quem diga que o próprio Rob tem medo dela. Creio que não me reconhecerá, porque há muitos anos que não nos vemos, estou, portanto, decidido a esperar Dougal antes de me aproximar dela.

Apoiei esta resolução, mas a sorte decidira que, nesse dia, a prudência do magistrado não seria de nenhuma utilidade para ele ou para os outros.

Embora a fuzilaria tivesse cessado, André Fairservice ficara pregado na plataforma, mas numa imobilidade completa. Aquela posição não permitia que ele escapasse ao olhar de lince dos montanheses, logo que tiveram tempo de o relancear em sua volta. Soltaram um grande brado, e três ou quatro de entre eles, penetrando logo no bosque, treparam pelo flanco rochoso da montanha, cada um numa direcção diferente, para chegar ao local onde tinham notado a bizarra

aparição.

Chegados ao alcance de espingarda, não cuidaram de oferecer qualquer socorro ao pobre André, mas fizeram-lhe compreender por sinais que era preciso descer e entregar-se-lhes, se não quisesse servir de alvo. Colocado entre dois perigos iguais, André não podia hesitar muito tempo, achou-se, pois, na obrigação de descer, agarrando-se ora aos ramos de um roble e às trepadeiras, ora às pontas salientes da rocha com uma ansiedade quase delirante.

Os montanheses desfrutavam o terror de André. Dispararam dois ou três tiros de espingarda sem nenhuma intenção de o ferir, creio eu, mas só para se divertirem com o seu pavor e verem-no redobrar de esforços e agilidade para atingir o termo de um percurso difícil que só o receio de uma morte imediata o encorajava a empreender.

Chegou por fim a terra firme, ou, para melhor dizer, caiu em terreno plano. Alguns montanheses, que se prepararam para o receber, ajudaram-no a levantar-se, antes dele se firmar nas pernas, já o tinham despojado não só do conteúdo dos seus bolsos, mas também da peruca, do chapéu, do casaco, do colete e das meias e dos sapatos, e tudo isto com uma destreza tão admirável que aquele homem, que se vira cair completamente vestido, se levantou quase nu. Num abrir e fechar de olhos, ficara reduzido a um verdadeiro espantalho. Sem se importarem com a dor que Lhe causavam nos pés nus as silvas e as arestas da rocha, os montanheses arrastaram-no para o teatro do combate.

Quando assim desciam, descobriram-nos por seu turno, ao senhor Jarvie e a mim. Logo meia dúzia de montanheses armados se precipitaram para nós, e nos ameaçaram ao mesmo tempo com as suas espadas, os seus punhais e as suas pistolas. Seria um acto de loucura o menor sinal de resistência, tanto mais que não tínhamos armas. Submetemo-nos pois à nossa sorte, e foi com alguma rudeza que aqueles que se encarregavam da nossa toilette se preparavam para nos reduzir quase ao estado da natureza, para me servir da expressão do rei Lear.

Um acaso favorável poupou-nos, porém, esta última desgraça, porque no momento em que eu acabava de ser desembaraçado da minha gravata (tão elegante e guarnecida de rendas) e em que o bailio era aliviado dos restos da sua sobrecasaca, apareceu Dougal, e a cena mudou. Por meio de vivas recriminações, misturadas com pragas e ameaças, pelo menos foi o que depreendi da violência dos seus gestos, obrigou os larápios, apesar da sua repugnância, não só a deterem-se no meio da sua operação, mas também a devolverem-nos o que já nos tinham tirado.

Arrancou a minha gravata das mãos daquele que ma tinha roubado e passou-ma em volta do pescoço com tanta força que fui induzido a supor que, durante a sua permanência na prisão de Glasgow, ele não só substituíra o carcereiro, mas

também recebera lições como aprendiz do carrasco. Lançou sobre os ombros do senhor Jarvie os trapos da sua sobrecasaca e, vendo acorrer outros montanheses, pôs-se em marcha connosco, precedendo-nos de poucos passos, depois de ter recomendado à nossa escolta que nos ajudasse, principalmente ao senhor Jarvie, para que pudéssemos descer com mais facilidade.

André Fairservice implorou a protecção de Dougal, com toda a força dos seus pulmões, pedindo-lhe que interviesse, ao menos, para que lhe restituíssem os sapatos, mas foi em vão.

- Não, não - respondeu Dougal -, Você não é gentleman, receio não me enganar, dizendo que há aqui gente que vale mais do que você e, no entanto, anda descalça.

E deixando André continuar a sua marcha penosa, fez-nos entrar no desfiladeiro onde se travara o combate, para nos apresentar como prisioneiros ao chefe feminino da sua tropa.

Comparecemos perante a heroína do dia. Não sei se Helena Mac Gregor desempenhara um papel activo no combate, mas as manchas de sangue que se viam na sua fronte, nas suas mãos, nos seus braços nus, na lâmina da espada que ela tinha nas mãos, as suas faces afogueadas, a desordem dos seus cabelos de um negro de azeviche, que em parte se escapavam de sob a gorra vermelha, ornada de uma pena, tudo parecia indicar que ela: tomara parte activa na luta. Os seus olhos negros e vivos, bem como toda a sua fisionomia, exprimiam o orgulho da vitória, o prazer da vingança satisfeita. Contudo, não parecia nem cruel nem sanguinária, e quando a primeira comoção que me causava esta entrevista se dissipou ela fez-me lembrar alguns retratos de heroínas sagradas que vira nas igrejas católicas de França.

O entusiasmo que a agitava, emprestava ao seu rosto e ao seu porte, que tinha uma espécie de dignidade feroz, alguma semelhança com certas heroínas das Escrituras Sagradas: um artista encontraria nela uma feliz inspiração.

Experimentei um grande embaraço para dirigir a palavra àquela mulher extraordinária, mas o senhor Jarvie, quebrando o gelo do ambiente com uma tosse preparatória, começou assim o seu discurso: - Hem! Hem! Sinto-me muito feliz por ter esta agradável ocasião, - (a tremura da sua voz desmentia a ênfase com que ele se esforçava por pronunciar a palavra agradável) - esta agradável ocasião para cumprimentar a mulher de meu primo Robin. Hem! Hem! Como... - ajuntou ele, tratando de tomar o tom de familiaridade e de importância que lhe era peculiar.

- Como têm passado todos, desde que não nos vemos? Talvez se esquecesse do seu primo, senhora Mac Gregor Campbell! Hem! Hem!... Mas talvez se recorde de

meu pai, o digno diácono Nicol Jarvie, de Salt Market, em Glasgow. Era um homem honesto, um homem seguro, um homem que a respeitava muito, a si e aos seus. Por isso, como dizia estou encantado em a ver, senhora Mac Gregor Campbell, e pedir-lhe-ia licença para a abraçar como minha prima, se a sua gente não tivesse os meus braços demasiado presos, e depois, para Lhe dizer a verdade, como o deve fazer um magistrado, seria conveniente que a senhora Lhes recomendasse um pouco mais o uso da água.

A familiaridade desta tirada não estava nada em relação com o estado de exaltação em que se encontrava a pessoa a quem era dirigida, porque, excitada pela vitória, ela ia pronunciar sentenças de morte.

- Quem é o senhor - exclamou -, que ousa invocar o parentesco dos Mac Gregor e que não tem nem o seu vestuário nem a sua linguagem? Quem é o senhor, que tem a língua e o fato de um cão de caça e tenta introduzir-se no meio dos gamos?

- Não sei - replicou, imperturbável, o bailio -, se o nosso parentesco já lhe foi alguma vez bem explicado, mas é bem conhecido e pode ser demonstrado. Minha mãe, Elspeth Mac Farlane, era mulher de meu pai, o diácono Nicol Jarvie, que as suas almas descansem em paz! E a Elspeth era filha de Parlane Mac Farlane, de Loch Sloy. Ora este Parlane Mac Farlane, como o pode certificar possui uma filha ainda viva, Maggy Mac Farlane, aliás Mac Nab que desposou Duncan Mac Nab Ostuckavralachan, era primo em quarto grau de seu marido Robin Mac Gregor Yorque...

A virago cortou cerce a árvore genealógica, perguntando com altivez se o ribeiro livre no seu curso reconhece como uma porção de si próprio a água que Lhe tiraram para vis usos domésticos dos que viviam perto das suas margens.

- Está bem, prima, - replicou o bailio -, mas isso não impede que o ribeiro fique contente por essa água lhe ser devolvida, quando, pelo Estio, o seu leito seco não se enche senão com as pedras que permanecem ao sol. Bem sei que os montanheses desprezam os habitantes de Glasgow por causa dos seus fatos e da sua língua, mas cada um fala a sua língua natal, a que aprendeu na sua infância, e seria coisa engraçada ver-me, a mim, com a minha grande barriga e as minhas pernas curtas, trazer um gabão montanhês e ligas por debaixo do joelho. Aliás, prima, - continuou ele, em despeito dos sinais que Dougal lhe fazia, para Lhe recomendar silêncio (porque a amazona revelava certa impaciência ante uma tal loquacidade) -, aliás, a senhora respeita infinitamente o seu marido, e eu aplaudo-a muito, pois a Escritura assim o ordena, enfim, digo eu, a senhora respeita-o. Pois bem, prima, então deve lembrar-se que mais de uma vez fui útil a Robin, e que, sem falar no colar de pérolas com que a presenteei no dia do seu casamento, lhe prestei mais de um serviço no tempo em que ele fazia honesta e

lealmente o seu negócio de gado, no tempo em que ele não pensava nem em assaltar, nem em bater-se, nem em perturbar a paz do rei, nem em desarmar os seus soldados, tudo coisas contrárias às leis.

Aqui tocava ele uma corda que soava mal aos ouvidos de sua prima. Esta endireitou-se com altivez e respondeu, com um sorriso cheio de amargura e desdém: - Sim, o senhor e outros da sua igualha podiam ter pretensões a um parentesco connosco quando nós tínhamos a cobardia de consentir em servi-los como míseros escravos dignos de viver sob as vossas leis, quando nos rebaixávamos a ser os vossos rachadores de lenha, os vossos aguadeiros, tratadores do gado para os vossos banquetes, a deixarmo-nos oprimir pelas vossas leis tirânicas. Mas agora somos livres, livres em consequência do próprio acto que nos deixou sem lar, nem pão, nem roupa, que me privou de tudo, e cuja recordação me faz estremecer quando penso que todos os momentos da minha vida podem ser consagrados só à vingança! Mas rematarei um dia tão bem começado, com uma acção que cortará todos os laços que possam existir entre os Mac Gregor e os vis habitantes das terras baixas. Allan, Dougal, amarrem estes três homens juntos pelo pescoço e pelos pés e atirem-nos ao lago. Irão lá procurar os seus parentes montanheses!

O bailio, alarmado com esta ordem, ia recomeçar as suas recriminações, que provavelmente só exacerbariam as paixões violentas de sua prima, quando Dougal, colocando-se diante dele, desatou a falar a sua ama na sua própria língua com abundância e rapidez. Depreendi, pela vivacidade dos gestos, que pleiteava em nosso favor.

Sua ama respondeu-lhe, ou melhor, interrompeu a sua arenga, gritando-lhe em inglês, como se assim quisesse proporcionar-se um antegozo da sorte que nos preparava: - Cão danado de um cão! Ousas discutir as minhas ordens? Se te ordenasse que lhes cortasses a língua, para ver qual dos dois a tinha enredadeira, se te ordenasse que Lhes arrancasses o coração, para descobrir qual deles encerrava mais traição contra os Mac Gregor, o teu dever não seria obedecer-me? Isto faz-se no dia da vingança, quando os nossos pais têm grandes injúrias a castigar.

- Decerto, decerto, - replicou Dougal, no tom da mais profunda submissão -, a sua vontade deve ser acatada, é uma coisa razoável. Mas se a senhora antes quisesse atirar ao lago esse tratante do capitão com o sargento Cramp e dois ou três dos seus casacas vermelhas, disso me incumbiria com muito mais prazer, porque estes dois gentleman são amigos de Gregarach, e vinham aqui a convite do chefe e não por nenhum intuito de traição, commo eu próprio posso certificar.

A dama ia responder, quando se ouviram as notas selvagens de uma gaita de foles, dos lados do caminho de Aberfoil. Como a escaramuça fora de curta

duração, os que precediam esta música militar, embora apressassem a marcha ao ouvir a fuzilaria, não puderam chegar a tempo de tomar parte nela.

Havia uma diferença notável entre os recém-chegados e a tropa que derrotara a nossa escolta, e a diferença era primeiramente em desfavor desta última. Entre os montanheses que rodeavam o comandante, se assim lhe posso chamar sem ofender a gramática, viam-se velhos, rapazes que mal podiam com as armas, mesmo mulheres, enfim, todos os que não combatem senão nas ocasiões desesperadas. Mas os trinta ou quarenta montanheses que acabavam de reunir-se aos primeiros eram homens na flor ou na força da idade, bem modelados e vigorosos, e o seu trajo expunha com toda a vantagem os seus membros robustos e seus músculos fortemente desenhados. Também eram superiores pelas armas. Salvo um pequeno número que trazia espingardas, os montanheses que rodeavam o chefe feminino estavam armados de achas, de foices e outras armas estranhas, alguns mesmo não tinham senão grossos cacetes, punhais e longos cutelos, mas a maior parte dos recém-chegados tinha pistolas à cinta, um punhal e um sabre ao lado, uma espingarda na mão e um pequeno escudo redondo.

Era, porém, fácil de ver que esta tropa de escol não chegava depois de uma vitória semelhante à que os seus companheiros acabavam de alcançar. A gaita de foles fazia ouvir, de vez em quando, algumas notas lúgubres que pareciam bem longe de exprimir o orgulho do triunfo. Aproximaram-se da esposa do chefe num triste silêncio, de olhar baixo e sombrio, e as gaitas de foles recomeçaram os seus acordes selvagens e plangentes.

Helena correu para eles, com um rosto em que a ira se misturava com o receio.

- Que significa isso, Allaster? - perguntou ela ao tocador da gaita de foles. - Porquê esses sons queixosos, após uma vitória? Robert, Hamish, onde está Mac Gregor? Onde está o vosso pai?

Seus filhos, que comandavam a tropa, aproximaram-se dela, num passo tímido e lento, e murmuraram-lhe baixinho algumas palavras em gaélico. Ao ouvi-las, ela soltou um grito que fez vibrar os rochedos, e ao qual as mulheres e as crianças juntando as mãos, responderam com brados que parecia serem os últimos da sua vida.

- Prisioneiro! Prisioneiro! - repetiu Helena, quando os clamores cessaram. - Cativo! E vocês vivem para o dizer! Vis poltrões! Alimentei-os eu para pouparem o vosso sangue, quando se trata de combater os inimigos do vosso pai?

Ou para o verem prisioneiro e virem dizer-mo?

Os filhos de Mac Gregor, aos quais se dirigiam estas censuras, eram dois jovens, dos quais o mais velho mal atingira os vinte anos. Hamish ou James, o mais velho, era maior e muito mais belo do que seu irmão, os seus olhos de um azul claro, a floresta de cabelos louros que se escapavam de sob a gorra azul, a

qual não era deselegante, emprestavam à sua fisionomia qualquer coisa de agradável e faziam dele um exemplar de jovem montanhês sob o aspecto mais lisonjeiro. O mais jovem chamava-se Robert, mas, para o distinguirem de seu pai, seus compatriotas tinham juntado ao seu nome o epíteto oig, que quer dizer jovem. Cabelos negros e tez morena, mas animada pelas cores vivas do vigor e da saúde, e membros mais robustos e melhor formados do que o são geralmente na sua idade, caracterizavam-no de uma maneira especial.

Ambos permaneciam silenciosos diante da mãe, com um rosto acabrunhado pela vergonha e pela dor. Por fim, quando ela de certo modo exalava o seu ressentimento, o mais velho, falando em inglês, possivelmente para não ser compreendido pelos circunstantes, tentou justificar-se, bem como a seu irmão.

- Mac Gregor - disse ele - fora convidado para uma entrevista por um habitante das terras baixas que Lhe entregara uma cana da parte de - (pronunciou o nome tão baixinho que não tenho a certeza de ter ouvido bem). - Aceitou o convite, mas ordenou-nos que guardássemos como refém o Saxão que trouxera aquela carta, para se garantir. Foi, pois, ao local do encontro, apenas seguido por Angus Breck e do pequeno Rory, proibindo mais alguém de o seguir. Cerca de meia hora depois, Angus Breck trazia-nos a triste notícia de que Mac Gregor fora surpreendido e aprisionado por um destacamento da milícia de Lennox, comandada por Galbraith de Garschattachin.

Ajuntou que Galbraith, à ameaça que Mac Gregor lhe fizera, no momento da captura, de usar represálias sobre o indivíduo que ficara como refém, se rira da ameaça e Lhe respondera: "Pois bem, Rob, cada um enforca o seu homem: nós enforcamos o bandido, e os bandidos enforcam o aduaneiro.

Assim, ver-se-á o país livre ao mesmo tempo de duas pestes: um salteador das montanhas e um agente do fisco." Angus Breck, vigiado com menos rigor do que o seu chefe, conseguiu escapar, depois de ter estado cativo o tempo suficiente para ouvir esta discussão.

- E quando souberam isso, traidores miseráveis, - exclamou a mulher de Mac Gregor -, não voaram imediatamente em socorro de vosso pai, para o salvar ou deixar os vossos cadáveres aos seus inimigos!

O jovem Mac Gregor respondeu, num ar modesto, que, em vista da superioridade das forças do inimigo e vendo que este não se dispunha a deixar o país, voltara para as montanhas a fim de reunir tropa suficiente para tentar a libertação de seu pai, com algumas probabilidades de êxito. E terminou dizendo que Lhe constara que o destacamento da milícia devia assentar arraiais na casa próxima de Gartantan, ou no velho castelo da ponte de Monteith, ou em qualquer fortaleza desse género, que, embora forte e na defensiva, podia contudo ser

surpreendida, se reunissem bastantes homens para a execução do projecto.

Soube depois que o resto das tropas de Rob Roy fora dividido em dois bandos, um destinado a vigiar os movimentos da guarnição de Inversnaid, da qual um destacamento sob as ordens do capitão Thornton acabava de ser vencido, o outro a fazer frente aos clãs montanheses que estavam aliados às tropas regulares e aos habitantes das terras baixas para invadirem simultaneamente o desgraçado território que, situado entre o Lock Lomond, o Lock Katrine e o Lock Ard, era vulgarmente designado pela região dos Mac Gregor.

Tinham-se expedido mensagens para todos os lados, a fim de concentrarem, ao que suponho, todas as forças dos Mac Gregor para atacar os habitantes das terras baixas. E o abatimento e o desespero que um momento antes estavam estampados em todos os rostos, deram lugar à esperança de libertar o chefe e à sede de vingança. Foi sem dúvida sob a escaldante influência desta última paixão que a mulher de Mac Gregor ordenou que trouxessem à sua presença o infeliz que ficara como refém.

Trouxeram-lhe um desgraçado meio morto de terror e no semblante do qual reconheci, com tanto horror como surpresa, o meu velho conhecido,Morris. Caiu prosternado diante da esposa do chefe, mas ela estremeceu e recuou, como se aquele contacto a sujasse, de maneira que tudo o que ele pôde fazer para lhe patentear a sua excessiva humilhação foi beijar uma ponta do seu gabão. Talvez nunca tivesse ouvido pedir a vida com tão mortais angústias e de uma forma mais suplicante. O medo trabalhava o seu espírito com um tal grau de exaltação que em lugar de lhe paralisar a língua, como sucede frequentemente, lhe emprestou quase eloquência. As faces revestidas de lívida palidez, as mãos convulsivamente fechadas, rolando em todas as direcções os olhos que parecia dirigirem os seus derradeiros adeuses a tudo o que o cercava, protestou, com os mais solenes juramentos, a sua ignorância total dos desígnios que tinham contra Rob Roy, jurando que o estimava e respeitava com todas as forças da sua alma. Por uma inconsequência, fruto natural do seu terror, disse que só era agente de outro, e murmurou o nome de Rashleigh. Não pedia senão a vida... pela vida daria tudo o que possuía no Mundo. Era só a vida que ele implorava, a vida, mesmo que ela se prolongasse em torturas e privações, mesmo que não a gozasse senão nas cavernas mais sombrias e mais profundas daquelas montanhas.

- Deixar-te-ia viver, - disse a esposa de Mac Gregor -, se a vida tivesse que ser para ti um fardo tão pesado, tão insuportável como o é para mim e para todo o ser nobre e generoso. Mas tu, miserável! tu rastejarás no Mundo, insensível a

todas as desgraças que o afligem, às suas misérias, à massa de crimes e de desgostos que nele se acumulam todos os dias... E os teus dias seriam calmos e felizes, enquanto as almas nobres e generosas fossem traídas na sua confiança, enquanto miseráveis e sem princípios pisassem a pés homens valentes e ilustres por uma longa série de antepassados. Sim, no meio da desolação geral, tu desfrutarias a felicidade que sente o cão do carniceiro em rolar-se na lama e no sangue dos animais mais nobres e mais inocentes que caem sob o cutelo do dono. Não, não terás essa felicidade! Morrerás, cobarde, infame que és! Morrerás antes que aquela nuvem acabe de obscurecer o sol!

Disse então algumas palavras aos que a cercavam. Dois deles apoderaram-se do suplicante, sempre prosternado, e arrastaram-no para a beira de um rochedo suspenso sobre o lago. Ele soltava os gritos mais agudos, os mais horríveis que o medo alguma vez provocou: posso chamar-lhes pavorosos, porque, muitos anos depois, ainda me perseguiam em sonhos.

Enquanto os seus assassinos, ou, se quiserem, os seus carrascos, o cercavam, ele reconheceu-me, e as últimas palavras que lhe ouvi articular, foram: - Oh, senhor Osbaldistone, salve-me, salve-me!

Fiquei tão impressionado com aquele espectáculo horrível, que, embora esperasse a todo o momento partilhar da mesma sorte, tentei falar em seu favor. Mas, como era de calcular, a minha intervenção foi recebida com frio desprezo. Alguns montanheses seguraram a vítima, de forma a não lhe permitir um único movimento, outros, tendo enrolado uma pesada pedra num gabão, ataram-Lha ao pescoço e outros ainda despojaram-no da roupa. Assim atado e semi-nu, arremessaram-no ao lago, que tinha naquele sítio cerca de doze pés de profundidade, soltando um brado de triunfo e de vingança, no meio do qual o derradeiro grito do infeliz ainda se fez ouvir. A violência da sua queda fez saltar até nós as águas azuladas do lago, e os montanheses, com os seus chuços e as suas espadas, observaram durante uns momentos com receio de que, conseguindo desembaraçar-se do peso que Lhe tinham amarrado, ele ainda fizesse alguns esforços para alcançar a margem. Mas o nó fora dado com solidez, o desgraçado mergulhou sem resistência... As águas que a sua queda agitara, fecharam-se sobre ele e retomaram a sua calma habitual, e aquela vida, cuja conservação ele implorara tão ardentemente, foi para sempre riscada do livro da humanidade.

CAPÍTULO XXXII

MENSAGEM QUE É DEVOLVIDA

Que seja restituído, são e vivo, antes do sol-pôr, senão, pela vingança de um coração ultrajado e pelo poder que contém o crime para a exercer, a vossa terra há-de sofrê-la!

Comédia Antiga

Não sei porquê, um acto isolado de violência e crueldade fere mais dolorosamente a nossa sensibilidade do que aqueles que nós vemos cometer de uma maneira mais geral. Nesse dia, tinham perecido sob o meu olhar alguns valentes patriotas, durante o combate, e parecia-me que eles cumpriam o destino reservado à humanidade, o meu coração, embora afectado por um desgosto pungente, não fora penetrado daquele horror inexprimível com o qual vi matar, a sangue-frio, o desditoso Morris. Lancei um olhar ao meu companheiro senhor Jarvie e li no seu rosto a expressão dos sentimentos que a mim próprio me agitavam. Não podendo dominar a sua indignação, chegou mesmo a deixar escapar, a meia voz, estas palavras entrecortadas: - Protesto solenemente contra este acto.....É um assassínio cruel, abominável... É um acto maldito que atrairá um dia a punição de Deus.

- Não receia segui-lo? - perguntou a virago, fixando nele um olhar que parecia uma condenação à morte.

- Prima, - respondeu ele - nenhum homem corta com prazer o fio à vida, antes de a ter esgotado inteiramente... Tenho muitas coisas a fazer neste mundo, se a morte me poupar... negócios públicos e particulares, da magistratura e do comércio... E, além disso, há entes que precisam de mim, como aquela pobre Mattie, que é orfã... Ela é prima do laird de Limmerfield. Ora, por todas estas considerações, a senhora compreende bem que um homem abandonará tudo o que tem para conservar a vida.

- E se eu o pusesse em liberdade - disse a imperiosa Helena - que nome daria à morte daquele cão saxão?

- Hem! Hem! - disse o bailio, aclarando a voz por várias vezes -, Falaria disto o menos possível: quanto mais se fala, mais se expõe uma pessoa a dizer asneiras.

- Mas se fosse intimado a falar diante do que os senhores chamam os tribunais, - perguntou ela ainda -, qual seria a sua resposta?

O bailio relanceou o olhar, e, decidindo-se a enfrentar o perigo, disse: - Vejo que me quer levar à parede, mas dir-lhe-ei francamente, prima, que já falei

segundo a minha consciência, e embora seu marido, que eu bem desejaria ter encontrado aqui, tanto para seu interesse como para o meu, pudesse certificar-lhe, como esta boa criatura montanhesa que se chama Dougal, que Nicol Jarvie sabe fechar os olhos às faltas de um amigo, acrescento no entanto, prima, que a minha língua nunca falará contra o meu pensamento, e em vez de dizer que este pobre infeliz foi legalmente executado, eu preferia ir fazer-lhe companhia... embora eu pense que a senhora seria a primeira montanhesa a condenar a uma tal sorte o primo de seu marido em quarto grau.

É provável que o tom de firmeza com que o bailio pronunciou estas últimas palavras fosse capaz de impressionar o coração endurecido de sua prima. Ordenou que nos colocassem ambos diante dela.

- O seu apelido - indagou Helena -, não é Osbaldistone?

Pareceu-me que o cão saxão, da morte do qual foi testemunha, lhe chamou assim?

- O meu apelido é Osbaldistone - respondi eu.

- Suponho, então, - continuou ela -, que o seu nome de baptismo é Rashleigh?

- Não. O meu nome de baptismo é Francis.

- Mas conhece Rashleigh Osbaldistone, ele é seu irmão, se não me engano, pelo menos,. parente próximo, seu amigo íntimo.

- É meu parente, mas não meu amigo. Batíamo-nos em duelo, há poucos dias, quando fomos separados por seu marido.

A sua espada ainda está tinta do meu sangue, e a ferida que ele me fez ainda mal fechou. Tenho poucos motivos para o olhar como amigo.

- Mas, se o senhor é estranho às suas intrigas, poderia ir procurar Garschattachin e o seu destacamento sem receio de ser aprisionado, e levar-lhe uma mensagem da mulher de Mac Gregor.

- Não sei que os gentlemans da milícia tenham motivo razoável para me prender, e não tenho nenhuma razão para recear cair nas suas mãos. Estou pronto a incumbir-me de uma tal mensagem se, em recompensa, anuir em tomar à sua protecção o meu amigo e o meu criado, que ficarão prisioneiros.

Aproveitei a ocasião para lhe dizer que não viera àquele país senão por convite do seu marido, que me prometera o seu auxílio num caso que me interessava vivamente, e que o meu amigo Jarvie me acompanhara com o mesmo objectivo.

- Fá-lo-ei conduzir - disse ela -, até às guardas-avançadas do inimigo, pergunte pelo comandante e diga-lhe da minha parte,,Helena Mac Gregor, que,

se eles tocarem num cabelo da cabeça de Mac Gregor e que se o não puserem em liberdade no prazo de doze horas, não haverá mulher no condado de Lennox que, daqui até ao Natal, não tenha que entoar o «coronach» (1) por aqueles que lhe são queridos, não haverá um fazendeiro cuja granja não esteja em fogo ou o rebanho pilhado, nem um «laird», nem um proprietário que se deite à noite com a certeza de ver no dia seguinte a luz do sol. E, para primeira execução das minhas ameaças, logo que este prazo expire, enviar-lhe-ei este bailio de Glasgow, este capitão saxão e o resto dos prisioneiros, cada um enrolado num gabão, cortados em tantos bocados quantos quadrados tenha o tecido.

Mal ela acabou de falar, o capitão Thornton, que estava bastante perto para a ouvir, ajuntou com o maior sangue-frio: - Apresente ao senhor comandante os meus cumprimentos, os cumprimentos do capitão Thornton da guarda real.

*(1) Cântico fúnebre.

Diga-lhe que cumpra o seu dever e conserve o seu prisioneiro sem se inquietar com a minha sorte. Se eu fui suficientemente louco para me deixar atrair a uma emboscada por estes arteiros selvagens, serei suficientemente honesto para morrer de uma maneira que não desonre a minha profissão... Não tenho senão um desgosto - ajuntou ele - é o de ver os meus infelizes soldados entre mãos tão bárbaras.

- Silêncio! Schiu!... - interveio o bailio. - O senhor está farto de viver?... Senhor Osbaldistone, queira apresentar os meus respeitos ao senhor comandante, os respeitos do bailio Nicol Jarvie, magistrado de Glasgow, como antes dele já o era seu pai o diácono. Diga-lhe que estão aqui pobres pessoas a sofrer e que pode suceder pior ainda, e que a coisa melhor que se pode fazer para bem geral é deixar regressar Rob às suas montanhas e não se preocupar mais com o caso. Já há bastantes desgraças, mas creio que não será preciso falar na do aduaneiro.

Encarregado destas missões tão opostas pelas partes mais interessadas no êxito da minha embaixada, e após a repetida recomendação da esposa de Mac Gregor para não esquecer uma palavra do que ela me ordenara que dissesse, deixaram-me partir, por fim. Até permitiram que André Fairservice me acompanhasse, para se verem livres, creio eu, da importunidade dos seus pedidos. No entanto, receando que eu me servisse do meu cavalo para fugir aos meus guias, ou talvez no desejo de guardar uma presa de algum valor, participaram-me que faria o caminho a pé, escoltado por Hamish Mac Gregor e por dois dos seus montanheses, tanto para me mostrarem o caminho como para

reconhecerem a força e a posição do inimigo.

Depois de uma hora de marcha muito rápida, chegámos a uma eminência coberta de silvas que dominava o vale, e de onde descobrimos o posto ocupado pela milícia. Como aquele destacamento era principalmente composto de cavalaria, evitara prudentemente meter-se no desfiladeiro que fora fatal ao capitão Thornton. A posição que tinham escolhido denunciava alguns conhecimentos militares: era a vertente de uma colina, pelo meio da qual serpenteava o Forth e perto da nascente deste rio.

Tinham tido o cuidado de colocar sentinelas e guardas avançadas a distância conveniente do corpo principal para que,,ao menor alarme, a tropa pudesse ter tempo de montar a cavalo e pegar em armas.

Por essa época, os montanheses ainda tinham um receio supersticioso da cavalaria. O aspecto dos cavalos era muito mais imponente e mais formidável do que o dos pequenos ponies das suas montanhas, e aqueles homens rudes estavam convencidos de que os ensinavam a combater com as patas e os dentes.

Os cavalos, atados a estacas, pastavam no pequeno vale, os soldados formavam diversos grupos, uns sentados outros de pé, ou passeando junto do rio. O jovem Mac Gregor disseme que me dirigisse ao posto avançado e perguntasse pelo comandante para me desincumbir da mensagem que lhe levava. Intimou-me, com um gesto ameaçador, a não dizer nem quais tinham sido os meus guias, nem em que local me separara da minha escolta. Tendo recebido estas instruções, desci para o posto militar, seguido de André, que, não tendo conservado do trajo inglês senão as cuecas e as meias, sem chapéu, e não tendo nos pés senão uma espécie de tamancos que Dougal lhe dera por dó, e coberto por um farrapo de gabão para substituir todas as outras roupas, parecia um montanhês fugido de Bedlam.

Não tardámos em ser avistados por uma das vedetas, que, galopando para nós, me apontou a sua carabina e ordenou-me que parasse. Obedeci e quando o soldado chegou junto de mim, pedi-lhe que me conduzisse ao oficial comandante. Levou-me imediatamente a um local onde vários oficiais estavam sentados em círculo sobre a relva, entre eles, achava-se um que parecia de categoria superior. Envergava uma couraça de aço, na qual estavam gravados os emblemas da antiga ordem escocesa do Chardon. Reconheci nesse grupo o major Galbraith, que, com alguns gentlemans, uns de uniforme, outros à paisana, mas todos bem armados, parecia receberem ordens daquele distinto personagem. Alguns criados, de libré rica, e que provavelmente pertenciam à sua casa, encontravam-se

a alguns passos de distância.

Depois de cumprimentar aquele senhor com o respeito que a sua categoria parecia exigir, comuniquei-lhe que fora testemunha involuntária da derrota que os soldados do rei tinham sofrido no desfiladeiro de Loch Ard (pois soubera que era este o nome do local onde Thornton fora aprisionado) e que os vencedores ameaçavam matar os que caíram em seu poder e assolar sem piedade as terras baixas em geral, se o seu chefe, que fora aprisionado de manhã, não lhes fosse restituído são e salvo. O duque (tal era a categoria daquele a quem falava) escutou-me com muita calma, e respondeu-me que tinha o maior desgosto em expor os desditosos prisioneiros à crueldade dos bárbaros nas mãos dos quais tinham caído, mas que era uma loucura supor que ele poderia pôr em liberdade o instigador de todas aquelas desordens, de todos aqueles ultrajes, e encorajar assim a sua quadrilha à impunidade.

- O senhor pode regressar para junto daqueles que o enviaram - ajuntou ele -, e dizer-lhes que, muito provavelmente, amanhã, ao despontar do dia, mandarei executar esse Rob Roy Campbell, a quem eles chamam Mac Gregor, como proscrito preso com armas na mão e que já mereceu mil vezes a morte, que eu me mostraria indigno da minha categoria e do lugar que ocupo se procedèsse de outra maneira, que saberei proteger o país contra as suas insolentes ameaças, e que, se eles tocarem num cabelo da cabeça dos infelizes que estão em seu poder, tirarei uma vingança tal que até as pedras dos seus rochedos hão-de gemer durante mais de um século!

Fiz-lhe humildemente alguns reparos sobre o perigo da honrosa missão de que ele me encarregava.

- Com mil diabos! - disse André, sem consideração pela presença do duque e sem esperar a minha resposta -, Era preciso que o demo estivèsse nas minhas pernas para me fazer marchar para esse lado. Julgam que tenho outro pescoço na algibeira para substituir o meu quando fosse cortado por um desses senhores montanheses, ou que sou capaz de mergulhar no lago e vir ao cimo de água? Não, não, cada um por si e Deus por todos. Esta gente fará bem em mandar outro mensageiro, não é André que se encarrega de tais missões. Rob Roy nunca se aproximou da paróquia de Dreep Daily, e nunca me roubou nem uma pêra nem um pepino.

Depois de ter feito calar, não sem custo, o meu criado, descrevi vivamente ao duque o perigo certo ao qual estavam expostos o capitão Thornton e o senhor Jarvie e supliquei-lhe que modificasse de tal maneira os termos da mensagem de que me fazia portador que pudesse salvar-lhes a vida. O duque pareceu impressionado.

- É uma circunstância muito dolorosa - disse ele -, e que me aflige

profundamente, mas tenho um dever mais imperioso a cumprir para com o país. É preciso que Rob Roy morra!

Não foi sem comoção que ouvi pronunciar esta sentença de morte contra Campbell, que já me prestara e queria prestar-me ainda um importante serviço. Não fui o único a experimentar essa impressão. Dos que rodeavam o duque alguns aventuraram-se a falar em seu favor. Mais valia, diziam eles, enviá-lo para o castelo de Stirling e mantê-lo rigorosamente prisioneiro, como penhor da dispersão e da submissão da sua tropa. Seria deplorável expor o país a ser saqueado, o que dificilmente se impediria agora, que as longas noites se aproximavam, visto ser impossível guardar todas as passagens e os montanheses não deixarem de escolher as que ficassem sem defesa. Seria, ajuntavam eles, deixar os desditosos prisioneiros expostos à morte que os esperava e não se podia duvidar de que os montanheses os trucidariam nos primeiros furores da sua vingança.

Garschattachin ainda foi mais longe, fiando-se, disse, na honra do nobre personagem ao qual se dirigia, embora ele conhecesse as razões particulares do seu ressentimento contra o prisioneiro.

- Apesar de vizinho bastante perigoso das terras baixas, e sobretudo de Sua Graça, apesar de ter exercido o mister de salteador mais tempo do que qualquer outro homem do seu tempo, Rob Roy não é destituído de bomsenso e pode-se arranjar maneira de fazê-lo compreender a razão.

Pelo contrário, sua mulher e seus filhos são demónios incarnados que não conhecem nem o medo nem a piedade e que, à cabeça dos seus vilões, serão uma peste mais terrível para o país do que Rob nunca o foi.

- Bom, bom - disse o duque -, é precisamente o bomsenso e a manha desse homem que o mantiveram por tanto tempo. Um bandido montanhês vulgar teria sido aprisionado em menos semanas do que de anos ele tem vivido na impunidade. Sem ele, a sua quadrilha não me meterá medo por muito tempo. A sua existência está terminada: é uma vespa sem cabeça, cujo aguilhão talvez ainda pique uma vez, mas que depressa se transformará em nada.

Garschattachin não se deixou reduzir tão facilmente ao silêncio.

- Não se pode supor, milorde duque, - disse ele -, que eu tenha alguma parcialidade por Rob, tanta como ele tem por mim, visto que por duas vezes esvaziou os meus estábulos, sem falar nas razias cometidas nos meus rendeiros, no entanto...

- No entanto, Garschattachin, - disse o duque com um sorriso que tinha uma

expressão especial -, vejo que o senhor julga essa liberdade desculpável no amigo de um amigo, pois supõe-se geralmente que Rob não é inimigo dos amigos que o major Galbraith possa ter do outro lado do mar.

- Se assim fosse, milorde, - replicou Garschattachin, no mesmo tom de gracejo -, não seria o que eu ouvia dizer de pior a seu respeito, mas gostaria que tivéssemos algumas notícias dos clãs que esperamos há tanto tempo. Apostaria em como eles manterão a palavra à maneira dos montanheses. Nunca os conheci mais favoráveis... Os lobos não se comem uns aos outros.

- Não há motivo para se inquietar - disse o duque. - Aqueles cavalheiros são homens de palavra, e creio que não faltarão ao encontro. Mande dois cavaleiros a ver se eles chegam. Sem eles, não nos podemos arriscar a um ataque no desfiladeiro onde o capitão Thornton se deixou aprisionar. E enquanto se espera, mande distribuir o rancho à tropa.

Aproveitei esta última ordem, que me era tanto mais agradável e necessária quanto é certo o não ter tomado mais nada desde a refeição que tínhamos comido à pressa em Aberfoil. As vedetas que tinham sido despachadas voltaram sem notícias dos auxiliares esperados, e aproximava-se o pôr-do-sol, quando chegou um montanhês, pertencente a um dos clãs com a cooperação dos quais se contava. Num ar respeitoso, entregou ao duque uma carta de que era portador.

- Apostava um barril de clarete - disse Garschattachin - em como essa mensagem é para nos prevenir de que esses malditos montanheses, a quem viemos procurar aqui com tantos trabalhos e tormentos, abandonaram a nossa causa, e nos deixam tirar de apuros como pudermos.

- É absolutamente verdade, meus senhores - disse o duque, corando de indignação depois de ter lido a carta, que estava escrita num bocado de papel ordinário, mas endereçada com todas as formas possíveis do cerimonial: Ao muito alto e poderoso senhor duque de... -Os nossos aliados, meus senhores, fizeram pazes separadas com o inimigo.

- É a sorte de todas as alianças - disse Garschattachin. - Os Holandeses ter-nos-iam feito o mesmo, se não os tivéssemos prevenido em Utreque.

- O senhor graceja, - disse o duque num tom que demonstrava gostar pouco da brincadeira -, no entanto, o caso de que nos ocupamos aqui parece tomar um aspecto muito sério. Creio que nenhum destes senhores é de opinião que se penetre mais no país, privados como estamos do apoio dos montanheses e da infantaria de Inversaid?

Toda a gente concordou que essa tentativa seria uma verdadeira loucura.

- Não seria nada prudente - prosseguiu o duque -, ficar exposto neste local a

um ataque de noite, proponho, pois, que nos retiremos para o castelo de Duchray e para o de Gartartan: faremos aí uma boa guarda até de manhã. Mas, antes de nos separarmos, quero interrogar Rob Roy na vossa presença, para vos convencer, pelos vossos olhos e pelos vossos ouvidos, do perigo que haverá em restituir-lhe uma liberdade de que ele se serviria para cometer novas razias.

O duque deu as suas ordens para que trouxessem o prisioneiro à sua presença. Rob Roy chegou, de braços amarrados até aos cotovelos e mantidos ao longo do corpo por meio de uma cilha de cavalo: marchava entre dois sub-oficiais e sob uma escolta de seis soldados de baioneta calada.

Eu nunca o vira em trajo do seu país, que fazia ressaltar de uma maneira flagrante o que o seu físico oferecia de notável.

Uma floresta de cabelos ruivos, que o chapéu e a peruca que ele usava nas terras baixas de certo modo ocultavam, escapava-se-lhe de sob a gorra de montanhês e justificava o apodo de Roy, ou Vermelho, pelo qual era geralmente conhecido nas terras baixas, e que ainda não foi esquecido.

Reconhecia-se todo o acerto do apodo ao olhar para a parte dos seus membros que o trajo montanhês deixava a descoberto: as coxas, as pernas e sobretudo os joelhos, eram cobertos de um pêlo vermelho curto e espesso, o que, aliado à sua extrema força e ao vigor dos seus músculos, os fazia assemelhar aos membros dos touros avermelhados que se encontram nas montanhas. O efeito produzido pela sua mudança de trajo e o conhecimento que eu tinha adquirido do seu verdadeiro carácter, que já me parecia formidável, emprestaram-lhe a meus olhos, nesse momento, qualquer coisa de tão extraordinário, de tão feroz, que mal o pude reconhecer.

Apesar de ligado, mantinha a cabeça erguida, o seu olhar era seguro e o seu porte tinha uma espécie de dignidade.

Cumprimentou o duque, fez um sinal de cabeça a Garschattachin e aos outros, e revelou certa surpresa por me ver entre eles.

- Há muito tempo que não nos vemos, senhor Camp bell - disse o duque.

- É verdade, milorde, e gostaria mais, - replicou ele, lançando um olhar aos laços que o manietavam -, gostaria mais que fosse numa ocasião em que eu estivesse em estado de apresentar a Vossa Graça as homenagens que lhe são devidas..., Mas temos que esperar que chegue esse tempo.

- Não deve contar senão com o tempo presente, senhor Campbell, porque as horas que Lhe restam para pôr em ordem os seus assuntos neste Mundo correm rapidamente. Não falo assim para insultar a sua desgraça, mas o senhor próprio deve sentir que a sua carreira chegou ao seu termo. Não nego que, em certas

circunstâncias, o senhor não tenha feito menos mal do que certos chefes de bandidos e que algumas vezes não tenha dado provas de talento, e mesmo de disposições que faziam conceber melhores esperanças. Mas, desde há muito que o senhor é o terror e o flagelo de um país pacífico, o senhor manteve e estendeu a sua autoridade usurpada por actos de violência tão frequentes, que... Em suma, sabe que mereceu a morte, e é preciso preparar-se para ela.

- Milorde, eu poderia sem injustiça atribuir todas as minhas desditas a Vossa Graça, não direi, porém, que foi o senhor pessoalmente o seu causador voluntário. Se assim o julgasse, milorde, não ouviria hoje Vossa Graça pronunciar contra mim uma sentença de morte: por três vezes encontrei o senhor ao alcance da minha espingarda, quando o senhor não pensava senão em caçar o veado, e sabe-se que eu erro raras vezes o alvo.

Quanto àqueles que, abusando da confiança de Vossa Graça, o tornaram inimigo de um homem outrora um dos mais pacíficos habitantes deste país, e que se serviram do seu nome para completar a minha ruína e reduzir-me ao desespero, já deles tirei vingança, e, apesar das ameaças de Vossa Graça, espero viver o bastante para a tirar ainda mais completa.

- Eu sei - disse o duque, exaltando-se - que o senhor é um bandido audacioso e resoluto, fiel à sua palavra, quando jura fazer mal, mas eu tratarei de o atalhar. O senhor não tem outros inimigos senão os seus próprios crimes.

- Se eu me chamasse Grahame em vez de Campbell, - disse Mac Gregor, com indómita intrepidez -, o senhor falaria disso muito menos.

- O senhor andaria bem em prevenir sua mulher, os seus filhos e o seu bando para tomarem cautela na maneira como vão tratar as pessoas que cairam nas suas mãos...

Devolver-lhes-ei em centuplicado, a eles, aos seus parentes, aos seus aliados, o mal por mais ligeiro que se permitam fazer aos súbditos fiéis de Sua Majestade.

- Milorde, os meus próprios inimigos não podem acusar-me de ser um homem sanguinário. Se eu estivesse à frente da minha gente, saberia fazer-me obedecer de quatrocentos ou quinhentos montanheses armados, tão facilmente como Vossa Graça dá as suas ordens a estes oito ou dez lacaios, mas se Vossa Graça está resolvido a cortar a cabeça à família, seguir-se-á a desordem entre os seus membros. No entanto, suceda o que suceder, está entre eles um homem honesto, meu parente, ao qual não quero que aconteça mal... Estará aí alguém que queira prestar um serviço a Mac Gregor?... Pagar-lhe-ei um dia, apesar de

neste momento ter as mãos ligadas.

O montanhês que trouxera a carta ao duque, avançou e disse: - Farei o que deseja, Mac Gregor, e voltarei por causa disso às montanhas, se for preciso.

Aproximou-se do prisioneiro, que Lhe deu, para sua mulher, um recado, que eu não percebi porque foi ciciado em gaélico, mas que provavelmente se relacionava com o senhor Jarvie.

- Vejam a impudência deste homem! - exclamou o duque. - Fia-se nas suas imunidades de enviado... A sua atitude é o reflexo da dos seus chefes, que nos convidaram a fazer uma causa comum contra estes bandidos e nos abandonaram logo que os Mac Gregor anuiram em entregar-lhes o território de Balquidder que disputavam entre si. Nenhuma verdade sob os gubões, Sob o tartan (1) nenhuma verdade: Qual camaleão, o selvagem da terra alta Toma todas as cores, é sempre variável.

- O seu antepassado nunca teria falado assim, milorde - respondeu o major Galbraith - e, salvo o devido respeito, Vossa Graça não teria ocasião de o repetir se antes de tudo anuísse em fazer justiça aos que têm mais antigos direitos: que cada um retome os seus bens, que cada cabeça leve a gorra que lhe pertence, e o condado de Lennox verá renascer a tranquilidade, bem como o resto do país.

- Silêncio, Galbraith! Silêncio! É perigoso para si ter semelhante linguagem diante de alguém, e principalmente de mim, mas o senhor julga-se aparentemente um personagem privilegiado. Conduza o seu destacamento para Gartartan. Eu próprio escoltarei o prisioneiro a Duchray e amanhã enviar-lhe-ei as minhas ordens: queira não passar licença a nenhum homem da sua tropa.

- Sempre ordens e contra-ordens - murmurou Garschattachin entre dentes. - Mas, paciência, paciência! Algum dia se há-de poder cantar: Muda de lugar, voltou o rei (1).

Os dois contingentes de cavalaria formaram-se então e prepararam-se para evacuar o posto, a fim de aproveitarem de uns restos de dia, para se dirigirem aos seus quartéis. Recebi uma ordem, mais do que um convite, para seguir a sua tropa, e apercebi-me de que, embora não fosse prisioneiro, parecia observarem-me com olho desconfiado.

Submeti-me à minha sorte com a melhor cara que pude, consolando-me com a esperança de que talvez pudesse obter do prisioneiro algumas informações sobre Rashleigh e suas intrigas. Devo a mim próprio a justiça de acrescentar que os meus objectivos não eram apenas pessoais e que eu tomava demasiado interesse pelo prisioneiro para não desejar prestar-lhe todos os serviços que a minha infeliz situação me permitisse oferecer-lhe.

*(1) Tecido axadrezado dos escoceses.

(2) Refrão de uma canção jacobita.

CAPÍTULO XXXIII

ENCONTRO NA NOITE SOMBRIA

Ao chegar à ponte quebrada, atirou-se à água e nadou, ao atingir a margem relvada, ergueu-se e fugiu a sete pés.

GIL WYORRICE

Os ecos dos rochedos e das montanhas dos dois lados do vale repetiram os sons das cornetas da cavalaria, que, formando-se em dois corpos separados, começou a sua marcha a pequeno trote. O que o major Galbraith comandava, depressa voltou à direita e atravessou o Forth, a fim de se aquartelar essa noite num velho castelo da vizinhança. Esse contingente, ao atravessar o rio, constituía um quadro animado, mas depressa desapareceu dos nossos olhos, mergulhando nas voltas de um bosque da outra margem.

Continuámos o nosso caminho em muito boa ordem. Para tomar conta do prisioneiro, o duque fizera-o colocar na garupa do cavalo de um dos seus soldados, chamado Ewan de Brigglands, um dos homens mais altos e mais robustos do contingente. Uma correia que amarrava os dois, e que estava presa ao peito do soldado, colocava Rob Roy na impossibilidade de se separar do seu guarda.

Deram-me ordem para marchar atrás deles e forneceram-me um cavalo. André Fairservice, montado num pequeno cavalo montanhês, teve licença para se juntar ao grupo dos criados.

Marchámos assim durante algum tempo. Chegámos, por fim, a um sítio onde tínhamos que atravessar o rio, o Forth, que forma o excedente das águas de um lago, e é de uma profundidade considerável, mesmo nos locais onde tem menos largura, e descia-se ao vau por uma ravina íngreme e estreita que não permitia passar senão um cavaleiro de cada vez. O centro e a retaguarda do nosso pequeno corpo de exército detiveram-se, portanto, enquanto as primeiras filas atravessavam sucessivamente, o que causava uma demora considerável e mesmo alguma confusão, porque um certo número de cavaleiros que não pertenciam ao esquadrão atropelava-se irregularmente à beira do Forth, e lançava um pouco de desordem na cavalaria da milícia, embora esta fosse bastante disciplinada.

Quando estávamos todos confundidos uns com os outros, ouvi Rob Roy dizer em voz baixa ao homem atrás do qual se encontrava na garupa: - Teu pai,

Ewan, não teria assim conduzido um velho amigo ao açougue, como um vitelo que se vai degolar, nem por todos os duques da Cristandade.

Ewan não respondeu, mas teve um movimento de ombros que parecia dizer que procedia contra a sua vontade.

- E quando os Mac Gregor descerem das suas montanhas e vires os teus estábulos vazios, o teu lar tinto de sangue e o fogo a devorar as vigas da tua casa, talvez penses, Ewan, que, se o teu amigo Robin tivesse a sua cabeça, os bens, cuja perda lamentarás, teriam estado em segurança.

Ewan de Brigglands teve um novo movimento de ombros, soltando um suspiro, mas ficou calado.

- É uma coisa dolorosa, - continuou Rob, pronunciando estas palavras insinuantes ao ouvido de Ewan, tão baixinho que só eu as pude ouvir -, é uma coisa bem dolorosa que Ewan de Brigglands, que Roy Mac Gregor tanta vez ajudou com o seu braço, a sua espada e a sua bolsa, se apoquente mais com a cólera de um grande senhor do que com a vida de um amigo.

Ewan pareceu muito agitado, mas continuou a guardar silêncio. Nesse momento, ouviu-se o duque gritar do outro lado: - Façam atravessar o prisioneiro!

Ewan pôs o cavalo em movimento, e ainda ouvi Rob dizer-lhe: - Não ponhas na balança o sangue de um Mac Gregor, quando, para o salvar, basta quebrar uma simples correia, porque será preciso prestar outras contas neste Mundo e no outro.

Passaram rapidamente diante de mim e lançaram-se ao rio com certa precipitação. À fraca claridade do crepúsculo, vi o duque, no outro lado, ocupado em fazer retomar as fileiras aos seus homens, à medida que eles iam atravessando o rio, uns após outros. A passagem não estava ainda concluída, quando um ruído súbito, acompanhado de um jacto de água, me deu a saber que a eloquência de Mac Gregor decidira Ewan a dar-lhe a liberdade e uma probabilidade de salvação. O duque ouviu-o, como eu, e percebeu-lhe imediatamente a causa.

- Cão! - gritou ele para Ewan, logo que este chegou ao pé dele. - Onde está o prisioneiro?

E sem esperar a resposta do seu vassalo apavorado, desfechou contra ele um tiro de pistola. Não sei se o tiro foi mortal, mas o duque bradou, logo a seguir: - Persigam o bandido! Cem libras de recompensa a quem me trouxer Rob Roy.

Foi no mesmo instante uma grande confusão nas duas margens.

Rob Roy, desembaraçado dos seus laços, decerto porque Ewan desafivelara a correia, mergulhava na água, passando por debaixo do ventre do cavalo do soldado que estava à sua esquerda, mas, como foi obrigado a vir um instante à

superfície para respirar, o seu gabão atraiu a atenção dos soldados, dos quais alguns entraram no rio sem pensar no perigo que corriam. Alguns cavalos perderam o pé, outros afogaram-se e puseram no maior perigo aqueles que os montavam.

Vários soldados iam e vinham ao longo do rio, para espreitar o sítio onde o fugitivo regressasse a terra.

O murmúrio confuso de tantas vozes, os gritos de desespero dos infelizes que se afogavam, os dos soldados que julgavam avistar o fugitivo, a detonação frequente das pistolas e das carabinas que eram descarregadas sobre o menor objecto que suscitava suspeitas, a vista de tantos cavaleiros a correr por aqui e por ali, mergulhando no rio ou galopando nas margens, batendo com o sabre em tudo que lhes despertava a atenção, os esforços inúteis dos oficiais para restabelecer a boa ordem, toda esta cena, enfim, tendo por cenário um lugar tão selvagem, apresentava o espectáculo mais tumultuoso, e mais extraordinário que tenho visto. Eu ficara sozinho a observar, porque toda a nossa cavalaria se dispersara na perseguição de Rob Roy, ou, pelo menos, para ver o resultado daquela busca.

Não seria muito difícil a um nadador como o era o montanhês fugir aos seus inimigos, desde que tivesse escapado às primeiras perseguições. Houve, porém, um momento em que se encontrava cercado de tão perto que vários tiros atingiram a água mesmo junto dele. Mac Gregor, porém, conseguiu desembaraçar-se do seu gabão de xadrez, que deixou a flutuar à flor da água. Aquela peça de vestuário logo atraiu a atenção geral, muitos cavaleiros se deixaram enganar por aquele indício e, enquanto todos os disparos se dirigiam para aquele lado, a pessoa a quem eram destinados afastava-se rapidamente.

Uma vez perdido de vista o prisioneiro, tornou-se quase impossível recuperá-lo, porque, em muitos sítios, o rio era inacessível devido à altura das suas margens, noutros, estavam cobertas de moitas, de amieiros, de ulmeiros e de vidoeiros que impediam a aproximação dos cavaleiros.

As cornetas tocaram a retirar, o que indicava que o comandante renunciava, decerto a muito custo, à esperança de recapturar o prisioneiro que tão bruscamente se escapara. Os soldados começaram a reunir-se lentamente questionando uns com os outros. Vi-os sumir-se na margem meridional do rio, cujo murmúrio, muito tempo abafado pelos gritos de perseguição e de vingança, se misturava agora de uma maneira confusa com as vozes irritadas e descontentes dos cavaleiros cuja esperança fora iludida.

Até ali eu não fora senão espectador, embora muito longe de ser indiferente, desta cena singular. Mas não tardou que ouvisse exclamar de repente: - Onde está o Inglês? Foi ele quem deu a Rob Roy uma faca para cortar a correia!

- É preciso abrir a barriga àquele comedor de pudim! - gritou outro.

- Ou meter-lhe duas balas nos miolos! - disse um terceiro.

- Ou enfiar-lhe duas polegadas de ferro no peito! - bradou um quarto.

Nesse momento, ouvi vários cavaleiros galopar de um lado para o outro. Vi de repente o perigo da minha situação, e não duvidei de que homens armados, cujas paixões excitadas nenhum freio reteria, começassem a disparar contra mim ou a agredir-me à sabrada. Impressionado com esta ideia, saltei do cavalo e, deixando-o com a liberdade de ir para onde quisesse, mergulhei num espesso bosque de amieiros, onde, graças à obscuridade da noite, calculei que pouco perigo correria de ser descoberto. Não me parecia que, naquelas circunstâncias, fosse uma honra expor inutilmente a minha vida. Quando o tumulto começou a acalmar-se e o ruído das patas dos cavalos já não se ouvia perto de mim, o meu primeiro pensamento foi dirigir-me ao quartel do duque, onde a disciplina estaria restabelecida, e confiar-me às suas mãos como súbdito fiel que nada tinha a recear da justiça e tudo tinha a esperar da sua protecção e da sua hospitalidade. Nesse intuito saí do meu esconderijo e lancei um olhar em volta de mim.

A obscuridade era completa, não ficara um único cavaleiro nas margens do Forth, e não ouvia mais do que o tropel distante dos cavalos e o som prolongado das cornetas, ecoando nos bosques, a chamar os retardatários. A situação em que me encontrava era eriçada de dificuldades. Não tinha cavalo, e a corrente rápida e profunda do rio, que a claridade confusa da lua em minguante tornava mais formidável ainda, nada tinha de sedutor para um homem a pé, que não estava habituado a passar rios a vau e que acabara de ver os cavalos nessa passagem com a água até ao pescoço. Por outro lado, ficando nesta margem, eu não tinha outra perspectiva de terminar as fadigas desse dia e da noite anterior senão passando a noite que chegava sob as estrelas, depois de atingir as montanhas.

Após um momento de reflexão, pensei que Fairservice, que, segundo o seu louvável costume de tratar da sua segurança antes da dos outros, decerto atravessara o rio, não deixaria de dar plena satisfação ao duque ou a qualquer outra autoridade competente acerca da minha categoria e da minha situação no Mundo, e, portanto, a minha reputação não exigia que eu comparecesse imediatamente, com risco de me afogar no Forth.

Nada mais tinha a recear por Rob Roy. Estava em liberdade, e eu tinha a certeza de que, se encontrasse algum dos seus homens, conseguiria a sua protecção, ao dar-lhe a novidade.

Tão-pouco podia abandonar o senhor Jarvie na situação difícil em que se encontrava, em grande parte por minha causa. Por último, não seria senão por intermédio de Rob Roy que eu podia esperar obter notícias de Rashleigh e dos papéis de meu pai.

Abandonei, portanto, toda a ideia de atravessar o Forth, e, voltando-me para o lado do vale do Frew, tomei sozinho a direcção da pequena aldeia de Aberfoil.

Um vento frio e cortante, que se fazia ouvir e sentir de vez em quando, varrera a bruma, que, de contrário, teria envolvido o vale até de manhã, e, embora as nuvens vaporosas não estivessem inteiramente dissipadas, agruparam-se em massas confusas e hesitantes, que ora se estendiam por sobre os cumes das montanhas, ora, quais volumosas colunas de espesso fumo, mergulhavam nas profundezas das rochas.

A lua subia, então, no horizonte, lançava uma claridade argêntea sobre as sinuosidades do rio, assim como sobre os picos dos rochedos e os cumes das montanhas que a névoa não ocultava, ao mesmo tempo que os seus raios emprestavam às nuvens, leves e vaporosas, uma espécie de reflexo brilhante que as fazia assemelhar a um véu de gaze de prata transparente.

Sentia-me disposto a repelir as preocupações e a desafiar o perigo, e, sem pensar mais nele, comecei a assobiar como que para acompanhar a cadência dos meus passos. Ia tão absorto que nem ouvi dois cavaleiros virem atrás de mim, e não me apercebi da sua presença senão quando estavam ambos a meu lado. Então, o que se encontrava à minha esquerda, detendo o seu cavalo, dirigiu-me estas palavras em inglês:

- Eh! amigo, aonde vai tão tarde?

- Procurar uma ceia e um leito em Aberfoil.

- As passagens estão livres? - perguntou-me ele, num tom autoritário.

- Ignoro-o, só o saberei quando lá chegar, - Mas, acudindo-me à memória a sorte de Morris, ajuntei -, Se os senhores são ingleses, aconselho-os a voltar para trás até que o dia lhes permita continuar o caminho, houve distúrbios nas vizinhanças e não me atrevo a assegurar que estrangeiros estejam em segurança.

- Os soldados não sofreram um desastre?

- Sim, de facto, e um destacamento comandado por um oficial foi desbaratado ou aprisionado.

- Tem bem a certeza do que diz?

- Tanta certeza como a de o estar a ouvir, fui involuntária testemunha do combate.

- Involuntária! Não tomou parte nele?

- Não. Estava detido pelo oficial que comandava as tropas do rei.

- Sob que acusação? Quem é o senhor? Como se chama?

- Não sei, senhor, porque hei-de responder a tantas perguntas feitas por um desconhecido. Já lhe disse o bastante para o convencer de que está numa região

onde pode correr perigo. Se lhe agradar continuar o seu caminho, isso é consigo, mas eu não lhe faço perguntas sobre o seu nome e o objectivo da sua viagem, e far-me-á favor de não me dirigir nenhuma.

- O senhor Francis Osbaldistone não devia assobiar as suas árias predilectas quando não quisesse ser reconhecido - disse o outro cavaleiro, numa voz que me fez vibrar todos os nervos.

E Diana Vernon, porque era ela, envolta numa grande capa de cavaleiro, começou a assobiar, numa imitação alegre, a segunda parte da ária que a sua aproximação interrompera.

- Santo Deus! - exclamei eu, cheio de espanto. - Será possível que seja miss Vernon, em semelhante lugar, a semelhante hora, num país tão entregue à violência e num...

- E num trajo tão masculino, ia o senhor a dizer? Mas que quer: afinal, a filosofia do excelente sargento Nym (1) é a melhor. Deixemos seguir as coisas como puderem, pouca verba.

Quando ela falava, aproveitei com alvoroço um momento em que a lua projectava uma claridade mais viva para examinar o aspecto do seu companheiro: pois facilmente se compreende que o encontro que acabava de fazer com miss Vernon num local tão solitário, e a realizar uma viagem tão perigosa sob a protecção de um homem só, era uma circunstância capaz de provocar em mim tanto ciúme como surpresa. O cavaleiro não tinha a voz melodiosa de Rashleigh, tinha-a mais forte e mais imperiosa, também me pareceu mais alto, embora estivesse a cavalo, do que o objecto do meu ódio e das minhas suspeitas.

Tão-pouco se assemelhava a qualquer dos meus outros primos, porque o seu tom e as suas maneiras tinham um não sei quê de intraduzível que, às primeiras palavras, denunciava um homem de espírito e de educação superiores.

Aquele que era objecto do meu exame parecia querer furtar-se-lhe.

- Diana, - disse ele, num ar em que a ternura se misturava com a autoridade -, dê a seu primo o que lhe pertence, e não nos demoremos mais tempo.

Miss Vernon tirou uma carteira de baixo da capa e, debruçando-se para mim, disseme num tom que mal disfarçava um sentimento mais sério e mais profundo: - Como vê, meu caro primo, fui destinada a ser o seu anjo tutelar. Rashleigh foi obrigado a largar a sua presa, e se tivéssemos chegado a noite passada à aldeia de Aberfoil, como nos propúnhamos, teríamos encontrado algum silfo montanhês que se encarregaria de Lhe entregar estes sinais representativos da riqueza comercial. Mas havia no caminho gigantes e dragões.

- Diana, - disse o seu companheiro -, lembre-se de que a noite avança, e que ainda estamos longe de chegar.

- Vou já, senhor, - disse ela -, vou já.

*(1) Personagem do drama Henrique I, de Shakespeare.

Lembre-se de que ainda há pouco tempo estou submetida a uma outra vontade que não seja a minha. Aliás, ainda não entreguei os papéis a meu primo e preciso de lhe fazer as últimas despedidas. Sim, Frank, as minhas últimas despedidas! Há um abismo intransponível entre nós. É-lhe proibido seguir-nos aonde vamos, participar do que vamos fazer. Adeus! Seja feliz!

Curvara-se sobre o seu cavalo, que era um pequeno poney montanhês, nessa atitude, o seu rosto roçou o meu num movimento que não foi talvez absolutamente involuntário, apertou-me a mão, e uma lágrima, escapando-se-lhe dos olhos, veio cair na minha face. Foi um daqueles momentos que nunca mais se podem esquecer, um daqueles momentos cuja inexprimível amargura se mistura com uma sensação de felicidade tão penetrante e tão viva que o coração é obrigado a aliviar pelas lágrimas as comoções que o enchem.

Não foi uma fria indiferença, mas uma espécie de espanto, que me impediu de responder àquele adeus de miss Vernon. Quis pronunciar essa palavra, mas ela expirou-me nos lábios.

Interdito, desesperado, fiquei sem movimento, tendo na mão o pacote que ela me entregara. E vendo-os afastar-se, de olhar fixo e como se quisesse contar as centelhas que faiscavam sob as patas dos seus cavalos, eu parecia contemplá-los ainda por muito tempo depois de ter deixado de os ver e de os ouvir, e ainda apurava o ouvido ao ruído da sua marcha quando ele já não podia chegar até mim.

Por fim, fatigados dos esforços que eu fazia para avistar os objectos que já não podiam descobrir, os meus olhos principiaram a molhar-se de lágrimas. Limpei-os maquinalmente, porque mal as sentia correr, o meu peito sufocava, a minha garganta estava cerrada por aquela sufocação nervosa que é a hysterica passio do pobre rei Lear (1). Sentei-me à beira do caminho e verti uma torrente de lágrimas, as mais amargas que correram dos meus olhos desde a minha infância.

*(1) Drama de Shakespeare.

CAPÍTULO XXXIV

O SEGREDO DE SUA EXCELÊNCIA

«Dangle»: Meu Deus! Creio que, dos dois, é o intérprete o mais difícil de compreender.

«Crítica», de SHERIDAN

Mal me abandonara àquele excesso de sensibilidade, já me sentia envergonhado da minha fraqueza. Recordei-me de que já havia algum tempo que tentava considerar Diana Vernon, quando a sua imagem se apoderava subtilmente das minhas recordações, como sendo uma amiga a quem não deixaria de desejar ardentemente a felicidade, mas com a qual não devia ter senão muito pouco contacto. Mas aquela ternura de que as suas maneiras se revestiam e que ela mal tentava ocultar, o que havia de súbito e de romanesco naquele encontro tão inesperado, foram circunstâncias que me puseram inteiramente fora de mim. Refiz-me, porém, mais depressa do que o poderia julgar.

Prosseguir no meu caminho pela única estrada que me estava aberta não era desobedecer às ordens que ela acabava de me dar de uma forma tão tocante, disse eu para comigo. Embora tivesse recuperado os papéis de meu pai, era sempre para mim uma obrigação ver o senhor Jarvie salvo da situação perigosa em que se colocara para me ser útil, aliás, em que outro local podia eu esperar encontrar uma guarida para essa noite, a não ser na pequena estalagem de Aberfoil? Eles também deviam deter-se ali, visto ser impossível a viajantes a cavalo ir mais longe. Pois bem, ainda nos veríamos mais uma vez! Talvez fosse a última, mas, ao menos, vê-la-ia, ouvi-la-ia ainda, saberia quem era o feliz mortal que exercia sobre ela a autoridade de marido.

Raciocinando assim, procurava colorir, com os pretextos mais plausíveis que a minha imaginação podia encontrar, o vivo desejo de tornar a ver minha prima e falar-lhe mais uma vez, quando, de repente, senti tocarem-me no ombro.

Era um montanhês que marchava ainda mais depressa do que eu, embora o meu passo fosse bastante rápido. Abordou-me com estas palavras: - Que bela noite, senhor Osbaldistone!... Não é a primeira vez que nos encontramos na escuridão.

Reconheci logo a voz de Mac Gregor, que escapara à perseguição dos seus

inimigos e ia reunir-se aos seus partidários. Também arranjara maneira de obter armas, sem dúvida em casa de algum amigo secreto, porque levava uma espingarda ao ombro e à cinta as armas peculiares dos montanheses. A companhia deste chefe proscrito causou-me um grande prazer, devido à diversão que ela devia proporcionar aos penosos pensamentos que me assediavam. Eu tinha esperança de que ele pudesse dar alguma indicação que me guiasse no labirinto em que a fatalidade me metera. Respondi-lhe, portanto, com cordialidade e felicitei-o por ter conseguido escapar-se em circunstâncias em que a evasão parecia impossível.

- Bem, - respondeu ele -, há tanta distância entre a corda e o pescoço como entre o copo e os lábios. Mas o perigo era menor do que o senhor julga, o senhor que é estrangeiro. Dos que se reuniram para me prender, guardar e recapturar, havia metade que não tinha vontade alguma, nem de me prender, nem de me guardar, nem de me recapturar, e a outra metade não ousaria aproximar-se de mim.

- Parece-me que ainda havia bastantes.

- Não sei, mas o que lhe posso dizer é que todos os que me querem mal não têm senão que reunir-se no relvado da aldeia de Aberfoil, e eu me encarregarei de responder a todos, um após outro, de sabre e escudo na mão.

Perguntou-me o que me sucedera desde a minha entrada nas montanhas, e riu-se com gosto da narrativa que lhe fiz do combate que sustentáramos na estalagem e das façanhas do bailio com o seu ferro em brasa.

- Vivam os burgueses de Glasgow! - exclamou ele. - Que a maldição de Cromwell recaia sobre mim, se eu não desejaria ver um espectáculo tão divertido como o que devia oferecer o meu primo Nicol Jarvie, ao grelhar o gabão de Inverach, com a relha do arado, como se fosse uma cabeça de carneiro.

Mas - ajuntou ele, com mais gravidade -, é um sangue nobre que corre nas veias do meu primo Jarvie. O senhor pode agora imaginar o motivo que me impediu de recebê-lo em Aberfoil, como me propunha. Tinham-me estendido uma bonita rede durante dois ou três dias que passei em Glasgow por causa de assuntos do rei... Mas creio que quebrei a liga de tal maneira que não lhes será fácil amotinar um clã contra outro como fizeram.

Espero ver em breve o dia em que os montanheses marcharão todos sob a mesma bandeira. Mas que lhe sucedeu depois?

Contei-lhe a chegada do capitão Thornton e do seu destacamento e como o bailio e eu fomos detidos como suspeitos. As perguntas que Mac Gregor me fez a este respeito recordaram-me ter ouvido dizer ao oficial que tinha ordem de

prender um homem de certa idade e um jovem, o que correspondia bastante aos nossos sinais.,Este pormenor excitou de novo o bom humor do proscrito.

- Pelo pão que nutre o homem! - disse ele. - Os parvos tomaram o meu amigo bailio por Sua Excelência, e o senhor por Diana Vernon... Oh! Que excelentes aves de rapina!

- Miss Vernon - indaguei, a hesitar e a tremer de ouvir a resposta -, usa o seu apelido?... Ainda não há muitos instantes que ela passou aqui com um homem que parecia ter sobre ela um tom de autoridade.

- Sim, sim, - respondeu Rob -, ela agora está sob o jugo de autoridade legítima. É pena que Sua Excelência não seja mais novo. Um companheiro como o senhor ou como o meu filho Hamish fariam melhor liga com ela sob o aspecto da idade.

Aqui se desmoronaram, pois, todos os castelos de cartas que a minha imaginação, em despeito da minha razão, se comprazia muitas vezes em construir. Eu não devia esperar outra coisa, visto não me permitir supor que Diana viajasse em semelhante país e a semelhante hora com outro que não fosse quem tivesse um título legal para a proteger.

- O senhor sofre - disseme ele, por fim, depois de me ter dirigido por duas vezes a palavra sem receber resposta. - As fadigas deste dia foram demasiado fortes para si, que provavelmente não está habituado a semelhantes coisas.

O tom de interesse com que ele pronunciou estas palavras fez-me voltar a mim e recordou-me a minha situação, e continuei a minha narrativa o melhor que pude. Rob Roy exteriorizou uma alegria triunfante pelo êxito da escaramuça que se travara no desfiladeiro.

- Diz-se - comentou ele -, que a palha do rei vale mais do que o trigo dos outros, mas não creio que se possa dizer o mesmo dos soldados do rei, quando eles se deixam bater por fracos velhos, por crianças que ainda não estão em idade de usar armas e por mulheres armadas dos seus fusos e rocas, em suma, pelo rebutalho do país... E Dougal! Quem havia de supor tão bom senso sob aquela crina eriçada e naquele crânio que parece tão espesso? Mas continui, embora eu quase receie ouvir o resto, porque a minha Helena é o diabo em pessoa quando lhe ferve o sangue... Pobre mulher... ela tem mais do que razão!

Contei-lhe, tão delicadamente quanto possível, os tratos que recebêramos, e vi que estes pormenores lhe causavam vivo desagrado.

- Daria mil marcos para estar entre os meus! - exclamou ele.

- Tratar assim os estrangeiros, e sobretudo o meu próprio primo, um homem que me prestou tantos serviços!... Preferia que, na sua cólera, tivessem queimado

metade do condado de Lennox. Mas veja o que é a gente fiar-se em mulheres e crianças, não imprimem aos seus actos, nem prudência, nem razão. Afinal, tudo isso provém daquele cão do aduaneiro que me traiu, ao levar-me uma suposta mensagem de seu primo Rashleigh, convidando-me a ir ao seu encontro para tratar de assuntos do rei, e parecia-me muito provável que ele estivesse com Garschattachin e outras pessoas do condado de Lennox, que se devem declarar pelo rei James. Mas, palavra, quando soube que o duque estava lá, vi que fora traído...

Nunca esquecerei o ar estúpido de Morris, quando ele me ouviu ordenar que o guardassem como refém até ao meu regresso.

Agora, sempre quero saber como o aduaneiro se tirou de apuros,,, e não foi sem resgate, iria jurá-lo.

- Já pagou o último resgate que um homem pode pagar.

- Quê? morris?... Morreu, então, na escaramuça?...

- Não, senhor Campbell, foi morto a sangue-frio depois do combate.

- A sangue-frio? Maldição! - murmurou ele, cerrando os dentes. - Como se passou isso?

As suas paixões parecia terem chegado a um violento grau de irritação, mas, sem parecer notar a rudeza do seu tom, descrevi-lhe claramente, em poucas palavras, a morte de Morris. Batendo no chão, violentamente, com a coronha da espingarda, exclamou: - Juro por Deus que semelhante acção é capaz de me fazer abandonar mulher, filhos, parentes, clã e pátria... E, no entanto, há muito tempo que esse miserável o merecia... Que diferença há, afinal, entre ser lançado à água com uma pedra ao pescoço ou ser suspenso no ar por uma corda?.É sempre ser asfixiado, e ele não teve senão a sorte que me preparava. No entanto, gostaria mais que lhe metessem uma bala no corpo, ou que o despachassem com uma punhalada, porque a maneira como o fizeram perecer há-de dar que falar por muito tempo... Mas, cada um tem a sua hora marcada, quando ela soa, é preciso morrer. E, pelo menos, ninguém negará que Helena vingou injúrias mortais.

Após estas palavras, pareceu querer arredar inteiramente aquele assunto, e perguntou-me como me escapara das mãos da tropa, no meio da qual me tinha visto.

A minha história não foi longa, e acabei por lhe dizer de que maneira recuperara os papéis de meu pai, sem contudo me atrever a pronunciar o nome de Diana.

- Tinha a certeza de que o senhor os reaveria - disse Mac Gregor. - A carta

que me trouxe exprimia a vontade de Sua Excelência a esse respeito e o meu intuito era, evidentemente, contribuir para que lhos restituissem. Foi com esse objectivo que o convidei a vir às montanhas, mas parece que Sua Excelência encontrou Rashleigh mais cedo do que eu esperava.

A primeira parte desta resposta foi o que mais me chocou.

- A carta que eu lhe trouxe era então dessa pessoa a quem o senhor chama Sua iExcelência?... Quem é essa pessoa? Qual é a sua categoria?,E o seu nome?

- Se não o sabe, pouco importa que não lho diga, por isso nada Lhe direi. Mas garanto-lhe que a carta era da sua mão, pois, de contrário, estando eu a contas com assuntos pessoais, como o vê, confesso que pouco me inquietaria com os seus.

Lembrei-me, nesse momento, das luzes que vira na biblioteca, as várias circunstâncias que tinham excitado o meu ciúme, a luva, o reposteiro a estremecer na passagem secreta que conduzia aos aposentos de Rashleigh, recordei-me, principalmente, de que Diana se retirara para escrever, como o supus então, o bilhete ao qual recorreria em última extremidade. Os seus momentos não eram, pois, consagrados à solidão mas a receber as confidências de algum agente de intrigas jacobitas, que vivia secretamente em casa de seu tio!

Vê-la-ei, pensei eu. Vê-la-ei ainda uma vez, se for possível, falar-lhe-ei, como amigo, como parente, sobre os perigos que ela corre e facilitar-lhe-ei a retirada para França, onde poderá esperar o remate dos movimentos que a intriga política à qual ligou o seu destino procúra provavelmente excitar.

- Devo concluir então - disse eu a Mac Gregor, após alguns minutos de silêncio -, que Sua Excelência, visto o senhor mo fazer conhecer por esse título, residia no castelo de Osbaldistone ao mesmo tempo que eu.

- Certamente, e nos aposentos da jovem, como era natural. - Pareceu-me que, com esta informação gratuita, ele tinha prazer em agravar o meu tormento. - Mas, - ajuntou Mac Gregor - poucas pessoas sabiam que ele estava lá em casa, excepto Rashleigh e sir Hildebrando, pois não podiam contar consigo, e os outros jovens não tinham espírito suficiente para impedir o gato de se aproximar do creme. Sabe, aquilo é uma bela casa dos tempos antigos. O que eu lá mais admiro é o número de lugares secretos, de passagens e de esconderijos...

Poder-se-ia lá esconder vinte ou trinta homens, que toda uma família que fosse viver no castelo passaria oito dias sem os notar, o que certamente, em determinadas ocasiões, tem as suas vantagens.

- Suponho que Sua Excelência teve conhecimento do primeiro acidente sucedido a... Não pude deixar de hesitar antes de pronunciar aquele nome.

- A Morris, quer o senhor dizer? - acrescentou Roy -, Muita vez me ri com

gosto, ao pensar nessa partida, mas já não tenho mais coragem para isso, depois do estúpido acidente do lago...

Não, não, Sua Excelência nada sabia dessa conjura... Foi uma coisa combinada entre mim e Rashleigh... Mas o seguimento é que foi engraçado! Primeiro, esse ardil de Rashleigh se desembaraçar da suspeita fazendo-a recair sobre o senhor, depois, miss Diana que destruiu uma trama tão bem urdida e o arranca às garras da justiça, esse poltrão do Morris, apavorado até perder a cabeça, ao ver aparecer o verdadeiro culpado no momento em que acusava o inocente estrangeiro, o imbecil do escrivão, o bêbado do juiz... Oh! Oh! Ri-me à farta algumas vezes!... Agora, tudo o que posso fazer pelo pobre diabo é mandar dizer algumas missas para repouso da sua alma.

- Posso perguntar como se concebe que miss Vernon tivesse bastante influência sobre Rashleigh e seus cúmplices para desmanchar o seu plano?

- O meu plano? Não era meu. Ninguém me pôde nunca acusar de lançar o meu fardo nos ombros de outro. Foi Rashleigh quem imaginou tudo aquilo... Mas, é verdade que ela tinha muita influência sobre nós por causa da afeição de Sua Excelência por ela, e além disso também por ela estar iniciada em muitos segredos que seria perigoso comprometer com um acto daquele género... O diabo é confiar um segredo a uma mulher, ou dar-lhe uma autoridade de que ela possa abusar! - exclamou ele. - Não se deve meter o pau ferrado na mão de um louco.

Não estávamos a mais de quarto de milha da aldeia, quando três montanheses se precipitaram sobre nós, ordenando-nos que parássemos e disséssemos o que procurávamos.

A simples palavra Gregarach, pronunciada pela voz forte e imponente do meu companheiro, foi acolhida por aclamações, ou, para melhor dizer, por urros de surpresa e alegria. Um deles, deixando cair a sua espingarda no chão, abraçou tão estreitamente os joelhos do seu chefe, que este não pôde desembaraçar-se, e murmurava em gaélico uma torrente de felicitações, elevando de vez em quando a voz até um grito de regozijo. Acalmado este primeiro movimento de alegria, dois destes montanheses partiram, com a velocidade de um gamo, a fim de levarem à aldeia de Aberfoil, onde se encontrava um forte destacamento dos Mac Gregor, a feliz notícia da libertação e do regresso de Rob Roy. Ali foi recebida com transportes e brados de contentamento, que ecoaram nos rochedos e nas montanhas. Jovens e velhos, homens, mulheres, crianças, acorreram com a impetuosidade de uma torrente.

Quando ouvi o ruído tumultuoso e os brados daquela multidão exaltada que se aproximava, julguei dever tomar a precaução de recordar a Mac Gregor que

era estrangeiro e estava sob a sua protecção. Logo ele me segurou pela mão, enquanto a turba se aglomerava em sua volta com manifestações de amizade e regozijo que tinham realmente qualquer coisa de enternecedor, todos se esforçavam àvidamente por tocar a mão do chefe, mas ele não a apresentou a ninguém antes de lhes ter explicado que eu era um amigo, e que devia ser tratado com respeito e consideração.

Uma ordem do sultão de Delhi não poderia ser mais prontamente executada, e a benevolência deles ameaçou tornar-se tão incómoda como o poderia ter sido a sua rudeza.

Não podiam suportar que o amigo do seu chefe se servisse das suas pernas, de tal modo se apressaram a oferecer-me a sua ajuda e os seus braços para facilitarem a minha marcha. Por fim, aproveitando-se de um passo em falso que uma pedra me fizera dar, não me permitiram evitar que se apoderassem de mim, de repente, e me levassem em triunfo até casa da senhora Mac Alpine.

À nossa chegada diante do tugúrio hospitaleiro percebi que o poder e a popularidade tinham os seus inconvenientes nas montanhas, tal como em outra parte qualquer, porque antes que Mac Gregor pudesse entrar na casa onde devia encontrar o repouso e o alimento de que necessitava, foi obrigado a contar a história da sua evasão pelo menos uma dúzia de vezes.

Satisfeito o auditório, retiraram-se os grupos uns após outros, para irem dormir, ao ar livre uns e nas cabanas vizinhas, outros.

O «out-law» meu amigo, tomando-me então pelo braço, fez-me entrar na choupana através de uma atmosfera enfumarada. Os meus olhos tentaram descobrir Diana e o seu companheiro, mas não os viram. A única cara conhecida que encontrei foi a do bailio, que, sentado num tamborete junto do lume, recebeu com uma espécie de dignidade e de reserva o acolhimento cordial que lhe fez Rob Roy, as suas desculpas pela maneira incómoda como fora obrigado a recebê-lo e as suas perguntas sobre a sua saúde.

- Vai-se andando menos mal, primo, muito obrigado.

Quanto à maneira como se está aqui, é preciso a gente conformar-se, não se pode trazer connosco a casa de Salt Marcket, quando se viaja, como o caracol leva às costas a sua casa. Além disso, estou encantado por o senhor se ter livrado das mãos dos seus inimigos.

- Pois bem, que o preocupa então? Tudo está bem, quando acaba bem. Vamos, tome um copo de aguardente, seu pai o diácono bebia-a de boa vontade algumas vezes.

- Talvez, sobretudo quando estava fatigado, e sabe Deus quanto eu tenho

hoje a minha parte em fadigas de toda a espécie. Mas, - continuou ele, enchendo lentamente uma pequena medida de madeira que poderia levar uns três copos -, era um homem muito sóbrio em questões de bebida, como eu próprio o sou... À sua saúde, Robin - bebeu -, e à saúde da minha prima Helena e dos seus dois mocetões, dos quais lhe quero falar mais tarde.

Engoliu o conteúdo da medida com muita gravidade e importância, enquanto Mac Gregor, sorrindo, me lançava um olhar de soslaio, como que para chamar-me a atenção para o ar de superioridade e autoridade magistral que o bailio tomava ao conversar com ele.

Só quando pousou o copo em cima da mesa é que o bailio me reconheceu. Felicitou-me cordialmente pelo meu regresso, mas não entrou, nesse momento, em explicações comigo.

- Mais tarde trataremos dos seus negócios - disse ele. - Temos que principiar, primeiro, pelos de meu primo. Suponho, Robin, que não há aí ninguém que possa ir contar nada do que lhe vou dizer ao conselho da cidade ou algures, em meu prejuízo e no seu?

- Pode estar descansado a esse respeito, primo Nicol.

- Pois bem, primo, visto que assim é, e que o senhor Osbaldistone é um jovem prudente e um amigo seguro, dir-lhe-ei francamente que o senhor está a educar a sua família para um péssimo ofício. - Tossiu duas ou três vezes, a aclarar a voz.

- O primo sabe perfeitamente que não está lá muito bem com a justiça, e quanto à minha prima Helena, apesar do acolhimento que me fez neste dia bem-aventurado - e que eu desculpo devido à perturbação do seu espírito - não ter sido nada amistoso, pondo de lado esse caso pessoal de queixa, dir-lhe-ei de sua mulher que...

- Não diga nada, primo, - atalhou Rob num tom grave e severo -, nada que um amigo não possa dizer e que um marido não possa ouvir. Quanto ao que me diz respeito, permito-lhe que fale à sua vontade.

- Pois bem - disse o bailio, um pouco desconcertado -, passemos a esse capítulo. Aliás, eu não aprovo que se procure fomentar a desunião nas famílias. Mas, voltando aos seus dois filhos Hamish e Robin, o que, segundo depreendi, significa James e Robert, e, entre parêntesis, espero que de futuro lhes dê estes últimos nomes, porque nunca se conheceu nada de bom desses Hamish, Eachine, Angus, etc., etc., a não ser que são nomes que se encontram sempre em todos os processos judiciais do Oeste, por furtos de vacas, etc., etc, mas, como lhe dizia, ao falar dos seus dois filhos, eles não só não receberam os princípios de uma educação liberal, como nem mesmo conhecem a tabuada da multiplicação, que é a raiz de todos os conhecimentos úteis, e não fazem senão rir e troçar de mim quando lhes digo o que

penso da sua ignorância. Eu acreditaria realmente que eles não soubessem ler, nem escrever, nem contar se se pudesse crer que, fosse possível ter parentes tão ignorantes num país cristão.

- Palavra, - respondeu Mac Gregor, com a maior indiferença -, se eles soubessem alguma coisa de tudo isso, é porque tinham aprendido sozinhos, porque, onde diabo havia de Lhes arranjar mestres? Queria o senhor que eu fosse afixar à porta da aula de teologia do colégio de Glasgow: Preceptor, precisa-se para os filhos de Rob Roy?

- Não, primo, mas podia mandar os seus rapazes para onde eles aprendessem o temor de Deus e os costumes de gente civilizada. Estão tão ignorantes como os bois que o senhor costumava levar ao mercado.

- Acha? Hamish é capaz de abater um pássaro a voar com uma espingarda carregada com uma só bala e Rob atravessa com o punhal uma prancha da grossura de duas polegadas.

- Tanto pior para eles, primo, tanto pior para eles - respondeu o negociante de Glasgow, num tom cortante. - E, se não sabem mais do que isso, mais Lhes valeria não saberem absolutamente nada. Diga-me, Rob, como se arranjou o senhor por saber servir-se tão bem da espingarda, da espada e do punhal? Não era muito mais feliz, quando conduzia à sua frente os rebanhos de gado e exercia uma profissão honesta, do que o é agora à cabeça dos seus velhacos montanheses?

Notei que Mac Gregor, enquanto o seu parente lhe falava daquela maneira, decerto com bons intuitos, se agitava em todos os sentidos, e que a contracção do seu rosto e dos seus membros denunciava um homem que sofre uma dor violenta, mas que está resolvido a não deixar escapar nem um gemido.

- Pensei, pois, - continuou o bailio -, que, como o senhor está muito mal nos papéis da justiça para ter esperança num perdão, e já está muito velho para mudar de vida, e como seria realmente pena criar esses dois rapazes tão esperançosos num ofício censurável como o seu, pensei, disse eu, tomá-los como aprendizes de tecelão, por onde eu próprio comecei, tal como meu pai o diácono, embora, graças a Deus, agora só faça comércio por atacado.

Nesta altura, vi a fronte de Rob cobrir-se de nuvens, o que provavelmente levou o bailio a ajuntar, como paliativo, o que reservava para coroar a sua generosidade, no caso da sua primeira proposta ser recebida com prazer:.

- Eh, Robin, meu rapaz, não é preciso apresentar um ar tão sombrio, porque pagarei todas as despesas da aprendizagem, e nunca Lhe pedirei nem um ceitil dos mil marcos que me deve.

- Ceade millia diaoul! Com cem mil diabos! - exclamou Rob, levantando-se e começando a percorrer o compartimento a grandes passos. - Meus filhos tecelões! Milia molligheart! Mil vezes mortos! Antes queria ver todos esses ofícios de Glasgow, com as dobadouras, os cilindros e as lançadeiras, no meio do fogo dos infernos!

Tive certa dificuldade em fazer compreender ao bailio, que já se preparava para responder, que se arriscava a melindrar seriamente o nosso hóspede, insistindo naquele assunto. !Ele deteve-se, porém, e Mac Gregor retomou ou pareceu retomar a sua serenidade.

- Afinal, as suas intenções são boas e eu agradeço-lhas, portanto, dê-me cá a mão, Nicol, e se alguma vez puser os meus filhos em aprendizagem, o senhor terá a preferência. Agora, como o senhor diz, temos o caso dos mil marcos a resolver. Eh, Eachin Mac Analeister, traze a minha bolsa!

O indivíduo a quem ele se dirigiu, um montanhês alto e forte, que parecia proceder na qualidade de lugar-tenente de Mac Gregor, trouxe uma espécie de saco de pele de lontra, enriquecido por ornamentos e placas de prata, e semelhante aos que os chefes da região levam à sua frente, quando estão em trajo de gala.

- Não aconselho ninguém a abrir este saco sem lhe conhecer o segredo - disse Rob Roy, depois, movendo e puxando uma complicação de molas, o saco, cuja boca estava guarnecida de placas de prata, abriu-se por si e permitiu-lhe meter a mão.

Fez-me notar que estava oculta uma pequena pistola de aço no saco, e que o gatilho daquela arma, estando habilmente ligado às molas, não havia dúvida alguma de que alguém que não conhecesse o segredo faria disparar a pistola de maneira a ser atingido pela carga. - Eis - disse ele, mostrando-me essa arma -, o guarda da minha bolsa particular, Aquela invenção mecânica, destinada a fechar um saco de pele que era fácil de cortar sem tocar no fecho, lembrou-me os versos da Odisseia, em que Ulisses, em séculos mais atrasados, julgava os seus tesouros seguros, cercando os cofres que os encerravam com uma infinita complicação de nós de cordas.

O bailio pôs os óculos para examinar a mola, e, quando acabou, devolveu-lhe o saco, sorrindo, mas sem poder conter um suspiro.

- Ah, Rob! - disse ele. - Se todas as bolsas tivessem estado tão bem guardadas como esta, duvido de que a sua estivesse tão cheia como parece, a avaliar pelo peso.

- Não se inquiete com isso, primo - respondeu Rob, a rir. - Em caso de necessidade, estará sempre aberta para um amigo e para pagar uma dívida legítima. Olhe, - ajuntou, tirando um rolo de moedas de ouro -, aqui tem os seus mil marcos, examine-os e veja se a conta está certa.

O senhor Jarvie pegou no dinheiro, em silêncio, e sopesou-o, por momentos na sua mão, depois, pousou-o em cima da mesa e disse: - Rob, não sou capaz de o guardar, não, não quero tocar nesse dinheiro, dar-me-ia azar, parece-me que nesse ouro há manchas de sangue.

- Ora, ora! - disse o proscrito, afectando uma indiferença que talvez não experimentasse realmente. - É bom ouro de França, e que nunca esteve no bolso de um Escocês antes de entrar no meu. Veja-os, primeiro, são bonitos e bons luíses de ouro, tão brilhantes como no dia em que foram cunhados.

- Pior ainda, pior ainda, Robin - dísse o bailio, desviando os olhos do rolo. - A rebelião é pior do que a feitiçaria e o roubo, segundo um preceito do Evangelho.

- Deixemos o preceito, primo, - respondeu o chefe montanhês -, este ouro chega às suas mãos de uma maneira honesta, visto ser o pagamento de uma dívida legítima. Vem de um rei, e o senhor pode, se assim lhe parecer, dá-lo a outro, isso servir-lhe-á para enfraquecer o inimigo. Ao pobre rei James não faltam nem coração nem amigos, mas duvido de que tenha muito dinheiro.

- Então, pouco deve contar com os montanheses - disse o senhor Jarvie, tornando a pôr os óculos no nariz. E, desmanchando o rolo, começou a contar o dinheiro.

- Nem com os habitantes das terras baixas - acrescentou Mac Gregor, franzindo o sobrolho e lançando um olhar, primeiro para mim, depois para o senhor Jarvie, que, sem reparar no ridículo em que caía, pesou escrupulosamente cada moeda, segundo o seu hábito.

O bailio, depois de ter contado por duas vezes a importância que constituía o pagamento da dívida, em capital e juros, entregou a Rob Roy três moedas para comprar um vestido a sua prima, disse ele, e mais duas para os filhos, deixando-lhes a liberdade de comprarem o que lhes agradasse, excepto pólvora, evidentemente. Perante esta generosidade inesperada, o montanhês fixou seu primo com espanto, mas aceitou-lhe o presente, agradeceu-lho e meteu as cinco moedas no lugar seguro de onde as tirara.

O bailio sacou então do documento original que Rob Lhe passara daquela importância, nas costas do qual escreveu um recibo em regra, que assinou, e que me pediu para assinar também como testemunha. Fiz o que ele desejava, e o senhor Jarvie relanceou os olhos ansiosos em sua volta, como que a procurar mais alguém, pois a lei escocesa exigia a assinatura de duas testemunhas para dar por válido um termo de quitação.

- Excepto nós, - disse Rob -, ser-lhe-á difícil encontrar, em três milhas em redor, um homem que saiba escrever, mas eu tenho uma maneira fácil de concluir um negócio.

E tirando o papel das mãos do seu parente, lançou-o ao lume.

Coube a vez ao senhor Jarvie de abrir um olhar de espanto.

- Eis como se regulam as contas nas montanhas - prosseguiu seu primo. - Se eu guardasse um papel deste género, quem sabe, primo, se não viria algum dia em que os seus amigos pudessem ser comprometidos por causa das suas relações comigo?

O bailio não tentou responder a este argumento, e a seguir serviram-nos uma ceia em que reinava uma abundância e uma delicadeza de surpreender em semelhante lugar,,Mac Gregor fazia as honras da sua mesa, com a mais solícita hospitalidade, apresentou-nos desculpas por certo pastelão já vir encetado antes de nos ser servido.

- É preciso que saiba - disse ele ao senhor Jarvie, sem olhar para mim -, que os senhores não são os únicos hóspedes que Mac Gregor teve que receber esta noite, e acreditá-lo-á sem custo, porque, se não fosse esse motivo, minha mulher e meus filhos estariam aqui, como mandava o seu dever.

Pareceu-me ler no rosto do senhor Jarvie que ele não estava nada aborrecido por essa circunstância os reter algures, e eu seria absolutamente da mesma opinião, se não julgasse depreender das desculpas de Rob Roy que os hóspedes de quem ele queria falar eram Diana e o seu companheiro, a quem eu não podia decidir-me a dar o nome de seu marido.

Enquanto estas ideias desagradáveis, em despeito do bom acolhimento e do excelente banquete do nosso anfitrião, me faziam desaparecer o apetite, notei que Rob Roy levava a sua delicadeza até ao ponto de nos proporcionar leitos melhores do que aqueles que tivéramos a noite anterior. Os dois catres menos maus que estavam ao longo das paredes do pardeeiro foram cheios de mato fresco, então em plena flor, tão artisticamente arranjado que as flores, achando-se ao de cima, ofereciam um leito simultaneamente mole e perfumado. Mantas e cobertas estendidas sobre aquele colchão vegetal tornavam-no mais fofo e mais quente. O bailio parecia exausto, resolvi adiar para o dia seguinte as comunicações que tinha a fazer-lhe.

Embora eu próprio estivesse esfalfado, não experimentava a mesma disposição para o sono, porque era presa de uma espécie de agitação inquieta que se assemelhava à febre. Continuei a conversar com Mac Gregor.

CAPÍTULO XXXV

A CERTEZA DO BOM E DO MAU

Uma dor sem esperança obscureceu o meu destino, recebi o último olhar dos seus olhos divinais, ouvi os últimos sons da sua querida voz, vi desaparecer para sempre aquele ser encantador; o meu destino está concluído.

CONDE BASIL

- Não sei o que lhe hei-de fazer, senhor Osbaldistone - disse Mac Gregor, passando-me a garrafa. - O senhor não come, parece não ter sono e, contudo, não bebe, embora esta garrafa de Bordéus seja tão boa como se saísse das próprias caves de sir Hildebrando. Se o senhor foi sempre tão sóbrio, bem podia escapar ao ódio mortal de seu primo Rashleigh.

- Se eu tivesse sido sempre prudente, - disse eu, corando, ao recordar a cena que ele evocava -, teria escapado a uma desgraça ainda maior, às recriminações da minha consciência.

Mac Gregor lançou-me um olhar sombrio e penetrante, que parecia querer adivinhar se a censura que eu dirigia a mim próprio não lhe seria destinada. Reconheceu que não pensava senão em mim e voltou-se para o lado do lume, soltando um profundo suspiro, imitei-o e ficámos ambos, durante alguns minutos, absortos num pungente devaneio. Tudo dormia, ou, pelo menos, parecia dormir na choupana, excepto nós.

Mac Gregor foi o primeiro a quebrar o silêncio.

- Meu primo Nicol tem boas intenções, - disse ele -, mas, por vezes, tem falta de compreensão do meu carácter e da minha situação especial, esquece o que fui, o que me obrigaram a ser e, sobretudo, as circunstâncias que fizeram de mim o que sou.

Calou-se.

- Teria muita satisfação em saber - disse eu -, que havia para si alguma probabilidade honrosa de sair desta situação.

- O senhor fala como uma criança - replicou Mac Gregor, em tom surdo que lembrava o ribombar distante do trovão. - Sim, como uma criança que julga que o velho roble nodoso se pode endireitar tão facilmente como o arbusto jovem. Posso eu esquecer que fui atingido pela proscrição, apontado como traidor, que puseram a minha cabeça a prémio como a de um lobo, que minha família foi

tratada como a raposa da montanha e seus filhotes, que todos a podem atormentar, insultar, degradar, vexar, que até o meu próprio nome, que recebi de uma longa série de antepassados guerreiros, me é proibido usar, como se fosse um talismã para evocar o demónio?

Quando ele assim falava, vi claramente que não pretendia senão exaltar a sua imaginação com a inumeração dos seus agravos, a fim de exasperar o seu ressentimento e justificar a seus próprios olhos o género de vida para que fora arrastado.

E conseguiu-o perfeitamente.

- Pois bem, havemos de ver! - disse ele no mesmo tom surdo.

- Havemos de ver que este nome proscrito, que o nome de Mac Gregor é realmente um talismã que pode sublevar os infernos.

Os que escutam com ouvido desdenhoso a narrativa das afrontas que me têm sido feitas, hão-de tremer ao ouvirem a narrativa da minha vingança. O mísero negociante de gados montanhês, falido, caminhando descalço, despojado de tudo, desqualificado, perseguido como uma fera, cairá sobre aqueles cuja cobarde avareza não se limitou a apoderar-se de tudo o que restava, e essa mudança será terrível. Mas, para que falar disto? - disse ele, num tom mais calmo. - O senhor Osbaldistone não se deve admirar de que a minha paciência esteja esgotada, quando me vejo caçado em terra e na água como uma lontra, uma foca ou um salmão, e isto por amigos meus e pelos meus próprios vizinhos, armados de sabres e pistolas, como o senhor presenciou hoje no vau de Avondow... Mas há alguma coisa de verdade no que me disse Nicol.

Estou apoquentado com a sorte dos meus filhos. Sinto desgosto, por que Hamish e Robert levem a vida do pai.

E abandonando-se, a propósito de seus filhos, aos seus desgostos, encostou a cabeça à mão e ficou mergulhado num profundo abatimento.

Não te sei dizer, Tresham, até que ponto me senti enternecido. Sempre me comoveu muito mais a dor que experimenta uma alma altiva, enérgica e corajosa, do que aquela a que os espíritos fracos cedem facilmente. Senti um vivo desejo de acalmar o seu sofrimento.

- Temos muitas relações com países estrangeiros - disse eu.

- Não poderiam os seus filhos, com alguma assistência (e eles têm direito a toda que a casa de meu pai possa dispensar-lhes), obter honrosos recursos, entrando ao serviço estrangeiro?

Creio que a minha fisionomia revelava sinais da viva comoção que

experimentava, porque o meu companheiro pegou-me na mão e, detendo-me no momento em que ia prosseguir, disseme: - Muito obrigado, muito obrigado, mas não falemos mais disso. Nunca imaginei que o olhar de algum homem pudesse ver uma lágrima nos olhos de Mac Gregor - E, ao dizer isto, passou as costas da mão pelos longos cílios cinzentos e pelas espessas sobrancelhas ruivas -, Amanhã de manhã, tornaremos a falar e ocupar-nos-emos também dos seus assuntos. Não quer acompanhar-me no último copo?

Recusei o seu convite.

- Pois bem, pela alma do Santo Maronoch, farei companhia a mim próprio.

E despejando cerca de um quartilho de vinho, bebeu-o de um trago.

Deitei-me no meu leito de mato, resolvido a adiar as perguntas que queria fazer-lhe até que seu espírito estivesse mais calmo. Não pude deixar de seguir com a vista todos os seus movimentos durante alguns minutos. Passeou no compartimento, persignando-se de vez em quando e murmurando alguma oração latina da Igreja Católica, em seguida, enrolou-se na sua capa, colocando, de um lado a sua espada, do outro, a sua pistola, de maneira que, ao primeiro rumor, pudesse levantar-se e pegar logo nas armas. Ao cabo de alguns minutos, o ruído da sua respiração anunciou-me que ele dormia profundamente.

Em breve, apesar das inquietações que me agitavam, mergulhei num profundo sono, do qual não saí senão na manhã seguinte.

Quando abri os olhos, já Mac Gregor tinha saído. Acordei o bailio, que, depois de ter bocejado, suspirado e se ter queixado de ainda ter os ossos quebrados devido à excessiva fadiga da véspera, ficou, por fim, em estado de ouvir a feliz nova de que os documentos roubados por Rashleigh Osbaldistone me tinham sido restituídos. Quando pôde compreender-me bem, esqueceu todos os seus males e apressou-se a levantar-se para examinar o conteúdo do pacote, que depus nas suas mãos, e compará-lo com o memorando do senhor Owen.

- Está certo, está certo - dizia ele, falando consigo, ao proceder à verificação. -- É isto mesmo... Bailli & Wittington... Onde está Bailli & Wittington? 700 libras, 6 xelins, 8 dinheiros... Está perfeitamente exacto... Pollock & Peelman, 28 libras, 7 xelins... Confere... Deus seja louvado!... Ah, faltou Shperytongue! Mas são pequenas importâncias, bagatelas e o resto está sólido. Abençoado seja Deus! Achámos o que procurávamos, e nada mais nos retém neste triste país. Nunca mais pensarei em Loch Ard sem sentir arrepios.

- Estou aborrecido, primo - disse Mac Gregor, que entrou nesse momento - de não ter estado em situação de o receber tão bem como desejava, no entanto, se quer condescender em vir visitar a minha pobre moradia?

- Muito obrigado, muito obrigado, - respondeu o senhor Jarvie com precipitação -, mas precisamos de nos meter a caminho imediatamente, o senhor

Osbaldistone e eu... Os negócios não se podem retardar.

- Pois bem, primo, conhece a nossa máxima: «Recebe o hóspede que te chega, não o retenhas quando ele se quiser retirar."

Mas os senhores não podem regressar pelo lago Drymen. Tenho que conduzi-los até à barcaça de OBalloch, no Lah Lomond Mandarei os vossos cavalos pelo caminho terrestre, e lá os encontrarão. É preceito do prudente nunca regressar pelo mesmo caminho, quando há a faculdade de escolher outro.

- Sim, sim, Rob, é uma das máximas que o senhor aprendeu quando conduzia os seus gados, não tendo muita vontade de tornar a ver os fazendeiros a quem o seu gado comia as pastagens, de caminho... Mas receio bem que o seu caminho seja agora mais vigiado.

- Mais uma razão para não passar por lá muita vez. Portanto, enviarei os vossos cavalos à barcaça de OBalloch, por Dougal, que, para isso, se transformará em criado do bailio, vindo, não de Aberfoil, domínios de Rob Roy, mas de uma pacífica excursão a Stirling: compreende porquê?... Olhe, aí o tem.

- Não teria reconhecido a criatura - disse o senhor Jarvie.

Efectivamente, teria sido difícil reconhecer o montanhês selvagem, quando ele apareceu defronte da porta da choupana, com o chapéu, a peruca e sobrecasaca que pertenceram a André Fairservice. Estava montado no cavalo do bailio e conduzia o meu pela arreata. Recebeu as últimas ordens de seu amo, que lhe recomendou que evitasse certos lugares onde podia levantar suspeitas... que recolhesse, tanto quanto possível, notícias durante a viagem, e esperasse a nossa chegada num local indicádo, perto da barca de O'Balloch.

Mac Gregor ofereceu-se-nos para nos acompanhar no trajecto, e advertindo-nos de que seríamos obrigados a percorrer algumas milhas antes de almoçar, aconselhou-nos um copo de aguardente como excelente viático. O bailio fez-lhe companhia, dizendo que era um acto censurável, mas bom contra a humanidade:.. Em casos semelhantes, seu pai, o diácono, aconselhava um copinho e juntava o exemplo ao preceito.

Fortalecido por aquela libação, o bailio subiu para o pequeno cavalo montanhês, ofereceram-me um igual, mas recusei, e retomámos, sob auspícios e com guias bem diferentes, o caminho que tínhamos percorrido na véspera. A nossa escolta compunha-se de Mac Gregor, com cinco ou seis taoutanbeses, dos mais belos, dos mais vigorosos e dos melhor armados da sua tropa, e que eram como que os seus guarda-costas habituais.

Quando nos aproximávamos do desfiladeiro, teatro do combate da véspera e do acto mais horrível que se Lhe seguira, Mac Gregor apressou-se a tomar a palavra, como que para responder às reflexões que supunha deverem ocupar o

meu espírito, embora eu não tivesse dito coisa alguma.

- O senhor Osbaldistone deve julgar-nos com bastante severidade, e não era natural o contrário, mas, ao menos, lembre-se de que fomos provocados. Somos um povo rude, ignorante, e mesmo violento e impetuoso. E temos sido uma raça perseguida.

Respondi-lhe que, realmente, a proscrição do seu nome e da sua família nos parecia a nós, Ingleses, uma repressão arbitrária e cruel. E, vendo que estas palavras acalmavam a sua irritação, renovei-lhe as minhas ofertas de tentar conseguir, para ele e para seus filhos, emprego ao serviço do estrangeiro.,Mac Gregor apertou-me cordialmente a mão, e, detendo-se para dar ao senhor Jarvie tempo de nos preceder, disseme: - O senhor é um jovem excelente e respeitável, e compreende sem a menor dúvida o que se deve aos sentimentos de um homem de honra, mas as estevas que os meus pés pisaram durante toda a minha vida devem florir sobre a minha cabeça após a minha morte. Que seria de Helena, se eu a deixasse exposta a novos insultos e a novas atrocidades? E como poderia ela resignar-se a afastar-se destes lugares onde a recordação dos ultrajes que sofreu é atenuada pela da vingança? Vi-me uma vez cercado de tão perto pelo meu grande inimigo, pois posso bem dar-lhe esse nome, que, forçado por momentos a ceder à torrente, abandonei, com a minha gente e a minha família, as nossas moradias natais e refugiei-me por algum tempo no território de Mac Callum More. Foi então que Helena compôs sobre a nossa partida um queixume tão tocante como se Mac Rimmon fosse o seu autor (1), era de uma melancolia tão confrangedora que os nossos corações despedaçavam-se ao ouvi-la cantar.

*(1) Os Mac Rimmon ou Mac Crimmond eram os bardos hereditários junto dos chefes de Mac Leod.

Era como o lamento de quem chora a mãe que acaba de lhe ser levada. As lágrimas corriam pelas faces endurecidas dos montanheses. Não, não queria experimentar o mesmo despedaçar de coração, nem por todas as terras que os Mac Gregor possuiram outrora.

-Mas os seus filhos estão numa idade em que os seus próprios compatriotas sentem algum desejo de percorrer Mundo.

- Também desejaria que eles pudessem romper caminho ao serviço da França ou da Espanha, como o fazem tantos jovens fidalgos escoceses, e ontem à noite o seu plano parecia-me bastante praticável, mas estive com Sua Excelência esta manhã, antes de o senhor se levantar...

- Ele estava alojado muito perto de nós? - perguntei, numa grande agitação.

- Mais perto do que o senhor julga, mas ele parecia desejar que o senhor não visse a jovem, e foi por isso que...

- Ele faria mal em recear - disse eu, com certa altivez - certamente não tentaria incomodá-lo.

- Não é preciso zangar-se assim e tomar o ar eriçado de um gato bravo, porque saiba o senhor que ele lhe quer bem, e já Lhe deu provas disso, foi isso até, em parte, o que incendiou as montanhas...

- Incendiou as montanhas? Não o compreendo.

- Quê! Não sabe que todos os males deste Mundo são causados pelas mulheres e pelo dinheiro?... Comecei a desconfiar de seu primo Rashleigh desde o momento em que vi que Diana Vernon nunca seria sua mulher, e creio bem que foi principalmente por isso que ele quis mal a Sua Excelência. Mas em seguida veio o caso dos papéis, e, logo que foi obrigado a restituí-los, partiu para o posto de Stirling, a fim de denunciar ao governo o que se tramava mansamente nas nossas montanhas, e mais ainda: foi provavelmente o que provocou precauções contra Sua Excelência e a jovem e fez com que me perseguissem inopinadamente. Tão-pouco duvido de que aquele pobre diabo do Morris, a quem podia fazer acreditar tudo o que queria, tenha sido impelido por ele ou por qualquer outro traidor das terras baixas, a armar-me a cilada onde conseguiu atrair-me.

Mas mesmo que Rashleigh Osbaldistone seja o mais valente do seu apelido, se alguma vez nos encontrarmos, diabos me levem se nos havemos de separar antes de que a minha espada trave conhecimento com o mais puro do seu sangue.

Pronunciou estas últimas palavras, a franzir o sobrolho, num ar sombrio e levando a mão ao seu punhal.

- Seria quase tentado a regozijar-me com o que sucedeu, - disse eu -, se acreditasse que a sua traição pôde impedir a explosão das conjuras temerárias e desesperadas de que há muito tempo eu suspeitava ser ele um dos principais agentes.

- O senhor devia saber que a língua de um traidor não pode prejudicar uma boa causa. Ele estava muito embrenhado nos nossos segredos, concordo, e, se não fosse isso, os castelos de Stirling e Edimburgo estariam em nosso poder: já não o podemos esperar senão daqui a mais algum tempo. Mas já há gente demais metida na nossa empresa, numa causa tão justa, para que uma traição possa fazê-la abandonar, e ouvir-se-á falar dentro em breve. No entanto, para voltar ao assunto da nossa conversa, tenho os mais sinceros agradecimentos a fazer-lhe pelas suas ofertas cativantes acerca dos meus filhos, e ontem à noite não estava

longe de as aceitar. Mas vejo que a perfídia desse traidor vai decidir todos os nossos senhores a reunir-se para vibrar o grande golpe, a não ser que eles prefiram deixar-se prender em suas casas, acorrentar-se como cães e a arrastar-se até Londres, como sucedeu a tantos bravos gentlemans em 1707. A guerra civil é como o basilisco: há dez anos que chocamos o ovo que a contém, e poderíamos chocá-lo ainda mais dez anos, se Rashleigh, quebrando a casca, não fizesse nascer prematuramente a serpente que ele encerrava. Ora, em tais circunstâncias, tenho necessidade de toda a minha gente, e sem ofender os reis da França e da Espanha, o rei James vale-os bem e tem primeiro direito aos serviços de Rob e de Hamish, que nasceram seus súbditos.

Compreendi facilmente que estas palavras pressagiavam uma comoção geral do país, mas limitei-me a exprimir-lhe de uma maneira generalizada as minhas apreensões sobre as desgraças e as desordens que poderiam resultar da empresa que se ia tentar em favor da família real exilada.

- Deixe vir a tempestade, - replicou Mac Gregor - não há nada como um aguaceiro para aclarar um tempo sombrio.

Tentei desviar a conversa para Diana. Mas, embora geralmente ele falasse sobre os outros assuntos com mais ou menos liberdade, Rob Roy observava uma escrupulosa reserva sobre aquele que, de todos, era o que mais me interessava. Tudo o que me quis dizer foi que esperava que a jovem em breve estivesse num país mais tranquilo do que este não o estaria por muito tempo. Fui obrigado a contentar-me com esta resposta.

Seguimos as margens do lago durante cerca de seis milhas de Inglaterra, por um carreiro sinuoso que nos oferecia um grande número de pontos de vista tão variados como agradáveis.

Chegámos então a uma espécie de aldeia, ou antes a um aglomerado de habitações, situado ao fim dessa bela toalha de água, se não me engano, chamado Lediart, ou outro nome semelhante. Aí, estava pronto a receber-nos um forte destacamento da tropa de Mac Gregor. O gosto, tal como a eloquência das tribos selvagens ou incivilizadas, é geralmente justo, porque é desprendido de afectação e de todo o espírito de sistema. Disse-se que seria de boa política um monarca inglês receber o embaixador de uma potência rival a bordo de um vaso de guerra, e um chefe escocês mostrava o mesmo grau de tacto ao escolher um local onde os caracteres imponentes e majestosos do seu país se encontravam reunidos de maneira a produzir todo o seu efeito no espírito daqueles que o tinham vindo visitar.

Subimos cerca de duzentos passos desde a margem do lago, guiados por um ribeiro, deixando à nossa direita quatro ou çinco cabanas, cercadas de pequenos

tratos de terreno de lavoura que, conquistados ao bosque circundante, parecia terem sido cavados à enxada mais do que pelo arado: estavam cobertos de colheitas de cevada e aveia, Mais longe, a montanha tornava-se mais escarpada, e avistámos no seu cume as armas cintilantes e as capas flutuantes de cerca de cinquenta montanheses de Mac Gregor. A lembrança do espectáculo então oferecido à minha vista ainda me enche de admiração. O ribeiro, que se precipitava da montanha, encontrava nesse local uma barreira de rocha, que transpunha formando duas cascatas diferentes. A primeira, podia ter doze pés de altura: um roble velho e magnífico estendia por cima dela os seus ramos majestosos, como que a cobri-la com um véu. As águas caíam numa bacia cavada na rocha, quase tão perfeita como se tivesse saído do cinzel de um escultor depois de aí rodopiarem com rapidez, formavam uma segunda queda de cerca de cinquenta pés num abismo estreito e sombrio, de onde se escapavam em seguida, com menos violência e fragor, para se lançarem no lago.

Com o gosto peculiar aos montanheses, e sobretudo aos montanheses da Escócia, nos quais notei muitas vezes um sentido de imaginação romanesca e poética, a mulher de Rob Roy e o seu séquito tinham-nos preparado o almoço num local tão bem escolhido para encher os estrangeiros de admiração.

Fomos recebidos com grande cerimonial. Os montanheses, que estavam dispersos pelo cimo da montanha, reuniram-se quando nos avistaram e formaram uma coluna cerrada. À frente, reconheci Helena e os seus dois filhos. Mac Gregor ordenou à sua escolta que alinhasse atrás de nós, e, pedindo ao senhor Jarvie que se apeasse do cavalo, avançou entre nós e à cabeça da sua gente. Ao aproximarmo-nos, ouvimos os sons selvagens da gaita de foles, cuja discordância natural se misturava com o ruído da cascata, que a enfraquecia em parte. Quando chegámos, Helena Mac Gregor veio ao nosso encontro. O seu vestuário era mais cuidado e tinha um ar mais feminino que na véspera, mas o seu semblante apresentava o mesmo carátter de orgulho, de resolução e de inflexibilidade. Quando acolheu o senhor Jarvie com um abraço que ele estava longe de esperar, que nem mesmo tinha o ar de desejar, notei, pela agitação da sua peruca e pelo movimento convulsivo dos seus nervos, que ele experimentava mais ou menos a mesma sensação de um homem que, sentindo-se de súbito apertado entre as patas de um urso, não sabe se o animal o quer acariciar ou estrangular.

- Primo - disse ela -, seja benvindo, e o senhor também, jovem estrangeiro - ajuntou, volvendo-se para mim, enquanto o meu companheiro, depois de ter dado dois passos à retaguarda, endireitava a cabeleira -, Desculpe a rudeza do acolhimento que Lhe fiz ontem, e não acuse os nossos corações, mas a desgraça dos tempos. O senhor chegou junto de nós num momento em que o sangue nos fervia nas veias e nos tingia as mãos.

O ar e o tom com que ela pronunciou estas palavras eram os de uma princesa rodeada da sua corte. Não empregava nenhuma daquelas expressões wlgares que

geralmente censuramos nos escoceses das terras baixas, falava com uma pronúncia provinciana bastante marcada. Habituada a exprimir as suas ideias na língua natal, o gaélico, que empregava nos usos cotidianos, falava o inglês com graça e desenvoltura, mas num tom declamatório que provinha de não o ter aprendido senão como se estuda uma língua morta: usava-a raras vezes.

Convidou-nos então a tomar parte num repasto servido sobre a relva e composto das melhores iguarias que as montanhas podem oferecer. Mas a sombria e inalterável gravidade que obscurecia a fronte da nossa hóspede, bem como a recordação indelével da cena de que fôramos testemunhas no dia anterior, bastava para banir toda a jovialidade. Foi em vão que o chefe se esforçou por reanimá-la entre os convivas: um frio pesava nos nossos corações, como se cada um de nós tivesse assistido a uma cerimónia fúnebre, e respirámos livremente quando a refeição terminou.

- Adeus, primo, - disse ela ao senhor Jarvie, quando nos levantámos para partir -, o melhor voto que Helena Mac Gregor pode formular por um amigo, é de nunca mais o ver.

O bailio preparava-se para lhe responder, provavelmente com algum lugar comum moral, mas a fria e sombria austeridade do seu rosto desconcertou inteiramente a sua importância burguesa e magistral. Tossiu Por umas poucas de vezes, cumprimentou e ficou silencioso.

- Quanto a si, jovem, - disse -, vou entregar-lhe uma recordação da parte de uma pessoa que nunca...

- Helena! - interrompeu Mac Gregor, em voz severa. - Que quer isso dizer? Esqueceste que...

- Não esqueci nada do que devo recordar, Mac Gregor. Não são mãos como estas - disse ela, estendendo os longos braços -, que se encarregariam de entregar uma prenda de amor, se essa dádiva não fosse uma prenda de desgosto e de dor... Jovem, - continuou ela, apresentando-me um anel que reconheci por ser do pequeno número de ornamentos que vira usar a miss Vernon -, isto provém de uma pessoa que o senhor não deve tornar a ver.

Se é uma prenda de infelicidade, não lhe podia ser melhor entregue do que pelas mãos de uma mulher para quem a felicidade é hoje estranha... As últimas palavras de quem lha envia foram estas: "Que ele me esqueça para sempre!"

- E pode ela acreditar que isso é possível? - exclamei eu, quase sem saber o que dizia.

- Tudo se pode esquecer, - replicou aquela mulher extraordinária -, tudo, excepto o sentimento da desonra e o desejo de vingança.

- «Seid suas! (1) - exclamou Mac Gregor, batendo o pé com impaciência.

Os sons discordantes e agudos da gaita de foles cortaram cerce a conferência: despedimo-nos da nossa hóspede em silêncio, e tornámos a meter-nos a caminho. Eu levava comigo aquela nova prova de que era amado por Diana, e de que devia ficar separado dela para sempre.

*(1) Toquem as gaitas de foles.

CAPÍTULO XXXVI

E AS MONTANHAS VÃO FICANDO PARA TRÁS

Adeus, terra que as nuvens gostam de cobrir, envolvendo como um sudário, o topo gelado dos montes; Adeus, cascata fragorosa à qual respondem as águias com seus gritos, belo lago, cuja superfície solitária se estende sob a cúpula do Céu, adeus!

ANÓNIMO

O nosso caminho passava através de uma região estéril, mas pitoresca, que a agitação do meu espírito impediu de contemplar com suficiente atenção para poder agora descrevê-la. O topo majestoso do Ben Lomond, que, pela sua altura imponente, pode ser apelidado de rei de todas as montanhas circundantes, estava à nossa direita e servia-nos de limite. Após uma marcha longa e fatigante saímos de uma cadeia de montanhas, e o lago Lommond apareceu, de repente, diante de nós.

Não me atrevo a fazer a descrição de um lugar de que tu nunca poderás compreender bem a beleza, senão vendo-o com os teus próprios olhos. Mas, sem dúvida, este belo lago, povoado de ilhas encantadoras, cujas formas apresentam a mais agradável variedade, estreitando-se na sua extremidade setentrional e perdendo-se numa longa e confusa perspectiva de montanhas, ao passo que se alarga para o lado do Sul e banha baías e promontórios das margens ridentes e férteis, constitui um dos espectáculos mais admiráveis e mais sublimes da Natureza.

Soube com prazer que Mac Gregor restituira a liberdade aos prisioneiros do dia anterior e contam-se deste homem notável vários rasgos de clemência e mesmo de generosidade em ocasiões deste género.

Esperava-nos um barco numa baía abrigada pela rocha, era tripulado por quatro vigorosos remadores. Aí, o nosso hóspede despediu-se de nós com muita cordialidade, dando-nos até provas de estima. Parecia existir entre ele e o senhor Jarvie uma espécie de afeição recíproca que constituía um contraste flagrante pela diferença do seu género de vida e de seus hábitos. Depois de se terem abraçado afectuosamente e no momento de se separarem, o bailio, num impulso de coração e em voz trémula e comovida, assegurou ao seu parente que, se cem ou duzentas libras esterlinas podiam proporcionar-lhe, bem como á sua família, uma existência mais sossegada, não precisava senão de lhe escrever duas linhas para Salt Market.

Rob, levando uma mão aos punhos da sua espada, e apertando cordialmente com a outra a do senhor Jarvie, declarou que se alguém ousasse insultar o seu primo, não precisava de lho mandar dizer, que ele iria cortar as orelhas ao ofensor. nem que este fosse o personagem mais importante de Glasgow.

Depois desta troca de garantias de socorro mútuo e perdurável benevolência afastámo-nos da margem e dirigimo-nos para a extremidade Sudoeste do lago, onde ele dá origem ao rio Leven. Rob Roy ficou alguns momentos de pé na rocha onde nos separámos, Já não podíamos distinguir as suas feições, mas ainda o reconhecíamos pela sua longa espingarda, pelo seu gabão agitado pelo vento e pela pluma que ornava a sua gorra, emblema que, nessa época, distinguia os gentlemen e os chefes montanheses. Enfim, quando a distância já quase não nos permitia avistá-lo, vimo-lo subir lentamente a encosta da montanha, seguido dos montanheses que lhe serviam de guarda-costas.

Vogámos por muito tempo em silêncio, que não era interrompido senão pelo canto gaélico de um dos nossos remadores que, em voz baixa e surda, marcava o compasso de uma maneira lenta e irregular. De vez em quando, seus companheiros, juntando as vozes á sua num tom mais alto, formavam um coro tão bizarro quão selvagem.

Embora os meus pensamentos fossem sombrios e tristes, a beleza da paisagem que me cercava não deixava de me ser agradável. No entusiasmo do momento, parecia-me que, se a minha fé fosse a católica, gostaria de viver e de morrer como eremita, numa daquelas ilhas tão belas e tão pitorescas, por entre as quais o nosso barco deslizava.

O bailio também se abandonava às suas reflexões, mas elas eram de um género um pouco diferente, conforme o percebi quando, após cerca de uma hora de silêncio, durante a qual ele estivera mergulhado nos seus cálculos, resolveu provar-me a possibilidade de secar aquele lago e de oferecer ao arado e à enxada várias centenas, mesmo milhares de acres de terreno.

Chegámos, por fim, ao local do desembarque, perto das ruínas de um antigo castelo e onde o lago despejava o excedente das suas águas no Leven. Aí

encontrámos Dougal com os cavalos. O bailio concebera um plano relativo à criatura (para me servir do nome que ele Lhe dava), tal como para a secagem do lago.

- Dougal, - disse ele -, você é uma boa criatura. Tem o sentimento do que deve aos seus superiores. Mas tenho pena de si, Dougal, porque é impossível que a vida que leva não o conduza ao patíbulo, mais tarde ou mais cedo. Ufano-me, dados os meus serviços como magistrado e os que meu pai o diácono prestou antes de mim, de dispor de bastante influência no conselho da cidade para conseguir que se feche os olhos a faltas mesmo mais graves do que a sua. Pensei, portanto, que, se você quiser voltar para Glasgow connosco, forte e vigoroso como é, poderei empregá-lo num armazém até que se apresente qualquer coisa de melhor.

Dougal respondeu que ficava muito grato a Sua Senhoria, mas que seria preciso que o diabo estivesse nas suas pernas para ele voltar a uma rua calcetada, a não ser que fosse levado a Glasgów amarrado de pés e mãos.

Espantado de receber uma recusa tão decidida a uma oferta que lhe parecia tão vantajosa, o bailio volveu-se para mim, observando que, decididamente, a criatura nascera idiota. Eu testemunhei o meu reconhecimento a Dougal de uma maneira de que ele gostou infinitamente mais, metendo-lhe na mão um par de guinéus. Mal tocou no ouro, deu dois ou três saltos no ar com a agilidade de um cabrito, atirando uma perna para um lado, uma perna para o outro, de uma forma que causaria espanto a um mestre de dança francês.

Correu para os remadores, para lhes mostrar o seu tesouro, e uma gratificação que estes também receberam dispô-los a tomar parte na sua alegria. Depois, tomou o seu caminho, e nunca mais o vi.

O bailio e eu montámos os cavalos e tomámos a direcção de Glasgow. Quando perdemos de vista o lago e o seu magnífico anfiteatro de montanhas, não pude deixar de exprimir o entusiasmo que as belezas da Natureza me tinham inspirado.

- O senhor é um jovem e um Inglês, - disse o bailio - por isso tudo lhe parece muito bonito, mas, para mim, que sou um homem simples e conheço um pouco o diferente valor das terras, daria a mais bela perspectiva que as montanhas pudessem oferecer para ver ao longe a planície de Glasgow. Se eu tiver a felicidade de lá chegar, permita-me que lhe diga, senhor Francis, que de hoje para o futuro não haverá negócio que me faça perder de vista o campanário de Saint Mungo.

Os votos do digno homem cumpriram-se, porque, prolongando a nossa

viagem muito tempo depois do pôr-do-sol, chegámos a casa dele essa noite, ou antes, no dia seguinte de madrugada.

Depois de ter entregue o meu digno companheiro de viagem aos cuidados oficiosos da solícita Mattie, dirigi-me para casa da senhora Fleyter, e notei, não sem surpresa, que, apesar daquela hora avançada, ainda havia luz na casa. A porta foi-me aberta pelo próprio senhor Fairservice, que, ao ouvir a minha voz, se precipitou para a sala de estar em cujas janelas eu avistara luz. Pensando que ele ia anunciar o meu regresso ao inquieto Owen, segui-o de perto. Owen não estava só, achava-se outra pessoa no aposento. Era meu pai.

O seu primeiro movimento foi guardar a dignidade da sua calma habitual.

- Francis, - disse ele -, estou bem contente de te ver. - O seu segundo movimento foi apertar-me estreitamente nos seus braços. - Meu filho, meu querido filho!

Owen tomou-me uma das mãos e molhou-ma de lágrimas, ao felicitar-me pelo meu regresso. Semelhantes cenas vêem-se e compreendem-se, mas não se podem descrever.

Quando os primeiros transportes da nossa alegria se acalmaram, soube que meu pai chegara da Holanda pouco tempo depois da partida de Owen para a Escócia. Rápido nas suas resoluções e executando-as com a mesma celeridade, não se demorou em Londres senão o tempo necessário para obter os meios com que fazer frente a tudo. Os seus largos recursos, o seu crédito e o êxito das suas especulações no continente, depressa o colocaram em situação de dominar os embaraços, que talvez não existissem senão devido à sua ausência, e partiu para a Escócia, a fim de obter justiça contra Rashleigh e pôr ao mesmo tempo em ordem os seus negócios neste país.

A sua chegada súbita foi como que um raio para os Mac Vittie, que julgavam o crédito de meu pai perdido sem apelo.

Mas, irritado com a maneira como eles trataram o seu primeiro empregado, o senhor Osbaldistone repeliu todas as suas desculpas, todas as tentativas de reconciliação, liquidou o saldo da sua conta e comunicou-lhes que deviam renunciar para sempre a qualquer relação comercial, e riscar de uma vez o seu nome dos seus livros.

Enquanto gozava este pequeno triunfo sobre os seus falsos amigos, meu pai sentira as mais vivas inquietações a meu respeito. Owen não supusera que uma viagem de cinquenta a sessenta milhas, que se pode realizar com tanta facilidade, e prontidão em Inglaterra, pudesse revestir-se de algum perigo, mas, em breve, por simpatia, partilhou das apoquentações de meu pai, que conhecia melhor do que ele o país e as desordens que o carácter dos habitantes ali provocava.

Estes receios atingiram o seu auge com a chegada de André, que antecedera a minha de algumas horas, e que lhes fez um relato alarmante e exagerado da situação em que me deixara.

André era um daqueles homens que aproveitam com avidez tudo o que possa dar-lhes uma importância, mesmo passageira, e que não se importam de atrair a atenção que se concede naturalmente ao portador de uma má notícia. Não procurou, pois, atenuar a impressão que o seu relato devia produzir, sobretudo quando se encontrou diante de um ouvinte tal como o rico negociante de Londres.

Repisou longamente os perigos a que eu escapara, graças, dizia ele, à sua habilidade, à sua experiência, à sua fidelidade.

Mas, que fora feito de mim depois de o meu anjo da guarda, na pessoa do senhor André Fairservice, me ter sido arrebatado?

Era o que oferecia tema para as mais tristes conjecturas, visto o bailio não servir para nada em situações difíceis, mesmo para nada, porque não sabia senão dar-se ares importantes, e André detestava ese tom de importância. Mas, seguramente, no meio de pistolas e carabinas, de soldados que faziam chover balas como granizo, de punhais e de sabres de montanheses, enfim, nas águas profundas do Avondow, havia razão para tremer, ao pensar no que podia ter sucedido ao pobre rapaz.

Este quadro teria reduzido Owen ao desespero, se ele estivesse sozinho, mas o conhecimento profundo que meu pai tinha dos homens fê-lo descobrir ao primeiro relance o carácter de André e o que poderia haver de verdade na sua narrativa. No entanto, despojando-a de todo o exagero que ele Lhe imprimira ainda ficava com que alarmar um pai, e o meu resolveu partir pessoalmente para tentar libertar-me por negociações ou resgate. Ficara, por conseguinte, a trabalhar até muito tarde com Owen para pôr em dia a sua correspondência e dar a este último algumas instruções sobre os negócios de que se encarregaria durante a sua ausência. Foi por essa razão que ainda os encontrei de pé.

Era bastante tarde quando nos separámos para nos metermos na cama, mas eu ainda estava demasiado agitado para dormir muito tempo. André apareceu, como de costume, quando me levantei, e, em lugar da figura de espantalho que ele oferecera em Aberfoil, apresentou-se diante de mim em trajo de cangalheiro, isto é, vestindo um fato preto muito decente. Só depois de várias perguntas, que o maroto fingiu de início não compreender, é que descobri que ele julgara conveniente vestir-se de luto por causa da perda irreparável que julgara ter

sofrido, encarando a minha morte como certa. E como o algibebe, na loja do qual se vestira, recusara a destroca dos fatos, como os seus se tinham perdido e destruído ao serviço de Sua Senhoria, ele não duvidou de que eu e o meu estimável pai, que o Céu cumulara de favores, anuiríamos em reparar a perda que um pobre diabo sofrera, aliás, um fato completo era uma despesa bastante leve para os Osbaldistone, graças a Deus, e à qual eles não podiam olhar, quando se tratava de um antigo e fiel servidor.

Havia certa justiça no que André dizia, a sua esperteza resultou, e achou-se na posse de um fato completo, sem esquecer o fino chapéu de castor e tudo o que era preciso para completar o luto que usava este servo previdente por um amo que, graças a Deus, estava vivo e são.

Quando meu pai se levantou, o seu primeiro cuidado foi ir visitar o senhor Jarvie. Explicou-lhe a mudança que se operara nos seus negócios e propôs ao bailio, em condições que só lhe poderiam ser agradáveis e vantajosas, confiar-lhe aqueles de que Mac Vittie estivera encarregado até então. O bailio felicitou cordialmente meu pai e Owen por esta feliz resolução, e, sem afectar rebaixar o mérito do que fizera para ser útil em circunstâncias muito menos propícias, disse que procedera com eles como desejava que procedessem consigo, que, quanto à extensão que se propunha dar agora às suas relações, agradecia e aceitava essa oferta com prazer, que, se os Mác Vittie se tivessem portado como pessoas honestas, não gostaria menos de os suplantar dessa maneira, mas visto que era de outra, não podiam queixar-se senão deles próprios.

O bailio puxou-me depois pela manga do casaco e, chamando-me de parte, disseme, num ar um pouco confuso: - Desejaria de todo o coração, senhor Francis, que se falasse o menos possível das coisas estranhas que vimos lá em cima. É inútil, a não ser em caso de inquérito judicial, falar dessa deplorável história de Morris. O senhor compreende que os membros do conselho da cidade talvez achassem pouco conveniente que um dos seus confrades se batesse com aquele montanhês a quem queimei o gabão, o sobretudo, embora eu seja um homem de aspecto grave e decente quando estou de pé, não posso deixar de pensar que devia ter feito uma bonita figura, sem chapéu e sem peruca, suspenso pelo meio do corpo... O bailio Grahame teria uma grande vantagem sobre mim, e ficaria encantado se conhecesse toda essa história.

Não pude conter um sorriso.,Ele pareceu um pouco confuso, mas sorriu também e disse, meneando a cabeça: - O senhor ria, mas, pelo menos, não fale disso. Prometa-mo como bom rapaz que é, e sobretudo recomende silêncio ao patife do seu criado, que tem uma língua de palmo e meio. Eu não queria, por nada deste Mundo, que a pequena Mattie soubesse alguma coisa: isso seria um nunca mais acabar...

Pareceu-me muito aliviado de ser exposto ao ridículo, quando lhe disse que a intenção de meu pai era deixar Glasgow quase imediatamente. Com efeito, não havia mais motivo para ali permanecer, depois de ter recuperado a porção mais preciosa dos papéis subtraídos por Rashleigh. Quanto aos que meu primo convertera em dinheiro para seu proveito ou para as suas intrigas políticas, não havia outro meio de os recuperar senão por um processo que os homens de leis nos asseguraram dever ser instaurado por eles com toda a celeridade possível.

Passámos o dia com o nosso amigo bailio, que nos quis guardar até à hora do jantar, despedimo-nos dele, como o vou fazer agora nesta narrativa. Ele continuou a crescer em riquezas, em dignidades e em crédito, e acabou por chegar aos cargos mais respeitáveis da magistratura da sua pátria. Cerca de dois anos depois da nossa partida de Glasgow, fatigado da monotonia do celibato, fez com que Mattie abandonasse o seu humilde lugar ao canto da lareira da cozinha para o ocupar à cabeceira da sua mesa, da qual ela passou a fazer as honras na qualidade de senhora Jarvie. O bailio Grahame, os Mac Vittie e outros (porque todos os homens têm os seus inimigos, sobretudo no conselho de uma cidade de província) não deixaram de troçar desta metamorfose.

- Mas, - replicou o senhor Jarvie -, deixemo-los falar, não me apoquento com isso, e não vou sacrificar a minha felicidade ao receio de fazer certas pessoas dar à língua durante alguns dias. O meu digno pai o diácono costumava dizer: Sobrancelhas de ébano e tez de lírios, Coração terno e uma fiel amiga, Valem mais que tesouros ou nobreza.

- Aliás, - concluia ele -, Mattie não é uma rapariga vulgar, é prima do laird de Limmerfield.

Que Mattie devesse a sua educação ao nascimento ou às suas qualidades pessoais, o certo é que ela se portou perfeitamente bem na nova situação e dissipou os receios dos amigos do bailio, que tinham encarado aquela experiência como um pouco perigosa. Que eu saiba, não há mais nenhuma circunstância da sua útil e pacífica existência que valha a pena ser contada.

CAPÍTULO XXXVII

A MAIS MARAVILHOSA DAS REVELAÇÕES

Venham cá, meus seis bons filhos, sois todos homens galhardos, quantos de vós todos queridos filhos, querem defender comigo a causa do digno conde?

Cinco d'entre eles responderam a este apelo, cinco d'entre eles falaram com

alvoroço: Meu pai, até ao derradeiro dia da vossa vida, defenderemos consigo a causa do digno conde.

Rebelião no Norte

Na manhã seguinte, quando nos preparávamos para abandonar Glasgow, André Fairservice precipitou-se no meu quarto, como um doido, a saltar, a gesticular e a dançar com mais veemência do que ritmo:

O forno está em chamas, em chamas!
Tomem cuidado, belas damas.

Não foi sem custo que fiz cessar os seus malditos clamores, e consegui saber do que se tratava. Disseme então, como sendo a mais bela novidade do Mundo, que os montanheses estavam em plena insurreição e que Rob Roy, à cabeça de todo o seu bando de maltrapilhos, estaria em Glasgow antes de que o ponteiro do relógio desse a volta ao mostrador por duas vezes.

- Cale-se, patife! - respondi eu. - Com certeza que está ébrio ou louco. E se houvesse alguma verdade nessa notícia, seria caso para cantar!

- Ébrio ou louco! - replicou ele, descaradamente. - Sem dúvida, está-se sempre ébrio ou louco quando se dão novidades que as pessoas não querem ouvir. Eu posso cantar, palavra, mas os montanheses obrigar-nos-ão a cantar de outra maneira, se formos suficientemente doidos ou ébrios para esperar a sua chegada.

Saí do meu quarto e encontrei meu pai e Owen já de pé, ambos pareciam muito alarmados. As notícias de André eram bem verdadeiras. A grande rebelião que abalou a Grã-Bretanha em 1715 acabava de estalar. O desditoso conde de Marr erguera a bandeira dos Stuarts: fatal empresa que foi seguida da ruína de várias famílias respeitáveis da Inglaterra e da Escócia. A traição de alguns agentes jacobitas, principalmente a de Rashleigh, e a prisão de alguns outros desmascararam ao governo de George I as numerosas ramificações de uma conspiração preparada de longa data, e cuja explosão prematura teve lugar numa parte do reino demasiado afastada do centro para poder produzir algum efeito sensível no país, a não ser a confusão e a desordem que gerou.

Este grande acontecimento deu-me a explicação de várias frases obscuras e de sentido oculto que ouvira a Mac Gregor: vi então que os clãs do Oeste, que se tinham reunido a fim de marchar contra ele, renunciaram a persistir na sua

questão particular, por motivo de se reunirem em breve para combaterem em favor da mesma causa. Várias expressões de que Galbraith se servira ao falar com o duque, e das quais nada percebera então, vieram à minha memória. Mas, a mais cruel das minhas reflexões era que Diana fosse esposa de um daqueles homens que mais ardentes se mostravam em propagar a desordem.

Fizemos uma conferência sobre as providências que tínhamos a tomar naquele momento de crise, e aprovámos o plano de meu pai, que era obter imediatamente os salvo-condutos necessários e dirigirmo-nos a Londres sem demora. Revelei o desejo que tinha de oferecer os meus serviços ao governo e entrar num corpo de voluntários, que, segundo se dizia, já se estava a formar. Ele apoiou de boa vontade este projecto, porque, embora não gostasse da profissão das armas, no entanto, ninguém melhor do que ele exporia a sua vida em defesa da liberdade civil e religiosa.

Atravessámos à pressa, e não sem correr alguns riscos, o Dumfrieshire e os vizinhos condados da Inglaterra. Estivemos por várias vezes quase a ser detidos, e muitas fomos obrigados a fazer um desvio para evitar a passagem nos pontos de concentração das tropas opostas.

Ao chegarmos a Londres, associámo-nos imediatamente aos banqueiros e negociantes reunidos para defender o crédito do governo e para prevenir a baiXa dos fundos, sobre a qual os conspiradores tinham fundado em grande parte as suas esperanças de êxito, gabando-se de que reduziriam o governo à necessidade de fazer bancarrota. Meu pai foi nomeado presidente desse grupo formidável de capitalistas, em que cada um dos membros tinha a maior confiança no seu zelo, na sua actividade e no seu talento. Também foi o delegado de que eles se serviram para comunicar com o governo, e arranjou meio, tanto pelos fundos que Lhe pertenciam como por aqueles de que podia dispor, de fazer comprar uma quantidade de fundos públicos, que, no momento em que a rebelião rebentou, foram apresentados à bolsa, o que ameaçava produzir uma baixa considerável. Eu tão-pouco fiquei ocioso, obtive uma missão e levantei, a expensas de meu pai, um corpo de exército de duzentos homens, com os quais me juntei ao exército do general Carpenter.

Entretanto, a rebelião alastrara em Inglaterra. O infeliz conde de Derwentwater levantara-se em armas contra o rei, com o general Foster. O meu pobre tio, sir Hildebrando, cujos rendimentos estavam reduzidos a quase nada, deixou-se facilmente persuadir a juntar-se àquela bandeira fatal, mas antes de tomar esta resolução, demonstrou um alto grau de previdência de que eu não o julgava capaz, e fez o seu testamento.

Por esse documento, deixava o seu domínio de Osbaldistone e todos os seus bens a todos os seus filhos sucessivamente, e a seus herdeiros masculinos, até que chegou a Rashleigh, que ele detestava por causa da sua apostasia política. Deixava-lhe, então, um xelim, a título de legítima, e legava-me o domínio, como

seu mais próximo herdeiro, em caso de morte dos outros seus cinco filhos. O velho fidalgo tivera sempre afeição por mim, mas é provável que, vendo-se rodeado de cinco filhos, jovens, de estatura e força atléticas, que acabavam de pegar em armas com ele, encarasse esta disposição como não devendo nunca cumprir-se e não a fizera senão para testemunhar a Rashleigh, de uma maneira solene, o ressentimento pela sua dupla traição. Havia uma cláusula pela qual ele legava à sobrinha de sua falecida mulher, Diana Vernon, agora lady Diana Beauchamp, alguns diamantes que tinham pertencido a sua tia e um grande vaso de prata, no qual estavam gravadas as armas dos Osbaldistone e dos Vernon.

Mas estava escrito nos decretos do Céu que a sua numerosa e robusta posteridade se extinguisse muito mais depressa do que ele supusera. Na primeira revista que os conspiradores passaram no lugar de Green Ttigg, Thorncliff teve uma rixa, por questões de procedência, com um fidalgo das fronteiras do Northumberland, tão violento e tão irritável como ele. Em despeito de todos os esforços que se fizeram para os acomodar, bateram-se à espada e meu primo foi morto no duelo. A sua morte foi uma grande perda para sir Hildebrando, porque, apesar do seu carácter rezingão e quesilento, tinha mais um ou dois grãos de bomsenso do que os irmãos, exceptuando Rashleigh. Perceval, o beberrão, também teve uma morte digna dele. Fez uma aposta com um gentleman que, pelos seus altos feitos no género, adquirira a alcunha temível de Brandy Swalewell (bebedor de aguardente), sobre quem despejaria o maior copo daquele líquido quando o rei James foi proclamado em Morpeth.

Esqueci a quantidade exacta que Percie engoliu nessa ocasião, mas ela provocou-lhe uma febre de que morreu ao cabo de três dias, gritando a todo o momento: "água! água!" Dickon despedaçou-se junto da ponte de Warington, ao tentar fazer brilhar o mérito de um mau cavalo que queria vender a um negociante de Manchester que acabava de juntar-se aos insurrectos.

Wilfred, o imbecil, teve, como sucede muitas vezes, a melhor sorte de toda a família: foi morto em Proud Preston, no dia em que o general Carpenter atacou as barricadas. Combateu com muita bravura, embora me dissessem que nunca pudera compreender exactamente a causa da guerra e que nem sempre se lembrava por qual dos reis se batia. John também se portou com muita valentia no mesmo combate e recebeu vários ferimentos de que não teve a felicidade de morrer no campo de batalha.

Os insurrectos renderam-se no dia imediato, e o velho sir Hildebrando, já abatido de dor pela perda sucessiva de quatro filhos, foi feito prisioneiro e

conduzido a Newgate com os desgraçados feridos.

Eu estava então livre dos meus deveres militares, e não perdi um instante para tratar de suavizar a sorte dos meus desditosos parentes, o crédito de meu pai junto do governo e a compaixão geral que suscitava um pai infeliz que perdera sucessivamente quatro filhos em tão curto espaço de tempo, decerto salvaram meu tio e meu primo de serem levados a julgamento por crime de alta traição, mas estavam pronunciados pelo tribunal supremo. John morreu dos seus ferimentos em Newgate, recomendando-me, no seu último suspiro, um par de falcões que deixara em Osbaldistone, e uma cadela preta, espanhola, chamada Lucy.

O meu pobre tio sucumbiu ao peso das suas desgraças e das circunstâncias que Lhas tinham trazido de uma maneira tão súbita. Falava pouco, mas parecia grato pelos cuidados que eu Lhe dispensava. Não fui testemunha da sua primeira entrevista com meu pai, depois de tantos anos e numa ocasião tão triste, mas, tanto quanto pude avaliar pelo extremo abatimento deste último, devia ter sido muito confrangedora.

Sir Hildebrando falou de Rashleigh, o único filho que ainda lhe restava, com muita amargura, acusou-o da ruína da sua casa, da morte dos irmãos e declarou que, nem ele, nem nenhum dos filhos, se meteriam naquelas intrigas políticas, se não fosse a instigação daquele miserável que fora o primeiro a abandoná-los. Falou uma ou duas vezes de Diana com muita afeição e, um dia em que eu estava sentado junto de seu leito, disseme: - Sobrinho, visto Thorncliff ter morrido, bem como todos os outros, tenho pena de que ela não possa ser para ti.

Aquela eXpressão, todos os outros, comoveu-me vivamente: era por estas palavras que o baronete, quando se dispunha de manhã a partir alegremente para a caça, tinha por costume designar seus filhos em geral, ao passo que distinguia Thorncliff, seu predilecto, tratando-o pelo seu nome. O tom jovial e ruidoso com que ele exclamava: "Olá! Chamem Thorncliff! Chamem todos os outros!", acudiu à minha lembrança, e tornou-me ainda mais sensível ao ar triste e abatido com que ele acabava de pronunciar as mesmas palavras. Deu-me então a conhecer o conteúdo do seu testamento e entregou-me uma cópia, dizendo-me que o original estava nas mãos do meu antigo conhecido, o juiz Inglewood.

Os últimos momentos de meu tio foram em grande parte consagrados ao cumprimento dos deveres que lhe prescrevia a sua religião, e nos quais foi assistido pelo capelão do embaixador da Sardenha, do qual obtivemos, não sem custo, licença para o ver. Morreu gasto pelos excessos físicos e pelos desgostos morais, sem agonia. Não saberia exprimir melhor o meu pensamento senão por

esta expressão: «extinguiu-se.».

É de notar que meu pai, depois de ter cumprido os seus últimos deveres para com o irmão, pareceu desejar vivamente que eu me apressasse a entrar na posse dos domínios da sua família, segundo o direito que o testamento me dava, tornando-me assim o representante da casa de seu pai, coisa que até então parecera ter poucos atractivos para ele.

Mas desempenhara tão-pouco o papel da raposa da fábula ao desdenhar o que estava fora do seu alcance, que não duvido de que o seu extremo ressentimento contra Rashleigh Osbaldistone, que ameaçava contestar o testamento do pai, tivesse contribuído poderosamente para o desejo que o meu pai experimentava de o fazer prevalecer.

- Fui injustamente deserdado por meu pai - dizia ele. - O testamento de meu irmão reparou, se não inteiramente, ao menos em parte, essa injustiça, deixando os sobejos desses bens a Frank, o herdeiro natural, e estou resolvido a nada descurar para que tenha o seu efeito.

Entretanto, Rashleigh não era adversário nada para desprezar. As revelações que tão a propósito fizera ao governo, a sua extrema habilidade, a sua inteligência e a maneira ardilosa como soubera tirar partido das circunstâncias para granjear mérito e adquirir influência, proporcionaram-lhe protecções no ministério. Já estávamos em demanda com ele acerca do desvio feito na casa Osbaldistone & Tresham, e, pelos poucos progressos que fizemos numa causa tão simples, era de recear que o segundo processo se prolongasse para além da vida de todos nós.

Para abreviar estes pormenores, tanto quanto possível, meu pai, a conselho do seu advogado, comprou em meu nome as dívidas consideráveis das hipotecas sobre o domínio de Osbaldistone. E, em vez de me ordenar, como eu esperava, que me ocupasse agora dos negócios da casa, pois tinha-lhe declarado que me submetia a todas as suas vontades, mandou-me partir para Osbaldistone, a fim de tomar posse dele, como legítimo herdeiro e representante da família. Recomendou-me que me dirigisse ao juiz Inglewood para lhe pedir o testamento de meu tio depositado em sua casa, e que, tomasse todas as providências para me assegurar, primeiro, da posse, o que, segundo os entendidos, eram já nove pontos contra dez em meu favor.

Noutros tempos, eu teria ficado encantado com esta mudança de destino. Mas, agora, Osbaldistone não me podia senão evocar pungentes recordações. No entanto, reflecti que só nas suas cercanias teria probabilidades de obter informações sobre a sorte de Diana Vernon. Tinha todas as razões para recear que tivesse sido bem diferente da que lhe desejara, mas até então nada pudera saber a respeito do que tão ardentemente me interessava.

Em suma, não fiquei aborrecido por deixar Londres para ir respirar o ar forte de Northumberland. André Fairservice ficara comigo, mais segundo o desejo de meu pai do que o meu.

Os conhecimentos locais que ele tinha de Osbaldistone e dos seus arredores podiam tornar-se-me úteis nesse momento.

Acompanhou-me, portanto, e eu antegozava a perspectiva de me desembaraçar dele, em breve, reconduzindo-o ao seu antigo posto. Não posso conceber como ele conseguiu interessar meu pai em seu favor, a não ser pela arte, que possuía em alto grau, de simular o maior apego pelo seu amo.

A nossa viagem ao Norte não foi acompanhada de qualquer aventura notável, e encontrámos aquele país, há pouco entregue aos furores da rebelião, tão pacífico e tão calmo como nunca.

Quanto mais nos aproximávamos de Osbaldistone Hall, mais o meu coração se oprimia pelo pensamento de entrar naquele castelo agora tão deserto, para retardar esse momento difícil, resolvi começar por fazer a minha visita ao juiz Inglewood.

Este venerável personagem, durante todas aquelas perturbações, fora muito atormentado pela lembrança do que fora outrora e do que era hoje. O passado prejudicara consideravelmente a actividade que se devia esperar dele no cumprimento dos seus deveres actuais. Neste ponto, porém, a sorte favorecera-o. O seu escrivão Jobson, aborrecido com a sua indolência, acabara por abandoná-lo e entrar ao serviço de certo «squire, Standis», que, recentemente investido das funções de juiz de paz, as exercia com o zelo mais ardente pelos interesses do rei George e da sucessão protestante, zelo que era levado tão longe, que Jobson, em vez de o estimular, como ao seu antigo chefe, se julgava muitas vezes na obrigação de o conter nos limites da lei.

O velho juiz Inglewood recebeu-me com muita amabilidade e apressou-se a entregar-me o testamento de meu tio.

Nos primeiros momentos, o digno magistrado pareceu ter dificuldade em saber de que maneira havia de falar e proceder na minha presença, mas, quando viu que se, por princípios, eu defendera o governo actual, não estava menos disposto à compaixão para com aqueles que, por uma noção mal compreendida de fidelidade e de dever, se tinham armado contra ele, perdeu todo o constrangimento.

Cavaqueámos e, por desejo especial do juiz, já tínhamos bebido vários copos, quando de repente me convidou a encher mais uma vez, para beber à

saúde da pobre miss Diana Vernon, a rosa do deserto, a flor dos montes Cheviot, que ia ser transplantada para um claustro.

- Como! Então miss Vernon não se casou? - exclamei eu. - Julgava que Sua Excelência...

- Ora, ora, Sua Excelência! Títulos da corte de Saint Germain. Tudo isso foi agora por água abaixo. o conde de Beauchamp, o velho sir Frederick Vernon, embaixador plenipotenciário de França, quando o duque de Orleães, o Regente, talvez nem soubesse que ele existia. Mas o senhor deve tê-lo visto no castelo, quando ele desempenhava o papel de padre Vaughan?

- Santo Deus! Aquele que usava o nome de padre Vaughan era, pois, o pai de miss Vernon?

- Sem dúvida: é inútil guardar segredo agora, porque ele já deve ter abandonado o país, de contrário, o meu dever obrigava-me a mandá-lo prender. Vamos! Não esqueçamos a saúde dessa querida miss Diana que está perdida para nós: Vamos, para lhe fazer uma saúde, Baixemos os nossos joelhos ao chão, Pois é, assim, de copo em punho, Que se presta homenagem à beleza.

Acreditas, sem custo, meu caro Tresham, que eu não estava em estado de partilhar da jovialidade do juiz. Achava-me aturdido com a notícia que acabava de saber.

- Nunca ouvi dizer - prossegui eu -, que o pai de miss Vernon ainda fosse vivo.

- Não é por culpa do nosso governo, - replicou Inglewood -

porque diabos me levem se existe homem pela cabeça do qual ele dê mais dinheiro. Foi condenado à morte pela conspiração de Fenwick, e julga-se que não foi estranho ao caso de Knight Bridge, no tempo do rei William. Como desposara uma parente da casa Breadalbane, tinha na Escócia uma influência considerável. Diz-se até que uma das condições da paz de Ryswick era que ele seria entregue ao governo, mas simulou uma doença, e a sua morte foi publicamente anunciada em todos os jornais franceses. Entretanto, quando voltou aqui, nós, os velhos cavaleiros, não tivemos dificuldade em reconhecê-lo, isto é, também o reconheci, sem ser eu próprio cavaleiro...

- Mas, em Osbaldistone Hall, não se sabia da sua presença?

- Sabia-o sua filha, o velho baronete e Rashleigh, que devassara este segredo, como devassava tantos outros, e que se servia disso como de uma corda passada em volta do pescoço da pobre Diana. Eu vi-a uma centena de vezes prestes a saltar-lhe à cara, se não fosse retida pelo receio de seu pai, cuja vida não estaria em segurança cinco minutos, se o governo o descobrisse.

Desviando a conversa das questões políticas, arrastei o senhor Inglewood ao seu tema, e soube que Diana, tendo decididamente recusado casar-se com qualquer dos filhos de Osbaldistone, e mostrando uma aversão especial por Rashleigh, este último, a partir desse momento, começara a arrefecer pela causa

do Pretendente, causa que não abraçara senão porque, sendo o mais jovem dos seis irmãos, de um carácter empreendedor e ardiloso, esperava encontrar assim os meios de fazer fortuna.

É provável que a maneira como se viu forçado a restituir os documentos que furtara da caixa de meu pai o decidisse a abrir caminho mais rápido para a fortuna, mudando de partido e traindo os segredos do seu, também é provável que pensasse então que o talento e os recursos dos chefes desta causa, como depois se provou realmente, estivessem longe de se encontrar à altura das circunstâncias e muito abaixo de um empreendimento tão importante como o de derrubar o governo estabelecido.

Sir Frederick Vernon, ou, segundo o título que lhe deram os jacobitas, Sua Excelência o conde de Beauchamp, tivera dificuldade em escapar com a filha às consequências da denúncia que Rashleigh fizera contra ele. A isto se limitavam as informações que o senhor Inglewood me deu, mas ele não duvidava, visto não ter sabido que sir Frederick tivesse caído nas mãos do governo, de que tivesse arranjado maneira de passar para França, onde, de harmonia com a cruel combinação feita com o cunhado, Diana, devido à sua recusa de escolher esposo na família Osbaldistone, devia recolher a um convento.

O senhor Inglewood não pôde explicar-me muito claramente a origem deste pacto singular: mas julgava ter ouvido dizer que era um pacto de família para garantir a sir Frederick os restos dos seus bens que, em resultado de qualquer manobra legal, tinham passado para a família Osbaldistone. Enfim, era uma espécie de tratado pelo qual, como muitos outros dessa época, se tinha em tão pouca consideração os sentimentos das partes interessadas, como se elas fossem do número dos rebanhos pertencentes aos domínios.

Fiquei triste, desatento, pensativo, incapaz de uma palavra para sustentar por mais tempo a conversa com o juiz Inglewood, que por seu turno bocejava e acabou por me propor separarmo-nos cedo. Dei-lhe, pois, as boas-noites e despedime, resolvido a partir para Osbaldistone na manhã seguinte, antes do almoço. O senhor Inglewood aprovou a minha resolução.

- O senhor fará bem - disse ele -, em seguir lá para cima antes de que a sua chegada seja divulgada. Ouvi dizer que Rashleigh está neste momento em casa do senhor Jobson, onde decerto se encontra a chocar alguma conjura. São bem dignos um do outro, porque Rashleigh perdeu o direito de se misturar com homens honrados. Mas não é lícito acreditar que dois refinados patifes daquela espécie se reunam sem tramar alguma contra alguém.

CAPÍTULO XXXVIII

O FELIZ REGRESSO DO PASSADO!

O senhor partiu, e agora ninguém cuida do castelo de Ivor; homens, cães, cavalos, tudo morreu, foi ele o único que sobreviveu.

WORDSWORTH

Não há sensação mais triste do que a que experimentamos à vista dos lugares que foram o cenário dos nossos prazeres passados, quando os encontramos abandonados e desertos.

Seguindo o caminho de Osbaldistone Hall, passei diante dos mesmos objectos que vira com miss Vernon, no dia memorável em que viemos juntos da casa do juiz Inglewood. A sua imagem fez-me companhia durante todo o percurso, e quando me aproximei do local onde a vira pela primeira vez, ainda julgava ouvir o latido dos cães e o som da buzina de caça, e meus olhos fixaram-se, com dolorosa atenção, na colina, como se fosse ver descer outra vez, com seu trajo de amazona, aquela encantadora aparição. Mas tudo estava mudo e solitário.

Quando cheguei ao castelo, as portas, as janelas cerradas, a erva que cobria os pavimentos, os pátios onde reinava o mais profundo silêncio, tudo me apresentava o mais flagrante contraste com as cenas ruidosas e animadas de que fora tanta vez testemunha, quando os alegres caçadores se preparavam para partir de manhã para se entregarem ao seu passatempo favorito, ou regressavam à tarde para se consagrarem aos prazeres da mesa.

Ao contemplar aquele cenário deserto e mudo, sentime dolorosamente impressionado com a recordação daqueles que, durante a sua vida, não tinham da minha parte nenhuma afeição.

Mas o pensamento de que tantos jovens de uma bela e robusta constituição, cheios de vida, de saúde e de esperança, tinham descido ao túmulo, devido a diferentes géneros de morte violenta e inesperada, esse pensamento, dizia eu, despedaçava-me o coração.

Era bem fraca consolação para mim entrar como proprietário nos lugares que deixara como fugitivo.

Enquanto estava mergulhado nestes pensamentos, André empenhava-se em

bater com força a todas as portas, gritando para que abrissem, num tom bastante alto, a fim de indicar que sentia perfeitamente a nova importância que adquirira como primeiro escudeiro do novo senhor do castelo. Por fim, António Syddall, velho copeiro e mordomo de meu tio, apareceu timidamente a uma janela baixa, defendida por varões de ferro, e perguntou-nos o que queríamos.

- Viemos demiti-lo do seu cargo, meu velho amigo, - disse André Fairservice. - Tem que nos entregar as suas chaves...

Cada cão tem o seu dia... Vou desembaraçá-lo dos cuidados da prataria e da despensa... Teve o seu tempo, senhor Syddall, mas cada fava tem um ponto negro e todo o caminho o seu atoleiro: assim, de hoje em diante, pode tomar debaixo da mesa o lugar que André lá ocupava dantes.

Reprimindo não sem custo a impertinência do meu criado, expliquei a Syddall a natureza dos meus direitos, e que tinha de pedir entrada no castelo, que me pertencia agora. O velho pareceu agitado e confuso, e traiu uma grande repugnância em deixar-me entrar, embora exprimindo-se num tom submisso e respeitoso. Atribuí aquela agitação a sentimentos que o honravam, mas insisti para que abrisse, e expliquei-lhe que a sua recusa me obrigaria a recorrer à autoridade do juiz Inglewood e a pedir a assistência de um cabo de polícia.

- Estivemos esta manhã em casa do senhor juiz Inglewood - disse André, para imprimir força à ameaça -, e no caminho encontrei Archie Rudledege, o cabo de polícia. É preciso que se saiba que o país não estará sem justiça, como outrora, senhor Syddall, e que os rebeldes e os papistas já não fazem o que querem.

A ameaça de recorrer à lei assustou o velho. Abriu com mão trémula a porta cheia de ferrolhos e de trancas de ferro, e disse que ousava esperar que eu não lhe levasse a mal a fidelidade com que cumpria os seus deveres.

Assegurei-lhe que a sua prudência não podia senão causar-me a melhor impressão a seu respeito.

- Mas não a mim - disse André -, Syddall é um velho ronha, ele não estaria neste momento branco como a cal da parede e seus joelhos não chocariam um contra o outro, se não houvesse alguma coisa mais que ele não quer dizer.

- Santo Deus lhe perdoe, senhor Fairservice, de falar assim de um velho camarada e de um amigo - disse o copeiro. - Onde deseja Vossa Senhoria que acenda o lume? - ajuntou ele, no tom mais humilde. - Receio que o senhor ache o castelo bem triste e solitário...

- Acenda o lume na biblioteca.

- Na biblioteca! Ninguém lá entra há muito tempo... a chaminé está entupida... As gralhas fizeram lá ninho na Primavera, e já não há cá jovens para

as abater.

Muito contrariado, ao que me pareceu, o mordomo conduziu-me à biblioteca. Contra a minha expectativa, e apesar do que ele acabava de dizer, reconheci que o interior daquele compartimento tinha sido arrumado recentemente, estava em melhor ordem do que eu nunca o tinha visto. Um lume claro brilhava na chaminé. Agarrando na tenáz, como que para ajeitar a lenha, mas em realidade para dissimular a sua confusão, o mordomo observou-me que o lume ardia bem agora, apesar de ter fumegado muito toda a manhã.

Desejando estar só até dominar as dolorosas sensações que me produziram todos os objectos que me cercavam, pedi ao velho Syddall que fosse buscar o administrador da terra, que morava a cerca de um quarto de milha do castelo. Ele partiu com visível repugnância. Ordenei depois a André que procurasse um par de mocetões vigorosos, com quem pudesse contar, porque a população da vizinhança era toda papista, e eu sabia que Rashleigh era capaz dos maiores excessos. André encarregou-se desta missão com alvoroço, e prometeu-me trazer de Trinlay Knowe dois verdadeiros presbiterianos como ele, capazes de enfrentar todos os papistas.

- E, palavra, não me desagrada estar na companhia deles, porque a última noite que passei em Osbaldiston Hall vi este mesmo retrato que aqui está - e mostrava o retrato do avô de miss Vernon - a passear, ao luar, no jardim! Recordo-me de ter dito a Vossa Senhoria que era perseguido por espectros nessa noite e que o senhor não me quis acreditar... Sempre julguei que havia bruxaria entre os papistas, mas verifiquei-o com os meus próprios olhos, nessa noite medonha.

- Está bem... Vá buscar os homens de que lhe falei, e veja se eles são mais sensatos do que você, e não têm medo da própria sombra.

Ele saiu da biblioteca no momento em que o senhor Wardlaw, o administrador, entrava. Era um homem de bomsenso e honesto, sem a prudência e a integridade do qual meu tio não poderia ter-se aguentado tanto tempo em Osbaldistone. Examinou atentamente os meus títulos e reconheceu-lhes francamente a validade. Para outra pessoa que não fosse eu, aquela herança seria pouco aproveitável, de tal forma o domínio estava sobrecarregado de dívidas e de hipotecas, mas, como já disse, meu pai adquirira a maior parte destas últimas, e tratava de comprar o resto dos créditos.

Tinha bastantes assuntos a tratar com o senhor Wardlaw e retive-o para jantar. Apesar das instâncias reiteradas de Syddall, para que descesse à sala das refeições, que já preparara para nos receber, mandei servir o jantar na biblioteca. Entrementes, André chegou com a sua recruta de dois presbiterianos, que me recomendou nos termos mais vivos, como homens sóbrios e honestos, versados na boa doutrina e, ainda por cima, valentes como leões. Ordenei que lhes dessem

de beber, e retiraram-se os três. O velho Syddall meneou a cabeça ao vê-los sair, e eu quis saber a razão.

- Não posso esperar - disse -, que Vossa Senhoria queira ligar importância às minhas palavras, no entanto, o céu é testemunha da minha sinceridade. António Wingfield é o homem mais honesto que existe, mas, se há um maroto pérfido no país, é seu irmão Lancy. Toda a gente sabe que o escrivão Jobson o emprega como espião para visitar as pobres «gentlemen» que tomaram parte nos distúrbios, mas é um não-conformista, e hoje não há nada mais vantajoso.

Depois de exprimir assim o seu sentir, ao qual não prestei grande atenção, o mordomo pôs o vinho na mesa e deixou-nos.

O senhor Wardlaw esteve comigo até ao cair da noite, fez depois um embrulho dos seus papéis e despediu-se de mim.

Deixou-me naquela indecisão de espírito em que não se sabe bem se se deseja a solidão ou a companhia, além disso, eu não tinha liberdade de escolha, pois me encontrava no compartimento do castelo mais propício a inspirar reflexões melancólicas.

Como a noite começava a escurecer o aposento, vi André meter a cabeça pela porta, não para me perguntar se queria luz, mas para me recomendar que a arranjasse, como precaução contra os espíritos que tanto apavoravam a sua imaginação. Mandei-o embora, com mau humor, e, sentando-me numa das poltronas de couro que estava ao canto da velha chaminé gótica, divertime a atiçar o fogo, seguindo com os olhos o movimento da chama que acabava de alimentar.

Um profundo suspiro, que partiu do lado oposto do compartimento, fez-me estremecer de surpresa. Levantei-me precipitadamente. Diana Vernon estava diante de mim, apoiava-se no braço de um homem que se assemelhava de uma maneira tão flagrante ao retrato de que já falei, que lancei os olhos ao quadro, quase esperando encontrá-lo vazio. A minha primeira ideia foi que estava louco, ou que via dois espíritos sair do túmulo. Um segundo relance convenceu-me de que estava no meu juízo, de que os vultos que via eram realmente duas substâncias corporais. Era Diana, embora mais pálida e mais magra do que outrora, acompanhada, não de um habitante do outro mundo, mas do padre Vaughan, ou melhor, de sir Frederick Vernon, num trajo absolutamente semelhante ao do retrato de seu pai, com o qual tinha grandes semelhanças. Foi ele quem falou primeiro.

- Vimos aqui como suplicantes, senhor Osbaldistone - disse ele -, pedir-lhe o asilo e a protecção do seu tecto, até que possamos prosseguir uma viagem,

durante a qual me arrisco a cada passo a encontrar a prisão ou a morte.

- Mas certamente - articulei com muita dificuldade -, miss Vernon não pode julgar... O senhor não pode pensar que eu tenha esquecido a sua solícita intervenção numa circunstância difícil, ou que seja capaz de trair seja quem for, e o senhor menos do que ninguém.

- Eu sei - disse sir Frederick -, e, no entanto, é com inexprimível repugnância que lhe venho pedir um serviço, desagradável talvez, perigoso com certeza, e que preferiria pedi-lo a outra porta. Mas a sorte, que me conduziu através de uma vida cheia de perigos, reduziu-me neste momento a nem sequer ter liberdade de escolha.

Nesse instante, a porta abriu-se, e ouvi a voz de André.

- Trago candelabros,, o senhor que os acenda, se quiser.

Precipitei-me para a frente dele, esperando chegar a tempo de impedi-lo de ver as pessoas que estavam no aposento.

Obriguei-o a sair à força, fechei a porta e corri o ferrolho..Mas lembrando-me logo dos companheiros que ele tinha lá em baixo e do seu feitio linguareiro, e do reparo de Syddall de que um deles era espião, segui-o tão prontamente quanto pude até ao vestíbulo, onde estavam reunidos. André falava muito alto quando abri a porta, mas calou-se ao ver-me entrar.

- Então, que é que você tem, imbecil? Está a abrir uns olhos de espanto, como se tivesse visto um espírito?

- Nada, nada, simplesmente, foi Vossa Senhoria que lhe apeteceu tratar-me um pouco bruscamente.

- Porque me incomodou no melhor do meu sono, animal!...

Syddall disse-me que não podia preparar esta noite leitos para estes belos rapazes, e o senhor Wardlaw pensa que é inútil retê-los. Aqui está uma coroa para beberem à minha saúde, amigos, agradeço-lhes a boa vontade, podem retirar-se.

Os dois homens agradeceram-me, guardaram o dinheiro e retiraram-se sem mostrar suspeitas nem descontentamento. Não os deixei enquanto não os vi partir, a fim de ficar bem seguro de que não podiam ter qualquer comunicação com o bom do André.

Tendo tomado algumas precauções que, nesse momento de perturbação, me pareceram as mais eficazes para manter o segredo dos meus hóspedes, voltei para junto deles. Diana agradeceu-me essas precauções com um doce olhar.

- O senhor conhece agora todos os meus mistérios - disse ela. - Sabe sem dúvida que laços queridos e sagrados me unem àquele que encontrou tantas

vezes refúgio neste lugar, e já não se deve admirar de que Rashleigh, devassando este segredo, me governasse com mão de ferro.

Seu pai acrescentou que a sua intenção era desembaraçar-me da sua presença o mais depressa possível.

Supliquei-lhe que não se preocupasse com outra coisa senão com a sua segurança e acreditasse que todos os meus esforços tenderiam para esse objectivo, o que levou sir Frederick a explicar-me as circunstâncias em que se encontravam.

- Rashleigh Osbaldistone fora-me sempre muito suspeito - disse ele. - Mas a sua atitude para com minha filha, atitude que não me confessou senão com dificuldade, o abuso de confiança para com seu pai, inspiraram-me por ele aversão e desprezo. Na nossa última entrevista, não pude ocultar-lhe estes sentimentos, e, para se vingar, ele ajuntou a traição e a apostasia à lista dos seus crimes. Cheguei a gabar-me então de que a sua defeccção teria pouca importância. O conde de Marr tinha um bom exército na Escócia e lorde Derwentwater, com Foster Kenmore, Winterton e outros concentravam forças nas fronteiras. Como eu tinha extensas relações com todos estes senhores e gentlemen ingleses, julgou-se útil que acompanhasse um destacamento de montanheses que, às ordens do brigadeiro Mac Intosh de Borlum, passou o Forth, atravessou as terras baixas da Escócia e reuniu-se nas fronteiras aos insurrectos ingleses. Minha filha acompanhou-me e partilhou de todos os perigos e fadigas, numa marcha tão longa e tão difícil...

- E nunca abandonaria o meu querido pai - acrescentou miss Vernon, apoiando-se ternamente no seu braço.

- Mal me juntei aos nossos amigos, reconheci que a nossa causa estava perdida. O nosso número diminuía em vez de aumentar, e não éramos apoiados senão por aqueles que partilhavam das nossas opiniões religiosas. Enfim, fomos cercados por forças superiores na pequena cidade de Preston.

Defendemo-nos galhardamente durante um dia inteiro, mas, no dia seguinte, faltou a coragem aos nossos chefes e resolveram render-se sem condições. Entregar-me dessa forma equivalia a levar a cabeça ao patíbulo. Cerca de vinte ou trinta gentlemen pensaram, como eu, que era preferível afrontar a morte quase certa a rendermo-nos. Montámos a cavalo e colocámos minha filha no meio da nossa pequena tropa. Saímos por uma rua chamada Fishergate, conduzia a uma planície pantanosa que se estende até o rio Ribble, onde alguém do nosso grupo nos indicou um vau. Este pântano não fora inteiramente ocupado pelo inimigo, de maneira que não tivemos outro encontro senão o de uma patrulha de dragões, que desbaratámos. Atravessámos o rio e atingimos a estrada de Liverpool, e aí separámo-nos para cada um procurar o seu asilo.

"Depois de termos estado no Sul, fomos obrigados a voltar para o Norte. Um amigo seguro e experimentado marcara-nos encontro nestas vizinhanças, para me conduzir a um pequeno porto de Solway, onde uma chalupa deve esperar-me,

a fim de me levar para fora do meu país natal, e para sempre. Como o castelo de Osbaldistone não estava habitado neste momento e tinha por guarda o velho Syddall, nosso antigo confidente, refugiámo-nos aqui, como num asilo seguro e bem conhecido de minha filha e meu. E esperávamos a todo o momento saber que o amigo fiel que nos deve servir de guia tivesse tudo preparado, quando a sua súbita chegada nos impôs a obrigação de nos confiarmos à sua generosidade.

Assim terminou o relato de sir Frederick. Escutara-o como num sonho. Mal podia acreditar que fosse bem sua filha que estava diante dos meus olhos, perdera parte dos seus atractivos, e aquela alegria, aquela jovialidade que a fizera suportar todos os golpes da adversidade dera lugar a uma espécie de submissão melancólica, de resignação misturada com firmeza.

- Suportou - disse ele -, as provas mais dignas de figurar na história de um mártir... Encarou de frente os perigos e a morte, sob mil formas diversas... Sofreu fadigas e privações que teriam abatido os homens mais robustos... Passou os dias nas trevas, as noites em vigília, sem que nunca se lhe escapasse um murmúrio, uma queixa, o mais leve sinal de fraqueza. Em suma, senhor Osbaldistone, é uma oferenda digna de Deus - ajuntou ele, benzendo-se -, ao qual a vou consagrar, como o que resta de mais querido e mais precioso a Frederick Vernon.

Calou-se. Eu compreendera-o muito bem: o seu objectivo agora, como quando o encontrei na Escócia, era destruir toda a esperança que eu pudesse conservar numa união com sua filha.

- Agora que o senhor Osbaldistone conhece a triste situação dos infelizes que vêm solicitar a sua protecção, - disse ele a Diana -, não abusaremos mais do seu tempo.

Pedi-lhes que ficassem, e propus-me abandonar a biblioteca.

Sir Frederick respondeu-me que seria despertar suspeitas no meu criado, que o seu esconderijo era mais seguro e que Syddall os abastecera de tudo o que necessitavam.

- Possivelmente, - ajuntou ele -, poderíamos ter ficado escondidos sem que o senhor nos descobrisse, mas a delicadeza impunha-me o dever de confiar a minha segurança à sua honra.

- Não fez senão prestar-me justiça... O senhor conhece-me pouco, mas miss Vernon tenho a certeza que lhe dirá...

- Não preciso do testemunho de minha filha, - disse ele, num ar delicado, mas de maneira a impedir-me que me dirigisse directamente a ela -, estou disposto a atribuir os sentimentos mais respeitáveis ao senhor Francis Osbaldistone. Mas, permita que nos retiremos. Temos que aproveitar os

momentos de repouso que nos são concedidos, visto não sabermos se, de um momento para o outro, seremos chamados a continuar a nossa perigosa viagem.

Assim falando, tomou o braço de sua filha, e, depois de me cumprimentar, desapareceu com ela pela porta que o reposteiro ocultava.

CAPÍTULO XXXIX

PARA O AMOR NÃO HÁ FRONTEIRAS

Mas, agora, a sua sorte vai decidir-se, os acontecimentos precipitam-se, mas, ao raiar da aurora, a cena ilumina-se.

DOM SEBASTIÃO

Depois da sua saída, sentime como que aturdido e o coração gelado por um frio mortal. Quando a nossa imaginação se fixa no objecto da nossa afeição, durante uma longa ausência, representa-o não só sob a luz que lhe é mais favorável, mas também da maneira como melhor desejaríamos vê-lo. A imagem de Diana ficara em mim tal como a vi quando recebi o seu adeus, quando senti a minha face húmida das suas lágrimas. O anel que ela me mandou por Helena Mac Gregor fora para mim a prova de que levava a minha recordação para o exílio e mesmo para o claustro. Acabava de vê-la, e as suas maneiras frias e resignadas, em que não devia ver senão uma tranquila melancolia, enganaram as minhas esperanças, quase me ofenderam. No egoísmo da paixão, acusava-a de indiferença, de insensibilidade, o orgulho, a crueldade, o fanatismo, foram as censuras que fiz a seu pai: esquecia-me de que ambos sacrificavam os seus interesses, e Diana a sua inclinação, ao cumprimento do que eles consideravam um dever.

"Sou um desprezado - dizia eu, revendo no meu espírito, as palavras de sir Frederick. - "Desprezado e até julgado indigno de trocar com ela algumas frases... Seja, ao menos, nada me impedirá de velar pela sua segurança. Quero ficar aqui como uma guarda avançada, e, enquanto ela repousar sob os meus tectos, nenhum perigo a ameaçará, nenhum perigo que o braço de um homem resoluto não possa desviar".

Chamei Syddall à biblioteca, chegou seguido do eterno André.

A sua presença impediu-me de falar livremente ao mordomo, e não ousei mandá-lo retirar, com receio de aumentar as suspeitas que pudesse conceber

acerca da maneira brusca como o pusera fora da biblioteca.

- Vou dormir aqui - disse eu, fazendo-lhe sinal para empurrar mais para perto do lume um leito de repouso à moda antiga. - Tenho muito que fazer e deito-me tarde.

Syddall, que leu nos meus olhares, propôs-se trazer-me um colchão e cobertores, anuí. Depois de acenderem os dois candelabros, mandei-os sair, dando-lhes ordem de não me perturbarem no dia seguinte antes das sete horas da manhã.

Retiraram-se e fiquei entregue às minhas dolorosas reflexões. Abri a janela e quedei-me ali por alguns instantes.

A influência da atmosfera, da beleza do luar e do sossego da noite, refrescaram um pouco os meus sentidos e acalmaram a minha agitação. Deitei-me no meu leito, não com o coração mais aliviado, mas, pelo menos, mais disposto à resignação, depressa o sono se apoderou de mim, mas esse sono dos sentidos deixava a minha alma presa ao sentimento doloroso da minha situação, e foi perturbado por sonhos horríveis.

Um deles foi tão estranho que ainda hoje está gravado na minha memória. Parece que Diana e eu estávamos em poder da mulher de Mac Gregor e a ponto de sermos arremessados do alto do rochedo ao lago, o sinal devia ser dado com um tiro de canhão, disparado por sir Frederick Vernon. Vi-o acender a mecha fatal, ouvi a explosão repetida pelos ecos dos cumes circundantes. Cheio de horror, acordei para passar dos meus terrores imaginários a receios mais do que reais.

Os sons que me tinham assustado em sonho não eram puramente imaginários. Chegaram de novo aos meus ouvidos, mas decorreram dois ou três minutos antes de eu conseguir apoderar-me dos meus sentidos e compreender que provinham de grandes pancadas vibradas na porta.

Na minha inquietação, pulei do leito, agarrei na minha espada e apressei-me a ir opor-me a que a porta fosse aberta.

Ao chegar à escada, cujas janelas davam para o pátio, ouvi o velho Syddall responder em voz fraca e tímida aos que estavam de fora, que, num tom brusco e imperioso, exigiam a entrada em nome do rei e em virtude de um mandado do juiz Standish, ameaçando o velho criado com toda a severidade das leis se não obedecesse imediatamente. Para minha maior contrariedade, ouvi ao mesmo tempo a voz de André ordenando a Syddall que se retirasse e o deixasse abrir a porta.

- Se eles vêm em nome do rei George, nada temos a recear, porque

derramámos por ele o nosso sangue e o nosso ouro. Não temos necessidade de nos ocultar de certas pessoas, senhor Syddall, não somos nem jacobitas, nem papistas.

Fora em vão que eu viera a toda a pressa. Ouvi o parvo puxar os ferrolhos e vi logo que chegaria demasiado tarde para me opor à entrada dos que se apresentavam. Voltei a correr para a biblioteca, barricando a porta o melhor que pude, e apressei-me a ir bater àquela por onde Diana e o pai se tinham retirado, suplicando-lhes que me deixassem entrar imediatamente. Foi Diana quem me abriu, estava vestida e nada nela denunciava receio ou comoção.

- O perigo é-nos familiar - disse ela. - Meu pai já está levantado, encontra-se no quarto de Rashleigh. Vamos fugir pelo jardim e daí passamos à porta das traseiras, da qual Syddall nos deu a chave, alcançaremos o bosque de qualquer maneira. Conheço os atalhos melhor do que ninguém. Trate de os deter alguns momentos, e, mais uma vez, meu muito querido Frank, adeus!

Desapareceu como um meteoro, e eu fiquei na biblioteca.

Bateram violentamente à porta, que parecia quererem arrombar.

- Bandidos! Ladrões! - bradei eu, simulando enganar-me sobre o motivo que os trazia. - Se não se retiram imediatamente, faço fogo com 6 carabinas através da porta!

- Não se trata aqui de fazer fogo! - exclamou André. - É o senhor escrivão Jobson que vem com um mandado legal.

- Para procurar, deter e prender - disse a voz do execrável procurador -, determinadas pessoas designadas no meu mandado, acusadas de alta traição, nos termos do artigo terceiro da lei publicada pelo rei William no décimo terceiro ano do seu reinado.

Quando ele acabou de falar, os esforços para arrombar a porta recomeçaram com nova violência.

- Eu levanto-me, meus senhores - repliquei, a fim de ganhar tempo. - Nada de vias de facto, por favor, deixem-me examinar o mandado, e, se estiver em termos legais, não me oponho à sua execução.

- Viva o grande rei George! - bradou André. - Eu bem lhes disse que aqui não encontravam jacobitas.

Depois de me demorar tanto quanto possível, vi-me, por fim, obrigado a abrir a porta, com receio de que ela cedesse.

O senhor Jobson entrou, seguido de vários latagões, entre os quais reconheci o jovem Wingfield, ao qual decerto devia o favor da denúncia. Mostrou o seu mandado, passado não só contra Frederick Vernon, mas também contra a pessoa

de Diana Vernon, filha menor, e Francis Osbaldistone, acusado de encobridor e cúmplice. Num caso destes, a resistência seria uma loucura: depois de ter tentado ganhar alguns minutos, considerei-me preso.

Tive a mortificação de ver Jobson dirigir-se para a porta do quarto de miss Vernon e, de lá, passar sem hesitação àquele onde sir Frederick se tinha deitado.

- As lebres fugiram, - disse ele, ao entrar -, mas a toca ainda está quente, e os cães de caça não devem tardar em apanhá-las.

Um grito no jardim anunciou-me que a sua profecia acabava de realizar-se. Ao cabo de alguns minutos, Rashleigh entrou na biblioteca, trazendo sir Frederick Vernon e sua filha, que acabava de aprisionar.

- O raposo - disse ele -, conhece o seu antigo covil, mas esqueceu-se de que o prudente caçador estava lá para lhe guardar a entrada. Eu não me tinha esquecido da porta do jardim, sir Frederick, ou, se o título Lhe agrada mais, meu ilustre lorde Beauchamp.

- Rashleigh! - exclamou sir Frederick. - És o mais abominável dos celerados!

- Merecia esse nome, ilustre cavaleiro, ou milorde, quando, transviado pelos conselhos de um pérfido senhor, tentei acender a guerra civil na minha pátria. Mas faço o que posso para reparar os meus erros - ajuntou ele, levantando os olhos ao céu.

Não pude conter-me por mais tempo, apesar da minha resolução de guardar silêncio. Se não falasse, rebentava.

- O que o Inferno pode produzir de mais hediondo - disse eu -, é a face do celerado a cobrir-se com o véu da hipocrisia.

- Oh, oh, meu gentil primo, - disse Rashleigh, aproximando-se com uma luz e observando-me dos pés à cabeça -, seja benvindo a Osbaldistone! Perdoo a sua má disposição. É duro perder num dia um domínio e uma amiga, porque nós vamos tomar posse deste castelo em nome do herdeiro legítimo: sir Rashleigh Osbaldistone.

Enquanto Rashleigh falava desta maneira irónica, via eu os esforços que ele fazia para disfarçar a ira e a vergonha que o agitavam. Mas a sua agitação tornou-se ainda mais evidente, quando Diana Vernon Lhe disse: - Rashleigh, tenho pena de si! Sim, qualquer que seja o mal que tenha tentado e que tenha, enfim, conseguido fazer-me, não posso odiá-lo tanto como o desprezo.

O que acaba de fazer é talvez obra de uma hora, mas esta hora dar-lhe-á tema de reflexões para toda a sua vida... De que natureza serão elas? É o que a sua consciência lhe há-de ditar, porque não poderá abafar eternamente a sua voz.

Rashleigh deu dois ou três passos em torno do aposento, aproximou-se de uma mesa, em cima da qual estava uma garrafa de vinho, encheu um grande copo, com mão trémula, mas, quando viu que notávamos a sua agitação, dominou-se com um esforço violento e, olhando-nos com grande calma, levou o

copo à boca sem entornar uma gota.

- É o velho Borgonha do meu pai - disse ele a Jobson. - Estou bem contente de ainda haver algum. Trate de colocar aqui gente segura para guardar a casa, e de pôr na rua esse velho vadio e esse imbecil escocês; - (apontava Syddall e André) - depois, levamos estes três para local de segurança - ajuntou ele, voltando-se para nós. - Mandei preparar a carruagem de família para esta viagem, embora não ignore que esta jovem poderia afrontar o ar da noite a pé ou a cavalo, se esta excursão fosse do seu gosto.

André torceu as mãos.

- Eu só disse - exclamou ele -, que o meu amo falava com certeza a um espectro na biblioteca. Esse patife do Lancy!

Trair um velho amigo com quem cantou, durante vinte anos, os mesmos salmos pelo mesmo livro!

Expulsaram-no de casa, bem como Syddall, sem lhe dar tempo de concluir as suas lamentações. A sua expul são, porém, teve consequências singulares. Tendo resolvido, como ele me disse depois, passar o resto da noite em casa de uma velha chamada tia Simpson, que, devido ao seu antigo conhecimento, não podia recusar-lhe guarida, acabava de sair da avenida e de entrar num sítio chamado Bosque Velho, embora servisse de campo de pastagem, quando de súbito se encontrou no meio de uma manada de bois que parecia dever aí passar a noite.

Ficou tão assustado como surpreendido, quando um montanhês, lançando-se sobre ele, o acusou de espantar a manada, e recusou deixá-lo passar sem falar com o seu amo. O montanhês conduziu André a um souto onde se encontravam três ou quatro compatriotas seus.

- E vi logo - disse André, mais tarde -, que eram demasiado numerosos para conduzir uma manada de bois, e, pelas perguntas que me fizeram, calculei que tinham outras preocupações.

Interrogaram-no em pormenor acerca de tudo o que se passara no castelo de Osbaldistone, e pareceu escutarem com surpresa e interesse a narrativa dos acontecimentos que acabavam de desenrolar-se ali.

- E, palavra - dizia André, ao fazer-me este relato, - disse-lhes tudo o que sabia, porque nunca em minha vida me recusei a responder em presença de pistolas e punhais.

Falaram baixo entre eles e, por fim, reuniram os seus bois, dirigindo-se para a entrada da avenida, que poderia ter meia milha de comprimento. Aí, começaram a trazer árvores que abatiam na vizinhança e a fazer uma espécie de barricada atravessada no caminho, a cerca de quinze passos da avenida. O dia principiava a despontar, e a pálida claridade que vinha do Oriente, misturando-se com últimos raios do luar, iluminava bastante distintamente os objectos.

O ruído surdo de uma carruagem puxada a quatro cavalos, escoltada por seis cavaleiros, que rodava na avenida, fez-se ouvir. Os montanheses escutaram com atenção. O veículo continha Jobson e os seus infelizes prisioneiros, a escolta era composta por Rashleigh e vários oficiais de polícia a cavalo. Mal saímos o portão da avenida, foi ele fechado à retaguarda da cavalgada por um montanhês ali colocado para esse fim. Logo em seguida, a marcha da carruagem foi detida pelo gado, por entre o qual era preciso passar, e pela barricada. Apearam-se dois homens da escolta para desimpedir o caminho das árvores que o obstruíam, e que eles supunham ali deixadas acidentalmente, os outros acharam-se no dever de fustigar os bois para os afastar do caminho.

- Quem se atreve a bater nos animais? - perguntou uma voz forte. - Fogo contra eles, Angus! Rashleigh bradou no mesmo instante: - É uma cilada!

E feriu com um tiro de pistola a pessoa que falava.

- Claymore! (1) - bradou o chefe dos montanheses.

E o combate travou-se imediatamente. Surpreendidos por um ataque tão súbito, os oficiais de justiça fizeram uma lamentável defesa, dado o seu número. Alguns quiseram voltar para o castelo, mas um tiro disparado detrás do portão fê-los supor que estavam cercados, e dispersaram em todas as direcções. Rashleigh apeara-se do cavalo e sustentava, corpo-a-corpo, uma luta desesperada com o chefe dos escoceses.

*(1) Palavra escocesa que equivale a «casarmos!»

Sentado perto da portinhola, eu seguia-os com o olhar. Por fim, Rashleigh caiu.

- Pedes perdão, por amor de Deus, do rei James e da nossa antiga amizade? - disse uma voz que reconheci muito bem.

- Não, nunca! - respondeu Rashleigh, com firmeza.

- Pois então, morre, traidor! - disse Mac Gregor, mergulhando-lhe a espada no corpo.

Um momento depois, estava ele à portinhola da carruagem, deu a mão a miss Vernon, ajudou seu pai e eu a sair, e, arrancando Jobson, atirou-o para debaixo das rodas.

- Senhor Osbaldistone - disseme ele, em voz baixa -, o senhor nada tem a recear, mas preciso de pensar nos que estão em perigo. Fique descansado sobre a sorte dos seus amigos.

Adeus! Não esqueça Mac Gregor.

Soltou um assobio, e a sua tropa reuniu-se em volta dele, em breve os vi

desaparecer na floresta: Diana e sir Frederick marchavam no meio da tropa. O cocheiro e o postilhão tinham abandonado os seus cavalos e fugido ao primeiro tiro de pistola, mas os animais, detidos pela barricada, tinham ficado tranquilos, felizmente para Jobson, que, ao menor movimento da carruagem, teria sido esmagado pelas rodas. O meu primeiro cuidado foi ir em seu socorro, porque o patife estava de tal maneira aterrado que ser-lhe-ia impossível levantar-se sem ajuda. Recomendei-lhe que tomasse bem nota de que eu não tivera intervenção alguma na libertação dos presos, que nem sequer me aproveitara para fugir, e aconselhei-o a voltar ao castelo a fim de mandar vir alguns dos homens que lá deixara, para nos ajudarem a socorrer os feridos. Mas o terror paralisara de tal forma as suas faculdades que Lhe era impossível fazer um movimento. Resolvi, pois, ir lá eu próprio. A alguns passos dali, tropecei num corpo que tomei por um cadáver ou por um ferido, não era, porém, senão André Fairservice, tão bem disposto, de tão boa saúde, como nunca estivera em sua vida: julgara oportuno tomar aquela posição para evitar as balas que, um momento antes, assobiavam de vários lados.

Fiquei tão contente de o encontrar nesse instante, que nem mesmo pensei em perguntar-lhe por que acaso ele fora levado àquele sítio, e ordenei-lhe que me seguisse.

Rashleigh foi o primeiro de quem me ocupei. Ao aproximar-me dele, ouvi-o soltar um gemido que a raiva, mais do que a dor, Lhe arrancara. Fechou os olhos como se, qual Iago, tivesse resolvido não pronunciar palavra. Transportámo-lo para a carruagem e prestámos o mesmo serviço a outro homem da escolta caído ferido no campo de batalha. Fiz compreender a Jobson, não sem custo, que era preciso que subisse também para a carruagem para amparar Rashleigh durante o percurso. Obedeceu, mas como se não concebesse metade do que acabava de dizer-lhe.

André e eu, depois de termos aberto o portão da avenida, e feito voltar os cavalos, conduzimos lentamente a carruagem até Osbaldistone Hall.

Alguns fugitivos, que já tinham chegado por vários atalhos, haviam espalhado o alarme entre os que ficaram, anunciando que sir Rashleigh, o procurador Jobson e toda a sua escolta, excepto eles que levavam a notícia, tinham sido feitos em postas por um regimento de ferozes montanheses. Assim, quando lá chegámos, ouvimos um zumbido semelhante ao das abelhas alarmadas que se preparam para defender a sua moradia. O

senhor Jobson, que começava a cobrar ânimo, encontrou, entretanto, voz

suficiente para se fazer reconhecer. Tinha mais pressa de sair da carruagem, porque um dos seus companheiros, oficial de justiça, para seu inexprimível terror, acabava de expirar a seu lado, soltando um gemido pavoroso.

Sir Rashleigh Osbaldistone vivia ainda, mas o ferimento que recebera era tão terrível, que, a bem dizer, o fundo da carruagem estava cheio do seu sangue, e podia-se seguir o seu rasto desde o peristilo até à sala de jantar, onde o colocámos numa cadeira. Alguns companheiros esforçavam-se por estancar-lhe o sangue com ligaduras, outros bradavam que era preciso chamar o cirurgião, e ninguém se apressava a ir chamá-lo.

- Não se apoquentem - disse o ferido. - Sinto que todo o socorro é inútil. Sou um homem morto. - Endireitou-se na cadeira, embora a palidez e os suores da morte já cobrissem o seu rosto, e, com uma firmeza que parecia acima das suas forças, disseme: - Primo Francis, aproxime-se. - Aproximei-me. - Quero dizer-lhe que a agonia da morte não mudou os meus sentimentos para consigo. Odeio-o - prosseguiu ele, com uma expressão de raiva que emprestava um medonho brilho aos seus olhos prestes a cerrar-se para sempre. - Odeio-o, neste momento em que o meu sangue corre e em que vou expirar diante de si, com a mesma violência com que eu, se o tivesse derrubado, poria o pé em cima do seu peito.

- Nunca lhe dei motivos para me odiar tanto, senhor, e desejaria que, neste momento, estivesse com outra disposição de espírito.

- Nunca me deu motivos, o senhor, que nunca deixou de atravessar-se no meu caminho. O senhor, que destruiu todas as minhas esperanças, em amor, em interesses, em ambição! Nasci para ser a honra da casa de meu pai e, por sua causa, fui o seu opróbrio! O meu património tornou-se o seu, goze-o, e possa juntar-se-lhe a maldição de um moribundo!

Um momento depois de ter proferido esta medonha imprecação, tornou a abater-se na cadeira, seus olhos tornaram-se fixos, seus membros retesaram-se, mas a expressão convulsiva de um ódio mortal sobreviveu ao seu último suspiro.

Não me deterei mais tempo neste quadro horrível, e limitar-me-ei a dizer que a morte de Rashleigh assegurou os meus direitos a uma herança que ninguém me podia contestar. O próprio Jobson foi obrigado a confessar que a ridícula acusação de alta traição fora formulada contra mim sob um «affidavit» (declaração sob juramento) que ele, Jobson, fizera com o único intuito de favorecer os objectivos de Rashleigh para me afastar de Osbaldistone Hall. O nome deste patife foi riscado da lista dos procuradores, e morreu na miséria e no opróbrio.

Depois de ter posto os meus assuntos em ordem, regressei a Londres, feliz por deixar um local de tantas e tão dolorosas recordações. Estava extremamente inquieto com a sorte de Diana e de seu pai.

Um Francês que veio a Londres tratar de assuntos comerciais trouxe-me uma carta de miss Vernon que me tranquilizou muito, ao informar-me de que estavam

em segurança.

Dizia-me nessa carta que não fora por mero acaso que tão a propósito encontrámos Mac Gregor e a sua gente. Alguns nobres escoceses que tinham entrado na insurreição desejavam ardentemente favorecer a evasão de sir Frederick Vernon, que, na qualidade de agente de confiança da casa Stuart, tinha em suas mãos papéis que podiam comprometer metade das grandes famílias do país. Rob Roy foi escolhido para o auxiliar na sua evasão, e marcara-se encontro em Osbaldistone Hall. O plano esteve quase a ser prejudicado pelo desgraçado Rashleigh. No entanto, teve êxito, porque, quando sir Frederick e sua filha foram soltos, encontraram cavalos preparados pelos montanheses e, graças ao perfeito conhecimento que Mac Gregor tinha do país, atingiram a costa ocidental, de onde embarcaram sem acidente para França.

O Francês que me trouxera esta carta disseme também que sir Frederick Vernon estava a sofrer de uma enfermidade, resultante das fadigas e das privações de toda a espécie que suportara ultimamente, e que não havia esperanças de o salvar, embora pudesse durar alguns meses. Sua filha encontrava-se num convento, e dizia-se que, embora ele desejasse que ela professasse, seu pai a deixara, porém, inteiramente senhora da sua vontade.

As notícias decidiram-me a confessar francamente a meu pai os sentimentos e os desejos do meu coração. Pareceu, primeiro, um pouco assustado com a ideia de me ver casar com uma católica romana, mas desejava vivamente ver-me estabilizado, e sentia que, dedicando-me inteiramente ao comércio, como o fazia havia algum tempo, lhe sacrificara as minhas próprias inclinações. Depois de ter hesitado, depois de me dirigir perguntas às quais respondi de maneira que pareceu satisfazê-lo, acabou por me dizer: - Nunca pensara que meu filho devesse tornar-se senhor de Osbaldistone e ainda menos que fosse procurar esposa a um convento de França: mas uma jovem tão submissa será boa esposa. Dedicaste-te ao comércio para te conformares com o meu gosto, Frank, é justo que sigas o teu ao casares-te.

Não preciso de dizer-te, Tresham, com que alvoroço parti para França e de que maneira as minhas confissões foram acolhidas, também sabes quantos anos de felicidade devo a Diana e sabes quanto a chorei. Mas o que não sabes, o que não podias saber, é até que ponto ela merecia as lágrimas do esposo.

Não tenho mais aventuras romanescas a contar: não tenho mesmo mais nada a comunicar-te, visto que os últimos acontecimentos da minha vida são bem conhecidos daquele que partilhou com todo o interesse da mais sã amizade os

desgostos e os prazeres de que ela foi semeada. Estive ainda por várias vezes na Escócia, mas nunca mais tornei a ver o intrépido montanhês que teve tanta influência na primeira parte do meu destino. Soube, de tempos a tempos, que ele continuava a manter-se no meio das montanhas do Loch Lomond, apesar dos seus numerosos inimigos, que conseguira até, de certo modo, que o governo fechasse os olhos à maneira como se erigira protector de Lennox e continuava a cobrar o blackmail com tanta regularidade como um proprietário que exige o pagamento das suas rendas. Julgar-se-ia impossível que não terminasse os seus dias de um modo violento, contudo, morreu sossegadamente e numa idade avançada, por volta de 1733. Guarda-se a sua memória no país onde viveu, como a de Robin Hood em Inglaterra, foi o terror do rico, o amigo do pobre e possuía qualidades de coração e de espírito que teriam feito o ornamento de outra profissão que não fosse aquela a que o destino parecia tê-lo condenado.

André Fairservice dizia na sua velhice que havia coisas que não se devia louvar demais, nem censurar demais, entre outras Rob Roy.

FIM